COLEÇÃO PENSAMENTO CRISTÃO
Dirigida pelo PADRE P. LACROIX

6

MONS. TIHAMER TOTH
Ex-Professor da Universidade de Budapest
Ex-Bispo de Veszprem — Hungria

A IGREJA CATÓLICA

TRADUÇÃO AUTORIZADA

1 9 4 2
Livraria **JOSÉ OLYMPIO** Editora
Rua do Ouvidor, 110 — Rio de Janeiro

NIHIL OBSTAT
Taubaté, in festo Assumpt. B. N. V. 1939
P. Baumhoff, S. C. J.
censor ad hoc

IMPRIMATUR
Taubaté, 26.8.39
André
Bispo diocesano

I

QUE É A IGREJA?

Em Roma, centro da cristandade, ergue-se a maior igreja do mundo, a basílica de S. Pedro. Todos vós já ouvistes falar dela, já lestes alguma coisa sobre as suas proporções gigantescas, sobre as suas incomparáveis belezas artísticas; mas, quando a gente vai a Roma e olha pela primeira vez para aquela famosa basílica, um grito de decepção nos escapa dos lábios: "E' mesmo esta aquela maravilhosa obra-prima? Onde estão as suas gigantescas dimensões? Onde está a sua beleza sem igual? Não vejo nela nada de extraordinário". Efetivamente a primeira impressão produz alguma decepção. E essa impressão de desapontamento só desaparece quando a gente circula, durante horas, por aquela igreja. Quando, alguns dias depois, a ela tornamos, quando nela entramos dez vezes, vinte vezes, quando paramos a contemplar uma estátua ou um túmulo, quando, sob a direção dum guia ao corrente de tudo, examinamos minuciosamente cada altar e cada capela, então compreendemos por que é que a basílica de S. Pedro figura entre os primeiros e mais belos edifícios do mundo.

O mesmo sucede não somente com a basílica de S. Pedro, como tambem com aquela que a elevou: a Igreja Católica. Ouvimos, sabemos, lemos muita coisa sobre ela.

Sabemos que no mundo inteiro não existe sociedade tão extensa, tão antiga, tão importante e tão benéfica como a Igreja Católica. Mas, para que não a conheçamos apenas de um modo geral para que lhe conheçamos tambem as belezas, para que a amemos, a sigamos, a defendamos e nos orgulhemos dela, não basta um relance d'olhos superficial. Temos absoluta necessidade de um guia experimentado.

Esse guia, achamo-lo nesta frase do Símbolo dos Apóstolos que vamos agora comentar: *"Creio na Santa Igreja Católica"*. Escutai, só, atentamente, quando na missa solene se canta o Credo, com que transporte, com que alegria, com que convicção, com que ufania o coro canta em tom de triunfo: "Unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam". "Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica".

Qual é pois a causa desse entusiasmo, dessa alegria, dessa ufania e dessa convicção? Que é essa Igreja Católica à qual pertenço por uma graça particular de Deus? Que me dá ela? Por que me posso ufanar dela? Quais são seus méritos?... Outras tantas questões a que responderemos minuciosamente.

Não trataremos resumidamente este assunto, mas lhe consagraremos vinte instruções, procurando focalizar do melhor modo a Igreja Católica. E, quando tivermos considerado a fundo esse gigantesco edifício, dos nossos lábios escapará, com alegre ufania e num grito de gratidão, esta profissão de fé: "Credo unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam".

Na presente instrução devemo-nos ocupar desta questão prévia: *Que é a Igreja?* Podemos resumir a resposta em três idéias. Cada uma delas indica que a Igreja traz em si mesma toda a beleza e toda a força. Afirmamos, pois, que a Igreja: I. *é Cristo continuando a viver*

entre nós; II. *que é a esposa de Cristo;* III. *que é o corpo místico de Cristo.* Cada um destes dogmas encerra idéias mais profundas, e mais belas umas que as outras.

I

A IGREJA É CRISTO CONTINUANDO A VIVER ENTRE NÓS

A) O fundador do cristianismo, Nosso Senhor Jesús-Cristo, é o fundador da Igreja Católica.

a) E' fato histórico que Nosso Senhor Jesús-Cristo, desde o início da sua vida pública, *escolheu entre seus discípulos alguns deles,* deu-lhes um nome particular, instruíu-os em particular, honrou-os com um afeto especial, deu-lhes poderes especiais, e finalmente, no momento da sua ascensão, confiou-lhes particularmente a conversão do mundo. Havia, pois, fiéis e apóstolos. Mas entre esses apóstolos houve tambem um que Ele colocou à testa de todos os outros. A Igreja Católica, no dia da Ascensão de Nosso Senhor, estava, pois, assim organizada: *fiéis, apóstolos, Pedro, — e seu chefe invisível, Cristo.*

b) O grãozinho de mostarda dos primeiros dias tornou-se, após dezenove séculos, *a árvore gigantesca da Igreja Católica.* Instituição tão poderosa, que é incompreensível aos olhos de alguns.

Essa grande organização que abrange o mundo e que chamamos a Igreja, é porventura necessaria? — pergunta-se. Que hierarquia minuciosamente regulada se encontra na Igreja atual! A começar pelo modesto vigário, os bispos, os arcebispos, até o papa de Roma. Que instituição admiravelmente organizada! Que código complicado, com os seus 2.414 cânones, e seus inúmeros

parágrafos! Que leis morais pormenorizadas! Depois, quantas cerimônias, quantos ritos! E as concordatas, e o Index..., e mil outras particularidades!

Muita gente fica sem compreender, ante estas coisas. Muitas vezes, mesmo católicos bem dispostos não as podem compreender. Nestas instruções teremos ensejo de ocupar-nos de tudo isso. Mas há uma coisa que vos devo dizer desde já: quem visse a Igreja *unicamente* nessas coisas, quem só visse o lado exterior da Igreja, não veria nem apreenderia por trás do semblante humano, *a alma e a vida interior da Igreja, o seu semblante divino,* e nunca poderia compreender a Igreja de Cristo. Porque tudo isso não é a essência da Igreja, nem a alma da Igreja, nem o seu semblante verdadeiro e oculto.

B) Qual é então a essência da Igreja?

Primeiramente, *a Igreja é Cristo continuando misteriosamente a viver entre nós, é a imagem de Cristo; a Igreja é Cristo vivo entre nós.*

a) Um dia Nosso Senhor disse a seus apóstolos: "Quem vos escuta, a mim escuta; quem vos despreza, a mim despreza" (S. Lc. X, 16). Pois bem! a Igreja Católica pode dizer: *Quem me escuta, escuta a Cristo; quem me olha, vê a Cristo; quem me segue, anda nas pisadas de Cristo.* Tudo o que a Igreja prega sai da boca de Cristo. O que ela apresenta como dogma de fé, vem da eterna verdade divina. O que ela oferece nos sacramentos, jorra do coração amante de Jesús.

b) A Igreja não tem outro desejo sinão *representar os interesses de Cristo até os confins do mundo,* e salvar as almas pela pregação da verdade cristã. A Igreja é o canal pelo qual o Redentor quer trazer aos homens a graça da redenção. A Igreja é a encarnação exterior e visivel do reino invisível da verdade e da graça, fundado por Cristo

na terra. A única razão de ser, o único desejo, a única ambição da Igreja, a única base legítima da sua existência, é representar perpetuamente Cristo na terra, é formar Cristo nas almas, reproduzir a figura de Cristo nos corações.

Escutemos, com que convicção, com que ousadia, com que segurança irrefutavel ela lança aos seus inimigos esta interpelação: Quem pode citar um só caso em que eu renegasse o Evangelho de Cristo? em que me tivesse afastado, siquer de uma linha, das verdades cristãs? em que tivesse recuado ante o maior sacrifício, pela defesa da moral cristã?

c) As coisas exteriores, as cerimônias, o direito canônico, as festas, as imagens, o jejum, as vestes de púrpura... tudo isso não constitue a essencia da Igreja.

Qual é então essa essência? O cumprimento do único, do grande, do santo desejo de Cristo: *a propagação do reino de Deus entre os homens.*

Esse reino é invisivel, mas é tambem visível. E' invisivel porque, consoante Cristo, está "em nós" (S. Lc., XVII, 21), e consiste na justificação do homem interior (S. Mt., VI, 33).

Mas é tambem visível, porque Cristo destinou essa Igreja a homens compostos de um corpo, e não a anjos, puros espíritos. E', portanto, naturalíssimo que Ele tenha dado à Igreja invisivel um quadro, uma organização, uma forma de vida, exteriores e visíveis. Confiando a sacerdotes o poder de governar a Igreja, fundou Ele ao mesmo tempo uma sociedade exterior visível: fazendo de Pedro o chefe e o fundamento da Igreja (S. Mt., XVI, 18), fazendo dos apóstolos um estado-maior — dos pastores, (S. Mt., XVIII, 17), Ele deu o batismo como cunho de membro da Igreja, e como estatutos os mandamentos de Deus. Finalmente, investiu os chefes da Igreja de um po-

der quasi incrivel, quando lhes disse: "Quem vos escuta, a mim escuta" (S. Lc., X, 16). "Como meu Pai me enviou, assim eu vos envio" (S. Jo., XX, 21).

E', pois, com justa razão que dizemos: a Igreja é Cristo continuando a viver entre nós.

II

A IGREJA É A ESPOSA DE CRISTO

E' assim que compreendemos tambem este outro profundo e mistico pensamento, segundo o qual chamamos tambem a Igreja a *Esposa de Cristo.* S. Paulo escreveu numa das suas epistolas estas linhas entusiastas sobre a Igreja: "Cristo amou sua Igreja e entregou-se a si próprio por ela, afim de santificá-la, purificando-a na água batismal, para fazer surgir diante de si uma Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem nada de semelhante, porém santa e imaculada" (Efésios, V, 25-27).

A Igreja, é, pois, a Esposa santa e imaculada de Cristo.

A) Si levarmos mais avante esta idéia, compreenderemos de onde é que tiramos esta bela expressão: *nossa mãe a Igreja,* ou nossa Madre Igreja. Com efeito, si podemos chamar a Igreja a Esposa de Cristo, podemos com justa razão chamar-lhe a mãe dos filhos de Cristo, isto é, nossa Mãe. "A Igreja Católica é nossa Mãe", "sancta mater Ecclesia" — que meiga e graciosa expressão! Que queremos indicar com isso? A solicitude maternal que ela manifesta para com seus filhos, e principalmente para com os fracos, para com os que sofrem e para com os pecadores.

Que calor já irradia este nome: nossa mãe a Igreja!

Será que a Igreja é verdadeiramente mãe? — poder-se-ia perguntar. Sim, é. E' mãe porque tem filhos: nós somos seus filhos. E ela ama seus filhos como só uma mãe sabe amar.

"Ecclesia" — é um nome feminino. E isto na maioria das línguas: *a* Igreja *la* Chiesa, *une* Eglise, *die* Kirche, etc. etc. Ela não tomou um nome masculino, como "rei", "imperador", porque a sua doçura, o seu afeto, as suas atenções, a sua solicitude são as de uma mãe para com os filhos.

B) Involuntariamente apresenta-se a idéia de que há uma comparação *entre Maria, Mãe de Jesús,* de um lado, *e a Igreja, Mãe nossa,* de outro.

Aquele que Maria deu ao mundo em Belem, nossa Mãe a Igreja dá-no-lo cada dia. Em Belem, não se podia ver o Filho de Deus, mas apenas uma criancinha transida de frio; nos altares da Igreja nada mais vemos do que a aparência do pão e do vinho, — mas prostramo-nos diante do Santíssimo Sacramento com a mesma fé com que os pastores de Belem se prostraram diante do Menino do presépio.

Podemos mesmo levar mais longe a comparação. Os pastores de Belem adoraram o Menino-Deus, e veneraram e amaram tambem a sua mãe; assim, tambem, ainda hoje, aquele que adora a Cristo deve amar, com piedoso respeito, a sua Esposa, nossa santa Madre a Igreja.

Mas, si olho para a Igreja como para uma mãe que se ocupa de mim com amor, então compreendo todos os seus mandamentos. Não a criticarei levianamente — ah! quantas vezes católicos, mesmo em companhia de pessoas pertencentes a outras religiões, se permitem juizos injustos, superficiais, sobre a Igreja! Eu, por mim, não me escandalizarei da sua aparente severidade, mas, por trás de cada mandamento, tratarei de descobrir o amor maternal

que se ocupa de mim, que vela por minh'alma, pela minha fé e pela integridade da minha vida moral.

Sim, por trás de todos os seus mandamentos! Ela põe alguns livros no Index: não os devo ler. Prescreve a abstinência em certos dias: não tenho o direito de comer carne nesses dias. Por causa de certos impedimentos, ela proíbe o matrimônio: não tenho direito de casar-me nesse caso, etc. Não compreendo talvez por quê; mas aceito, observo-lhe as ordens, — porque é *minha mãe* quem fala.

III

A IGREJA É O CORPO MÍSTICO DE CRISTO

Creio que agora já começamos a conhecer melhor nossa santa Igreja. Entretanto chegamos a uma nova expressão que S. Paulo emprega com predileção particular a propósito da Igreja: *a Igreja é o corpo místico de Cristo.*

A) "Assim como temos muitos membros num só corpo, e todos os membros não têm a mesma função, assim tambem nós, que somos muitos, *fazemos um só corpo em Cristo*; e, cada um em particular, somos membros uns dos outros" (Rm., XII, 4, 5). "Assim como o corpo é um só e tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de muitos formam um só corpo, assim sucede tambem com Cristo. Todos nós, com efeito, *fomos batizados num só Espírito* para formarmos um só corpo" (I Coríntios, XII, 13).

Esforcemo-nos por penetrar mais a fundo nas profundezas dessa comparação da Sagrada Escritura.

a) A vontade de Cristo era que seus discípulos formassem uma sociedade religiosa independente e sobrena-

tural, e assim, pela aplicação dos frutos da redenção, edificassem o corpo místico de Cristo. A Igreja tem por vocação primeira realizar a união sobrenatural com Deus pelo Cristo, transmitindo aos homens os frutos da redenção. Mas, é tambem tarefa sua, *crear pela união dos fiéis o corpo místico de Cristo,* e assim realizar a comovedora prece que o Salvador dirigiu a seu Pai na última Ceia: "Assim como me enviastes ao mundo, eu os envio ao mundo... Não rogo só por eles, mas tambem pelos que, pela pregação deles, crêrem em mim, para que todos sejam um, como Vós, meu Pai, o sois em mim e eu em Vós, para que eles tambem sejam um em nós" (S. Jo., XVII, 18-21).

b) *Cristo vive, pois, num tríplice corpo diante de nós.* Vive no corpo que recebeu da Virgem Maria pelo nascimento; vive no corpo misterioso que revestiu no Santíssimo Sacramento debaixo das aparências do pão e do vinho; e finalmente vive no corpo constituido pela união de seus filhos queridos e fiéis, a Igreja Católica.

Que dogma maravilhoso! A Igreja Católica é um organismo gigantesco, formado das almas e dos corpos de milhões e de centenas de milhões de homens, é o corpo vivo de Cristo... Um corpo misterioso de que Cristo é a cabeça, e o coração a santa missa. Esse coração, a cada minuto, derrama o sangue de Cristo nos membros, de maneira que, si eu pertenço à Igreja, estou constantemente em contacto com a circulação do sangue de Cristo, a vida de Cristo pulsa em mim, a grandeza de Cristo amadurece em mim, a felicidade de Cristo flue no meu coração.

B) Mas, si a Igreja é o corpo místico de Cristo, então *todo aquele que pertence à Igreja é membro do corpo de Cristo.* Que incomparavel honra para mim! Mas que advertência social e que obrigação filial tambem!

a) Sou membro do corpo de Cristo! *Que incomparavel honra* para mim! "Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei então os membros de Cristo para fazer deles membros duma prostituta? Longe disto!" (I Coríntios, VI, 15). "Não sabeis que vosso corpo é o templo do Espírito-Santo que habita em vós, e recebestes de Deus, e que não sois mais de vós mesmos? Porquanto fostes remidos a grande preço. Glorificai, pois, e trazei a Deus em vosso corpo" (I Coríntios, VI, 19-20).

b) Mas *que advertência social ao mesmo tempo!* Em cada um de meus irmãos, os católicos, verei e estimarei um membro do corpo místico de Cristo. Considerado exteriormente, é apenas uma fraca criança, um operário de fábrica, um lavrador, um pobre, um doente, um ancião impotente, — mas interiormente, na realidade, é um membro do corpo de Cristo.

Um convento de religiosas recebera um novo capelão, que soube que entre as religiosas se achava uma antiga condessa. ."Eu poderia facilmente ter sabido — disse um dia o capelão — quem era ela, mas não o perguntei. Porém, quando qualquer das religiosas vinha ter comigo, eu a tratava com a mesma consideração, com a mesma delicadeza como si fora ela a antiga condessa". Sim, todos somos nobres, príncipes, reis — nós, os membros do corpo místico de Cristo. Quando um instinto pecaminoso se erguer imperiosamente em ti, dize-lhe: "Impossivel! Sou membro do corpo místico de Cristo!" Quando quiseres arrastar alguem ao pecado, dize-te: "Não tenho o direito disto. E' um membro do corpo de Cristo".

c) *Mas que obrigação filial tambem, nessa verdade!* Cristo ordenou à Igreja ensinar todas as nações (S. Mt., XXVIII, 19), donde resulta que *nós todos devemos ser discípulos dóceis e obedientes da nossa Igreja.* S. Paulo

disse que a Igreja é "a coluna e a base da verdade" (I Timóteo, III, 15), donde resulta, portanto, que devo seguir a Igreja cegamente, com confiança, perseverança e sem hesitação.

C) E' justamente isto o que choca certas pessoas. *Quanto juizo superficial, quanto sofisma ouvimos sobre esta questão!*

a) "Acho indigno de mim, indigno dum homem instruido, razoável, inteligente, aceitar tal dogma que a religião católica me apresenta — dizem alguns. *Quero refletir nisso, quero discernir eu próprio o que devo crer ou não, o que devo aceitar ou não".*

Ora, um minuto de reflexão demonstra-nos que tais palavras são vazias de sentido. Quando no mundo, em tantas coisas, sou obrigado a apoiar-me nas afirmações alheias, nas questões mais difíceis quereria eu decidir conforme minha própria cabeça? Não me envergonho de não ter descoberto a tábua de multiplicação, nem a eletricidade, nem a máquina a vapor, nem o rádio; não me envergonho de haver recebido tudo isso de outrem; no entanto, quereria seguir meu próprio caminho aí, onde o êxito é mais dificil: achar a Deus, com a razão humana entregue a si mesma?

b) *"Por que é que a Igreja prende-me com dogmas?"* — é a queixa de alguns. Porventura os marujos se queixam de que os faróis projetem a sua luz no mar encapelado, e assim lhes indiquem a boa direção? Os nossos dogmas são faróis que indicam o caminho no oceano da vida.

c) *"Tenho minha religião própria, mas não no sentido da Igreja.* Acharei a Cristo por mim mesmo, não necessito para isso, pertencer a uma igreja". E' a reflexão

de certos outros, que assim se extraviam por um falso caminho. O cristianismo não pode ser separado da Igreja. Toda idéia, todo princípio, precisa de uma forma de vida, duma personificação. A religião de Cristo não é uma abstração suspensa no ar, mas uma realidade incorporada na Igreja Católica Romana.

"Por que é que a Igreja me mantem sob tutéla? Tenho religião, mas não pertenço a nenhuma igreja., Busco a Deus por meus próprios caminhos".

Quantos buscam, e buscam em vão! Quantos têm buscado a Deus segundo a sua fantasia, e só O têm achado após longos anos de passos em falso. Quando reencontraram enfim o caminho da velha Igreja abandonada, viram que querer ter religião sem a Igreja é andar às apalpadelas, por uma noite de neblinas, ao longo dum precipício. Viram que: *Religião sem confissão, é confusão.*

Por uma tarde de outono estou sentado num trem. Chove. Olho para as vidraças: uma gota cai no vidro e fixa-se nele. Ela bem quisera correr, mas não pode. A profundeza atrai-a, porém, ela não lhe acha o caminho. Mas agora duas gotas caem juntas, e incontinente descem. Um risquinho, uma trilhazinha marca-lhes o rastro e, quando uma nova gota cai, corre depressa para baixo, para a sua meta; mas a gota que cai ao lado do caminho debalde se esforça por prosseguir sua rota. Minh'alma tambem é atraida pela profundeza divina; mas, enquanto entregue a mim mesmo, não acho a Deus; mais facilmente chego a Ele si me mantenho no caminho comum das almas. Foi a Igreja Católica quem traçou o caminho das almas para Deus. E, si não houvesse Igreja Católica, o cristianismo há muito que teria desaparecido da superfície da terra.

No capítulo IX dos Atos dos Apóstolos fala-se da maravilhosa conversão de Saulo.

Saulo queria, com um ardor fanático, exterminar a Igreja principiante, a primeira cristandade. Quando se dirigia a Damasco para trazer os cristãos daquela cidade, acorrentados, a Jerusalem, uma luz circundou-o de súbito na estrada, e ele ouviu estas palavras: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" — "Quem sois vós, Senhor?", perguntou Saulo. — "Sou Jesús a quem persegues", foi a resposta.

Não é esse um fato notavel? Saulo persegue a Igreja, e no entanto ouve: "Eu sou Jesús a quem persegues". Oh! sim, é por isto que eu venero, que eu amo a minha Igreja; porque ela é Cristo vivo no meio de nós, a Esposa de Cristo, o corpo místico de Cristo.

Santa Igreja Católica! Depois da ressurreição de Cristo, o maior milagre na história do mundo! Obra divina nas mãos dos homens! Obra celeste implantada na terra. Sociedade, estreitamente unida, de milhões e milhões de homens há dezenove séculos, e de que Cristo eterno é o chefe invisivel. Reino celeste descido à terra, reino terrestre tornado o vestíbulo do ceu! Realização da visão do profeta Isaías da multidão dos povos que afluem para a montanha do Senhor (Isaías, II, 2). *Cristo continuando a viver e a ensinar na terra — eis o que sois para mim, Igreja una, santa e católica!*

Foi nesta fé que nasci. . .

E' nesta fé que quero viver...

E, com o auxílio de Deus, é por ela que quero chegar um dia à Igreja do céu. Amém.

II

A IGREJA DE CRISTO É UNA

Na instrução precedente abordamos o estudo da Igreja de Cristo.

Será um fato certo que Cristo fundou uma sociedade visivel, organizada, a que Ele próprio chamou "Igreja"? Perfeitamente. Basta ler as palavras dirigidas a São Pedro em Filipe de Cesaréia: "Tú és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (S. Mt., XVI, 18).

Será certo tambem que uma só Igreja pode ser a verdadeira Igreja de Cristo? Sem dúvida. Porque há um único Senhor, de quem procede a Igreja, e uma única verdade ensinada por Cristo. Cristo não fundou várias igrejas, mas uma única, — esta verdade é certa, tanto histórica quanto logicamente.

Eis, porém, que se apresenta aquí a grande, decisiva e importante questão: *Qual é a verdadeira Igreja de Cristo?*

E' com a alma dolorosamente comovida que temos de saber, pela história, que sobre a doutrina de Cristo têm passado lutas fratricidas que têm rasgado a veste inconsútil de Cristo e dividido a cristandade. Quando o Salvador subiu aos céus e deixou discípulos e fiéis, mem-

bros da primitiva Igreja, então só havia realmente uma única cristandade, havia uma única Igreja. Mas já desde o tempo dos apóstolos vemos aquí e acolá surgirem hereges que se apartam da verdadeira Igreja de Cristo, atraindo os fiéis para as sendas do erro. E, à medida que avançam os séculos, folhas e ramos cada vez mais numerosos, às vezes até enormes galhos, tombam da árvore da Igreja, afirmando que pulsa neles a força vivificante de Cristo.

Espetáculo doloroso e contristador o dos cismas e das heresias. E na alma humana levanta-se com justa razão esta pergunta, esta decisiva pergunta, que aguarda uma resposta categórica, definitiva: *Onde está então hoje a verdadeira Igreja de Cristo?*

O Salvador dissera a S. Pedro: "Tú és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja" (S. Mt., XVI, 18). Não disse: "as minhas igrejas", porém "a minha igreja". Não há, pois, sinão uma. Não há várias igrejas cristãs, porém uma só. Mas quel é essa única Igreja? Efetivamente, ao lado da imensa religião católica há cerca de 300 seitas pequenas ou grandes que se chamam cristãs e que pretendem seguir a Cristo. Entretanto, é claro que Cristo não fundou 300 religiões, mas uma só.

Qual é, porém, essa única religião? Quem é que tem razão?

Será "Natan o Sábio" quem tem razão? Esse homem possuía um anel precioso e tinha três filhos. Mandou fazer dois anéis similares, parecidíssimos com o verdadeiro, a ponto de ocasionar enganos, e deixou em herança um anel a cada um dos três filhos, de modo que ninguem jamais pôde saber qual era o anel verdadeiro. Ou então Ruville, o professor de História da Universidade de Halle que, no início do século, regressou da religião protestante à Igreja Católica e escreveu sobre a sua conversão

um livro intitulado "Das Zeichen des echten Ringes". "O sinal do verdadeiro anel"? Temos razão, ele e nós, que afirmamos que certamente se pode reconhecer entre os 300 anéis de hoje, o único, o verdadeiro anel cristão? Sim, podemos reconhecê-lo, porque *o verdadeiro anel de Cristo tem marcas que não enganam.* Em verdade, há pois apenas uma questão angustiosa e importante no que concerne toda a nossa vida espiritual.

Examinemos, portanto, nesta instrução: I. *quais são essas marcas* pelas quais podemos descobrir de maneira certa, a verdadeira Igreja de Cristo; e depois veremos que II. *a primeira marca, a unidade*, se encontra na Igreja Católica.

I

AS MARCAS DA IGREJA DE CRISTO

Quais são, pois, as marcas pelas quais podemos descobrir de modo inteiramente certo a única e verdadeira religião de Cristo?

A) Para descobrirmos as marcas da verdadeira Igreja de Cristo, cumpre-nos primeiramente tratar de *formar uma imagem total e sintética do ensino de Cristo.*

a) Não entremos agora nas minúcias, mas consideremos, como que do alto dum avião, toda a história da civilização humana. Dessa altura vemos não só o cristianismo, mas ainda todas as outras religiões; todas as tentativas tambem, pelas quais o homem, no curso dos séculos, tem querido satisfazer as suas tendências mais altas, mais nobres, mais santas: o desejo de Deus.

E dessa altura vemos justamente *a imensa superioridade do dogma cristão, da moral cristã e das formas do*

culto cristão, sobre todas as demais religiões. Como pôde ela ficar ao abrigo dos extremos: renegar o mundo e o gozo ávido! como é ousada nas idéias, eterna nos sentimentos! como é inteiramente dirigida para a eternidade e no entanto faz seus fiéis felizes já desde esta vida!

b) E vemos ainda nitidamente, claramente, que toda a religião cristã *saíu do Ser* mais santo, melhor, mais sábio, mais perfeito entre quantos jamais existiram na terra. A respeito dEle, seus amigos e discípulos notaram que Ele se chamou a si próprio Filho de Deus, e que com conciência clara, categórica, marchou para a morte, para que Seus sofrimentos fossem o resgate dos nossos pecados.

Notaram os Seus 33 anos de vida terrestre, cheios de palavras e de obras que não teriam lugar no quadro duma vida humana. Que é que achamos nessa vida terrestre? Pecadores, milagres, doentes, mortos. Pecadores cujos pecados Ele perdoou — e *um homem* perdoa aos pecadores? Milagres que Ele realizou sobre a natureza viva e inanimada — e acaso *um homem* manda aos ventos e à tempestade? Doentes que Ele curou, mortos que ressuscitou. Quem poderia limitar semelhante vida na existencia duma vida puramente humana?

E sobretudo quem poderia compreender a ressurreição de Cristo, si Cristo não fosse *mais* que um homem? Ora, não se pode evitar o testemunho da ressurreição, que que é a conclusão lógica, natural, irrefutavel de toda a vida terrena de Cristo.

B) Sem dúvida, Cristo ressuscitou — mas há muito tempo. *E quem está com Cristo atualmente? Cristo vive ainda hoje? E onde vive?* Si eu quiser entrar em relação pessoal com Cristo, então cumpre que toda a vida de Cristo se torne a achar hoje em dia. Cumpre que a vida de Cristo continue ainda hoje. Porquanto, não so-

mente quero admirar o ensino de Cristo de há 19 séculos, — mas quero tambem vivê-lo. E não sómente quero ouvir falar do amor de Cristo de há 19 seculos, — mas quero fruir dele eu próprio. E não somente quero fruir dele eu próprio e não somente quero ouvir falar do perdão de Cristo de há 19 séculos, — mas quero ainda beneficiar dele.

Onde vive, porém Cristo? Onde está a comunidade, onde está a sociedade na qual Ele continua a agir? Tantas sociedades religiosas se donominam cristãs! Em qual delas Cristo vive *inteiro?*

O coração confrange-se à vista das divisões do cristianismo. Como a imagem do mundo seria mudada, quantas lutas malditas desapareceriam, como ele poderia defender-se mais frutuosamente contra o terrivel dilúvio do ateismo, quantas cizânias nas famílias cessariam, como as nações seriam mais fortes, si a unidade do cristianismo não estivesse dilacerada pelos cismas e heresias!

Mas qual é a situação de hoje?

Vemos erguer-se ante nós o velho tronco, a velha Igreja Católica a que pertencem hoje em dia cerca de 360 milhões de homens no mundo inteiro. Cifra imensa em si. Mas como nos afligimos de saber que, ao lado dos 360 milhões de católicos, há ainda 250 milhões de homens que se proclamam discípulos de Cristo, cristãos, e vivem divididos em 300 seitas ou até mais!

Quem pode orientar-se nesse caso?

C) E agôra levanta-se a questão decisiva: *E' absolutamente certo que a Igreja Católica é a verdadeira religião de Cristo? Temos disto prova formal?*

Oh! sim. Não uma só, mas quatro. E visto que esta questão é tão importante, trataremos de cada uma dessas quatro provas em instrução especial.

Quais são as quatro marcas do verdadeiro anel de Cristo?

a) Que é a Igreja? A sociedade visivel dos cristãos que vivem na terra e que formam juntos o corpo místico de Cristo. Mas, justamente porque a Igreja não é somente uma sociedade fundada para a satisfação das necessidades religiosas dos homens ou para a educação moral da humanidade, mas é a continuação da obra do Filho de Deus feito homem, do próprio Cristo continuando a viver entre nós: e por que "só há um Senhor, uma fé, um batismo" (Efésios, IV, 5), assim tambem *só podè haver uma Igreja.* Quantos Senhores há? Um só. Logo cumpre que a sua verdadeira Igreja seja una. Eis a primeira marca.

b) Qual foi a vida de Cristo? A santidade encarnada. Que quis obter Cristo? Conduzir-nos à santidade. "Sede perfeitos, como meu Pai do céu é perfeito" (S. Mt., V, 48). Logo, *cumpre que a sua verdadeira Igreja seja santa.*

c) Por quem morreu Cristo? Por todo o mundo. Logo, só pode ser a sua verdadeira Igreja aquela que não se limita a uma ou duas raças, ou a uma parte do mundo, mas volve-se para todos, abrange o mundo; quer dizer, a que é — segundo o termo grego — *católica,* isto é universal.

d) A quem deu Cristo o poder de propagar a sua fé e de distribuir os sacramentos? Aos apóstolos. Logo, só pode ser a sua verdadeira Igreja a Igreja que *repousa na base dos apóstolos, isto é, que é apostólica.*

Eis aí as quatro marcas que não enganam. Encontramo-las na nossa religião?

II

A IGREJA CATÓLICA É UNA

Quando Nosso Senhor Jesús-Cristo, na última Ceia, se despediu dos apóstolos, quando conversou com eles sobre as coisas que mais tinha a peito, que constituíam uma espécie de testamento, dirigiu a seu Pai esta prece comovente: "Não rogo só por eles, mas tambem pelos que, pela pregação deles, crêrem em mim, para que todos sejam um como Vós, meu Pai, o sois em mim e eu em Vós" (S. Jo., XVII, 20-21).

A verdadeira Igreja de Cristo deve, pois, antes de tudo ter a unidade. Que a religião católica seja una, nem é preciso insistir nisto, de tal modo é notório que *A*) *a nossa fé é una*, e *B*) *o nosso ideal moral é uno.*

A) *A unidade de fé.*

a) Em qualquer recanto do mundo onde um católico, branco ou preto, amarelo ou vermelho, se encontre com outro católico, apesar da diferença de traje, da cor dos cabelos e dos olhos, do idioma, da comida, concordam eles numa coisa: *têm a mesma fé.* Um negro católico recita palavra por palavra o Credo como um Esquimau, o Indiano católico como o Inglês, o Francês, ou o Húngaro. Entre nós, prega-se em cada púlpito a mesma fé, não só nas igrejas duma mesma cidade ou dum mesmo país, mas em cada igreja católica do mundo inteiro.

b) E, por isto que temos uma só fé, *temos tambem uma só liturgia.* Quem fez numerosas viagens ao estrangeiro, quem visitou diferentes povos, não pode subtrair-se a esta impressão profunda. Chegado a uma cidade estrangeira, não conhece nela uma só alma. Mas, quando

entra numa igreja católica onde um padre canta a missa solene, vê-o paramentado como na sua terra, vê os fiéis ajoelhados como na sua terra, ouve cantar o Credo como na sua terra. Fora da Igreja Católica nunca encontramos isto. No decurso do verão de 1934, os escoteiros de cerca de 40 nações estavam reunidos no "jamboree" de Godollo. Os paises não católicos tinham seus ofícios religiosos separados, conforme os países. Mas nós, convidámos todos os escoteiros católicos, do mundo inteiro, para a mesma missa, e todos juntos cantaram, rezaram, comungaram — cada um sentia-se como que na sua Patria.

c) Sim, essa unidade é um sentimento profundamente emocionante; é então que *a alma humana transborda de amor à sua Igreja.*

Ah! como gosto desta casa! Por que? Porque ela é a sólida casa de família cheia de preciosos tesouros.

Uma casa sólida! Edificada no rochedo. A onda nada pode contra o rochedo; nem uma vaga hostil, nem a tempestade, nem o vendaval pode qualquer coisa contra ela. Que ventura habitar nesse rochedo sólido! Si sou católico, — estou ao abrigo.

Uma casa de família! Acha-se nela um pai: o Santo Padre. Acham-se nela antigas tradições: meus antepassados viveram nela, e nela morreram. Si sou católico, — estou em minha casa.

Um tesouro! Os sete sacramentos, quais sete fontes abundantes, derramam suas graças preciosas. Onde quer quer ponha os pés nessa casa, sinto Cristo invisivelmente presente. E' santo o ar que respiro. Si sou católico, — sou rico.

B) Mas não é só a nossa fé que é una, *temos tambem a unidade do ideal moral.* Leis comuns nos unem e nos auxiliam a atingir um escopo moral comum. No

mundo inteiro, os mesmos sacramentos nos ajudam a observar as mesmas prescrições morais. Essa *unidade moral católica* liga pequenos e grandes, pobres e ricos, e não se pode transigir com ela.

A Igreja sempre guardou ciosamente a doutrina de Cristo, e nunca se afastou nem se deixou afastar dela.

Às vezes, a moral católica impõe exigências penosas aos instintos depravados; às vezes fere ao vivo, mas não transige. Vêm umas pessoas e se apresentam para casar-se, — mas os primeiros esposos ainda estão em vida. A Igreja Católica não os casa. Eles abandonam a fé, por despeito. A Igreja olha-os tristemente, — mas não pode ceder: não pode abandonar uma só letra dos mandamentos de Cristo. Essa fidelidade, esse apego que não conhece abandono de princípios — eis o que se impõe a todo homem que reflete seriamente. A Igreja tolerou que paises inteiros se separassem dela, mas não cedeu nada da fé nem da moral cristãs. Não cedeu num só dogma da fé: preferiu ver todo o Oriente separar-se dela. Não renunciou a uma só letra da sua moral: preferiu ver toda a Inglaterra separar-se dela. Perante Cesar, poetas e filósofos prostravam-se no pó; a Igreja jamais se emocionou com uma promessa nem tremeu ante uma ameaça.

C) "Mas dessa unidade indiscutivel não decorrem *uma rigidez, uma rotina e uma uniformidade perigosas?"* — tal é a pergunta que fazem alguns.

Quem conhece a vida da Igreja Católica nos diferentes países e nas diversas raças, pode facilmente responder a isso. Com efeito, é realmente admiravel que, ao lado da unidade guardada rigorosamente nas coisas essenciais, a Igreja, nas coisas não essenciais, sabe adaptar-se às particularidades de centenas de povos. O papa é venerado com o mesmo amor pelo Holandês como pelo Espanhol;

na missa, o Americano e o Francês adoram com a mesma humildade a Cristo que desce entre nós; as bases dogmáticas do culto de Maria são as mesmas entre os Poloneses como entre os Alemães... e no entanto cada povo, nas manifestações da sua vida religiosa, sabe mostrar traços individuais, sem que a unidade famosa da fé sofra a menor brecha.

Há atualmente no mundo cerca de 300.000 padres católicos. Todos são sacerdotes do mesmo Cristo, todos são padres da mesma Igreja, e no entanto que imensa diversidade entre eles! Diversidade de carater, de conhecimentos, de língua, de semblante. E, todavia, vede um congresso eucarístico internacional. Os padres americanos de rosto raspado, os padres africanos, os padres chineses e os demais padres indígenas estão sentados uns ao lado dos outros, e saudam-se na mesma língua materna da Igreja: "Pax vobis, fratres in Christo". O príncipe de Saxe, que deixou tudo para fazer-se simples padre jesuita, beija a mão dum bispo negro, que talvez tenha deixado apenas uma barquinha de pescador, como os apóstolos. Eles falam uma única língua: a língua da caridade; um só coração lhes pulsa no peito: o coração de Cristo vivo entre eles. Mostrai-me uma sociedade, espalhada pelo mundo inteiro, cujos membros amem tanto sua pátria, e no entanto sejam animados duma mesma idéia: o missionário dos Hotentotes ou do Congo, o vigário duma grande cidade ou o padre desconhecido duma aldeiazinha perdida. Citai-me uma tal sociedade. E si a citardes, chamar-lhe-eis "a Igreja Católica".

Não tem inteira razão *Santo Agostinho* quando fala nestes termos da Igreja Católica?!

"Ó grande e santa Igreja Católica, verdadeira mãe dos cristãos! Com justa razão não proclamas apenas que devemos adorar a Deus, que é para nós a vida eterna, mas

cultivas ainda tal amor aos homens, que forneces remédios para as doenças de que sofrem as almas por causa do pecado.

"Ensinas às crianças de maneira infantil; dás paciência aos velhos; ensinas as mulheres a obedecerem aos maridos; não para a satisfação dos seus desejos, mas pelos filhos e para que elas edifiquem a vida de família sobre uma obediência pura e fiel; induzes os filhos a obedecer voluntariamente às ordens dos pais; colocas os pais, pelo reinado da bondade, acima dos filhos; unes os homens entre si pelos laços da religião, que são mais fortes que os laços do sangue; juntas o parentesco natural — conservando os laços naturais — ao amor sobrenatural... Pela lembrança dos antepassados comuns, ligas entre si os cidadãos, os povos, os homens, de maneira que eles formam não somente uma comunidade, mas tambem uma fraternidade".

* * *

A Igreja Católica é a verdadeira Igreja de Cristo, porque há nela, e só nela, essa unidade pela qual o Salvador, na última Ceia, tão ardentemente rogou. A Igreja Católica é feliz de ser a única Igreja de Cristo, mas, em compensação, pensa com dor em quão longe ainda está de ser realizado o desejo que enchia o coração de Cristo, "Um só rebanho e um só pastor". E quando, no decurso da sua história, pequenos ou grandes ramos se despegaram da árvore da verdadeira Igreja, a nossa Igreja olhou chorando para os que partiam, como uma mãe olha chorando para o filho que deixa por despeito o lar familiar. Com que amor ansioso a Igreja trabalha na propagação do cristianismo! Mas como roga tambem pelos que não são mais seus filhos! Não por espírito de despotismo,

como pretendem seus inimigos, mas por compreensão da vontade de Cristo, que pedia um só rebanho!

Roguemos, pois, frequentemente, e com coração fervoroso, por aqueles que hoje em dia ainda estão fora da Igreja de Cristo, afim de que tambem eles se tornem a encontrar num só rebanho, sob um só pastor, e seja realizada a prece do Senhor na última Ceia: "Que todos sejam um, como Vós, meu Pai, o sois em mim e eu em Vós" (S. Jo., XVII, 21).

E vós, irmãos, que pela graça de Deus sois católicos, isto é, membros da verdadeira Igreja de Cristo, enchei-vos de alegria e de ufania.

Alegrai-vos, si a Igreja está na alegria.

Entristecei-vos, si a Igreja sofre.

Ufanai-vos, si vossa Igreja triunfa.

Sede solicitos em trabalhar por vossa Igreja.

Sede corajosos em tomar partido por vossa Igreja.

Inquietai-vos, si nada tendes feito por ela.

E seja-vos dado um dia alcançar a recompensa eterna por haverdes sido filhos fieis de vossa mãe, a Igreja una, santa, católica e apostólica. Amém.

III

A IGREJA DE CRISTO É SANTA

A vida de Nosso Senhor Jesús-Cristo foi a santidade encarnada, a tal ponto que seus inimigos os mais terriveis não lhe puderam exprobrar um só defeito. Ele perguntou de fronte erguida a seus inimigos: "Quem de vós me arguirá de pecado?". (S. Jo., VIII, 46). E todos lhe escutaram a pergunta sem dizer uma palavra.

E' natural que a Igreja, que teve um santo Fundador, tambem seja santa. E' natural que se deva aplicar, palavra por palavra, à verdadeira Igreja de Cristo, o elogio entusiasta pronunciado por S. Paulo a respeito da Igreja: "Cristo amou a Igreja e entregou-se a si próprio por ela, afim de santificá-la depois de havê-la purificado na água batismal, para fazê-la surgir diante de si, gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem nada de semelhante, porém santa e imaculada" (Efésios, V-25-27).

Consoante as palavras do apóstolo, a Igreja de Cristo deve ser "santa". Eis-nos, pois, em presença da questão: saber si as palavras de S. Paulo convem à Igreja Católica. Na nossa última instrução ocupamo-nos da primeira marca da verdadeira Igreja de Cristo: a unidade. Nesta agora, estudaremos a segunda, e perguntaremos: Temos o direito de dizer que na nossa Igreja se acha tambem a segunda marca: a "santidade"? Temos o di-

reito de chamar a base da nossa religião não simplesmente de "a Igreja", porém de "a *santa* Igreja"?

Daremos três respostas a esta questão.

Chamamos a nossa Igreja de santa Igreja porque: *I. seu ideal moral é santo*; *II. os meios* com que ela nos ajuda a atingir esse ideal *são santos*; *III. sempre houve e haverá santos entre seus membros.*

I

O IDEAL MORAL DA IGREJA É SANTO

"Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" (S. Mt., V, 48), disse Nosso Senhor, e o fito único da Igreja Católica é ajudar os homens a cumprirem esse mandamento de Cristo.

A) Examinemos si não é *o mais alto ideal de santidade de vida* que a Igreja ensina e exige.

a) *Que exige a Igreja Católica?* Uma vida moral pura. Uma responsabilidade pessoal para todos os nossos pensamentos, palavras, ações. Uma vida eterna merecida por uma vida terrena, vivida honestamente. A subordinação de todos os interesses terrenos à vida eterna. O refreiamento das paixões dentro do quadro das leis divinas. O respeito do matrimônio, da mulher, dos filhos. O trabalho, e a fidelidade ao dever. O sentimento da própria responsabilidade, a obediência o respeito da autoridade ... e assim por diante. Estas expressões não encerram o ideal moral o mais elevado?

b) *E que ousadia* — por assim dizer — *que audácia manifesta a Igreja Católica sobre esse ponto!* Como ela persiste imperturbavel e sem transigencias ao lado das

leis penosas do ideal moral cristão! Suporta por causa disso, a censura de ser "atrasada"; e por essa mesma razão enfrenta a impopularidade. Ousa não ser moderna. Nosso Senhor Jesús-Cristo não permite a rutura dum casamento válido, — e hoje em dia só a-Igreja Católica ousa proclamá-lo com firmeza perfeita. Ela ousa defender a vida do filho que ainda não nasceu, a pureza da vida conjugal; e a onda das teorias em moda não a faz renunciar a essa doutrina.

B) Que é que dá força à Igreja para isso? A conciência da sua missão. A conciência de que hoje em dia ela ainda tem a mesma tarefa que sempre teve, há dezenove séculos: *santificar a humanidade.* Isto, e não outra coisa.

a) *A Igreja não tem, pois, por escopo ensinar as ciências, proteger as artes, construir escolas, traçar um programa econômico*... Sem dúvida, ela tambem faz isto; mas fá-lo somente para chegar ao seu escopo principal, aquilo que o primeiro papa proclamou no dia do primeiro Pentecostes na praça de Jerusalem: Fazei penitência. fugi do meio desta geração perversa, e recebei o Espírito-Santo. Numa palavra: Tornai-vos santos!

b) *Tornar-se santo* — que sublime pensamento! Mas como a humanidade atual recusa compreendê-lo! O mundo atual não tem um minuto de descanso no seu trabalho sem trégua: descobertas, técnica, indústria, comércio, trabalho incessante ... Deus vê e ouve esse trabalho enervante e febril. E no entanto... — não vos admireis do que vos vou dizer — no entanto Deus afastaria de Si, como um vaso partido, a terra inteira, *si um dia não mais se achassem nela santos.*

Porque é para eles que a terra existe.

A terra, com efeito, não existe para que nela circulem automóveis, nem para que nela passem trens, nem

para que nela trepidem máquinas, nem para que ressoem os apitos do progresso. Não. A terra existe para que nela vivam santos. Eis porque existe o mundo.

Mas como se pode afirmar semelhante coisa? Como? É a Sagrada Escritura que o afirma. É o desígnio de Deus, que o homem se torne um santo. "O que Deus quer é a vossa santificação" (I Tessalonicenses, IV, 3).

O fim da redenção é restabelecer o estado em que o homem se achava antes da queda. Antes da queda, o homem estava em estado de graça, vivia na sociedade de Deus; logo, era santo. Fazer novamente do homem um santo — eis o fim da Igreja, eis a tarefa imensa que nos aguarda. "Deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus" (S. Jo., I, 12), diz S. João a respeito do Verbo Encarnado. Mas tornar-se filho de Deus é tornar-se santo. Por isto chamamos *santa* a nossa Igreja, porque ela quer realizar isso em nós.

C) De que a Igreja Católica seja realmente santa, temos ainda outro sinal interessante. Observae *quais são os que deixam a Igreja Católica*, quais são os que apostatam. E *quais são os que vêm para a Igreja Católica*, os que se convertem?

a) *Quem são os que a deixam?* Os melhores, os mais santos? Absolutamente não. São justamente os indivíduos levianos: os que não se subordinam à santidade da Igreja, os que — como direi? — não admitem que, depois de se divorciarem uma ou duas vezes, não possam mais tornar a casar-se. A maioria das vezes, por despeito ou bravata, abandonam eles a religião católica, porque ela recusa casá-los uma segunda ou terceira vez.

b) E vêde *os que vêm com entusiasmo* para a Igreja, e solicitam sua admissão. São porventura as almas vazias, frívolas? De modo algum. São justamente as almas mais

preciosas, aquelas a quem a divina Providência não fizera a graça de nascerem na religião católica, mas que, procurando uma piedade e uma vida interior mais profundas, estudaram, escrutaram com ansiedade, até acharem finalmente a verdadeira e santa religião de Cristo. Essas vêm, porque sentem que aqui se acha a marca da verdadeira Igreja de Cristo: o ideal da santidade.

II

OS MEIOS EMPREGADOS PELA IGREJA CATÓLICA SÃO SANTOS

Eis-nos, porém, em presença de outra questão. Não basta pregar o ideal moral, é preciso ainda ajudar o homem a atingí-lo. E é aqui que vemos de novo que só a Igreja Católica dispõe dos meios que conduzem à santidade.

A) O primeiro meio com que a Igreja ajuda o homem a atingir o ideal moral, é *o pensamento das recompensas e dos castigos divinos.*

A Igreja ensina que a vontade de Deus é pôr em vigor a ordem moral no mundo. Aquele que trabalha para o triunfo das leis morais — seja na sua própria vida, seja na alheia — é realmente colaborador de Deus, e receberá dEle a recompensa do seu trabalho: a felicidade eterna. Pelo contrário, aquele que viola a lei moral, desafia a Deus e receberá dEle o castigo merecido. Quem não vê quanta força moral, quanta força de resistência, que ardor no combate, decorrem das lutas contínuas para atingir esse ideal, e dessa santa convicção de que essas lutas se travam por Deus, para o cumprimento da Sua vontade, para a nossa própria felicidade eterna?

B) Mas para levarmos mais facilmente a bom termo essa luta, temos *os sacramentos da Igreja*.

Alguns não compreendem os sacramentos; não sabem que pensar deles... "Para que os sacramentos? perguntam. Então Cristo não nos remiu? São acaso os sacramentos que nos redimem?"

Não, não são os sacramentos. É evidente que é Cristo. Mas já vistes, com certeza, jardineiros irrigarem os seus terrenos. Há só uma bica no jardim, porém grande número de sulcos e de regos pelos quais a água fresca e viva dessa única fonte chega a cada uma das plantas. Pois bem! a única fonte do jardim da vida moral cristã, é a fonte que jorra do sacrifício do Gólgota; mas, para que a sua força vivificadora chegue a cada alma humana, os sacramentos servem de canais. Que são, pois, os sacramentos? Os canais que transmitem a cada alma os méritos redentores de Cristo. Eles nos trazem os merecimentos da redenção; e a força da graça que deles irradia torna a alma católica mais bela e mais capaz de vencer.

Como mais bela? Como mais capaz de vencer? Há poucos dias, recebí na fé dos seus avós uma jovem de dezenove anos. Antes havia ela terminado os estudos, e obtivera permissão de fazer-se católica. Era de ver a alegria que lhe brilhava nos olhos quando ela fez a sua primeira confissão! Seu semblante brilhava como as velas da árvore de Natal. Alguns dias mais tarde, apresentou-se-me um estudante do terceiro ano de direito: tambem queria voltar à fé dos seus antepassados, tambem aguardava com impaciência o dia em que poderia confessar-se pela primeira vez.

Oh! sim, é santa a nossa Igreja, pois são santos os meios de que dispõe. Assim como exteriormente Cristo aparecia como um homem, posto que fosse Deus na rea-

lidade, assim tambem a Igreja exteriormente só aparece como uma série de milhões de homens, posto que em realidade seja a sociedade dos homens misteriosamente unidos ao Homem-Deus, o corpo místico de Cristo que há dezenove séculos faz brotar as flores perfumadas da santidade.

Não há pena capaz de descrever dignamente os cimos elevados do heroísmo moral a que chegaram, sob a direção da Igreja, multidões de homens, lutando contra a sua natureza fragil e inclinada ao pecado, e de onde mostraram ao mundo o prodígio mais surpreendente: o tipo da santidade. E aqui chegamos à terceira marca da santidade da nossa Igreja.

III

HA SANTOS ENTRE OS MEMBROS DA IGREJA CATÓLICA

A) Antes de tudo, cumpre termos uma idéia clara deste fato: uma religião que quer englobar todos os grupos da humanidade, nas profundezas da sua alma, *religião* tal não pode prescindir dos píncaros eminentes da grandeza humana e do heroísmo moral.

a) *Na terra há toda especie de paisagens*: há jardinzinhos tranquilos, há prados em flor, há florestas povoadas de aves, há planícies que se estendem até o horizonte, — e para além de tudo isso elevam-se cadeias de montanhas com seus píncaros que se erguem nas nuvens, com seus lagos profundos, com suas gargantas escarpadas, e das alturas espalha-se, sobre toda a terra, o sopro fresco e vivificante. O mesmo sucede na nossa santa religião: os diversos tipos humanos entendem-se muito bem mutua-

mente: o homem que leva vida tranquila, o homem que anda pelos prados floridos, o homem que luta com a monotonia da vida quotidiana... Mas, ao lado desses homens eram precisos tambem "santos", isto é, homens que seguem o mesmo caminho de cada dia, com outra alma, com outro êxito, e junto aos quais nos refugiamos quando, no ambiente poeirento da luta diária, nossa pobre alma se sente oprimida.

b) Sabeis o que são os santos? São os heróis da imitação de Cristo que sairam das planícies, das gargantas e dos pantanais do pecado por sacrifícios heróicos, para atingirem as alturas puras duma vida cristã ideal.

Os santos são os heróis da força de vontade.

De todos os lados ouve-se a queixa de que os homens não têm bastante força de vontade... "Eu quereria não pecar — gemem uns infelizes — mas não tenho força de vontade. Por isto não posso resistir, não posso renunciar ao pecado".

Lamentações quotidianas das criaturas fracas, que se arrastam pelas planícies da vida.

E agora levantemos os olhos para um santo, como para um rochedo que se ergue até o céu. Um maravilhoso fervor, uma ufania e uma emoção se derramam sobré nós cada vez que nos aparece ante os olhos d'alma a admirável galeria dos santos. Que valores! Que belezas! Que sacrifícios sobrehumanos! Quanta caridade, quanta força, quanta abnegação! Os únicos homens que realmente nunca serão esquecidos. Os únicos homens que abençoaremos sempre! Os únicos homens que são realmente os verdadeiros benfeitores da humanidade. Homens que não descobriram nem os gases asfixiantes nem a metralhadora, homens que não atiçaram os ódios nem

espesinharam os seus inferiores, mas que extinguiram os ódios, inclinaram-se para os pobres, lavaram as chagas aos doentes, e podem dizer com o livro de Jó: "Eu era os olhos do cego e os pés do coxo. Era o pai dos pobres" (Jó, XXIX, 15-16). Não foram eles que descobriram a lâmpada elétrica, e no emtanto, na sua passagem a vida tornou-se mais luminosa. Não foram eles que inventaram o aeroplano, e todavia eles transportaram a humanidade para as alturas. Não foram eles que descobriram o rádio, e todavia, à sua voz, os homens se compreenderam melhor, e se aproximaram mutuamente.

B) Ora, neste momento eu não penso em primeiro lugar nos santos cuja vida moral heróica é manifesta, e que a Igreja canonizou, proclamou santos.

a) Não é nesses santos que penso neste momento. Ah! *quem poderia falar deles dignamente?* Mártires que derramaram seu sangue para selar a sua fé. Virgens que, em meio às ruinas dum mundo corrompido, souberam permanecer esposas de Cristo. Santos ermitães que abandonaram fortuna, carreira, família, por Cristo. Penitentes, religiosas que tratam dos doentes; monjes que favorecem a civilização, as ciências e as artes; missionários que arriscam a vida.

Não, não falo de todos esses santos atualmente, — porque a santidade da sua vida é bem conhecida.

b) Mas falo *desses que não foram canonizados, desses cujos nomes ninguem conhece,* salvo Deus que tudo sabe, mas que foram e ainda são hoje em dia — neste mundo às avessas — mil e mil vezes mais numerosos do que julgamos. Falo desses santos que vivem no meio de nós ainda hoje, nas lavanderias, nas lojas, nos escritórios, nas fábricas, nas famílias; falo dos santos filhos, das santas esposas, das santas mães, dos santos pais de família,

que lutam heroicamente contra a natureza humana decaída, e contra as tentações dos costumes modernos corrompidos; cujas almas, cujas mãos, sujos corações são puros; esses que cumprem, com mudo heroismo, os deveres da vida quotidiana e suportam, na sua fidelidade para com Deus, o martírio incruento, porém real, da vida.

Nas ruas, nas praças públicas, nos cinemas e nos teatros, em toda parte o pecado clama por nós, e comtudo podemos dizer com orgulho e alegria que hoje ainda, no meio da atmosfera deletéria das grandes cidades, vivem santos, heróis. Mais, muito mais do que imaginais.

Sim, ainda hoje há santos: os confessores poderiam falar deles a perder de fôlego, si lhes não fosse ordenado calar-se. O mundo atual não é totalmente mau. Somente, a maldade clama sempre mais forte do que a bondade, e as flores da beladona e do meimendro são sempre mais belas do que as violetinhas de doce perfume.

Meus irmãos, minh'alma de sacerdote, a quem foi permitido penetrar em milhares e milhares de jovens almas, pode afirmar-vos que à volta de nós, mesmo no meio da sordidez ambiente, e do pestilento pântano moral atual, numerosos jovens e numerosos adultos andam de coração puro e com alvura imaculada, preservados das seduções do vício, pela educação e pelos sacramentos da Santa Igreja. Como os primeiros cristãos, que andavam de fronte erguida pelas ruas de Roma pecadora, da Grécia, da Ásia, os santos de hoje circulam vitoriosamente em torno de nós. E quando estamos cheios de amargura por causa da maldade dos homens, e quasi desesperamos da sorte futura da humanidade, esses santos dão-nos esperança, consolo e otimismo. E si o mundo pecador é abominavel, por causa deles, dos santos, Deus não o destruirá. E quando por todos os lados enxergamos o poder das trevas e o triunfo do pecado, consola-nos a legião dos santos vitoriosos das trevas e do mal. E si a história do

passado, e a vida atual, são cheias de falta de conciência, de crueldade, de egoismo e de dureza, os santos desconhecidos, que vivem hoje em dia, os heróis vitoriosos da conciência,, da caridade, da solicitude, da delicadeza e da compaixão, consolam-nos e edificam-nos.

C) Chego agora, a esta grande lição: *Não critiquemos, não nos escandalizemos por causa desse "mundo mau", mas — trabalhemos.* Trabalhemos por tornar mais belo o semblante da Igreja. Cada vez mais belo, cada vez mais fresco, cada vez mais santo.

Meus irmãos. Somos a Igreja... eu, vós, nós todos... e quanto mais bela for noss'alma, quanto mais santa for a nossa vida, tanto mais bela e santa será tambem a nossa Igreja. E quanto mais santa for a nossa Igreja, tanto mais belo brilhará o santo semblante de Cristo, tanto mais fortemente atrairá a si a alma humana.

O homem moderno tentou fazer esta oração: Creio no dinheiro, no ouro. Creio na máquina, na técnica. Creio na força do canhão e da metralhadora. Creio na diplomacia... nos acordos econômicos... nas conferências internacionais...

Hoje, vemos que tudo isso era uma fé sem fundamento, uma esperança cega.

Tentemos, pois, fazer de novo esta oração: Creio em Deus. Creio no Espírito-Santo. Creio na santa Igreja Católica. É assim que rezarei. E trabalharei em minh'alma para que tudo isso se realize sempre com maior intensidade. *Que a minha Igreja seja santa: cada vez mais santa, pela santidade de minha vida.*

* * *

Meus irmãos, tratámos, nesta instrução, da santidade da Igreja Católica. Poderíamos terminá-la mais digna-

mente do que descrevendo uma canonização? Essa cerimônia sem exemplo, a mais sublime e mais emocionante que o mundo conhece?!

Já horas antes do início da cerimônia, uma multidão imensa dirige-se para S. Pedro de Roma. A enorme basílica abre suas portas a milhares de pessoas. O ar fica cheio de rumor da assistência impaciente. De repente faz-se o silêncio: abre-se a porta do lado do Vaticano e avista-se o papa.

O que se passa então, a pena é incapaz de descrevê-lo. De milhares e milhares de bocas saem as exclamações: Evviva il Papa! Vive le Pape! Hoch der Papst! Eljen a Papa! E por cima da multidão que aplaude e agita os lenços, aparece, qual uma arca, a "sedia gestatória" em que está sentado o Sumo Pontífice. Distingue-se-lhe no semblante uma santa emoção, quando ele se aproxima do altar para depositar alí o entusiasmo, a gratidão e o amor de todos aqueles fieis, ao pé dAquele a quem pertence toda glória: aos pés de Cristo Eucarístico.

Talvez haja quem abane a cabeça com frieza ouvindo esta descrição, e diga: "Isso não se concebe mais na nossa época". Mas quem se acha pessoalmente naquela multidão não tem tempo de se entregar a essas reflexões, é arrebatado por aquela cena sublime e emocionante. Todos os países, todos os povos, todas as classes sociais, leigos, padres, religiosas, bispos, ajoelham-se em torno do sucessor de S. Pedro, e sobre as suas cabeças, por cima das colunas de mármore branco da mais bela igreja do mundo, ergue-se, a uma altura vertiginosa, a cúpola de Miguel Ângelo, onde estão escritas em letras d'ouro as palavras da promessa de Cristo: "Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo ecclesiam meam"; e, na basílica banhada num oceano de luz, ressoam como um canto celeste os sons do coro... sim, naquele instante pode-se

dizer do fundo da alma, com emoção: "Creio na santa Igreja Católica".

Homens choram como crianças. Pessoas pertencentes a outras religiões exclamam: "Agora sei o que é a Igreja Católica". E milhares e milhares dizem baixinho com fervor: "Senhor, agradeço-vos por ser católico".

Padres e leigos de todos os povos, de todas as nações, de todas as condições, rodeiam o sucessor de S. Pedro. E acima da Igreja reunida erguem-se as colunas de mármore branco, os arcos sublimes que se reunem numa cúpola de altura vertiginosa — eis aí a santa Igreja educadora de santidade.

Como poderia eu não te amar, santa Igreja Católica, que tornas santo aquele que a ti se entrega?

Ensinas a criança inocente a juntar as mãozinhas para a oração.

Comunicas força ao jovem que luta, em meio às paixões da sua idade.

Mantens o vigor, a perseverança, a conciência, ao homem que se encontra no meio das mil tentações da vida.

Dás às mães o espírito de generosidade e de sacrifício.

Santificas os nossos primeiros passos no mundo, estendes tua mão protetora sobre a nossa existência, fechas-nos os olhos que se apagam, e plantas sobre nossos túmulos a cruz da ressurreição: una, santa Igreja Católica! Amém.

IV

A IGREJA DE CRISTO É CATÓLICA

Os homens crescem e se desenvolvem. Deus não cresce nem se desenvolve. Desenvolver-se quer dizer aperfeiçoar-se. Como Deus é infinitamente perfeito, não pode desenvolver-se. Mas o homem não é perfeito; mistér se faz, pois, que cresça e se desenvolva.

A Igreja é uma sociedade composta de homens; a Igreja deve, portanto, crescer, como o grãozinho de mostarda lançado em terra (S. Mt., XIII, 31). Si a Igreja cessasse de desenvolver-se, de crescer, de aperfeiçoar-se, aproximar-se-ia do seu fim, tal como o homem se aproxima da morte, quando não se desenvolve mais física e espiritualmente.

Quando o Salvador deixou a terra, a Igreja compunha-se de alguns apóstolos e quiçá de uns duzentos fiéis. Havia Pedro, havia os apóstolos; havia tambem esta ordem: "Ide, ensinai todas as nações..." Cristo lançára a semente, cumpria que ela crescesse.

O primeiro crescimento importante realizou-se no décimo dia após a ascensão de Nosso Senhor, quando S. Pedro, em seguida ao seu discurso do dia de Pentecostes, batizou 3.000 homens (At. III, 41).

Quantas reflexões podemos fazer sobre os primeiros dias do cristianismo nascente, quando pela primeira vez ecoou em ouvidos humanos esta advertência de S. Paulo: Agora não há mais nem judeu, nem grego, nem homem, nem mulher, nem homem livre, nem escravo, — Jesús de Nazaré elevou-os todos ao mesmo nivel!

E como a nova fé se difundiu maravilhosamente! Foi acolhida com entusiasmo pelos pobres, pelos abandonados, pelos simples, — e por todos os mais. Em Antioquia, é o amigo de Herodes, Manahen, que se converte. Em Chipre, é o proconsul Sérgio Paulo. Em Filipe, é Lídia, a mercadora de púrpura. Em Atenas, é Dionísio o Areopagita. E nas catacumbas multiplicam-se os túmulos das famílias romanas mais distintas: os Cecilius, os Cornelius, os Pomponius, os Aemelius, os Acillius. A mais bela das catacumbas existentes ainda hoje é a de Domitilla, esposa do consul Flávio Clemens. E, si lermos as derradeiras linhas da carta escrita por S. Paulo aos Filipenses, a quem é que vemos o apóstolo dirigir as suas saudações? Aos cristãos que viviam na corte imperial.

E, assim, a árvore da Igreja cresceu cada vez mais. Não há mais pais no mundo sobre o qual ela não tenha estendido um galho; não há mais uma só raça humana onde ela não tenha ganho fiéis; não há na terra uma polegada de território onde ela não haja estendido as suas raizes. A vontade de Nosso Senhor realizou-se: a sua Igreja tornou-se "universal", isto é, "católica", empregando o termo grego.

I. A Igreja Católica deve ser realmente católica — tal é a primeira idéia que nos ocupará na presente instrução. Em seguida estudaremos: *II. O que significa a catolicidade da Igreja,* e *III. O que ela não significa.*

I

CUMPRE QUE A IGREJA DE CRISTO SEJA CATÓLICA

A nossa primeira questão é portanto esta: *Importa que o reino de Cristo seja realmente católico, isto é, universal?*

A) Achamos a primeira resposta *já nos profetas do Antigo Testamento,* que viram o reino do futuro Messías estender-se pelo mundo inteiro.

Segundo *Amós,* o Senhor reunirá todos os povos no reino do Messias (Amós, IX, 11-12). É essa passagem da Sagrada Escritura que o apóstolo S. Tg. invocará mais tarde, quando proclamar que os pagãos tambem devem entrar no reino de Cristo (At., XV, 16).

É sublime o quadro que o profeta *Isaías* traça da universalidade do reino do Messias. Ele vê numa alta montanha o reino de Deus para o qual afluem todos os povos do mundo (Isaías, II,2-4). No mesmo profeta achamos estas palavras do Senhor: "Minha casa será uma casa de orações para todos os povos" (Isaías, LVI, 7).

O profeta *Jonas* é enviado por Deus para pregar aos pagãos; é tambem uma profecia de que o reino do Messias devia ser universal, católico.

S. Pedro, no seu sermão do dia de Pentecostes, em que se dirigia a diferentes povos, está persuadido de que o Espírito de Deus, conforme à espectativa dos profetas, se derrama sobre todos os homens; invoca estas palavras de *Joel*: "Nos últimos dias (diz o Senhor) derramarei do meu Espírito sobre toda carne" (At., II, 17).

B) Mas aquilo que os profetas haviam anunciado, *Nosso Senhor Jesús-Cristo ensinou-o ainda mais clara-*

mente. Segundo Ele, para entrar no reino de Deus, o que importa não é a origem racial, nem a descendencia da raça judia, mas unicamente a pureza de coração.

"Padre Nosso" — assim começa a oração que o próprio Salvador nos ensinou. Logo, Deus é Pai de *todo* homem, e espera *todos* os homens no seu reino.

Consoante as próprias palavras de Nosso Senhor, "o Filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido" (S. Lc., XIX, 10); logo, só pode ser a Sua verdadeira Igreja aquela que procura seus fiéis entre *todos os povos* do mundo inteiro, e que não é limitada nem pela língua, nem pela raça, nem pelas fronteiras.

Do mesmo modo, as parábolas do Salvador falam-nos da catolicidade. O levedo penetra toda a massa, diz Nosso Senhor: o mesmo sucede com o reino de Deus. Êste é tambem semelhante ao grãozinho de mostarda que se torna grande árvore e serve de abrigo às aves do céu. Noutra circunstância, fez Ele esta profecia: "Este evangelho será pregado no mundo inteiro, para ser um testemunho a todas as nações" (S. Mt., XXIV, 14).

Finalmente, deu solenemente esta ordem aos seus apóstolos: "Todo poder me foi dado no céu e na terra. Ide, ensinai todas as nações" (S. Mt., XXVIII, 18-19). Em verdade, podemos dizer de Cristo, e do seu reino, o que dizia o velho Simeão: "Meus olhos viram a salvação que preparastes para todos os povos" (S. Lc., II, 30-31).

A Igreja de Cristo deve, pois, ser realmente católica.

Cumpre-nos, porém, examinar mais de perto o que significa e o que não significa a catolicidade da Igreja.

II

QUE SIGNIFICA A CATOLICIDADE DA IGREJA

A) A verdadeira Igreja de Cristo é católica, quer dizer, não está presa a tal ou tal determinado lugar do mundo, nem está limitada a tal raça ou a tal classe social, mas *conserva-se acima de todas as classes, de todas as raças e de todas as nações, e assim é feita para todos os homens.* S. Paulo assim se exprime a este respeito: "Não há mais nem Grego nem Judeu, nem circunciso ou incircunciso, nem bárbaro ou Cita, nem escravo ou homem livre; mas Cristo está todo em todos" (Colossenses, III, 11).

Só pode ser a verdadeira Igreja de Cristo a que é católica, isto é, que se acha no mundo inteiro. As palavras do Salvador indicam-no claramente: "Ide, ensinai *todas as nações"*. Não pode, pois, ser a verdadeira Igreja de Cristo a que se dirige somente a uma ou outra raça, a que se limita a territórios determinados, porquanto a verdadeira Igreja de Cristo deve achar-se em todos os pontos do globo. Entre nós esta catolicidade existe realmente, pois a nossa Igreja é capaz de satisfazer plenamente as necessidades religiosas de todos os tempos, de todos os povos e de todas as civilizações. Deus deu à nossa religião a capacidade e o poder de tornar-se católica; mas, é a nós que incumbe, por um trabalho missionário que visa a nossa própria formação espiritual, bem como a vantagem e o proveito dos outros, a tarefa de realisar essa possibilidade.

A nossa Igreja é católica, isto é, é bastante rica em bens espirituais para se tornar a pátria espiritual dos indivíduos, de todos os povos, e da humanidade inteira.

Ela faz recrutas sem empregar a força; adapta-se sem nada abandonar dos seus princípios; e em toda parte onde pode desenvolver a sua atividade, cria uma atmosfera vivificante em que desabrocham as flores da mais alta humanidade, e do ideal moral mais belo.

B) *Essa plenitude de vida e essa força de expânsão* que devem ser a consequência da catolicidade, sempre foram as características da nossa Igreja. No passado e no presente, a sua preocupação e o seu cuidado mais caro sempre foram pregar a doutrina de Cristo até os confins do mundo, e à força de atração que irradia dos dogmas e ritos da nossa santa religião, nenhuma raça, nem civilização alguma, puderam opor barreiras.

A Igreja Católica não pode sufocar em si essa força de expansão. Perpétuamente ativa, ela é movida pelo santo desejo de distribuir aos povos cada vez mais, o tesouro da verdade cristã que os fará felizes. *Esse instinto missionário, essa convicção de possuir a verdade,* são as provas de que vive realmente nela a ordem de Cristo: "Ide, ensinai todas as nações".

Seria agora mister contar toda a história da propagação do cristianismo, para provar a minha afirmação. Mas quem, numa breve instrução, poderia empreender o resumo dessa soma de sacrifícios, de dinheiro e de vidas, desse heroismo e dessa abnegação, desse sangue, dessas lágrimas e dessas privações de que se compõem os dezenove séculos de atividade missionária da Igreja Católica? Afora Deus, que tudo sabe, quem saberá quantos sacrifícios sobrehumanos foram precisos até que as hordas selvagens das invasões bárbaras curvassem a cabeça orgulhosa ao jugo suave de Cristo! Que não custou a S. Patrício a conversão da Irlanda, a Santo Agostinho a conversão dos Ingleses, a S. Bonifácio a conversão dos Alemães, a Santo Estevão a conversão dos Húngaros? A

História universal consagra páginas de elogios aos soberanos que conquistaram reinos. A conquista de continentes inteiros, é porem pouca coisa ao lado da conquista das almas realizada pelos missionários católicos!

C) Mas não nos detenhamos apenas a consignar esse fato grandioso; escutemos tambem *a advertência que ele nos faz ouvir.*

a) Meus irmãos, rejubilamo-nos por sermos católicos? Ufanamo-nos do titulo de católicos? Muito bem. Mas agradecemos tambem a Deus o sermos, consoante a palavra de S. João, "colaboradores da verdade" (III.ª S. Jo., 8)? Ajudamos nós a difundir a fé católica, *auxiliamos as missões?* Como podemos favorecer o grande desejo do coração de Cristo, o seu pensamento mais caro, a extensão da sua Igreja?

Si pudermos, auxiliemos financeiramente as missões. Si não o pudermos, então rezemos muito pelas missões, façamos muitas boas obras e mortificações, ofereçamos nossas penas, suportadas com alma serena, afim de que a Igreja de Cristo se difunda sempre mais, pelo mundo inteiro, e para que o carater católico da Igrèja seja posto cada vez mais, em relevo.

b) Mas devemos tambem efetuar outra gravíssima advertencia: *Sejamos tambem missionários das nossas almas. Trabalhemos por instaurar cada vez mais o reino de Cristo em nossas almas.* 1. Não sejais católicos só no exterior, mas tambem interiormente. 2. Não sejais católico mortos, mas católicos vivos.

1. *Não sejais católico apenas de fachada.*

Depois da instrução anterior, recebi uma longa carta de um Indú de Calcutá. Nessa carta faz-nos ele severas censuras por querermos converter os pagãos ao cristia-

nismo, quando os cristãos são piores que eles. E argumenta com a degradação moral que se pode ver nas nossas grande cidades.

Meus irmãos, quem não se sentiria comovido com a leitura de semalhante carta? Sabeis porque são possiveis cartas como essa? E' porque vivem entre nós muitos católicos *de fachada*, aos quais se dá o nome de católicos, mas cuja vida é uma vergonha para o catolicismo. Entretanto, segundo Nosso Senhor, assim como o levedo faz levedar *toda* a massa, assim tambem o Evangelho deve transformar *toda* a vida do homem. Os médicos prescrevem pomadas "para uso externo", mas o catolicismo não é só para uso externo. Deve agir sobre o interior, sobre toda noss'alma.

2. E eis aquí a segunda advertência. *Não sejais católicos mortos.* O Apocalipse fala-nos dum estado em que os cristãos julgam viver, quando na realidade estão mortos (Apoc. III, 1). Quem não vê a quantos homens, hoje em dia, se aplica esta passagem da Sagrada Escritura?

Aquele que crê tudo quanto Deus revelou e que a Igreja ensina, — esse ainda não é um católico vivo. Que é então o católico vivo?

Há um livro de Santo Agostinho que traz este título curioso: *"De agone christiano"*, "O combate cristão". A nossa vida, efetivamente, é uma luta, uma guerra perpétua. Com quem? Com o mundo e conosco mesmo. Só é católico vivo, aquele que combate.

Dois mundos lutam dentro de nós. E cada passo que damos para Deus, exige um esforço. Quanto mais caminhamos para Deus, tanto mais o sangue, a carne, o corpo gritam e choram em nós — sentem que são vencidos.

Em seguida a estas reflexões, já podemos julgar o que Nosso Senhor Jesús-Cristo pensa do católico tíbio.

Daquele que não renega a fé, mas não a sustenta. Daquele que é católico pela certidão de batismo, mas não o mostra, de maneira alguma, na vida. "Conheço as tuas obras; — lemos no Apocalipse — não és nem quente nem frio. Si ao menos fosses frio ou quente! Mas porque és morno e não és nem frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca" (Apoc., III, 15-16).

Dante desce ao inferno. Quem é que encontra em primeiro lugar entre a "perdita gente" que vaguea lamentosamente por uma noite sem estrelas? Os anjos que ficaram neutros quando Lúcifer se revoltou contra Deus. Eles não foram infiéis a Deus, mas tambem não se colocaram do lado de Deus. "Aguardemos quem vencerá". E Dante coloca-os em primeiro lugar no inferno. Mas certamente ele poderia ter posto ao seu lado os homens que na terra não eram incrédulos, mas tambem não eram católicos vivos e fervorosos, e sim católicos tíbios, de fachada, de nome, contribuindo para que os não-cristãos formassem uma concepção falsa da religião de Cristo.

III

O QUE NÃO SIGNIFICA A CATOLICIDADE DA IGREJA

Esta instrução ficaria incompleta, se eu não esclarecesse mais outra idéia: especialmente, o que o termo católico *não* significa.

A) Na vida material, toda força, todo desenvolvimento e toda vida dependem do sol, — e nem uma raça nem uma classe social podem reservar só para si o sol. Assim tambem, a religião de Cristo, sol da vida da alma, não pode ser considerada como a propriedade de tal ou

tal raça, mas deve manter-se acima de todas as nações. *Desde que alguem fale duma "igreja nacional", está em contradição com o desígnio de Cristo.* A verdadeira Igreja de Cristo não pode ser nacional, não pode ser uma Igreja húngara ou alemã ou suissa ou italiana, mas é simplesmente "católica", isto é, "universal". E' por isto que nós, católicos, não dizemos que temos a "religião nacional", húngara, italiana ou outra; — somos simplesmente da "religião de Cristo".

"Então vocês católicos são internacionais. Católico quer dizer internacional" — objetam-nos. Ora, isso não é exato. *Católico quer dizer "supernacional".* Isto quer dizer que a religião de Cristo não é para uma só raça, para um só povo, mas para todos, para a humanidade inteira. A civilização helênica era unicamente para os Gregos, a religião judaica unicamente para a raça judia, o Islam para os Turcos, a religião de Confúcio para os Chineses... mas a religião de Cristo é para todos os homens. Eis o que significa o supernacionalismo da Igreja Católica.

B) Mas, em compensação, devemos acrescentar que o supernacionalismo da Igreja Católica *não suprime os traços particulares, os valores pessoais e caraterísticos das nações.* Que haja tantos homens, tantos povos, tantas nações, corresponde ao plano do Creador, a Igreja não pode pois deixar de tê-lo em conta. Bem longe de suprimí-los, ela auxilia o desenvolvimento dos verdadeiros valores e do verdadeiro patriotismo de cada povo. Posso, pois, ser o melhor cidadão da minha pátria, e ao mesmo tempo o melhor católico; e, por sua vez, o meu próximo, que pertence a outra raça ou a outra nação, pode ser o melhor filho do seu povo, e o melhor membro da Igreja Católica, que se mantem acima dos povos.

Vede uma floresta imensa. Como ha nela árvores de toda especie! Pinheiros esbeltos, carvalhos frondosos, pequenos arbustos, relva, flores, e todos têm a sua tarefa na vida da natureza; diferem na forma, no crescimento, nas folhas, nas flores, nos frutos; — mas sobre eles todos brilha, com o mesmo sorriso, o sol vivificante que os ajuda a cumprir a sua tarefa particular. Assim tambem, a Igreja faz luzir a doutrina de Cristo sobre a imensa diversidade dos povos do mundo, e congrega-os todos, na vasta unidade do catolicismo.

C) Depois disto, toda gente deveria ver que é perder seu tempo e entregar-se a um jogo de palavras o perguntar-nos com ar superior: "Vós outros católicos, que sois primeiro: *húngaros, franceses, ingleses, etc., ou católicos?* A quem mais amais: *à pátria ou à Igreja Católica?*"

Que pergunta frívola e vazia! E' como si me perguntassem: A quem tendes mais amor, a vosso pai ou a vossa mãe? Qual dos pés si preciso, mandaríeis cortar, o direito ou o esquerdo?

Não. Amo a meus pais com um mesmo amor. Não quisera tão pouco mandar cortar um pé de preferencia a outro.

Quantas vezes ouvimos pessoas superficiais fazer-nos esta censura: "Vós cidadãos católicos nacionais, não sois bons patriotas, porque obedeceis a um homem que não é do vosso país, o papa". E' certo, o papa não é nacional. Nosso Senhor Jesús-Cristo tambem não era nosso compatriota. E por isso não me envergonho de obedecer a Nosso Senhor Jesús-Cristo, e ao Seu representante.

Não é uma coisa curiosa a seguinte? Podeis vestir seda francesa, fumar cigarros turcos, podeis comer uvas da Espanha e tâmaras da África, podeis obedecer à Gran-

de Loja maçônica de París — e nem por isto dirão que sois um mau cidadão do vosso país. Mas, si nas questões religiosas nos apegamos àquele que Cristo pôs à testa da Igreja, então devemos corar, então já não somos bons cidadãos da pátria!

Mas eu não amo o papa só porque sou católico; respeitá-lo-ia e estimá-lo-ia mesmo si não o fosse, simplesmente como cidadão do meu país. Respeitá-lo-ia, porque conheço a história das nações e sei o que elas devem ao papa "estrangeiro".

Nós, húngaros, devemos-lhe os primeiros missionários de alma ardente, cujas palavras fizeram curvar as cabeças dos nossos altivos antepassados ao jugo suave de Cristo.

Devemos-lhe a santa coroa que o papa Silvestre mandou ao nosso primeiro rei, Santo Estevão, e essa força construtiva que, há perto de mil anos, irradia sôbre nós, da santa coroa.

Devemos-lhe as ordens religiosas que habituaram o nosso povo nômade à vida sedentária, à agricultura, à indústria, e lhe deram instrução.

Devemos aos papas o auxílio pecuniário e moral inapreciavel, pelo qual só ele nos veio em socorro, por ocasião do desastre nacional. Deveriamos então envergonhar-nos dos papas, de quem a nossa nação recebeu apoio material e moral, dinheiro, afeto, consolo no correr dos séculos, como jamais o obteve de outrem?

E nós, católicos do mundo inteiro, devemos-lhe o amor dos pais e do próximo, a disciplina moral, a pureza de coração, a fidelidade conjugal, a equidade mútua, a submissão da nossa vontade à vontade de Deus, devemos-lhe a moral, a honestidade, a fidelidade ao dever, virtudes que a nossa santa religião não cessa de ensinar aos povos, fortalecendo-os assim nas fontes da sua energia.

Não nos esqueçamos duma coisa: um povo pode viver sem canhões e sem metralhadoras, mas não pode viver sem moral, sem honestidade, sem fidelidade e sem amor ao trabalho; — ora, *a fonte primária e o alimento de todas essas virtudes é a nossa santa religião católica.*

Devemo-nos então envergonhar do catolicismo, ou, antes, devemo-nos orgulhar da santa Igreja e repetir frequentemente, com ufana convicção, esta bela frase de *S. Cipriano,* que ele escrevia no seculo III°: "Christianus mihi nomen, catholicus cognomen", "Cristão é o meu nome, e católico o meu sobrenome".

* * *

Meus irmãos, todo dia recitamos no Credo: "Creio na Igreja católica"; mas acaso nos esforçamos tambem por compreender o que quer dizer ser católico?

Que quer dizer ser católico? Quer dizer que não estou só, que não rezo só, que não combato sózinho.

Que quer dizer ser católico? Quer dizer que participo do corpo místico de Cristo e de todas as forças vivificadoras que o Coração de Cristo derrama na sua santa Igreja.

Que quer dizer ser católico? Quer dizer viver na terra, com Cristo perpétuamente vivo no meio de nós na terra, e a quem podemos ver e ouvir na Igreja.

Que quer dizer ser católico? Quer dizer que podemos aplicar à nossa Igreja como a nós mesmos, o salmo XXII: A Igreja "é meu guia e nada me faltará. Colocou-me em pastos ervosos, e mansamente me conduz a mui quietas aguas; refrigera minha alma; guia-me por veredas de justiça para gloria do seu nome. Ainda que andasse pelo vale sombrio da morte, não temeria mal algum, porque estais comigo".

No túmulo do grande bispo de Genebra *Mons. Mermillod,* acham-se estas simples palavras: "Dilexit Ecclesiam", "Amou a Igreja". Será que eu tambem amo a minha Igreja católica? Sou um bom filho para ela?

Um bom filho não suporta que alguem calunie sua mãe, fale mal dela e a critique sem respeito. Um bom filho não resiste às ordens de sua mãe, mas cumpre com alegria todas as suas ordens, sem exceção.

Porventura amo assim a minha Igreja? Acaso obedeço-lhe e me conservo corajosamente a seu lado? Acaso reivindico corajosa, altivamente, meu nome de católico-romano?

Os naturalistas fizeram ultimamente uma curiosa descoberta: as lebres aumentam, os leões diminuem. *Mas nós meus irmãos, não queremos ser lebres covardes, renegando nossa Igreja, queremos ser leões corajosos, confessando altivamente o nosso catolicismo.* Amém.

V

A IGREJA DE CRISTO É APOSTÓLICA

Um embaixador da França na Inglaterra caíra gravemente doente em Londres. Um após outro, vinham os amigos visitá-lo e consolá-lo. Um dos seus amigos anglicanos fez-lhe esta curiosa pergunta: "Você não tem medo de morrer aquí? Si o enterrarem aquí, metê-lo-ão num túmulo no meio dos hereges..."

Mas o doente deu esta resposta magnífica: "Absolutamente não tenho medo. Pedirei que cavem meu túmulo um metro mais abaixo: estarei então no meio dos católicos..."

Na verdade, uma resposta bem justa. Hoje em dia — ai! — há 300 seitas cristãs pelo mundo, e cada qual reivindica a Cristo; mas, si cavarmos apenas um pouco mais fundo na História, encontraremos por toda parte a Igreja católica. Si cavarmos 500 anos para trás, acharemos que não havia então 300 espécies de cristãos, mas apenas duas: quem era cristão, era ou católico-romano, ou grego-oriental. Si recuarmos 1.000 anos, então não encontramos mais que um só cristianismo: a Igreja Católica Romana. Não há outra religião cristã que remonte a além de 1.000 anos, e, além de 1.900 anos, até os apóstolos, até Nosso Senhor Jesús-Cristo. Hoje em dia, há na terra cerca de 300.000 sacerdotes católicos, mas cada um

dêles recebeu seus poderes, sua dignidade sacerdotal, do seu bispo, que por sua vez os recebeu dos seus predecessores, e, assim por diante, até os apóstolos. Atualmente é o 262º papa que reina na terra, mas os seus poderes remontam, por uma cadeia ininterrupta, até o primeiro papa, S. Pedro. .

Essa apostolicidade é a força imensa da Igreja Católica, é a quarta marca da verdadeira Igreja de Cristo. I. *Que entendemos por apostolicidade da Igreja?* — tirar a limpo esta questão será a primeira tarefa da presente instrução; *II.* Em seguida estudaremos *as dificuldades que podem surgir em conexão com a apostolicidade da Igreja.*

I

QUE ENTENDEMOS PELA APOSTOLICIDADE DA IGREJA?

A expressão "apostolicidade" significa três coisas: *A*) Significa que *nossos bispos e nossos padres atuais são sucessores dos apóstolos; B*) Em seguida significa que *o ensino da Igreja atual é o mesmo que o da Igreja apostólica; C*) Enfim, *os sacramentos, que utilizamos hoje em dia, são os mesmos que os da Igreja apostólica.*

A) O termo "apostólico" quer portanto dizer, primeiramente, que os *chefes da nossa Igreja são sucessores dos apóstolos.*

a) Antes de tudo, é uma verdade histórica, indiscutivel, que Cristo deu a S. Pedro o governo da Igreja, que S. Pedro morreu em Roma, e que, desde esse tempo, os papas de Roma lhe têm sucedido sem interrupção. Desde que Cristo deu a S. Pedro as "chaves do reino dos céus",

isto é, o poder supremo, essas chaves há dezenove séculos vem sendo transmitidas de mão em mão, na série dos 262 papas, e continuarão a sê-lo até que, no dia do Juizo Final, Nosso Senhor retome ao último papa, o poder assim confiado. *O papa atual é, pois, o sucessor de S. Pedro.*

Mas, assim como os papas são os sucessores de S. Pedro, assim tambem os *bispos são os sucessores dos outros apóstolos.* "Assim como o Pai me enviou, eu tambem vos envio" — disse Nosso Senhor a seus apóstolos (S. Jo., XX, 21). Os apóstolos transmitiram essa missão aos bispos, impondo-lhes as mãos, como S. Paulo o relembra nas suas epístolas (I Tim., V, 22; II Tim., I, 6). E, por essa série ininterrupta de imposições das mãos, os poderes de todos os bispos, atualmente em vida, remontam aos apóstolos, e a Cristo que enviou estes últimos. Por sua vez os bispos, na ordenação, impõem as mãos aos futuros sacerdotes, e temos assim o direito de dizer que *toda a autoridade da nossa Igreja remonta aos apóstolos e dos apóstolos a Nosso Senhor Jesús-Cristo,* que dissera: "Assim como o Pai me enviou, eu tambem vos envio" (S. Jo., XX, 21).

A apostolicidade da Igreja quer, portanto, dizer que Cristo conferiu seu poder aos apóstolos, e, assim, êste poder não pode encontrar-se hoje em dia sinão na religião, cujos bispos e sacerdotes podem fazer remontar a sua árvore genealógica até os apóstolos.

Ora, os bispos e os sacerdotes da Igreja Católica receberam os seus poderes, por uma cadeia ininterrupta, dos seus predecessores, e essa cadeia remonta até os primeiros apóstolos.

b) Desse fato decorre uma importante verdade. *A história da Igreja inicia-se com os apóstolos.*

E' uma exigência natural, para com a verdadeira Igreja de Cristo, que a sua história remonte até Cristo.

Si Cristo ressuscitado, quando deixou a terra há dezenove séculos, disse aos seus apóstolos: "Ide, ensinai todas as nações", então é claro que a Igreja de Cristo deve ter 19 séculos.

Interroguemos agora as 300 seitas cristãs do mundo, que pretendem, todas, ser a religião de Cristo, si alguma delas ousa afirmar que tem 19 séculos! Não há uma unica a não ser a Igreja Católica.

A cada passo, novas seitas cristãs surgem em torno de nós, e pelas suas doutrinas contraditórias corrompem dolorosamente a santa fé cristã. Batistas, Metodistas, Adventistas, Nazarenos, Quakers... quem poderia dar o nome de todas essas 300 seitas? Perguntemo-lhes porém: Há quanto tempo existis? E escutai a resposta: Desde ontem, há um mês... há dez anos... há cincoenta anos. Apenas? Não é suficiente. A verdadeira Igreja de Cristo deve ter 1.900 anos.

Interrogai as declarações religiosas que se apartaram da árvore da Igreja por ocasião da tempestade do século XVI: "Há quanto tempo existis?" — "Há 400 anos". — "Só? Não é bastante. A verdadeira Igreja de Cristo deve ter 1.900 anos".

Interrogai os Gregos-Orientais que se separaram de Roma no século IX: "Que idade tendes?" — "Mil anos". — "Só? Não basta".

E agora interrogai a Igreja Católica. Só ela ousa dizer: Tenho 1.900 anos.

"A Igreja descende dos apóstolos, os apóstolos descendem de Cristo, e Cristo de Deus" — já dizia, com lapidar concisão, *Tertuliano* no seculo IIº (De præscriptione, 37).

Quando o conde *Stolberg* voltou à fé católica, um príncipe alemão fez-lhe esta censura: "Não gosto dos que mudam de religião". — "Nem eu tão pouco, — respon-

deu o conde, — e si meus antepassados não tivessem abandonado a sua antiga religião, eu não teria sido obrigado agora, a voltar a ela".

B) Mas o termo "apostólico" significa ainda mais. Significa que *o ensino da Igreja Católica é o mesmo que o da Igreja do tempo dos apóstolos.*

Quem visitou as catacumbas romanas, aqueles longos corredores subterrâneos onde nos primeiros séculos os cristãos enterravam os seus mártires, não precisa longas explicações para compreender que a nossa fé é, hoje, a mesma daquele tempo. Ali, cada pedra, cada tumba, cada inscrição proclama a antiguidade da religião católica atual.

Não temos que temer ante estas severas palavras de S. Paulo: "Quando nós mesmo, ou um anjo vindo do céu vos anunciasse outro evangelho que não o que havemos anunciado, seja anátema!" (Gálatas, I, 8). Que é que prega ainda hoje a Igreja Católica? O que está no Símbolo dos Apóstolos; e a Igreja primitiva pregava a mesma coisa. Efetivamente, trata-se da doutrina dos evangelhos escritos pelos apóstolos de Cristo.

O ensino atual da Igreja é essencialmente o mesmo que o da Igreja dos tempos apostólicos. O que nele achamos a mais, o que não estava na Igreja primitiva — por exemplo, a síntese sistemática do dogma, os ritos e os exercicios de devoção — tudo isso é o resultado dum desenvolvimento natural, e não duma falsificação, por menor que seja, do cristianismo primitivo; tal como um carvalho frondoso e centenário não é a falsificação, mas o desenvolvimento natural, duma bolota lançada na terra cem anos atrás. Com efeito, o próprio Nosso Senhor anunciara-o, dizendo que o grãozinho de mostarda se tornaria uma grande árvore, debaixo da qual folgariam e repousariam as aves do céu, isto é, os povos da terra.

Enquanto tudo muda em redor de nós, enquanto tudo vacila, com uma imutabilidade imponente, a Igreja Católica e Apostólica conserva sem alteração nem modificação a doutrina original de Cristo.

Dava, pois, resposta exata aquela senhora que se convertera ao catolicismo e a quem uma amiga dizia: "Eu por mim, quero morrer na fé de meus pais". — "E eu na fé dos meus antepassados", foi a espirituosa resposta.

C) Mas o termo "apostólico" tem ainda outro sentido. Quer dizer que não só a nossa fé é a mesma que a da Igreja dos apóstolos, mas tambem que os nossos sacramentos são os mesmos. *Os sacramentos que recebemos hoje, já eram dados pela Igreja apostólica.*

a) *Sim, os nossos sete sacramentos são os mesmos.*

A Igreja apostólica conheceu o batismo? Quem ousaria negá-lo? Cristo não deu, porventura, este ensinamento: "Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Padre, do Filho e do Espírito-Santo" (S. Mt., XXVIII, 19)? Lemos, a respeito do diácono Filipe, que ele deu o batismo em Samaria (At., VIII, 12), que batizou um funcionário da rainha da Etiópia (At., VIII, 38). Lemos ainda nos Atos dos Apóstolos (IX, 18) que S. Paulo foi batizado. "Nós todos que fomos batizados em Jesús-Cristo, foi na sua morte que fomos batizados" (Rom., VI, 3). E o próprio S. Paulo batizava ou mandava batizar os que acreditavam na sua pregação (At., XVI, 15, 33; XVIII, 8; XIX, 5; I Coríntios, XIV, 16).

A Igreja primitiva conheceu a confirmação? "Os apóstolos que estavam em Jerusalem, tendo sabido que a Samaria recebera a palavra de Deus, a ela enviaram Pedro e João. Estes, chegados ao meio dos Samaritanos, oraram por eles, afim de que recebessem o Espírito-Santo. ...Então Pedro e João impuseram-lhes as mãos, e eles receberam o Espírito-Santo" (At., VIII, 14-17).

A Igreja dos apóstolos conheceu a Eucaristia, a santa missa e a comunhão? "Prove-se cada um a si mesmo, e assim coma desse pão; porque quem come e bebe indignamente, come e bebe a própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor" (I Coríntios, XI, 28-29).

Conheceu ela o sacramento da penitência? E como?! Sob uma forma bem penosa: sob a forma da confissão pública.

Conheceu a extrema-unção? "Acha-se entre vós alguem enfermo? chame os sacerdotes da Igreja, e eles orarão junto ao doente, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o doente, e o Senhor restabelecê-lo-á, e si ele cometeu pecados, ser-lhe-ão perdoados" (S. Tg., V, 14-15).

Conheceu o sacramento da ordem? "Reanima em ti a graça de Deus que recebeste pela imposição das minhas mãos" (II Tim., I, 6).

Conheceu o sacramento do matrimônio? "O homem deixará seu pai e sua mãe para ligar-se a sua mulher, e de dois se tornarão eles uma só carne. Este mistério é grande" (Efésios, V, 31-32).

Eis aí o que significa a "apostolicidade" da Igreja. Quer dizer que ainda hoje os sacramentos são os mesmos que no tempo dos apóstolos.

b) *"Mas porque há necessidade de sacramentos e de intervenção da Igreja"* — poder-se-ia perguntar. "Porque não posso entrar em comunicação com Deus sem intermediário, diretamente?"

Porque não é a nós, mas a Deus, que pertence regular como Ele quer entrar em comunicação conosco. Cristo incarnou-se uma única vez, o Espírito-Santo desceu uma única vez, sob forma visivel, sobre os apóstolos; por isto, quem quiser agora viver em união com Cristo, com o Espírito-Santo, deve juntar-se àqueles que viram a Cristo e

receberam o Espírito-Santo. Poder-se-ia, do mesmo modo, perguntar por que é que Deus não nos dá imediatamente a vida. Deus só criou diretamente o primeiro casal humano; para dar a vida aos outros homens, pede Ele a colaboração dos pais; assim tambem, Cristo e o Espírito-Santo só se revelaram diretamente uma única vez, aos apóstolos, e os demais homens só têm comunicação com Eles pelos apóstolos.

Cristo deu aos apóstolos diversos poderes, e ninguem os recebe, sinão aqueles a quem os apóstolos os transmitem. Só pode, pois, ser a verdadeira Igreja de Cristo, a Igreja que recebeu, pelos apóstolos, o contacto com Deus, com Cristo, e a força do Espírito-Santo.

A apostolicidade da Igreja assegura a continuidade histórica da união em Cristo, de maneira que a nossa Igreja, no seu desenvolvimento pacífico e orgânico, pode haurir constantemente em Cristo uma seiva vivificante.

II

DIFICULDADES CONEXAS À APOSTOLICIDADE DA IGREJA

Mas, em conexão com a apostolicidade da Igreja, podem surgir duas graves dificuldades, que não temos o direito de deixar de lado nesta nossa instrução. Ambas podem causar perturbação nas almas, é melhor encará-las de frente.

A) Si a Igreja remonta inteiramente à época longínqua dos apóstolos, não têm então razão os que acusam a Igreja de ser demasiado antiga, atrasada, ultra-conservadora, de não saber compreender a vida humana atual, de não estar adaptada aos tempos modernos? *A Igreja*

não é demasiado antiga, e incapaz de resolver os problemas dos tempos modernos?

A nossa resposta será que a verdadeira religião de Cristo deve ser velha e moça ao mesmo tempo.

a) Cumpre que a verdadeira Igreja de Cristo seja velha.

As antigas casas de comércio inscrevem ufanamente na sua porta de entrada a data da sua criação. "Fundada em 1900", lê-se às vezes na taboleta. E as pessoas dizem consigo: "Esta casa existe há 39 anos, pode-se comprar nela com confiança". Sabeis, porém, o que é que está inscrito à entrada da Igreja Católica? "Fundada no ano 33". Ela existe, pois, há 1906 anos; existe desde a época de Nosso Senhor Jesús-Cristo; pode-se, pois, ter confiança nela.

b) Mas, por outro lado, cumpre tambem que a Igreja de Cristo seja jovem, duma juventude cheia de força, pois Cristo prometeu que sua Igreja existiria até o fim do mundo (S. Mt., XXVIII, 20). E justamente porque Cristo eterno vive na Igreja, a velhice da Igreja não significa falta de força, e a apostolicidade da Igreja não significa fraqueza.

E' a verdade que a árvore da Igreja, velha de 1906 anos, é cheia de vida, e que a Igreja se interessa pelas questões angustiosas dos problemas mais modernos, coisa de que poderiamos citar aqui uma multidão de exemplos, si fosse necessario.

Citaríamos as mais recentes encíclicas pontifícias, nas quais a Igreja projeta a luz eterna do evangelho sobre os problemas morais e sociais mais novos; e não somente ela toma posição nas questões mais modernas, mas fá-lo com uma ousadia e uma decisão que não podem brotar sinão da plena convicção da sua força invencível.

A Igreja sabe que, no decurso de 19 séculos, tem sustentado vitoriosamente todos os assaltos possíveis, e esta convicção dá-lhe essa tranquilidade superior que ela manifesta mesmo nas situações mais críticas e que nos faz sentir o sopro sereno da eternidade, que paira acima dos anos. Sim, a Igreja é conservadora nos limites necessários, mas, em compensação marcha tambem com o progresso onde quer que seja possivel. Os missionários não chegam mais às terras longínquas em naus à vela, mas em vapores ou em aviões. O papa serve-se do rádio para transmitir suas instruções às nunciaturas em todos os cantos do mundo. E os sermões, em vez de se dirigirem unicamente à assistência, são transmitidos, pelo rádio, a centenas de milhares de ouvintes distantes.

Quantas ordens religiosas novas vemos em formação, as quais têm em conta as necessidades espirituais modernas! Assim, por exemplo, foi fundada, não faz muito tempo, em Viena, uma congregação completamente nova, a "Congregação das Vitimas de Jesús", a qual não possue convento particular, mas cujas religiosas habitam, em pequenos grupos, nas casas baratas da cidade, nas vilas operárias, em barracas, no meio dos operários afastados da religião e aí cuidam das crianças e dos pobres, dirigem para o céu os olhos dos homens mergulhados na maior miséria.

Em verdade, si bem que a Igreja remonte ao tempo dos apóstolos e já seja velha, não é antiquada; si bem que apostólica, não está caduca.

B) Pode-se, porém, relativamente à apostolicidade da Igreja levantar ainda uma dificuldade mais importante, que tambem queremos encarar aquí. Quantas vezes os ignorantes nos fazem a censura de que *a religião católica atual não é mais a que era no tempo de Nosso Senhor Jesús-Cristo!* "Cristo não conheceu essa imensa hierar-

quia que está agora implantada no mundo inteiro: os cardiais, os arcebispos, os bispos, os padres, os religiosos, as religiosas não existiam na época de Cristo. E as numerosas festas, as relíquias, as peregrinações, as ladainhas, as cerimônias... tudo isso não existia na época de Cristo. Como então a Igreja Católica pode dizer que é apostólica?"

Quantas vezes ouvimos essa censura, — e que lhe respondemos?

a) Naturalmente devemos reconhecer o que há de verdade nessa objeção. E' verdade que na nossa Igreja podemos achar hoje em dia muitas cerimônias, disposições disciplinares, e instituições, que realmente não existiam no tempo de Cristo, mas que são o resultado duma evolução. Com efeito, — e é este o ponto capital na questão, — *todas essas coisas não são uma construção artificial mas uma evolução natural.* Um desenvolvimento natural do grão de mostarda que Cristo semeou e que cresce e se desenvolve nos diferentes países, e entre os povos mais diversos em meio às circunstâncias culturais e políticas mais variadas, e se adapta a elas. Ela não cede nada da sua essência, mas adapta-se às coisas exteriores. E o que mostra a sua força vital é ser ela capaz, em qualquer época, de satisfazer as necessidades espirituais mutáveis de todas as nações, sem ser obrigada a renegar o que quer que seja da sua essência própria.

b) *A Igreja tem, pois, mudado em muita coisa* — dizem alguns.

Mudado? Dizei somente em que foi que ela mudou?

Em muita coisa. Nos ritos, nos costumes, nas leis. O jejum atual é diferente do que era outrora, as festas tambem são diferentes.

Tudo isso é verdade. Mas *é o mero invólucro da religião.* Acaso mudais, quando trocais de roupa?

c) Mas há tambem mudanças na doutrina, e não somente no aspecto exterior, dir-se-ia talvez. O Símbolo dos Apóstolos era mais curto outrora do que hoje. Foi mais tarde que o alongaram. E mesmo aquele que o padre diz na missa é bem mais comprido do que o recitado pelos fiéis. Há mesmo o que chamam a profissão de fé do Concílio de Trento, e que é pelo menos, cinco vezes mais longa do que o Símbolo dos Apóstolos.

E' assim que argumentam alguns. E tudo isso tambem é verdade. E, no entanto, daí não resulta alteração nem modificação alguma.

Que houve então? Houve que primitivamente só existia o símbolo mais curto, que agora chamamos "símbolo dos apóstolos". Mas depois apareceram hereges cujos erros obrigaram a Igreja a insistir mais em um ou outro dogma, e a alongar o primeiro símbolo, que era mais curto. Esses acréscimos versaram justamente sobre os pontos atacados pelos hereges.

A Igreja, assim, fortificou e estendeu o Símbolo no curso das idades, nos pontos onde os hereges a atacavam.

d) *Mas contudo, hoje temos mais dogmas do que dantes* — insistem outros. Na realidade, eles são a eflorescência da fé cristã primitiva, tal como a flor é a eflorescência do botão da árvore.

Quando um homem de 40 anos olha uma fotografia da sua infância, junta as mãos com admiração: Sou mesmo eu? Na realidade, é ele mesmo, tal qual era antes. O exterior, os traços, os cabelos, a roupa são diferentes de há 40 anos, mas as partes essenciais são as mesmas: o coração é o mesmo, um pouco maior; os pulmões, os olhos, a boca, o cérebro são os mesmos, apenas se desenvolveram completamente.

O mesmo sucede com a nossa Igreja, idosa de 1906 anos. Há 19 séculos ela se compunha apenas de duzentos ou trezentos homens; hoje, tem 360 milhões. É, pois, natural que a Igreja, que cresceu imensamente, seja hoje, no exterior, nas vestes, nas festas, nos ritos, nas práticas de devoção e numa multidão de coisas, diferente da Igreja dos apóstolos, que não contava mais do que algumas centenas de fiéis; mas ficou sendo a mesma na sua substancia: ela está edificada na mesma pedra que outrora, tem a mesma fé que então; tem os mesmos sacramentos. E é o que nós proclamamos quando dizemos: "Cremos na apostolicidade da Igreja".

* * *

Meus irmãos, um dia no parlamento inglês um adversário político apostrofou Daniel O'Connel, o grande homem de Estado irlandês: "Papista!"

O herói da liberdade da Irlanda respondeu incontinente: "Julga v. ex. haver-me ofendido chamando-me papista, e não sabe quanto me honrou. Efetivamente, sou papista, e folgo de sê-lo: porque esse termo "papista" significa para mim que a minha religião remonta, pela cadeia ininterrupta dos papas de Roma, até Jesús-Cristo, ao passo que a fé de v. ex. não vai mais longe do que a Henrique VIII e Isabel".

Em verdade, irmãos, si sou católico, tenho 19 séculos. Si sou católico, conservo-me sobre o rochedo de Pedro. Si sou católico, estou seguro na minha fé. Si sou católico, posso repetir com ufana alegria, as magníficas palavras pronunciadas, não há muito, num congresso católico pelo conde *Alberto Apponvi*, e que foram reproduzidas na sua notícia fúnebre: "Sinto que, pela graça de Deus, habito numa fortaleza de que as portas do inferno jamais

poderão triunfar; sinto a proximidade da fonte inexaurivel das graças que elevam a fraqueza humana, que a auxiliam nos combates da vida, e suprem a insuficiência das forças humanas; quando tudo vacila em torno de mim, sinto um terreno firme debaixo dos pés; quando tudo parece cair nas trevas, sinto brilharem sobre nós os raios da verdade eterna; ouço, em meio ao ruído das opiniões passageiras, as promessas de vida eterna que Nosso Senhor Jesús-Cristo confiou à sua Igreja, nela as conserva intactas, e por seu intermedio as faz chegar a todos nós".

Senhor, agradeço-vos por poder ser membro da Vossa Igreja una, santa, católica e apostólica. Amém.

VI

"TÚ ÉS PEDRO..."

Nas quatro instruções precedentes, ocupámo-nos das quatro marcas da Igreja de Cristo, e estabelecemos que a verdadeira Igreja de Cristo devia ser una, santa, católica e apostólica.

Mas a nossa Igreja não se chama sómente Igreja "católica"; é chamada ainda "católica romana", pelo fato de em Roma habitar o seu chefe. E esta consideração conduz-nos à pedra angular, ao rochedo da Igreja, isto é, à instituição mais notavel da história do mundo: ao papado.

O que o papado significa para a Igreja Católica, o que lhe traz de força, de segurança, de unidade e de direção, não é necessário fazê-lo ressaltar perante os fiéis.

Mesmo alguem que não pertença à nossa santa religião, si for um observador imparcial da História, será obrigado a reconhecer naquele trono sem igual, de 19 séculos de idade, a aparição mais imponente da História universal: esse fenomeno único, desse trono que se ergue, desde o tempo de Nero, entre nós com uma solidez inabalavel, enquanto as tempestades da História elevam e fazem desaparecer povos e dinastias. Ora, o papado sempre representou um símbolo, que tem suscitado con-

tra ele a hostilidade e os ataques reunidos dos maus, — e no entanto ele ainda está de pé. O papado nunca cedeu nem abandonou coisa alguma dos seus princípios, não fez conchavos — e no entanto ainda está de pé.

Está de pé porque não foi um homem que o fundou, mas o Filho de Deus, que lhe fixou os fins para os quais ele deve subsistir, enquanto houver um homem na terra. I. *Cristo fundou realmente o papado?* II. *Com que intuito o fundou?* — tais são as duas questões para as quais procuraremos uma resposta na presente instrução. Porque essas respostas farão compreender a III. *a grande veneração que testemunhamos ao papa.*

I

CRISTO FUNDOU O PAPADO

Nosso Senhor Jesús-Cristo comparou a Igreja a "uma cidade construida numa montanha" (S. Mt., V, 14), portanto visivel a toda gente, — mas uma Igreja visivel precisa de um chefe igualmente visivel. Não se pode, pois, imaginar a Igreja de Cristo sem o papado. *A*) Já se trata dele por ocasião da pesca milagrosa em Genesaré; *B*) Nosso Senhor promete-o a S. Pedro por ocasião da sua profissão de fé em Cesaréia; e *C*) conferelho no decurso da conversa que seguiu a ressurreição.

A) *O Salvador alude ao primado do papa, por ocasião da pesca milagrosa de Genesaré.* No capítulo V do seu Evangelho, S. Lucas relatou o diálogo sublime e comovente entre Nosso Senhor e S. Pedro.

A cena passa-se de manhã muito cedo. O Salvador está em pé na margem do lago de Genesaré; por trás

dele, está o povo que o seguiu e que quer ouvi-lo. Na margem acham-se precisamente Pedro e seus companheiros, descidos da sua barca e ocupados em lavar suas redes. Cristo sobe à barca de Pedro, e de lá ensina o povo; depois, quando termina, diz a Pedro: "Avançai em pleno mar e deitai as redes para pescar" (S. Lc., V, 4). Simão Pedro fica muito admirado dessa ordem estranha. Conhece o seu ofício, pesca há dezenas de anos, toda a sua família e seus próximos tambem são pescadores, mas ele nunca ouviu coisa semelhante: ir pescar em pleno dia? E ao largo? Bem de certo o Mestre não nasceu naquela região, nem à beira dágua, mas bem longe, em Belém; nada de admirar si ele não entende disso... Todavia, é ordem do bom Mestre... cumpre executá-la. Ele sabe o que quer. "Mestre, toda a noite trabalhamos, sem nada pescarmos; mas, na vossa palavra, lançarei a rede".

E Pedro lança a rede. E apanharam tanto peixe que as redes quasi se rompiam. Tanto peixe, que eles tiveram de chamar em auxílio a barca vizinha. Tanto peixe, que as duas barcas ficaram cheias até à beira, e quasi afundavam.

A alma de Pedro fica transtornada. Ele se prostra diante de Jesús, dizendo: Ah! Senhor, como pude duvidar um só instante? Eu hesitava, faltava à confiança, não comprendia, estava na dúvida. Não sou digno de que conteis comigo para vossa grande obra, não sou digno de ser o guia do vosso rebanho. Afastai-vos de mim, Senhor. Sou um homem vulgar, fraco e pecador, e Vós precisais de heróis.

Por sobre as águas do lago tranquilo resvala a confissão de Pedro, comovido até o fundo d'alma; os outros escutam-no em silêncio. Então o Senhor levanta-se, olha Pedro nos olhos e diz-lhe: Mas é a ti justamente que eu quero. Foi por isto que te coloquei no leme, foi por isto que te enviei ao largo, para que sintas a tua própria in-

certeza, a tua própria fraqueza, e saibas com que auxilio, realizarás a grande pesca humana. Olha em torno de ti, Pedro. Vê quantos pescadores trabalham no lago; e quantos pescadores no mar; e em todos os mares do mundo. Mas a ti, estabeleço pescador de homens" (S. Lc., V, 10), não por tua própria força, mas pela minha força, de que te revestirei.

Eis aí a primeira fundação da instituição mais maravilhosa da história do mundo.

B) Isso que Ele então esboça apenas, *Nosso Senhor promete-o nos termos mais claros a S. Pedro por ocasião da sua confissão em Cesaréia.*

Conheceis, todos, essa cena sublime. Na vizinhança de Cesaréia, Nosso Senhor pergunta a seus discípulos o que os homens pensam a seu respeito. Os discípulos enumeram as opiniões do povo. Alguns, entre os Judeus, creem que Jesús é S. João Batista ressuscitado; outros pensam que é Elias, a quem esperavam antes da chegada do Messias, ou Jeremias, ou outro profeta.

Então Cristo dirige-lhes esta pergunta: "E vós, que dizeis de mim? Vós que conheceis bem minhas palavras e meus atos?"

Os apóstolos, desta vez, já não respondem, mas Pedro declara em nome deles: "Sois o Cristo, o Filho do Deus vivo".

Então Nosso Senhor pronuncia as palavras eternamente memoráveis: "Feliz és tú, Simão filho de João, pois não foi a carne nem o sangue que te revelaram isso, porém meu Pai que está nos céus. E eu te digo que tú és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E dar-te-ei as chaves do reino dos céus: e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (S. Mt., XVI, 17-19).

Poderia o divino Mestre ter falado mais claramente?

Cristo compara a Igreja a um edifício e faz de Pedro a sua pedra fundamental. Pedro chama-se originariamente Simão, e foi o próprio Cristo quem lhe deu o nome simbólico de Pedro, quando o encontrou pela primeira vez (S. Jo., I, 42). Colocou nas mãos de Pedro as chaves do edifício, o que significa confiar-lhe o poder total de governar, em virtude do qual pode ele abrir ou fechar as portas do céu segundo os méritos dos homens. "Ligar e desligar" em hebraico equivale a proibir e permitir, condenar ou perdoar; logo, equivale a decretar leis eclesiásticas, a ordenar, a governar sobre a base das leis divinas.

C) O que Cristo prometera a Pedro, ***deu-lho realmente por ocasião da conversa calorosa e íntima*** que houve entre ambos após a ressurreição. Por três vezes o divino Mestre pergunta a Pedro: "Amas-me mais que estes?" Pedro responde com ardor: "Senhor, vós sabeis tudo, bem sabeis que eu Vos amo". E por três vezes Nosso Senhor lhe diz: "Apascenta meus cordeiros"... "Apascenta minhas ovelhas" (S. Jo., XXI, 15-17). Quer dizer, dou-te, confio-te todos os meus discípulos e todos os meus fiéis.

Não há nisso qualquer coisa de surpreendente? Era a S. João que Nosso Senhor mais amava, e no entanto não o faz chefe da sua Igreja. O apóstolo S. Tiago era parente de Nosso Senhor, mas Ele não o escolheu; S. Paulo foi o mais sábio dos apóstolos, mas Ele tambem não o tomou para chefe da sua Igreja. E' como se quisesse proclamar com isso, que nem a amizade, nem o parentesco, nem a ciência, são as bases da Igreja, mas tão somente a proteção da onipotência divina. Quis proclamar que o poder supremo que Ele dava ao papa depende dos méritos pessoais, das capacidades e das virtudes do

papa. Quis proclamar que, assim como a grandeza e a ciência humanas não bastam por si mesmas para o governo da Igreja, assim tambem, nos sucessores de S. Pedro, nem fraquezas humanas, nem defeitos, nem mesmo pecados, serão capazes de fazer vacilar a base do edifício, porque foi Cristo quem o construiu.

D) Depois da instituição do papado por Cristo, basta-nos indicar que, após a ascensão de Nosso Senhor, *S. Pedro exerceu realmente os seus direitos soberanos.* Temos disto abundantes provas.

E' claramente atestado que S. Pedro dirigiu a Igreja, e que, desde os primeiro dias, exerceu o poder como chefe dos apóstolos. Após a Ascensão do Salvador, antes porem, da descida do Espírito-Santo, "Pedro levantou-se no meio dos irmãos" (At., I, 15) e decidiu que se elegeria um novo apóstolo em lugar do traidor Judas. E depois lemos frequentemente, nos Atos dos Apóstolos (II, 14; V, 8; XV, 7I), que ele está na primeira fila, que toma a palavra em nome dos apóstolos e dos fiéis, e decide as medidas necessárias ao governo da Igreja.

Quem quiser conhecer a atividade pontifical de S. Pedro, basta que leia os Atos dos Apóstolos. Quem primeiro pregou, e quem recebeu os primeiros fiéis após a ascensão de Cristo? S. Pedro. Quem, dentre os apóstolos, operou o primeiro milagre, curou o coxo de nascimento? S. Pedro. Quem expulsou da Igreja o primeiro herege Simão Mago? S. Pedro. Quem primeiro visitou as comunidades cristãs da Palestina? Quem recebeu na Igreja o primeiro pagão, o centurião Cornélio? Quem dirigiu o primeiro sinodo apostólico? Sempre S. Pedro.

E' particularmente interessante a marcha desse primeiro concílio. As palavras de um Paulo e dum Barnabé não foram capazes de pôr fim ao debate, foi São Pedro que lhe pôs termo.

Surgira, efetivamente, uma controvérsia entre os primeiros cristãos a respeito da conversão dos pagãos: seria mister fazer passar primeiro pelo judaísmo os pagãos convertidos, e em seguida admiti-los na Igreja? ou podiam ser batizados imediatamente? Tal era a questão sobre a qual os apóstolos discutiram no concílio de Jerusalem. "Tendo-se travado uma longa discussão, Pedro levantou-se e tomou a palavra" (At., XV, 7), — dizem os Atos dos Apóstolos, — e "toda a assembléia guardou silêncio" (At., XV, 12).

E', portanto, compreensivel que a Igreja de Cristo tenha crescido, depois, em união com Pedro, porque, si Pedro é a pedra de base, então a casa só pode estar onde estiver a base, e a Igreja de Cristo não pode estar onde não estiver Pedro. No século III°, já os cristãos reconheciam isso. Com efeito, *S. Cipriano* escrevia então: "Assim como todo raio de luz vem do sol e todo ramo de árvore duma raiz, assim tambem as comunidades cristãs dispersas pelo mundo, estão unidas à Igreja".

II

COM QUE INTUITO FUNDOU CRISTO O PAPADO?

Não nos basta, entretanto, saber que Cristo fundou verdadeiramente o papado. Não se compreenderá com efeito, a nossa grande veneração pelo papa, sinão conhecendo as intenções de Cristo a respeito do papado. Por que foi que Ele fundou o papado? Que tarefas confiou Cristo ao papado?

A) Primeiramente, o papa devia ser o primeiro doutor na Igreja. Cristo queria que a Igreja fosse "a coluna e a base da verdade" (I Tim., III, 15), a mensageira da pura fé cristã, integral. Ora, Pedro recebeu a promessa

de que seria a base da unidade e da pureza da fé. Foi a ele, efetivamente, que o Salvador disse: "Simão, Simão, eis que Satanaz vos reclamou a todos para vos joeirar como o trigo; mas eu roguei por ti, para que tua fé não desfaleça; e tu, por tua vez, confirma teus irmãos" (S. Lc., XXII, 31-32). Que sublime promessa! O Senhor roga por Pedro, afim de que a sua fé nunca vacile, afim de que ele seja bastante forte para poder confirmar a fé da Igreja.

Que é, pois, o papa na Igreja? *O fiador da unidade de fé.* Ora, o divino Mestre teve particularmente a peito a unidade dos seus discípulos. Por ela roga na última Ceia, quando implora a seu Pai não somente pelos apóstolos, mas tambem pelos que crerem nele, sob as palavras dos apóstolos. Roga "para que todos eles sejam um, como vós, meu Pai, o sois em mim e eu em vós" (S. Jo., XVII, 21). Si esse desejo, o mais ardente de Cristo — a unidade — unidade de fé, de sacramentos, de chefe — tem sido tão grandiosamente realizado na religião católica, é o grande mérito do papado, que vela, dirige e adverte. Em compensação, si as seitas que se separam do catolicismo se afastam cada vez mais irremediavelmente da fé, e se dividem atualmente em 300 seitas em contradição umas com as outras, a causa principal disso é que elas se separaram do fundamento unificador, do rochedo da unidade, do papa.

B) Contudo, o ensino não é a única tarefa de Pedro, *há tambem o governo da Igreja.* Nosso Senhor lhe disse: "Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (S. Mt., XVI, 19). Disse-lhe igualmente: "Apascenta os meus cordeiros". Pedro é, pois, não somente o doutor da Igreja, mas tambem o seu primeiro pastor, o seu guia, o seu chefe, a

sua cabeça. Onde quer que muitos vivam juntos fazem-se mister presidentes, chefes, juizes, governantes, reis. Como então não se faria mister um poder independente, soberano, supremo, para conduzir com unidade os 360 milhões de católicos? Eis porque o papa é o legislador supremo, e o chefe supremo da Igreja.

Que é o papa na Igreja? *A personificação do princípio de autoridade.* A quem já viveu em tempo de revolução, é inutil explicar que funesto perigo significa o abalo da autoridade, o abalo do poder que exige obediência absoluta, e dá diretivas. Como devemos ser gratos a Nosso Senhor por não haver deixado a sua herança sagrada exposta a múltiplas interpretações particulares, por não ter deixado cada um discutí-la conforme seu gosto, mas, por havê-la ao contrario confiado ao papa, investido do poder de exigir obediência absoluta e de pronunciar decisões definitivas, afim de que — como escreve S. Paulo — "não mais sejamos crianças. flutuantes e levados por qualquer vento de doutrina, pela falácia dos homens e pela sua astúcia para induzir a erro" (Efésios, IV, 14).

Os papas tornaram-se tambem *os mais altos protetores da ordem moral e social.* Das epístolas do primeiro papa, S. Pedro, até às encíclicas do papa atual, Pio XII, vemos incessantemente que os papas sempre ousaram erguer-se para a defesa corajosa das grandes verdades morais e sociais que as concepções anárquicas individuais, os sofismas e as correntes perigosas contemporâneas tanto têm obscurecido. Basta citar a encíclica "Rerum novarum" de Leão XIII, que atraíu pela primeira vez a atenção do mundo para a importância da questão social; as corajosas declarações de Bento XV feitas no interesse da paz durante a grande guerra ou as magníficas encíclicas de Pio XI pela pureza do matrimônio ("Casti connubii") e pela justiça social ("Quadragesimo anno").

Finalmente, o papa não é só o doutor, o chefe da Igreja, é ainda *o sumo sacerdote,* de cujas mãos irradiam e em cujas mãos estão sempre reunidos todo o poder e toda a dignidade sacerdotal. Quais são os sacerdotes da Igreja? Os que os bispos ordenaram. Quais são os bispos? Os que o papa escolheu. Todo padre e todo bispo católico recebe, pois, seus poderes do papa, o sumo sacerdote a quem Nosso Senhor Jesús-Cristo deu esta missão: "Apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas".

III

A NOSSA VENERAÇÃO PELO PAPA

Aquele que sabe tudo o que dissemos sobre o papa, nesta nossa instrução, ou seja, que ele é o doutor supremo, o pastor e o sumo sacerdote da Igreja; aquele que sabe que o papa é o representante visivel de Cristo, o "dolce Cristo in terra", "o doce Cristo na terra" — para empregar a expressão entusiasta de Santa Catarina de Siena — esse compreende, é mesmo o único a compreender — *esse entusiasmo sem limite, esse culto e esse apego filial* que os católicos sempre dedicaram ao chefe visivel da Igreja.

A) O culto e o apego filial manifestados para com o papa sempre foram as caraterísticas dos fiéis católicos. Só compreendem o culto profundo dos católicos para com o papa os que sabem o quanto devemos ao Santo Padre. Não vemos no papa um rei no sentido terreno do termo, mas o pai duma imensa familia, cujo coração está igualmente próximo de todos os seus filhos, e que exerce sempre os seus poderes de chefe para o bem de seus filhos. E' por isto que o chamamos, com um fervor cheio de in-

timidade, o "Santo Padre". E' só assim que compreendemos o uso -- tão estranho à primeira vista — que faz os visitantes da Basílica de S. Pedro beijarem o pé da estátua de bronze de S. Pedro, ali erigida desde o século VIº. Os dedos — os dedos de bronze — já estão gastos pelos ósculos fervorosos de dezenove séculos. Veneramos então com isso, o papa? Sim! é isto. Mas, através dele, veneramos alguem mais: Nosso Senhor Jesús-Cristo.

B) Eis-nos agora chegados à segunda questão: não é justificada a acusação feita contra nós, de prestarmos culto ao papa antes que a Cristo, e de que *o culto do papa relegou para a sombra e comprometeu o culto de Cristo?* Para podermos responder, cumpre-nos ver claramente o fato dogmático: toda a veneração e o entusiasmo que dedicamos ao papa têm sua raiz neste dogma: *o papa é o vigário de Cristo, e Cristo é o Filho de Deus.* Quando rendo culto ao papa, através da pessoa do papa rendo culto a Cristo, pois sem Cristo não há papado.

E então verdade que o papa nos afasta de Cristo? Ao contrário, *leva-nos a Ele.* Com efeito, si Cristo não fosse o Filho de Deus, não se compreenderia que um simples Judeu que vivia no seio de um pequeno povo ignorado, insignificante, numa localidade escondida, que esse homem tenha podido operar uma transformação mundial como a que operou, e opera ainda, o cristianismo há dezenove seculos. E esse homem diz a um de seus discípulos, a um simples pescador sem instrução: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (S. Mt. XVI, 17). Não é coisa maravilhosa que ele tenha pronunciado essas palavras, e que elas se tenham realizado e se realizem ao pé da letra?

Si Cristo fosse simplesmente um homem, não teria podido fundar uma tal instituição. Mas, si é Deus, então

todo o nosso culto, todo o nosso entusiasmo para com aquele que lhe ocupa o lugar, para com o papa, é legítimo.

S. Pedro sentiu a dignidade que Cristo lhe conferira, porém ela não o cegou, vemo-lo constantemente nas suas epístolas. Com que palavras de humildade principia ele a sua primeira epístola! "Pedro, apóstolo de Jesús-Cristo" (I S. Pedro, I, 1). Ele não escreve que seu trabalho salvou o mundo, mas que este foi salvo pelo sangue precioso de Cristo, do Cordeiro sem falha e sem mancha (I S. Pedro, 1, 19), "pelas chagas do qual fostes curados" (I S. Pedro, II, 24). Em verdade, nada se tem a receiar de Pedro, pelos interesses de Cristo.

Nem tão pouco dos seus sucessores. Por mais prevenido que se possa estar contra o papado, sejam quais forem as faltas e fraquezas humanas que nele se possam descobrir, ninguem pode negar que a finalidade última da sua obra, durante vinte séculos, tenha sido dilatar o reino de Deus. Ele tem sempre defendido os interesses de Cristo. E si a santa religião católica está atualmente espalhada pelo mundo inteiro, e si no turbilhão dos povos, das raças, das línguas e dos tempos, ela tem conservado intacta a sua unidade, é, em primeiro lugar, mérito do chefe supremo da Igreja, o papa.

* * *

Meus irmãos, dificilmente haverá um acontecimento capaz de empolgar tanto o mundo como a eleição dum novo papa. Os cardiais que elegem o papa dirigem-se a Roma, mas de todos os cantos do universo uma multidão de jornalistas precipita-se tambem para Roma e assedia os postos telegráficos e telefônicos da cidade eterna. Na praça de S. Pedro, multidão enorme se comprime, e, como no primeiro Pentecostes, podem-se alí ouvir todas as línguas. Os olhos da multidão observam durante ho-

ras a chaminé do Vaticano, para observar o aparecimento da fumaça e a sua côr. Efetivamente si o voto é sem resultado, queimam, com as cedulas de voto, um punhado de palha, e os observadores reconhecem pela fumaça negra, que ainda não há novo papa. E postam-se lá durante horas, durante dias, e ainda a fumaça preta... até que da chaminé sobe uma tenue fumaça branca; não há palha com as cédulas, a votação teve resultado. Então a multidão exclama em todas as línguas do mundo: Evviva il papa! Vive le pape! Hoch der Papst! Eljen! Zsivio! Aparece um cardial no balcão, e de novo ressoam as palavras pronunciadas, a primeira vez, pelos anjos da noite de Natal: "Annuntio vobis gaudium magnum: Habemos papam", "Anuncio-vos uma grande alegria: temos papa"... E a multidão vibra de entusiasmo, e as repartições do correio, as redações de jornais trabalham, mais do que depois duma batalha ganha: a notícia voa através do mundo inteiro: *Habemos papam.* Sim, o mundo inteiro interessa-se por esse acontecimento — uns por amor, outros por ódio.

Meus irmãos, não é verdade que nós adoremos, divinizemos o papa; não é verdade que vejamos nele um ente sobrenatural. Não, é um homem, um homem fragil e capaz de cair, como nós. Mas um homem que Cristo instalou em seu lugar para ser o chefe visivel da Igreja, para excitar mais segura, e mais eficazmente, o nosso amor para com o nosso chefe invisivel, Nosso Senhor Jesús-Cristo. "Segue-me" (São Jo., XXI, 19), disse um dia o Senhor a Pedro, e logo ele seguiu a Cristo. "Seguí-me" — disse depois S. Pedro e dizem-nos os seus sucessores. *E aquele que segue a S. Pedro está absolutamente seguro de seguir o próprio Salvador.*

"Apascenta meus cordeiros" — dissera Nosso Senhor a S. Pedro. E assim, Pedro conduz o rebanho de Cristo. *E aquele que se acha no rebanho de Pedro está*

absolutamente seguro de estar entre os cordeiros do Senhor.

Faço-te pescador de homens — disse Nosso Senhor a Pedro. E Pedro, há 19 séculos, pesca pela força de Cristo. *E aquele que lhe cai na rede está inteiramente certo de cair nas mãos de Deus.* Amém.

VII

A INFALIBILIDADE DO PAPA

Na instrução precedente ocupamo-nos do tríplice fim do papado. Nosso Senhor Jesús-Cristo instituíu S. Pedro e seus sucessores como doutores, chefes supremos e sumos sacerdotes da sua Igreja; quer dizer, colocou nas mãos do papa a sorte da Igreja. O papa é, pois, o piloto responsavel pela nave, que é a Igreja. Para essa tarefa sobrehumana, ele precisa dum auxílio sobrehumano. Com efeito, si o papa não estivesse certo da assistência do Espírito-Santo, si pudesse enganar-se quando dá à Igreja de Cristo regras de fé ou de moral, abrir-se-ia na vida da Igreja uma ferida da qual mais cedo ou mais tarde, ela teria de perecer.

Mas Cristo quis que sua Igreja durasse até o fim do mundo. As "portas do inferno" não têm o direito de prevalecer contra a Igreja de Cristo. A Igreja de Cristo não deve cessar, enquanto viver na terra um homem a quem ela deve transmitir os tesouros da redenção.

Si a Igreja de Cristo não deve nem cessar nem enganar-se, certamente tambem não o pode o seu chefe. Porquanto, si o piloto pudesse enganar-se e extraviar-se, a embarcação se esfacelaria contra um rochedo pérfido. Cumpre que o piloto da Igreja de Cristo seja infalivel nas questões de fé e de moral.

A infalibilidade do papa! Eis um dogma que é frequentemente objeto dos ataques de pessoas irrefletidas. "Que faz você então do papa? Faz um Deus? É coisa inaudita! Dizer de um homem que ele é infalível!..."

Basta, entretanto, examinarmos com calma essa questão, para não ficarmos chocados com o fato de haver Nosso Senhor Jesús-Cristo constituido o papa infalível nas questões de fé e de moral, mas, ao contrário, para nos ufanarmos disso e sermos reconhecidos a Deus. Aquele que sabe *I. que a infalibilidade do papa é verdadeiramente um dom de Nosso Senhor Jesús-Cristo, II. que ella decorre da finalidade da Igreja*, e *III. o que não se deve entender por infalibilidade*, não pode verdadeiramente compreender os que atacam esse dogma da nossa fé.

I

A INFALIBILIDADE É UM DOM DE CRISTO

A infalibilidade do papa quer dizer que, quando o papa, enquanto doutor supremo do cristianismo, fala oficialmente a toda a Igreja, não pode enganar-se nas questões de fé e de moral. Esse privilégio vai tão de par com a tarefa do papado, que, si não existisse, sentiriamos que uma força essencial faltava ao rochedo que deve triunfar do inferno. Mas assim não é, como sabemos pelas declarações de Nosso Senhor Jesús-Cristo.

A) São interessantes as circunstâncias em que o Evangelho refere o *primeiro encontro de Cristo com S. Pedro*. Era no início da vida pública do Salvador. Nosso Senhor viera ter com S. João Batista, que à sua vista, exclamou com entusiasmo: "Eis o cordeiro de Deus"

(S. Jo., I, 36). Achavam-se com João Batista dois discípulos seus, André e João (o evangelista), os dois futuros apóstolos. Ambos foram ter com o Salvador, e em seguida André informou disso seu irmão Simão Pedro: "Achamos o Messías". Mais não foi preciso a Pedro: Que? Achastes o Messias? Onde está ele? — e apressaram-se a ir ter com Jesús.

E agora o Evangelho faz uma observação importante. Quando os dois primeiros, André e João, vêm ter com Jesús, o Evangelho nada menciona de extraordinário. Todavia, Jesús terá sem dúvida, contemplado os olhos de S. João, olhos de pureza virgem, olhar que um dia se fixará em Cristo suspenso à cruz; assim como os olhos inflamados de Santo André, que um dia morrerá tambem numa cruz por seu Mestre. O Evangelho no entanto, não fala nisso. Mas, agora que chega Simão Pedro, o Evangelho escreve: "Intuitus autem eum Jesus". O texto latino, como o texto grego, indica um olhar penetrante até o fundo d'alma. Não é nem "aspexit" nem "vidit", mas "intuitus"; o Senhor olhou profundamente na alma de Simão e deu-lhe um nome novo: "Tu és Simão, filho de João; serás chamado Cefas, que significa Pedro" (S. Jo. I, 42).

Cristo dá novo nome a Simão! A quem Deus dá um novo nome, dá tambem uma qualidade correspondente a esse nome. Nós, homens, não somos capazes disso. Podemos chamar Branca a uma pessoa que não seja branca, ou Rosa a uma que não seja bela, Constância a outra que não seja constante. O mesmo não sucede, porem, com Deus. Ele deu a Abraão o nome de Abraão, e o que significava esse novo nome realizou-se: Abraão tornou-se o Pai dos crentes. E si Ele deu a Simão o nome novo de "Pedro", deu tambem a Simão a força da pedra. Tu és Pedro. Acaso uma pedra pode vacilar? Si a pedra, o fundamento, é fraco, todo o edifício rue.

"Intuitus eum Jesus", o Salvador olhou a Pedro, como Miguel Ângelo olhou o possante bloco de mármore onde queria esculpir o seu "Moisés". Esse olhar de Cristo, penetrante até o fundo, foi a primeira martelada na estátua do Moisés do Novo Testamento. Efetivamente, Pedro devia tornar-se o Moisés do Novo Testamento, o qual conduziria, sem falhas, o povo de Cristo pelo bom caminho, no deserto da vida.

Dizem que Miguel Ângelo, depois de acabar a sua possante estátua, ficou como que transtornado pela majestade da sua obra, tomou do martelo e bateu fortemente nos joelhos da estátua, dizendo: "Parla, Mose", "Fala, Moisés". Porem a estátua, por mais viva que fosse, não podia falar. Mas Nosso Senhor não formou um tal "Moisés" quando instituiu Pedro o seu representante: "Fala, Pedro", "fala, Lino", "fala, Cleto", "fala, Benedito". "fala, Pio" — e eles falam, e ensinam, e mostram o caminho, são infalíveis, porque são, ainda hoje, o rochedo da Igreja.

B) Depois desse primeiro encontro, S. Pedro voltou para casa, certamente perguntando-se a si mesmo o que lhe podia querer o divino Mestre. e porque lhe dera um novo nome. Mas Cristo não tinha pressa de explicar-se. Deixava amadurecer a alma de S. Pedro. Esperou dois anos.

Mas um dia, numa conversa perto de Cesaréia, Nosso Senhor perguntou a seus discípulos o que os homens pensavam dele. Deram-lhe diversas respostas. Disseram que alguns o tomavam por Elias, outros por João Batista ou outro profeta. "E vós, quem dizeis que eu sou?" — perguntou-lhes o Salvador. Pedro respondeu em nome de todos, e depois da sua resposta, recebeu de Nosso Senhor estas palavras grandiosas: *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno*

não prevalecerão contra ela. E dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (S. Mt., XVI, 18-19).

Agora Pedro compreende claramente a mudança de nome há dois anos passados. Agora nós tambem compreendemos a relação. "Tu és Simão e chamar-te-ás Pedro", "Tu és Joaquim Pecci e chamar-te-ás Leão XIII", "Tu és José Sarto e chamar-te-ás Pio X", "Tu és Tiago della Chiesa e chamar-te-ás Bento XV", "Tu és Aquiles Ratti e chamar-te-ás Pio XI". E "as portas do inferno não prevalecerão" contra a Igreja de que és a pedra de base. Mas, si te pudesses enganar, então elas prevaleceriam contra ti.

E "o que ligares na terra será ligado nos céus". Mas, si te pudesses enganar, ensinar uma falsa doutrina, ligar os homens por mandamentos erroneos, então o Senhor dos céus, Deus, aprovaria um erro.

E "o que desligares na terra será desligado nos céus". Mas, si desligasses por erro a liberdade do homem em questões de fé e de costumes, então o próprio Senhor do céu se enganaria.

C) Acrescentamos as palavras ulteriores que o Salvador dirigiu a Pedro depois da sua ressurreição: *"Apascenta meus cordeiros"* (S. Jo., XXI, 15). *"Apascenta minhas ovelhas"* (S. Jo., XXI, 17).

Foi a transmissão solene dos poderes do Magistério supremo. Apascentar significa tambem conduzir. Apascenta-os quer dizer, conduze-os por bons caminhos; confio-tos, para que eles não se extraviem. Mas, si tu mesmo te podes extraviar, eles tambem poderão perder-se.

Si o pastor pode perder-se, que há de ser então dos cordeiros? Si o papa pudesse errar no seu ensino sobre coisas da fé e da moral, como se realizariam as palavras

de S. Paulo, segundo as quais a Igreja é "a coluna e a base da verdade" (I Tim., III, 15)?

D) Mas, si ainda ficasse dúvida sobre a questão de saber si Cristo realmente quis conferir ao papa a infalibilidade, outra palavra do Salvador dissipará qualquer dúvida. Cristo olha para Pedro e diz-lhe com voz comovida: "Simão, Simão", assim começa. Que vai Ele prometer-lhe agora? Que Pedro nunca mais será exposto à tentação? Que o destino lhe será facil? Oh! não. Com efeito, diz-lhe: Simão, Simão! Eis que Satanaz vos reclamou a todos, para vos joeirar como o trigo" (S. Lc., XXII, 31). Nosso Senhor não liberta, pois, os apóstolos da tentação. Ao menos teria prometido a Pedro que, si o fazia uma pedra e si as tentações surgissem, ele nunca pecaria? Não, não o prometeu. Com efeito, disse: "Quando fores convertido, confirma teus irmãos"; logo, tu tambem cairás. Mas então, que é que ele promete a Pedro? *"Simão, Simão! Eis que Satanaz vos reclamou a todos para vos joeirar como o trigo; mas eu roguei por ti, para que tua fé não desfaleça; e tu, quando fores convertido, confirma teus irmãos"* (S. Lc. XXII, 31-32). E', *para que tua fé não desfaleça,* que roguei. E quando tu mesmo caisses, que a tua fé se conserve sempre pura, e possas confirmar teus irmãos nessa fé pura. Que é isso meus irmãos, sinão a clara promessa da infalibilidade do papa, nos lábios de Cristo?

II

A INFALIBILIDADE DECORRE DOS FINS DA IGREJA

Si examinarmos os deveres que Nosso Senhor Jesús-Cristo impôs à sua Igreja, verificaremos que esses deveres,

e os fins da Igreja, exigem a infalibilidade do papa. Exigem *A*) a pureza da fé, *B*) a unidade.

A) *A pureza da fé exige a infalibilidade do papa.* Que vantagem haveria em Cristo ter vivido aqui na terra, ter ensinado a conhecer e a adorar a Deus convenientemente, ter morrido por nós e nos ter adquirido os tesouros da redenção; de que serviria tudo isso, si Ele não tivesse velado tambem para que os homens, no correr dos séculos, não falsificassem a sua doutrina, não lhe acrescentassem nem tirassem nada, isto é, si não tivesse dado a S. Pedro, e aos seus sucessores, o dom que os preserva de todo erro no ensino do dogma e da moral?

A pureza da fé exige que o magistério eclesiástico seja isento de toda possibilidade de erro, e que, si ele declara alguma coisa como doutrina de Cristo, ela o seja, certamente.

O mundo católico sempre soube que S. Pedro e seus sucessores são os doutores infalíveis das verdades da fé. Por isto, cada vez que surgia duvida si uma doutrina era, ou não, conforme ao ensino do Evangelho, os maiores sábios e os Doutores da Igreja volviam-se para Roma. Foi o que se produziu em Corinto, em vida mesmo do apóstolo S. João. Para obterem uma decisão, os fiéis de Corinto não se dirigiram a S. João, que vivia perto deles, em Éfeso, mas ao sucessor de S. Pedro, a S. Clemente, bispo de Roma, que ficava muito mais longe. Eles sabiam, com efeito, que o divino Mestre rogara por Pedro e por seus sucessores, para que eles fossem isentos de todo erro, quando explicam e pregam a sua doutrina.

B) *Assim tambem, a unidade de fé exige a infalibilidade do papa.*

Si Cristo realmente quis conservar sua doutrina até o fim do mundo, era necessário instituir um magistério doutrinal infalivel. Realmente, vemos com pesar o que

seria de toda a Sagrada Escritura si não houvesse uma autoridade oficial incumbida de explicá-la, ante as lutas de 300 seitas cristãs atuais, que todas pretendem basear-se na Sagrada Escritura, mas explicam, cada qual de um modo, a mesma passagem dos nossos Santos Livros. Para a conservação da unidade da fé é absolutamente necessária uma autoridade, cujas decisões sejam sem apelação. Mas qual há de ser essa autoridade infalivel? Um bispo? Não. Tem havido bispos distintos que se enganaram e a quem o papa teve de advertir pelos seus erros. Qual será então essa autoridade infalivel? O conjunto dos bispos? Tambem não: porque, si individualmente eles não são infaliveis, tomados em conjunto tambem não o são. Sem contar que, do ponto de vista prático, não foi por essa forma que Cristo fundou a Igreja. Seria impossivel convocar, para cada dúvida, todos os bispos de todos os cantos do mundo. Só resta, pois, como único e último recurso, o papa, cuja sentença é sem apelação.

De que alegria e de que paz nos enche essa idéia de que o papa infalivel empunha o leme da Igreja! Geralmente, nem siquer pensamos nisto, viajamos tranquilamente na nave da Igreja, rumo à vida eterna, e raramente nos acode à mente sermos gratos ao piloto robusto, ao ancião do Vaticano, que com tanta solicitude e amor conduz a Igreja, noite e dia.

III

O QUE NÃO SIGNIFICA A INFALIBILIDADE DO PAPA

Mas sinto, meus irmãos, que alguns gostariam de fazer certas objeções. Objeções que ouviram, ou leram, contra a infalibilidade do papa. Não se pode imaginar

quanta idéia errônea circula por aí, a respeito desse dogma, e quanta gente há que levanta contra ele objeções, porque tem sobre a infalibilidade do papa uma noção que a Igreja nunca, e em parte alguma, ensinou.

Ouçamos o que alguns dizem sobre essa questão.

A) "Tudo o que ouvimos até agora é certo. É preciso que seja assim. Não duvido. *Mas que o papa seja infalível em tudo, não posso crê-lo*".

Mas onde é que a Igreja ensina semelhante coisa, meus irmãos? Onde é que ela ensina que o papa é infalível *em tudo?* É unicamente nas questões de fé e de moral, e, ainda, somente quando ele não se pronuncia como homem particular, mas quando, oficialmente, como chefe da Igreja, proclama uma decisão que atinge toda a Igreja. É só então — e não noutros casos.

Suponhamos, por exemplo, que seja eleito papa, alguem que antes era um grande matemático. E eis que se apresenta a ele um professor de matemática, e lhe diz Santíssimo Padre, há anos que lido com um problema, e agora consegui resolvê-lo. Vede si a solução está exata". O papa examina-a. "Está exata" — diz ele enfim. E agora a solução está certamente exata porque o "papa infalível" assim a achou? De modo algum. Por que? Porque Cristo não lhe deu a infalibilidade *para isso*. E por que não? Porque isso não interessa à salvação dos homens, e a infalibilidade não é necessária nesse caso.

Tomemos outro exemplo. O papa anterior, Pio XI, antes do seu pontificado era o sábio bibliotecário da biblioteca Ambrosiana em Milão. Suponhamos que um historiador fosse ter com ele, levando um velho manuscrito, e lhe dissesse: "Santíssimo Padre, descobri um manuscrito extremamente importante, mas não posso decidir si não é falsificado." O papa examina-o e responde: "O

documento é autêntico". E' êle agora seguramente autêntico porque o "papa infalivel" o disse? Absolutamente não. E por que? Porque Cristo não lhe deu a infalibilidade para isso. Si o papa calcula mal, ou engana-se em Historia, isso não interessa à salvação eterna dos fiéis. Mas, quando decide em materia de fé e de moral, *não pode enganar-se*. Porem, mesmo aquí, somente, si ele toma uma decisão aplicavel à Igreja universal, e na qualidade de chefe de toda a Igreja.

B) Outros apresentam outra objeção. Consideram inconveniente que o papa, em virtude da infalibilidade *"seja elevado a uma glória sobrehumana"*, como si *"deixasse de ser mortal"*, e até mesmo que esteja seguro da sua salvação eterna, visto como, — dizem eles, — si ele é infalivel, *"então não pode mais pecar"*.

Precisarei, irmãos, dizer-vos, que absolutamente não se trata disto?

a) *"O papa está circundado de glória sobrehumana"?* Quando o papa é coroado, é conduzido solenemente em procissão à Basílica de S. Pedro. Mas o mestre de cerimônias faz parar a procissão e, acendendo um punhado de estopa, diz ao papa: "Beatissime Pater, sic transit gloria mundi"... "Santo Padre, assim passa a glória do mundo". A vossa tambem passará, — mas sois infalivel, porque as duas coisas são independentes.

b) *"O papa deixa de ser um mortal"?* Na terça-feira gorda tem lugar o célebre carnaval italiano. Mas, no dia seguinte, as igrejas estão cheias de fiéis para receber as cinzas. Na capela do Vaticano um velho sacerdote, vestido de branco, está ajoelhado diante do altar; outro sacerdote desce do altar e, enquanto impõe as cinzas na fronte do papa e o papa inclina a cabeça branca, a Igreja pronuncia sobre ele a mesma fórmula, que sobre os mi-

lhões de fiéis nesse dia: "Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris", "lembra-te, homem, de que és pó e ao pó hás de tornar". Tambem vós, Santíssimo Padre, volvereis ao pó, — mas sois infalivel, porque as duas coisas são independentes.

c) *"E o papa não pode mais pecar"?* A infalibilidade não significa isso. Ele não pode enganar-se nas questões de fé e de moral, mas pode enganar-se na sua própria vida moral. As fraquezas da natureza humana subsistem no papa, ele tambem pode cometer pecados e — ai! — a história narra tristes quedas morais relativamente a alguns. Cristo, que suportou até mesmo um Judas entre seus apóstolos, não escolheu os papas unicamente entre os santos. Sim; tem havido entre eles mais santos e personagens virtuosos do que em qualquer família reinante; mas houve tambem — infelizmente — um Alexandre VI. E não há papa que ouse aproximar-se do altar sem recitar, nas orações ao pé do altar, o que todo padre recita: "Mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa".

Uma tarde em cada semana, quando os derradeiros raios do sol poente iluminam as janelas do Vaticano, por trás de uma dessas janelas, um sacerdote de vestes brancas levanta-se da mesa de trabalho, percorre um corredor silencioso, e bate a uma porta. Um simples padre levanta-se para lhe atender ao chamado. "Queria confessar-me", e o papa ajoelha-se no confessionário. Ao cabo de alguns minutos, sobre o papa ajoelhado, sobre o papa que se confessou, descem as palavras da absolvição: "Ego te absolvo". Então o papa se confessa? Certamente. O papa infalivel tambem pode pecar? Sim, pode, pois as duas coisas são independentes.

Nós não fazemos, pois, do papa "um ente sobrenatural"; o papa não deixa de ser "um homem mortal, fragil

e suceptivel de cair", apesar do que cremos e confessamos a seu respeito: cremos e confessamos que o que ele ensina é o ensino de Cristo, que o que ele proibe Cristo proibe, e que o que ele ordena Cristo ordena tambem. Cremos que o que ele liga na terra, será tambem ligado no céu, e que o que ele desliga na terra será desligado no céu.

* * *

Meus irmãos, os caminhos da Providência são admiráveis. Quantos erros, quantas heresias têm surgido na Igreja há dezenove séculos! Cada século, por assim dizer, tem criado a sua heresia, e podem-se mesmo ver bispos de igrejas fundadas pelos apóstolos — bispos de Jerusalem, de Êfeso, de Alexandria, de Antioquia — caírem na heresia ou no cisma: só o bispo de Roma nunca vacilou. Sem dúvida, a História censura alguns dos 262 papas, por não se haverem mostrado dignos da sua alta função; mas, até agora, é impossivel afirmar que siquer um só, se haja enganado no ensino da fé. Eles podem ter-se enganado na sua vida privada — mas nunca nas coisas da fé.

Por isto, hoje em dia ainda, nós todos, católicos, olhamos com alta obediencia para Roma, porque sabemos que, quando o Santo-Padre nos fala, fala-nos como mestre infalivel de todos os fiéis, dos padres e dos bispos. Sabemos que, quando ele nos instrue nas coisas da fé, a prece do divino Fundador da Igreja o protege, a graça do Espírito-Santo o conduz, de tal modo que, no seu ensino, tudo aquilo que afirma tem sua raiz na revelação divina, e por conseguinte, nunca se engana.

Quando se vai de Nápoles a Capri, avista-se, no mar tempestuoso, um rochedo que se ergue a pique. Há milhares de anos esse rochedo ergue-se no meio das ondas espumantes. Pequenos barcos volteiam em redor dele e

nem lhe dão atenção. Navios pesadamente carregados, vapores possantes e ufanos passam ao lado dele, e mal o notam.

Isso me faz pensar: eis aí a imagem da Igreja; o oceano da vida rebenta em torno da Igreja, e as barquinhas quotidianas dos destinos humanos, os navios carregados dos homens de dinheiro, os orgulhosos vapores dos homens de ciência, passam soberbamente ao lado dela e não julgam digno dum olhar o velho rochedo. Mas passam os anos, passam os séculos. E, enquanto as ondas brincam, há longo tempo, com os destroços dos orgulhosos vapores, é em vão que batem o velho rochedo, que permanece sempre de pé, e, *do alto do farol levantado por Cristo, o papa infalivel empunha, com força inabalavel, acima dos povos do mundo, o facho rebrilhante da fé e da moral.* Amém.

VIII

A COROA DE ESPINHOS DO PAPA

Como são misteriosas e cheias de significação as palavras que acabo de ler no Evangelho, e nas quais Nosso Senhor Jesús-Cristo traçou o caminho ao primeiro papa! "Em verdade, em verdade, digo-te, — diz Nosso Senhor a S. Pedro, — quando eras mais moço, tu mesmo te cingias e ias aonde querias; mas quando ficares velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará aonde não queres" (S. Jo. XXI, 18).

Que curiosas e misteriosas palavras! Tê-las-ia S. Pedro compreendido? Provavelmente não, naquele momento. Ele não via ainda diante de si, a cruz que, a 29 de Junho de 67, seria erguida na colina do Vaticano e à qual o primeiro papa seria pregado, de cabeça para baixo, para selar com a vida, a sua fidelidade a Cristo.

Ora, era nisso que Jesús pensava. No martírio do primeiro papa, e no dos outros papas. O evangelista S. João faz esta observação: "Ele dizia isso indicando por que morte devia glorificar a Deus" (S. Jo., XXI, 19). Nosso Senhor Jesús-Cristo bem via que seus inimigos atacariam no curso dos séculos, essa instituição com o ódio mais encarniçado, e que o destino da Igreja dependeria da conservação do papado. Bem sabia que a tríplice coroa, a tiara que deviam usar os papas, não seria

uma coroa de soberano, mas uma tríplice coroa de espinhos que havia de ferir até ao sangue a fronte dos pontífices. Já que presentemente estudamos, numa série de instruções, a importancia do papado, vale a pena determo-nos sobre esta verdade, de que *a tríplice coroa do papa, propriamente falando, é uma tríplice coroa de espinhos.*

I

"A SOLICITUDE DE TODAS AS IGREJAS"
(II Cor., II, 28)

A primeira coroa de espinhos do papa é a *soma de trabalhos e deveres, a que ele deve fazer face no interesse das coisas de Cristo,* e que S. Paulo exprime por estas palavras: *"a solicitude de todas as igrejas"* (II Cor., XI, 28).

A) Ouve-se aquí e acolá a pueril e ingênua reflexão, de que o papa tem uma existência principesca: há centenas de quartos no Vaticano, ele passeia, come, bebe do melhor, as pessoas inclinam-se na sua frente, e, em suma "vive como grande senhor". E' assim que argumentam os que nunca viram o papa.

Pelo contrário, quem conhece *as obrigações e os trabalhos sobrehumanos* quotidianos do papa; quem sabe que ele é ocupado sem trégua desde cedo, de manhã até bem tarde, de noite; quem sabe que, de 1.º de janeiro a 31 de dezembro, ele recebe e expede cerca de três mil cartas, todos os dias; quem sabe que, no decurso do ano do jubileu, ele pronunciou mais de mil discursos; quem sabe que, dia após dia, ele dá uma multidão de audiências, nas quais recebe os visitantes mais simples como os mais distintos, vindos de todos os pontos do mundo; quem sabe em quan-

tas negociações e deliberações ele toma parte, e que ele dirige não somente a vida espiritual de 360 milhões de católicos, mas ainda indica os meios de converter os infiéis; — quem sabe tudo isso, digo, não inveja ingenuamente "a vida de grande senhor" do papa, mas considera-o com respeito, e profunda admiração, como "o primeiro obreiro da obra de Cristo". "O servo dos servos de Deus", a quem convem perfeitamente aquelas palavras de S. Paulo, dizendo que pensa sobre ele "a solicitude de todas as igrejas".

B) E, coisa maravilhosa: *os encargos e as tarefas do papa crescem cada vez mais, nos nossos dias.* De fato, o seu prestígio cresce cada vez mais, no mundo inteiro. Cheios de gratidão à Divina Providência, verificamos que, enquanto nas subversões que seguiram a grande guerra, nações têm desaparecido, tronos têm desmoronado e a fé dos homens nas grandes palavras e nas idéias filosóficas tem sido, por assim dizer, abalada, o som das trombetas de prata da basílica de S. Pedro torna-se cada vez mais forte, e cada vez mais, os indivíduos, os povos e os Estados volvem-se com atenção, esperança e respeito para o Vaticano, de onde ecoa pelo mundo: "Tu es Petrus"... "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja" (S. Mt., 16, 18).

Vemos com alegria e orgulho que, mormente depois da guerra, o prestígio do papa tem crescido incessantemente no mundo. Milhões de homens volvem-se para Roma e escutam as palavras do papa. Mas então tenhamos conciência do trabalho imenso que representa essa tarefa de dirigir o mundo!

II

"QUEM É FRACO QUE EU NÃO SEJA FRACO TAMBEM?" (II Cor., XI, 29)

A segunda coroa de espinhos do papa — mais penosa, mais dolorosa do que a primeira — é *a multidão dos cuidados pela causa de Cristo, a multidão de tristezas e pesares por causa das perseguições contra Cristo. "Quem é fraco que eu não seja fraco tambem?"* — diz o papa com S. Paulo, — *Quem vem a cair, sem que um fogo me devore?* (II Cor., XI, 29).

A) Às vezes encontramos pessoas fatigadas, desanimadas, que se lamentam tristemente: Não posso mais. Tenho tanto trabalho, tantos aborrecimentos, tantas responsabilidades... Mas *que poderia então dizer o papa,* êle que não se ocupa apenas de dirigir uma escola, um banco, um ministério ou um Estado, mas a maior sociedade do universo, a qual não tem apenas mil ou cem mil membros, mas 360 milhões, e cuja atividade não se cinge a uma aldeia, a uma província ou a um Estado, mas estende-se ao mundo inteiro, do Oriente ao Ocidente e do Norte ao Sul?

Todo dia o papa é cercado de notícias sobre os acontecimentos mundiais, e, cada uma dessas notícias faz pulsar-lhe o coração paterno. Cada queixa, cada dor, cada infortúnio de todos os países do mundo, comove-lhe a alma de pai. Os inimigos dos princípios cristãos esforçam-se, pela astúcia e pelas intrigas, por extirpar a religião das almas: é o que mais fere o coração do papa. Não há época em que, ora aqui, ora alí, no mundo, uma sangrenta perseguição não se levante contra a Igreja de Cristo: e é isso o que mais faz sofrer o coração do papa.

Quem não avalia a dor que lhe enche o coração por causa das perseguições deshumanas na Rússia soviética, por causa das lutas contra a Igreja na Espanha e no México! Ouvi, quando ele recebe os peregrinos de tal ou tal país: que angústia, que compaixão, que amor exprimem as suas palavras!

B) Mas quem sabe de tudo isso *esforça-se por suavizar os cuidados do papa,* pois, realmente, convém que os filhos suavizem as penas dos pais.

Como podemos suavizá-los?

a) *Primeiramente pelas nossas orações.* Oremos pelas intenções da papa. Que belo costume católico o incluirmos nas nossas orações os mil cuidados, angústias, tristezas, do chefe da cristandade, para que "o Senhor o conserve, e não o entregue nas mãos dos seus inimigos".

b) *Em seguida os fiéis costumam suavizar-lhe os cuidados por sua assistência material.* Sei que isso sôa de modo estranho no nosso mundo atual, pois sei o quanto a existência é dificil atualmente no mundo inteiro. E no entanto o óbulo de S. Pedro chega ao Sumo Pontífice de toda parte.

Não é coisa interessante que mandemos ao papa o "óbulo de S. Pedro"? Não é o "óbulo de Bento XV", nem o "óbulo de Pio XI ou de Pio XII", mas o "óbulo de S. Pedro". É então daí que provem a grande soma que o papa consagra ao seu sustento, ao seu palácio, à sua roupa?... Oh! não. Ele vive pessoalmente como um simples religioso. Mas é daí que provem a grande soma com que o papa socorre, no mundo inteiro, os indigentes, os miseráveis e os missionários. Onde quer que haja vivo amor ao pai supremo da cristandade, tambem deve haver esforços por meio de sacrifícios materiais, generosos, para auxiliar o Santo Padre, que tem o cuidado da cristandade do mundo inteiro.

III

O PAPA PERSEGUIDO

Mas o papa tem ainda uma terceira, e bem dolorosa coroa de espinhos: *os ódios e as perseguições incessantes* a que, há dezenove seculos, o papado tem estado constantemente exposto, e que não são outra coisa, sinão a realização continua de três profecias de Nosso Senhor Jesús-Cristo.

Quais são essas três profecias?

A) A primeira é a que acabo de ler no Evangelho: (Jo., XXI, 18). Como ela se tem realizado ao pé da letra em toda a historia dos papas!

Percorramos a série dos papas. Nos primeiros séculos, vir a ser papa equivalia a vir a ser martir. Até Constantino Magno houve 32 papas, e 30 deles morreram mártires, havendo dois outros findado a vida no exílio. Onde está a dinastia que tenha principiado seu reinado com 30 mártires? Na realidade a maioria delas não tem siquer 30 membros.

Mas, mesmo depois de Constantino, quantos sofrimentos têm acompanhado a existência dos papas! Bastará, talvez, citarmos alguns fatos. Inocencio I e S. Leão Magno foram quasi alcançados por Alarico e pelos Vândalos. João I morreu na prisão. Agapito no exílio. Silvério foi deportado para uma ilha e lá morreu de fome. Virgílio foi desterrado. Martinho I carregou seus grilhões até o Mar Negro. Sérgio I viveu 7 anos no exílio. Estevão III teve de chamar os chefes Francos em socorro. Leão III foi posto em tortura. Leão V morreu na prisão. João X foi estrangulado. Benedito VI pereceu nos subterrâneos do Castelo de Sant'Ângelo. João

XIV morreu de fome na prisão. Gregório VII morreu no exílio em Salerno. Pascoal II morreu na miséria em Benevento. Inocêncio II foi prisioneiro do duque Rogério da Sicília. Lúcio II foi ferido durante uma revolta. Alexandre II pôs-se em fuga diante de Barbarroxa. Lúcio III morreu no degredo. Gregório IX viu os Sarracenos destruirem as igrejas de Roma. Inocêncio IV teve que fugir, diante de Frederico II. Alexandre IV morreu no desterro, em Viterbo. Bonifácio VIII caiu nas mãos de Filipe o Belo. Com Clemente V principia o cativeiro de Avinhão. Urbano VI provoca o Grande Cisma do Ocidente. Depois vêm as tristezas da Reforma. O jansenismo sob Urbano VIII, o galicanismo sob Alexandre VII. Sob Inocêncio XI, o despotismo do Rei Sol. Clemente XI e Clemente XII suportam os vexames dos soberanos de Nápoles, de Madrí, de París e de Viena. Benedito XIV (o mais sábio dos papas) sofre os escárneos de Voltaire. Clemente XIII e Clemente XIV assistem às perseguições contra os Jesuitas. Pio VI é prisioneiro em Valência; Pio VII, em Fontainebleau. Pio IX é exilado para Gaeta. Sob Leão XIII cresce a "Kulturkampf". Pio X sofre com a separação de Igreja e do Estado na França, e com o modernismo. Pio XI vê as perseguições na Rússia, no México, na Espanha... "Outro te cingirá e te levará aonde não queres ir" — quem não vê como se têm realizado as palavras do Salvador?

B) Mas outra palavra tem-se realizado tambem: *"Simão, Simão, eis que Satanaz vos reclamou para vos joeirar como o trigo"* (S. Lc., XXII, 31). Quando Satanaz viu que esse trono, apesar das perseguições sangrentas, ficava de pé, que, após as revoluções, as heresias, os banimentos, esse trono ainda lá estava, escolheu outro caminho, um caminho ainda mais perigoso: papas indignos ascenderam ao trono, nos séculos IX e X. Não tendo

sido destruido pelo sangue, nem pelas heresias, nesse momento, é que o papado devia ter sucumbido. Mas o rochedo de granito não vacilou.

"Satanaz vos reclamou para vos joeirar como o trigo". Várias vezes renovou-se a mais triste cena da paixão de Jesús, quando um de seus apóstolos o traiu. Outra instituição teria irremediavelmente perecido; esta porem, foi fundada pelas palavras criadoras do Filho de Deus: *Tu es Petrus...*

Novas perseguições ocorrem incessantemente. O soberano mais poderoso da Europa, Frederico Barbarroxa, cerca Roma, e parece que está liquidado o papado, nada mais o pode salvar! Eis, porem, que enormes fogueiras ardem no campo, em torno de Roma. Que é aquilo? Querem incendiar a cidade? Não. A peste declarou-se no campo, e queimam os cadáveres aos milhares, para poderem ao menos reconduzir-lhes os ossos à pátria. Mas as chamas já não bastam: atiram-nos no mar, aos milhares. E logo Barbarroxa, vencido, vem, de pés descalços, fazer penitência.

O Sultão Saladino escreve a Pio II: Chego, para fazer da basílica S. Pedro uma mesquita. O papa responde: A barca da Igreja pode ser sacudida pelas vagas, mas não afunda. E ela não sossobrou.

E os outros aproveitaram a lição? Não.

Napoleão humilha Pio VI e grita-lhe em tom de superioridade: O papa acredita que a sua excomunhão fará cair os fuzís das mãos dos meus soldados?... Mas em seguida vem Moscou... o fogo... o frio... e, no sentido literal da palavra, os fuzís cairam das mãos geladas dos soldados... depois chegam Waterloo, Santa Helena e o fim. *O papado ficou de pé, com a tríplice coroa de espinhos na cabeça.*

C) Ficou de pé porque há uma terceira promessa de Nosso Senhor que tambem se tem realizado: *"E as portas do inferno não prevalecerão contra ela"* (S. Mt. XVI, 18). *a*) Realizou-se no passado; *b*) realizar-se-á ainda no futuro.

a) *A promessa de Cristo realizou-se no passado.*

Conheceis o conto do leão doente?

O leão, bem doente, estava deitado na sua caverna. Um após outro, os animais vinham visitá-lo; a raposa tambem veiu. Mas estacou diante da caverna e não entrou. Perguntaram-lhe porque ficava fora.

— Os rastos metem-me medo — diz ela. Vejo os animais entrarem aí, mas não os vejo sair.

Aquí pára o conto. Certamente o duque Rodolfo referia-se a esse conto, pois quando o concitavam a atacar o papa e a Igreja, ele contentou-se em responder:

— Os rastos metem-me medo.

E a História mostra que ele tinha razão.

A Roma pagã desapareceu há muito tempo, o altar de Júpiter Capitolino há muito que foi demolido, hoje não resta mais que a lembrança dos imperadores e dos reis em luta com os papas, mas o papado vive e fulgura cada vez mais. O túmulo do pescador galileu, o túmulo de S. Pedro, tem permanecido, qual fonte inesgotavel de valores espirituais, há dezenove séculos; tem-se verificado sempre o provérbio francês: "quem come *papa* morre".

Que já não tem assistido e sofrido o papado! Viu o furor dos césares romanos contra a jovem Igreja — e viu a maioria deles afogados no seu próprio sangue.

Viu os Germanos de cabelos louros passarem vitoriosamente pelo arco de triunfo de Tito, e pasmarem-se

ante os esplendores de Roma — e viu a ruina dos chefes germanos, e ouviu-lhes o canto fúnebre.

Viu Carlos Magno com a coroa imperial, e viu tambem o fim dos Carlovíngios. A Igreja esteve em guerra com os Hohenstaufens, e viu a cabeça loura do último Hohenstaufen tombar sob o machado. Viu surgir e desaparecer todas as famílias reinantes da Europa. Viu os Carlovíngios, os Capetos, os Valois, os soberanos ingleses, dinamarqueses, normandos, os Plantagenetas, os Lancastres, os Yorks, os Tudors, os Stuarts, os chefes mongóis e os tzares moscovitas; viu os Romanoffs, as casas de Arpad, de Anjou e de Habsburgo, as casas de Orleans, de Angouleme e de Bourbon. Viu o Rei Sol na sua glória, mas tambem ouviu as palavras que um grande bispo, Massillon, pronunciou diante do seu esquife: "Só Deus é grande, meus irmãos". Viu Napoleão subir como um meteoro, e apagar-se rapidamente. E no entanto, o poder dos fuzís não representou papel algum na vida da Igreja; por trás dessa força, não há nem canhão nem baioneta, mas apenas uma promessa, as palavras do seu Fundador: "As portas do inferno não prevalecerão contra ela".

b) A promessa de Cristo realizar-se-á ainda no futuro.

Perecerá o papado? — poderiam perguntar. E o historiador só pode dar esta resposta: Não parece querer perecer. No passado, ele resistiu a todas as heresias, aos cismas, às revoluções, às intrigas humanas; nos nossos dias, ele cresce, por assim dizer, à vista d'olhos, e torna-se cada vez mais forte.

Quanto mais as tempestades da existência abalam povos do mundo, com tanto mais confiança os homens levantam os olhos para o único ponto firme, para a única luz segura, para o único poder que não vacila.

Todo conhecedor da História é obrigado a indagar a si próprio que misteriosa força é então essa que, desmentindo o cálculo das probabilidades, no meio das ruinas dos tronos e dos reinos, conserva o trono pontifical numa beleza intacta e com uma força de atração cada vez mais poderosa?

Si se pode falar em milagre na história do mundo, essa inabalavel instituição do papado, esse centro imutavel do espírito europeu, constituem um milagre.

Era certamente nisso que pensava o famoso historiador, não católico, *Macaulay*, quando escreveu estas palavras: "Onde existe ainda hoje, fora a Igreja Católica, uma instituição que possa ser considerada como a testemunha da época em que a fumaça do incenso ainda subia do Panteão, em que os leopardos e os tigres rugiam no anfiteatro dos Flávios? As mais orgulhosas dinastias reais são de ontem, si as comparamos com a série dos papas. A república de Veneza era, pela idade, a mais próxima do papado. Mas a república de Veneza era uma mera criança em comparação com o papado. A república de Veneza desapareceu, e o papado ficou. O papado não está em decadência, não é um resto do passado, mas está no pleno vigor duma força juvenil. E, hoje ainda, nada indica que a longa dominação da Igreja Católica marche para o seu fim. Essa Igreja tem visto todas as formas de governo, todas as instituições religiosas, e ignoramos si ela não é chamada a sobreviver ao fim de todas. Essa Igreja já era grande e respeitada antes dos Anglo-Saxões porem pé na Grã-Bretanha, antes dos Francos passarem o Reno; já era grande e honrada quando a retórica grega florescia ainda em Antioquia, e no templo de Meca ainda se adoravam ídolos. E não está dito que ela não subsista ainda, com frescor indestrutível, quando, um dia, um viajante, vindo da Nova-Zelândia, apoiando-se, num deserto, contra as colunas quebradas da ponte de

Londres, desenhar as ruinas da igreja de São Paulo" (Macaulay, *Critical and Historical Essays,* IV, p. 98).

Eis aí, na linguágem de um historiador célebre, o eco das velhas palavras da Bíblia: "E as portas do inferno não prevalecerão contra ela".

* * *

Meus irmãos, quem, fora Deus, que tudo sabe, poderia dizer o que o futuro reserva? Reencontrará um dia o papado o grande brilho exterior e o poder que tinha na idade média? ou, quem sabe? o papa voltará a ser tão pobre, quanto o era S. Pedro, e pregará a Cristo, errante e sem abrigo? — Não o sabemos.

Mas sabemos uma coisa.

Sabemos que haverá sempre um papa, emquanto viver um homem na terra.

Como o sabemos?

Porque, enqunto houver um homem na terra, haverá um coração humano que terá necessidade do bem e do belo, haverá uma razão humana que precisará da verdade, e haverá uma alma humana que nem o rádio nem a aviação nem a técnica, sejam quais forem os seus progressos, poderão satisfazer, mas que sempre terá sêde de Deus. E enquanto houver, na terra, um homem que tenha sêde de Deus, haverá tambem a Igreja Católica que revela Deus aos homens, e haverá tambem a sua pedra fundamental, o papado.

Durante dezenove séculos, já todos os assaltos têm sido lançados contra esse rochedo, mas ele permanece inabalavel, e assiste às idas e vindas dos séculos, o nascimento e a ruina das dinastias e das nações. A raiz que o alimenta imerge tão profundamente no solo divino, que o verme roedor não a destruirá, e a mão que o sustenta vem

de tal altura no céu, que a maldade humana nunca a atingirá.

O rochedo está de pé, e sobre o seu vértice mantem-se o seu guardião, trazendo a triplice coroa de espinhos. E si o mundo tiver de girar ainda por milhares de anos, o papa continuará a empunhar o facho luminoso, enquanto o seu clarão não se confundir com o grande fogo do juizo final, e continuará a fazer ouvir a sua palavra diretora infalivel, enquanto ela não se juntar ao som das trombetas a convocarem para o juizo final.

Porque velam sobre ele as palavras imortais de Cristo: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja. E as portas do inferno não prevalecerão contra ela". Amém.

IX

O PAPADO NA BALANÇA DA HISTÓRIA

Quando um não-católico quer insultar gravemente um católico, quando pensa na maneira como ferí-lo vivamente em pleno coração, diz-lhe com um tom de superioridade e com um ar de desprezo: "Papista!". E crê, assim, cobrir de vergonha o seu interlocutor, pois não pode imaginar maior injúria e ofensa do que chamar alguem de "papista", isto é, um fiel do papa.

Realmente, é assim que fala todo homem sem reflexão. E' assim que fala todo aquele que não sabe nada de História. Mas aquele que conhece, mesmó nas grandes linhas apenas, a História do mundo, — seja qual for a sua religião, seja ele judeu ou mussulmano, — esse não pode recusar o seu respeito ao papado, a essa instituição que tem feito o máximo no mundo, no interesse da civilização intelectual e material, da justiça e do direito.

Na verdade, para nós, católicos, não é esse o maior mérito do papado. Somos agradecidos ao papa, primeiramente e antes de tudo, porque ele conserva na sua pureza, sem alteração, a doutrina de Cristo, e porque ele é "a pedra" que sustenta inabalavelmente a Igreja de Cristo. Sim, eis aí, porque lhe somos gratos em primeiro lugar.

Mas vale a pena examinarmos tambem os méritos do papa em relação ao mundo, afim de ainda aumentarmos com isso o respeito que lhe tributamos. Vale a pena considerarmos agora o papado não só com os olhos de católico, mas ainda o estudarmos, colocando os seus méritos na balança da História, para encararmos, do ponto de vista puramente humano, si é realmente uma vergonha sermos chamados "papistas", ou si, antes, não devemos bater ufanamente no peito, dizendo: "Deus seja louvado por ser eu um papista".

E' esta a expressão que sairá realmente dos lábios de *quem quer que examine os méritos que o papa tem adquirido pelo desenvolvimento*: I. *do cristianismo, de um lado;* II. *da civilização, de outro.*

I

O PAPA E O CRISTIANISMO

A) Para que serve o papado? Para que é que há papas? — "Para serem déspotas, para serem senhores absolutos", respondem os mal intencionados. Não, não é para isso. Mas é *para dar Cristo à humanidade.* E' para isto e unicamente para isto.

S. Pedro veiu a Roma para pregar a doutrina de Cristo, e por essa razão foi morto. Os papas têm enviado missionários ao mundo inteiro, para pregarem a doutrina de Cristo. Têm dado penosos combates, têm decretado penas sensibilíssimas, para proteger a doutrina de Cristo. Têm aceito a glória exterior, as homenagens, e o respeito, para utilizarem tudo isso a serviço do desenvolvimento do reino de Cristo.

Os papas têm sempre conservado com alma comovida a lembrança do tríplice protesto de amor, em seguida ao

qual o primeiro papa recebeu de Cristo os seus poderes. "Simão, filho de João, amas-me mais que estes?" — perguntou Nosso Senhor a S. Pedro. E Pedro respondeu: "Sim, Senhor, sabeis que eu Vos amo". E Cristo lhe disse: "Apascenta meus cordeiros" (S. Jo., XXI, 15). E fê-lo repetir uma segunda e uma terceira vez esse protesto de amor. Poderiam os papas esquecer que foi *por causa desse amor* que eles receberam o poder de triunfar do mundo? que eles devem ser junto à humanidade os pregadores do amor de Cristo, da paz, das suas bençãos, da boa nova? que devem, apesar da maldade humana, do ódio e da hostilidade, auxiliar o triunfo do amor de Cristo forte, generoso, desinteressado?

B) Si quiséssemos resumir numa só frase a história dezenove vezes centenária dos 262 papas, poderíamos fazê-lo com estas palavras do divino Salvador: "*Apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas*". Todo papa que foi digno representante de Cristo viu nisso, o seu único dever.

a) *Quantos méritos têm os papas como pastores do rebanho de Cristo!* As cruentas perseguições dos primeiros séculos dilaceraram o rebanho de Cristo. Onde estava o pastor? O mercenário ter-se-ia posto em fuga, mas o lugar do bom pastor é junto do seu rebanho. E os papas estiveram realmente com ele nas catacumbas, para fortificar-lhe a fé, e foram com ele ao martírio, para confirmarem com seu sangue a doutrina de Cristo. Hoje ainda, existe a lista dos papas, que é particularmente emocionante; Pedro, Lino, Cleto, Clemente, Evaristo... e após cada um desses nomes: "martir", "martir". Prossigamos a nossa leitura: Alexandre, Higino, Pio, Anacleto, Soter, Eleutério, Vítor... e após cada um desses nomes vemos: "martir", "martir"; vinte e nove vezes seguidas, aparece o estribilho comovente: "martir", "martir". Em verdade,

o papado tem sido sempre a força, o incentivo, o coração da cristandade.

b) E mais ainda, o papado tem servido de farol para apontar o caminho, e *por onde quer que passe a barca de Pedro, no seu sulco brotam as bençãos.* E a observação colhida em dezenove séculos fortalece ainda mais essa verdade. Roma é ao mesmo tempo o ponto de partida e o centro da fé cristã e da civilização cristã. Quantas vezes tem-se renovado na história dos papas o episódio que S. Pedro viveu quando saltou da barca de João e começou a afundar em meio às ondas com grande pavor seu! Quem conhece a história, sabe que há épocas de real consternação. Assim, vemos que, no tempo do arianismo, só o papa defendeu a fé na divindade de Cristo, poucos cristãos permaneceram fiéis, e por assim dizer, o mundo inteiro se tornou ariano. Vemos a perseguição pérfida de Juliano, o Apóstata, os cismas, as revoluções, o despotismo de Napoleão... Mas, tantas vezes quantas, aparentemente, os vagalhões ameaçaram o papa, renovou-se ainda sempre, finalmente, o milagre de S. Pedro a ponto de afundar: "Logo Jesús, estendendo a mão, segurou-o e lhe disse: Homem de pouca fé, por que duvidaste?" (S. Mt., XIV, 31).

Si o ensinamento de Nosso Senhor Jesús-Cristo tem permanecido intacto no curso de dezenove séculos, é, em primeiro lugar, mérito dos papas. Si o penoso trabalho dos missionários tem ganho para Cristo continentes inteiros, é mérito do papa. "Si a propagação do cristiañismo é um mérito — escreve o protestante *Herder* (Ideen zur Philosophie der Geschichte, II, 350) — então os papas têm nele grande parte". Si a Europa não se tornou presa facil dos Hunos, dos Sarracenos, dos Tártaros e dos Turcos, foi em primerio lugar mérito dos papas.

c) Mas aquí se apresenta ao espírito uma idéia curiosa: *Si atualmente Cristo voltasse à terra e fosse ao Vaticano...* Ah! sim. Que acharia? Que faria? Si mergulhasse os olhos, que vêem tudo, na vida dos 262 papas, não acharia tambem neles falhas, manchas? Naqueles que, embora revestidos do poder supremo da Igreja, foram contudo homens?

Sim, acharia.

Porventura o seu divino olhar não se abaixaria tristemente sobre um ou outro? ou não se inflamaria de cólera?

Sim, inflamar-se-ia de cólera.

Mas contudo... Mesmo aplicando aos 262 papas o julgamento mais severo, a quantos poderíamos exprobrar o esquecimento dos seus deveres, o mundanismo ou falhas morais? A seis ou sete no máximo. Os outros foram todos homens eminentes, caracteres imponentes, muitos foram mártires e foram canonizados. Si o divino olhar de Nosso Senhor descesse, pois, sobre eles, e si seus olhos, que tudo vêem, escrutassem as leis da evolução da História, e as fraquezas da natureza humana, de maneira tão penetrante como jamais nem historiador nem psicólogo puderam fazê-lo; e si Ele visse então o grãozinho de mostarda, que Ele semeara, transformado, mesmo sob o simples ponto de vista natural, na árvore imensa da Igreja, de folhas e de flores magníficas; e si Ele fizesse de novo ao Papa Pio XII a mesma pergunta que a S. Pedro: Por quem me têm os homens? Pio XII lançar-se-Lhe-ia aos joelhos, e, adorando-o, repetir-Lhe-ia as palavras imortais: "Sois o Cristo, o Filho do Deus vivo". E' absolutamente certo, meus irmãos, que Nosso Senhor não acharia nada que criticar nem que censurar ao papado atual, mas repe-

tiria as palavras benditas: "Feliz és tu, Pedro, porque minha Igreja repousa solidamente em ti...".

Eis aí o primeiro mérito histórico do papa: é sobre ele que repousa a Igreja de Cristo.

II

OS PAPAS E A CIVILIZAÇÃO

O que acabamos de ouvir sobre os méritos dos papas só tem valor junto àqueles que amam, e honram o cristianismo, e o encaram como o maior benefício para a humanidade. Mas, na balança da História, patenteiam-se tambem tantos méritos dos papas, que, mesmo os não-cristãos têm de encarar o papado com o maior respeito.

Os que não estão bem a par da História da civilização, emitem facilmente sobre o papado um juizo reprovador, por causa da indignidade de um ou outro papa. Mas podemos acreditar no célebre historiador não católico *Gregorovius,* quando diz: "A História não tem suficientes títulos de honra à sua disposição para poder, mesmo aproximativamente, assinalar os altos feitos dos papas, e a sua gloria que não passará".

Quais são os grandes méritos dos papas a respeito da civilização?

São os méritos que eles têm adquirido no terreno: *A) da civilização, B) da verdade, C) da defesa do direito.*

Insisto de novo no fato de, aos nossos olhos, não serem esses os seus méritos maiores. Para nós, o seu maior mérito é serem eles o rochedo da Igreja de Cristo. Mas não é supérfluo passarmos rapidamente em revista, tam-

bem, os seus méritos históricos, afim de que a nossa veneração para com o representante de Cristo seja tanto mais justificada.

A) Para esboçar, apenas, *o que a civilização* — material e espiritual — *deve aos papas,* seriam precisos volumes.

a) Primeiro que tudo, seria mister apresentar *toda a história da conversão dos povos.*

O papado estende o seu poder sobre o mundo inteiro, mas não possue nem canhões nem metralhadoras. Como conquistou ele o mundo inteiro? Eleva a voz ante o Romano orgulhoso, senhor do mundo, e ele curva a fronte diante de Cristo. Eleva a voz ante o povo grego educado na filosofia de Platão e de Aristóteles, e ele faz seu, o ideal cristão. Eleva a voz ante as tribus dos invasores bárbaros, e elas dobram-se sob o jugo de Cristo. E, por toda parte onde se ergue a cruz, regista-se um novo surto de vida; as tribus dispersas organizam-se em estados, os povos nômades e turbulentos tornam-se pacíficos cidadãos.

O papado tem assegurado, pela unidade de fé e de costumes, a união de idéias e de vontade dos povos, o enobrecimento dos corações e das almas, fatores esses que se tornaram a base da nossa civilização atual.

b) Mas, ao lado da conversão dos povos, cumprenos mencionar *a generosidade sem exemplo, e a proteção inegualada, que os papas dispensaram às artes e às ciências.*

Quem foi a Roma e lá viu, a cada passo, os magníficos edifícios, as estátuas, os chafarizes, levantados pelos papas; quem percorreu as maravilhosas salas do Vaticano e os museu de arte; quem passou, apenas algumas horas, na imensa biblioteca vaticana ou nos arquivos, não precisa

que lhe expliquem o que a civilização humana, a mais requintada, deve ao papado.

Todas as histórias da arte proclamam eloquentemente a glória dos papas, grandes protetores de Bramante, de Rafael, de Miguel Ângelo, de Bernini, de Maderno.

Quem percorreu as coleções antigas do Vaticano, nota com admiração, que aqueles museus salvaram da destruição as bases de toda a nossa ciência e de todos os nossos conhecimentos clássicos. Aquilo que conhecemos pelas reproduções dos nossos livros colegiais, encontramos no original: o grupo de Lacoonte, Ariana dormindo na sua túnica de harmoniosas dobras, o Apolo do Belvedere, etc.

Foi com razão que o papa Pio XI, na sua encíclica "Deus scientiarum Dominus", publicada em 1931, mencionou uma multidão de universidades que devem a existência ao papado. Muitos se admirarão de ouvir que os papas fundaram as universidades seguintes: Bolonha, París, Oxford, Salamanca, Tolosa, Roma, Pádua, Cambridge, Pisa, Perusa, Florença, Pavia, Lisboa, Siena, Grenoble, Praga, Viena, Colonia, Heidelberg, Leipzig, Montpellier, Ferrara, Lovaina, Basiléia, Cracóvia, Vilna, Graz, Valladolid, México, Alcalá, Manilha, Santa-Fé, Lima, Guatemala, Cagliari, Lemberg e Varsóvia.

B) Não são menores os méritos adquiridos pelos papas *pela propagação e defesa da verdade.*

a) A solução dos problemas terrenos depende sempre do modo de encarar as coisas eternas. A política, a educação, a vida social, a vida jurídica e moral estão em relação com as respostas que dermos às questões primordiais. Por isto, é um mérito imperecivel dos papas o fato de, mantendo a pureza das verdades do cristianismo, *haverem educado o Ocidente cristão numa tradição cultural unida, forte e segura.* Foram sempre os papas que proclamaram e defenderam no mundo a superioridade do es-

pírito sobre a matéria, a superioridade da alma sobre o corpo, da moral sobre o interesse, do direito sobre a força, da verdade sobre a mentira. E quem não vê que a vida humana ordenada perdura, ou desaparece, segundo o grau de certeza dessas verdades? Quem não vê que a defesa da verdade tem feito do papado o primeiro fator civilizador da humanidade?

b) *Só hoje é que, diante dos gemidos da humanidade transviada em busca do fogo fátuo duma filosofia errônea, podemos realmente, plenamente, apreciar o que significa para a civilização a proclamação da verdade.* Todos os planos, todos os desejos, todo o sêr do homem de outrora estavam estreitamente unidos com o sobrenatural. O homem de hoje quis libertar-se do sobrenatural, acreditando que se bastaria a si mesmo e poderia salvar-se por si próprio. Mas, após as subversões sociais contínuas e as revoluções perpétuas, hoje ele vê de novo que o reconhecimento do mundo sobrenatural é a garantia única e certa, da ordem na vida terrestre. Lançar uma ponte entre os dois contrastes, eliminar as incertezas, dar uma resposta satisfatória, só o pode a sabedoria que o papado ensina há dezenove séculos. E si os papas não tivessem feito outra coisa, sinão elevar o facho da verdade acima da humanidade, já seriam só por isso, os primeiros benfeitores da humanidade.

C) Mas, ao lado da pregação da verdade, *eles têm adquirido méritos no terreno da defesa do direito.*

a) Pode-se ver no Vaticano um quadro célebre de *Rafael*: o encontro de Átila com Leão I. As hordas devastadoras dos Hunos precipitavam-se de Veneza para Roma e ameaçavam varrer o mundo civilizado. Nessa angústia, o papa Leão I foi ao encontro de Átila, para lhe pedir misericórdia. Esse encontro histórico teve lugar em

Mântua, no ano 452. Nesse quadro, ao lado do papa, um velho de cabelos grisalhos (S. Pedro) ameaça com seu gládio o príncipe devastador.

Essa pintura simbólica representa *a coragem intrépida* com que os papas sempre elevaram a voz pela defesa do direito; e era nisso que certamente pensava o célebre publicista francês *Veuillot*, quando escrevia: "Tirai S. Pedro ao mundo, e será a noite em que um Nero se levanta, cresce e chega ao trono".

Os papas não têm apenas proclamado o pensamento de S. Paulo, que a autoridade legal vem de Deus (Rom. XIII, 1), mas têm-se esforçado tambem por proclamar a verdade diante das usurpações do Estado. Os papas têm condenado a demagogia, essa doutrina que faz derivar do povo todo poder, como têm condenado o estatismo que faz vir do Estado todo poder. Jamais têm deixado de fazer ressaltar o vínculo existente entre o direito e a moral, e desse modo têm impedido que questões de direito transformem-se em questões de força. O "direito" é aquilo que é "justo"; mas aquilo que é justo é determinado pelas leis eternas de Deus, e não pelo bel prazer do homem. Quem ama a Deus respeita tambem o direito: o homem religioso é, pois, tambem o melhor cidadão.

Pregando e defendendo essa idéia, os papas têm prestado ao direito um serviço incomensúravel. Quando as mais fortes crises se desencadeiam na existência dos povos, os papas não deixam de elevar a voz no interesse da autoridade mais alta, do dever social e do direito, e, assim, de salvaguardar as bases da vida social humana organizada. "Na idade média os papas foram os verdadeiros baluartes do direito", diz o historiador não-católico *Heinrich Leo*. Essa atitude corajosa exigia tal desinteresse e tais sacrifícios, que, por assim dizer, cada papa poderia ter dito o que o papa *Gregório VII* dizia antes da sua

morte no exilio: "Amei a justiça e odiei a iniquidade, é por isto que morro no exílio".

Quando o célebre historiador de Roma, *Gregorovius*, escreve: "A religião cristã foi o único baluarte contra o qual vieram quebrar-se as ondas dos bárbaros", compreendemos tambem uma outra afirmação sua: "O culto dos povos da idade média pela cidade de Roma era sem limites". Sim, porque a humanidade achara no papado a garantia de um juizo imparcial e justo.

b) Ainda hoje, muitos combatem o papa. Por que? Porque a fé cristã os incomoda? Absolutamente não. *Mas combatem-no porque o papado é a mais alta personificação da idéia de autoridade.* Foi sempre essa, a causa última dos ataques contra o papa. As tendências revolucionárias sentiam bem que ele é o único baluarte temivel.

E si o papado vem comprovar a civilização e a elevação da humanidade, então compreendemos o que seria da humanidade sem o papado. Que teria sido da Europa, si ela tivesse sido privada desse poderoso protetor da civilização, da verdade e do direito, desse representante da superioridade intelectual e dessa personificação da autoridade? Não responderei eu a esta pregunta, mas sim o ilustre discípulo de Kant, *Herder*, que escreveu no seu livro "Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit": "Si os Hunos, os Sarracenos, os Tártaros, os Turcos e os Mongóis não absorveram a Europa para sempre, foi obra do papado. Si não fosse a hierarquia romana, a Europa ter-se-ia provavelmente tornado a presa dos déspotas, o teatro das discórdias eternas, ou então teria sido transformada em deserto mongol".

* * *

Meus irmãos, agora proponho de novo a questão: devemo-nos considerar insultados quando espíritos estreitos nos tratam desdenhosamente de "papistas"? Será uma vergonha para nós, que a nossa fé seja edificada sobre o rochedo duma instituição única, ou não será, antes, uma vergonha, que certas pessoas não tenham noção alguma dos méritos históricos imperecíveis, pelos quais todo homem culto deve gratidão eterna ao papado?

O que o mundo deve ao papado, não é facil resumir. Deve-lhe a conservação integral da fé cristã. Deve-lhe a pregação, integral e sem compromissos, da moral cristã. Deve-lhe a propagação do reino de Cristo. Deve-lhe toda a civilização cristã, as artes e as ciências. Deve-lhe a guarda corajosa dos tesouros mais preciosos da humanidade: a vida familiar, a educação, a justiça mútua.

Tem sido justamente durante as duas últimas décadas que a humanidade tem volvido frequentemente os olhos para Roma: em meio aos oceanos de amargura da grande guerra, e dos tempos que a seguiram. Como o rochedo acima das ondas, o trono do papa mantem-se firme, e com autoridade crescente, neste mundo onde tronos que datam de vários séculos têm ruido, e onde toda autoridade parece desaparecer. A tiara do papa refulge, quando as coroas dos soberanos tombam, às dezenas, no pó.

E si a humanidade se tornar bastante insensata para se dilacerar a si mesma, continuando a seguir filosofias sedutoras e o fogo fátuo das palavras enganadoras, e si delapidar inteiramente os tesouros e os valores espirituais conquistados outrora, então, no caos das sociedades em ruinas e dos destroços das civilizações reduzidas a pó, *o papado ficará de pé, a dominá-las, como as pirâmides do Egito ficam de pé e dominam as planícies de areia estendidas a seus pés, pelos séculos.*

Meus irmãos, demos graças a Deus por sermos tambem "papistas". Amém.

X

SALVE, ROMA SANTA!

A cidade eterna, Roma, atrai constantemente uma multidão de peregrinos, vindos de todos os pontos do mundo. Na verdade, fora a Terra Santa, cujo solo foi pisado pelo Filho de Deus, e fora a nossa terra natal, em cujo seio repousam os restos dos nossos antepassados, não há em todo o universo, lugar tão santo, para os cristãos, como o solo de Roma.

Mas não é a vetusta capital do mundo antigo que nos entusiasma. Nem tão pouco é a cidade de incomparáveis obras-primas que nos inflama.

O que amamos é a pedra fundamental que está em Roma, e sobre a qual Cristo edificou a sua Igreja. Amamos o coração que pulsa em Roma, e faz circular a vida cristã nos membros da Igreja universal. Amamos a cabeça que, de Roma, dá as suas diretrizes, e promulga a doutrina cristã no mundo inteiro. Amamos a mão paternal que, de Roma, se eleva abençoando o mundo inteiro.

E' nisso que consiste o atrativo misterioso da "Roma eterna".

"Salve, Roma santa!", exclamavam com entusiasmo, em 1300, os peregrinos reunidos para o primeiro jubileu do ano santo, quando, após uma longa e fatigante viagem, do alto do Monte Mário, avistaram, aos derradeiros raios do sol, a cidade santa diante deles.

"Salve, Roma santa!", exclama ainda hoje todo bom cristão que reflete conscienciosamente no que a alma cristã deve a Roma. O amor entusiasta de Roma foi sempre o caracteristico dos bons católicos no mundo inteiro. E' um fato tão conhecido, que não é necessário discorrer ainda mais sobre ele. Mas por isso mesmo, será tanto mais util, na presente instrução, estudarmos as causas desse fato e indagarmos por que é que nos chamamos a nós próprios, católicos-romanos, isto é, *por que é que amamos Roma.*

Dupla será a nossa resposta. I. *Amamos Roma porque é lá que pulsa o coração da Igreja;* II. *Amamos Roma porque é lá que vive o chefe da Igreja.*

I

É EM ROMA QUE PULSA O CORAÇÃO DA IGREJA

Em primeiro lugar, reconhecemo-nos como católicos-romanos e amamos Roma porque lá pulsa o coração da Igreja; e *A*) assim como aquela cidade foi a *glória do cristianismo no passado,* *B*) assim tambem ainda é *a fonte vital do seu florescimento atual.*

A) *O glorioso passado do cristianismo está inseparavelmente unido ao nome de Roma.*

a) A velha Roma pagã tambem pode ter sido grandiosa, — mas *como a alma humana era então miseravel!* Os Romanos distintos habitavam nos palácios de mármo-

re dourado, liam Homero, Horácio, Virgílio; o Forum era cheio de vida, os templos pagãos numerosos — mas em seguida as portas da arena se abriam e, no Coliseu, imperadores, políticos, chefes de exército, escritores, poetas e vestais contemplavam com entusiasmo os combates de vida e de morte dos gladiadores. E aquela multidão de 90.000 pessoas reunidas no Coliseu ululava de indignação quando os gladiadores se poupavam mutuamente ou se aniquilavam demasiado rapidamente. Na realidade, os espectadores queriam ver sangue, sangue humano a correr longo tempo; tanto as vestais como os grandes homens de Estado. E quando o gladiador vencedor olhava para a tribuna imperial implorando a graça da vida para o seu adversário caido em terra, ferido, a mão delicada do imperador virava o polegar para o chão num gesto sanguinário: nada de perdão. Mata-o, mata-o!

Era isso a Roma pagã.

b) Mas um dia, um pescador de Betsaida aproximou-se de Roma seguindo a via imperial; chamava-se outrora Simão, mas agora chama-se Pedro. Por outra via imperial, soldados romanos conduziam um prisioneiro que o governador Festo enviara da Judéia; chamava-se Paulo de Tarso. E quando Pedro e Paulo transpuseram as portas da grande cidade pagã, imediatamente a história do mundo foi transformada. Aquela Roma que até então era o ninho e o viveiro da sensualidade, dos combates de gladiadores, dos ídolos, começou a ser *o ponto de partida e o início duma nova, santa e nobre civilização, da espiritualidade cristã*: *Roma tornou-se o coração da Igreja*. E, assim como das veias do corpo todo o sangue aflue ao coração, assim tambem Roma tornou-se o centro mundial de peregrinação, a mais velha cidade turística à qual, há dez séculos, quando ninguem falava ainda de turismo, os povos acorriam em multidão: eram atraídos pelas pulsa-

ções do coração da Igreja. Foi assim que Roma se tornou a "cidade eterna". Mas nela só há de eterno o que vem de S. Pedro e de São Paulo.

Depois, Roma tornou-se para nós um lugar santo, porque, no Coliseu, nossos irmãos os primeiros cristãos padeceram às dezenas de milhares, sob os dentes dos leões e dos tigres, das panteras e dos ursos: dezenas de milhares de sacerdotes, de bispos, de mães, de donzelas, de meninos, de velhos. Eles morreram pelo triunfo da cruz, pelo triunfo da alma, pela causa de Cristo. Dos seus túmulos saíu uma outra Roma, Roma a santa, Roma a eterna.

B) Assim como Roma foi o cenário do passado glorioso do cristianismo, assim tambem é ainda *a fonte vivificadora do seu florescimento atual.*

a) A Itália e Roma têm exercido, há séculos, uma poderosa atração sobre os povos e sobre os indivíduos. Os Cimbros, os Teutões, os Celtas foram, talvez, atraídos para fora da sua pátria nórdica e fria pelo calor do céu meridional, e muitos viajantes, hoje em dia, são talvez atraídos apenas pelos tesouros artísticos da Itália.

Mas pode-se afirmar com certeza que a maior parte dos viajantes dos rápidos e longos trens de peregrinação que demandam Roma, alí não vão, em primeiro lugar, para gozar do calor do sol, nem para ver obras-primas. E, do mesmo modo que os povos afluiam do mundo inteiro à antiga Roma pagã, em busca da orientação jurídica, política, artística e econômica, e regressavam à sua pátria longínqua, com novo ardor para o trabalho, assim tambem os cristãos vão visitar na nova Roma o centro do cristianismo, e, *rejuvenescendo a alma ao contacto do coração da Igreja, voltam para sua terra mais fortes para a tarefa quotidiana.*

Dizem de *Goethe* que, quando ele fez a sua famosa viagem à Itália e alcançou Roma quasi sem parada, no caminho, foi, propriamente falando, uma fuga de um meio familiar estreito, acanhado, pesado, do nevoeiro da dúvida e da incerteza, para a luz de uma filosofia positiva e de vistas largas.

E' o que sente todo peregrino de Roma; sente a alma transformada, cheia de grandes e sublimes pensamentos, pela contemplação dos valores absolutos, e dos princípios eternamente válidos. Não se vai a Roma como turista, mas como penitente, como peregrino, como viajante sequioso, como homem fraco que busca forças para sua alma. Efetivamente, quem fosse a Roma unicamente para ver obras-primas, circularia nela como cego, e como prisioneiro espiritual. Que importância podem realmente ter as riquezas passageiras da Roma artística, ao lado dos problemas eternos a que a outra Roma, a Roma santa, a Roma eterna, dá a resposta?

b) *E' impossivel descrever os sentimentos que invadem a alma do visitante de Roma, é mister havê-los experimentado.* Achamo-nos, lá, ao lado do túmulo daquele que falou com Nosso Senhor Jesús-Cristo. Achamos-nos na cidade onde foi continuamente pregado o Evangelho desde que o primeiro papa nela penetrou. Estamos na Roma cristã que não foi fundada por um Rômulo ou um Remo, como a Roma pagã, mas por S. Pedro e S. Paulo. Lá respiramos uma atmosfera cristã, lá sentimos o fermento vivificador do Evangelho que cristianizou a alma pagã, tal como o Panteão pagão, que se tornou a igreja dos mártires; o templo de Minerva, a igreja de "Santa Maria sopra Minerva", o templo de Diana, a igreja de Santa Sabina.

c) E aquí eu quisera ainda indicar-vos um fato interessante: *Roma tornou-se a mãe comum de todos os*

cristãos, sem que ninguem seja obrigado a renegar a sua nacionalidade. E' a verdade. De feito, quando vamos a Roma, não é a capital da Itália que queremos visitar, mas o coração do mundo cristão. Assim podemos compreender o fato particular de, em Roma, apesar do seu entusiasmo, os peregrinos absolutamente não se esquecerem da sua própria pátria, mas em parte alguma pensarem com tanto amor nela, em parte alguma se condoerem tanto dos sofrimentos dela, em parte alguma cantarem com tanto ardor os seus hinos nacionais, como na cidade eterna.

II

É EM ROMA QUE VIVE O CHEFE DA IGREJA

Não amamos Roma somente porque lá pulsa o coração do cristianismo, mas tambem porque nela vive o chefe do cristianismo, porque lá vive: *A) o papa, B) o nosso Santo Padre o papa.*

A) Amamos Roma porque o papa habita em Roma.

a) Que é o papa? Que pensa dele a Igreja Católica?

O que o mundo pensa, vemo-lo a cada eleição de um papa. A imprensa mundial publica gigantescos artigos, faz conjecturas para saber qual será o novo papa, o que se poderá esperar dele, que linha politica adotará... Eis aí o que o mundo pensa dele.

E a Igreja? A Igreja ordena uma missa especial para o momento em que tem lugar a eleição do papa, — "Missa pro eligendo Summo Pontífice", — e a coleta dessa missa mostra magnificamente o que a Igreja espera do papa. Leiamos essa oração. Que papa a Igreja pede

a Deus? Um grande amigo das artes? Um grande edificador? Um grande político? Um diplomata? Nada de tudo isso. Mas um papa que, pela sua solicitude por nossas almas ("pio in nos studio"), seja sempre agradavel a Deus e digno do respeito de seu povo.

Eis aí como a Igreja ora pelo papa. E' a oração que ela aprendeu de Nosso Senhor Jesús-Cristo, que disse um dia a S. Pedro: "Simão, Simão, eis que Satanaz vos reclamou a todos para vos joeirar como o trigo; mas roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando fores convertido, confirma teus irmãos" (Lc., XXII, 31-32).

Que palavras extraordinárias! Cristo rogou por Pedro! Cristo roga pelo papa, pois sabe que tarefa incumbe a ele: a sorte eterna de milhões de almas humanas imortais depende da sua infalibilidade, da firmeza da sua fé.

Os cristãos aprenderam de Cristo a *rezarem tambem muito pelo papa.* Lemos já dos primeiros cristãos que, enquanto Pedro estava na prisão, "a Igreja não cessava de dirigir por ele preces a Deus" (At. XII, 5).

b) Essas palavras de Cristo têm ainda outra consequência: *a obediência ardente, cheia de veneração filial,* que os Estados e os povos que levam vida verdadeiramente cristã sempre demonstraram para com o papa. Com efeito si Cristo mandou ao papa que confirmasse seus irmãos na fé, ordenou-nos tambem, em compensação, sermos filhos obedientes e submissos, quando ele quer conduzir-nos e dirigir-nos na nossa fé.

"Devemos obedecer cegamente às palavras do papa?" Sim. Tal como um homem sensato costuma obedecer cegamente à sua cabeça, — e não à mão ou à língua. Realmente, nós, fiéis, somos as mãos, os pés e o corpo da Igreja. Mas a cabeça é Cristo, e seu representante é o papa.

Lêde o que S. Paulo diz de Nosso Senhor Jesús-Cristo na sua epístola aos Efésios: "E lhe pôs tudo debaixo dos pés, e deu-o por chefe supremo a toda a Igreja, a qual é seu corpo e a plenitude daquele que cumpre tudo em nós" (Efésios, I, 22-23).

Cristo é, pois, a cabeça da Igreja, mas o papa é o representante de Cristo na terra; e nós amamos Roma, porque é nela que habita o papa, o representante de Nosso Senhor na terra.

B) Mas o nosso amor tem ainda uma fonte mais profunda. Não é só a cabeça, o chefe supremo da Igreja, que habita em Roma, é tambem o pai, de coração amante, de toda a cristandade, *Nosso Santo Padre*, e só esta expressão pode plenamente traduzir o amor profundo que sempre atraíu os fiéis para Roma.

a) Realmente, *os próprios não-católicos são tomado de respeito e duma emoção toda particular* quando estão em presença do Santo Padre, por ocasião duma audiência. A quantos tem sucedido algo de análogo ao que se passou com o poderoso ministro do rei Luiz Filipe, *Thiers*, que, durante a sua estada em Roma, solicitou uma audiência do papa, mas pediu, na qualidade de protestante, para não ser obrigado a ajoelhar-se diante do papa nem lhe beijar a mão. Quando apresentaram esse pedido a Gregório XVI, este respondeu, sorrindo, que Thiers poderia fazer como quisesse.

E o presidente do Conselho francês entrou. Mas quando chegou diante do papa, singular sentimento apoderou-se dele: ajoelhou-se e beijou-lhe o pé.

O papa perguntou-lhe amavelmente: "Senhor Ministro, teria V. Ex. dado um passo em falso?"

O espirituoso francês replicou habilmente: "E' verdade, nós todos vamos ao chão ante a grandeza do papado".

Eis aí o que sente, mesmo um não-católico, diante do papa.

b) *Que sentem, pois, os fiéis católicos quando pronunciam estas três palavras: "Nosso Santo Padre?"* Que expressão cheia de fervor e de veneração! Que respeito, que confiança filial irradiam dela! Que não dizem estas três palavras "O Santo Padre!"

Primeiramente, são palavras de confiança. Sois a pedra em que repousa a nossa fé. Sois a base sobre a qual se eleva a nossa casa de família, a Igreja Católica. Sois a coluna, que suporta a abóbada da Igreja universal. Sois a cabeça, que nos indica o caminho. Sois o coração, que bate por nós.

Mas *essa expressão indica tambem um grande amor.* Sois o chefe de família, e cada um se sente em sua casa junto a vós. Sois o pai, e de todos os cantos do mundo vossos filhos acorrem para vós. Sois "a pátria das almas". como Sienkiewicz chamou um dia Roma.

Não há no mundo um só reino tão variado na sua lingua. na sua história, no aspecto exterior dos seus membros. na sua natureza espiritual e cultural, como a Igreja Católica. E um só ponto mantem maravilhosamente unida essa diversidade: o centro da Igreja, o papa. Êle é o legislador supremo. o guia, o rochedo, a base, o ponto central — o representante de Cristo.

c) Lemos no capítulo LX do profeta Isaías a descrição duma visão sublime: "Levanta-te, Jerusalem, e resplandesce. Porque a tua luz surge e a grandeza do Senhor se levantou sobre ti. As trevas cobriam a terra, e sombria escuridão, os povos; mas sobre ti o Senhor se le-

vantará, e sua glória resplandescerá sobre ti. As nações marcharão para a tua luz, e os reis para a claridade do teu nascer. Volve os teus olhares em torno e vê: eles se congregam todos e vêm a ti; teus filhos vêm de longe, e tuas filhas são carregadas nos braços" (Isaías, LX, 1-5).

Quando lemos essas linhas, pensamos em *uma grande audiência pontifícia a uma peregrinação de ano santo.* Parece que Isaías lhe tomou emprestadas, literalmente, sua vivas cores.

As vetustas e magníficas salas do Vaticano estão cheias de peregrinos vindos de todos os pontos do mundo; eles se conservam uns ao lado dos outros, comungando na mesma prece, como irmãos em Cristo, e aguardando o pai comum, de todos, o papa. Brancos e Amarelos, Europeus, Asiáticos, Egípcios, Indianos, estão uns ao lado dos outros. As suas línguas, os seus trajes, a forma dos seus olhos, a sua educação diferem, — mas eles têm a mesma fé, o mesmo Cristo e o mesmo Vigário de Cristo, que se aproxima deles nas suas vestes brancas... as pessoas se ajoelham, beijam a mão abençoada de seu pai, poucos são os que não têm lágrimas nos olhos... Então, cada qual sente que alegria há em ser católico, que ufania em pertencer à verdadeira Igreja! Que tranquilidade em saber que sua fé, ainda hoje, repousa sobre a pedra em que Cristo outrora a assentou e à qual fez esta promessa: "as portas do inferno não prevalecerão contra ela!"

* * *

Meus irmãos. Uma das mais célebres vias imperiais de Roma chama-se a Via Ápia. Uma estrada erma ao longo da qual se enfileiram túmulos ensombrados por pinheiros e de ciprestes. Num cruzamento, uma pequena capela lembra o lugar onde, segundo a tradição, o após-

tolo S. Pedro, fugiu da prisão mamertina e, fugindo de Roma à noite, encontrou-se com Cristo ensanguentado e perguntou-lhe com alma transtornada: "Quo vadis, Domine?" "Para onde ides, Senhor?" E o Salvador deu-lhe esta resposta inolvidavel: "Vou para Roma, para alí me fazer crucificar". Pedro compreendeu Cristo, voltou logo e trabalhou por Cristo, cheio de desprezo pela morte, até que, a 29 de junho de 67, no circo de Nero, não longe da basílica de S. Pedro, onde se acha hoje o seu túmulo, foi crucificado de cabeça para baixo.

Foi em Roma que o primeiro papa deu a vida por Cristo, é em Roma que vive ainda hoje o 262.º sucessor do primeiro papa.

E depois, *"ubi Petros, ibi Ecclesia, ubi Ecclesia, ibi vita æterna"*, *"onde está Pedro está a Igreja, onde está a Igreja está a vida eterna"*. Estas palavras eternamente belas do grande bispo de Milão, Santo Ambrósio, não estão somente inscritas em letras d'ouro na cúpola da catedral de Milão, mas vivem indeléveis na alma de todos os cristãos.

E agora compreendemos por que as multidões de peregrinos afluem a Roma, e por que, mal avistam o zimbório de S. Pedro, dos lábios se lhes escapa este grito de entusiasmo: *"Salve, Roma santa!"*

Salve, Roma santa! Debaixo dos teus pés estendem-se as galerias subterrâneas das catacumbas, com os túmulos dos mártires cristãos, que deram a vida por seu Mestre. São santas essas galerias, porque as suas imagens bíblicas e as suas cenas litúrgicas, pintadas em traços angulosos e apenas esboçados, afirmam que ainda hoje, a nossa fé é a mesma que a dos primeiros cristãos, e porque naquelas galerias embebidas do sangue dos mártires, a nossa religião atual tomou raiz.

Salve, Roma santa! E' em ti que se eleva, por cima do túmulo de Pedro, a basílica de S. Pedro.

Salve, Roma santa! E' em ti que se eleva a basílica de S. João, com esta altiva inscrição no frontispício: "Mãe e cabeça de todas as igrejas".

Salve, Roma santa! E' em ti que se ergue, na praça de S. Pedro, o poderoso obelisco que proclama à face do mundo: "Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat", "Cristo vence, Cristo reina, Cristo impera".

Salve, Roma santa! E' em ti que pulsa o coração da Igreja, é em ti que vive o chefe da Igreja. E é por isto que, do fundo de nossa alma, fazemos subir ao céu esta prece:

"Senhor, protegei o Santo Padre, o vigário de Cristo". Amém.

XI

O SEMBLANTE TERRESTRE DA IGREJA

O que até agora, dissemos da Igreja Católica, nestas instruções, foi só elogio e glorificação. Como é bela a Igreja de Cristo! Como é cheia de solicitude nossa mãe a Igreja! Como é santa a Igreja! Que entusiasmo, que amor para com a Igreja!

Mas a imagem que pintámos da Igreja Católica nestas nossas instruções não seria completa si, ao lado dos acentos de gratidão e dos elogios, não se fizessem ouvir as censuras, as contradições, as dificuldades que surgem contra a Igreja, ora aquí, ora alí. Mormente para uma sociedade indiferente ou para as pessoas frívolas, um boato pouco edificante ou um escândalo, constituem a sobremesa picante que quotidianamente um editor habil lhes deve apresentar.

Certas pessoas implicam com a hierarquia prodigiosamente desenvolvida da Igreja e com o dédalo complicado dos artigos do direito canônico. Outras não podem tolerar o modo de viver e de agir da Igreja.

Alguns, são chocados pelo brilho exterior e pela pompa do papado. "Cristo era pobre e andava descalço. Vejam, porém, com que esplendor vive o seu representante!" — dizem eles Outros — que não conhecem a

História — criticam os papas que estiveram em luta com os reis, nomearam príncipes ou os depuseram do trono.

Um, não pára de falar sobre "os maus papas". Outro acha muita coisa que repreender na vida dos católicos.

Que dizer disso, irmãos? Evitaremos essas perguntas embaraçosas? De modo algum.

Havemos de negar casos lastimáveis? Absolutamente. Nunca se tem o direito de negar a verdade, seja com que intuito fôr. Sim, é verdade que nos livros hostís, de intenção preconcebida, ou em sociedade, contam-se escândalos dos quais nem siquer um décimo representa a verdade. Mas, por outra parte, cumpre-nos francamente reconhecer que, na história da Igreja — infelizmente — houve, no passado, incidentes, e ainda há fatos, que são bem dolorosos, penosos e contristadores para o povo cristão.

Infelizmente assim é, não podemos negá-lo, mas *devemos procurar explicá-los.* Não desculpar, mas compreender.

E' a isto que quero consagrar a presente instrução, e mesmo as duas seguintes, pois, quantas vezes, mesmo os melhores dos nossos fiéis, ficam embaraçados quando membros doutras religiões lhes insinuam ao ouvido, triunfalmente, tal ou tal fato escandaloso do passado ou do presente: "Veja! Aí está a sua religião católica! Aí está a sua santa Igreja! Aí está a sua bela Igreja!" E nossos irmãos, desconcertados, ficam mudos; não sabem responder; não sabem o que dizer.

Mas tudo isso se explica si examinarmos a idéia de que me quero ocupar nesta instrução, a saber: I. *a Igreja tem um duplo semblante,* não somente um semblante divino, mas tambem um semblante humano; não há, pois, razão para nos admirarmos si o semblante da Igreja, velho de dezenove séculos, apresenta rugas: e II. *si tambem há páginas bem tristes na história da Igreja.*

I

O DUPLO SEMBLANTE DA IGREJA

Todas as objeções, todas as dificuldades, todos os incidentes dolorososo explicam-se pelo fato de *ter a Igreja um duplo semblante*. Tal como Cristo, que nela vive, e que é o Filho de Deus, mas tambem filho do homem; que viveu na glória e tambem na humilhação; que era o Verbo eterno, e tambem a criancinha de Belem; o mesmo se dá com a Igreja de Cristo. Corpo místico de Cristo, ela é um reino celeste e tambem um reino terrestre; leva ao céu, mas necessita tambem das formas e dos meios das sociedades terrestres; "ela não é *deste* mundo" (S. Jo., XVIII, 36), mas vive *no* mundo; tem, portanto, um semblante divino e outro semblante humano. Daí resulta para a Igreja uma vantagem, mas, em compensação, tambem uma desvantagem.

A) *Que vantagem resulta do fato de dois elementos exercerem sua atividade na Igreja?*

Esses dois elementos não se encontram ao lado um do outro, mas *estão unidos entre si, cresceram juntos, estão amalgamados, reunidos organicamente*. Não se podem separar um do outro, um não pode prescindir do outro, e é justamente a existência desses dois elementos que introduz na vida da Igreja esse contraste particular, que assegura a atividade transbordante da Igreja, como, por exemplo, lei e liberdade, direito e caridade, individualidade e vida comum, tradição e progresso, cerimônias exteriores e recolhimento interior.

B) *Mas, em compensação, a atividade desses dois elementos tambem tem uma desvantagem*. Uma consequência lastimável que daí decorre é a que o próprio Nos-

so Senhor indicou numa de suas parábolas, a saber: que *na Igreja há maus ao lado dos bons*, e que, ao lado da luz, tambem há trevas.

a) Um cultivador semeara bom grão no seu campo, mas *o inimigo, durante a noite, em segredo, semeou joio.* Os servos perguntam-lhe com emoção: "Senhor, acaso não semeaste bom grão no campo? donde vem então que se ache nele joio?" (S. Mt., XIII, 27).

Quantas vezes essa pergunta tem sido ouvida através dos tempos? E' ouvida onde quer que se produza alguma coisa de triste entre os membros da Igreja. Fraqueza humana, falta, passo em falso, pecado... as pessôas perguntam com espanto: Será possivel? E não dizem que a Igreja é santa? E' possivel, então, que tal ou tal dos seus membros leve semelhante vida, que a natureza humana corrompida tenha tanta força sobre ele? Que dizer de fulano, que desempenha um papel de chefe, na vida católica? De sicrano, que é tão devoto na igreja? De beltrano, ainda, que é até padre?...

Como se pode compreender isso, meus irmãos?

b) *O mais alto atributo do homem é a liberdade de sua vontade.* E' esta uma grande honra para nós, mas tambem um grande perigo. Deus não se imiscue no seu funcionamento, não a suprime, mesmo quando alguem se serve dela para o mal. Não a suprime, mesmo quando o homem deixa de ser "um homem".

Infelizmente, na história da Igreja, as potências tenebrosas da natureza humana decaída, repontam: a sêde de dinheiro, a sêde do poder, o egoismo, a sensualidade surgem às vezes, nos membros, e mesmo nos chefes da Igreja, nos leigos, como nos padres, e a conciência perpetuamente viva da Igreja não tem conseguido vencê-las. Ai! há tambem tristes páginas na história da Igreja, quando os vagalhões das trevas têm assaltado as muralhas da Igreja, e as suas sombras se têm espalhado sobre ela.

A parábola do Salvador devia ter-nos preparado para compreendermos que no campo da Igreja, o joio brote ao lado do trigo: em toda família, em toda sociedade, em toda paróquia, tambem há joio. Choramos com isso, sofremos com isso, e devemos trabalhar para que o joio diminúa cada vez mais, — a nossa fé porem não deve sossobrar. Acaso Nosso Senhor não disse: "Ai do homem por quem vem o escândalo!" (S. Mt., XVIII, 7)? E não disse ainda: "No tempo da ceifa, direi aos ceifeiros: Ceifai primeiro o joio e atai-o em molhos para queimá-lo" (S. Mt., XIII, 30)?

C) *E assim compreendemos muita coisa.*

a) Compreendemos que na Igreja haja preces deliciosas, mas que tambem haja pessoas, cujas preces, sem alma, não passam de um movimento dos lábios. E' nobre e emocionante a liturgia da Igreja, mas certos padres, pela sua precipitação, transformam-na em gestos ridículos. Segundo os desejos e no pensamento da Igreja, os seus sacerdotes são os combatentes valorosos do pensamento de Cristo, mas há tambem entre eles almas fracas, homens mesquinhos e grosseiros. Certos fiéis podem ser fervorosos, piedosos, concienciosos, mas tambem ser ao mesmo tempo insuportáveis e cheios de caprichos.

Temos o direito de escandalizar-nos? Só tem esse direito quem não vê que a Igreja é eterna, mas que seus membros e seus sacerdotes nascem e morrem, que outros novos os substituem, e que é mister recomeçar tudo, desde o início: curar as novas fraquezas, as mesquinhezas rasteiras, os novos defeitos.

b) Sim, a Igreja permanece santa, imaculada e sem ruga, apesar de tudo isso, embora seus membros cometam faltas ou pecados. Porquanto, *como o homem, a Igreja tambem é composta de corpo e alma.* O corpo da Igreja somos nós, seus membros; a alma é o Espírito-Santo. O homem não é responsavel pelo que o corpo faz contra a

vontade da alma, sem sua autorização; o homem só é responsavel pelos atos em que houve consentimento da alma. Ora, o mesmo sucede com a Igreja. Ela não é responsavel pelo que faz seu corpo, pelo que fazem seus membros, contra a vontade de sua alma, o Espírito-Santo. E' assim que a Igreja permanece pura e imaculada, mesmo nas épocas mais tristes. A impureza que nela achamos não vem dela, mas lhe foi trazida de fora.

Devemo-nos lembrar disso, quando lemos a história da Igreja e nela achamos páginas negras. Devemo-nos lembrar de que a Igreja tem duas histórias. Uma, a verdadeira história, mas que os olhos humanos não podem enxergar: a história da vida da graça que jorra dos sete sacramentos, história da santificação das almas. Outra, que se desenrola aos nossos olhos, a história do corpo da Igreja, onde certamente há faltas, passos em falso e pecados de toda especie: mesmo a árvore mais sã tem algum fruto degenerado, e o melhor exército tambem tem desertores.

II

AS PAGINAS LAMENTAVEIS DA HISTÓRIA DA IGREJA

Si considerarmos sem opinião preconcebida isso que acabamos de dizer, a nossa fé não naufragará por causa das tristes páginas da história da Igreja, que os seus inimigos costumam apontar com ares de maldade triunfante.

A) Quem, por exemplo, ainda não teria ouvido falar dos *"maus papas"?* Que devemos pensar disto? Será verdade que tambem houve maus papas? E si os houve, qual deve ser sobre isso o nosso juizo?

a) Os católicos chamam ao papa *"Santo Padre"*. E, quando falam dele, dizem: *"Sua Santidade"*.

Essa expressão magnífica aplica-se porventura à pessoa ou à dignidade? Quereremos dizer por ela que, quando alguem vem a ser papa, já é um santo?

Não! O cargo, a dignidade que o reveste, é que é santa. E essa dignidade, de fato, obriga-o a se esforçar para atingir, tambem ele, a maior santidade de vida. E vemos, na realidade, que, entre os 262 papas, houve 81 santos canonizados, 33 mártires e 7 bem-aventurados, sem contar os que levaram vida verdadeiramente santa, mas ainda não foram canonizados, por exemplo um dos papas mais recentes, Pio X.

Coisa estranha: há homens que, nessa magnífica história de dezenove séculos, só enxergam os poucos anos ou dezenas de anos cobertos de sombras. O sol tambem tem manchas. Mas haverá alguem que se choque com isso e vire as costas ao sol? E, por causa das poucas páginas sombrias e brumosas da história dos papas, havemos de esquecer as numerosas páginas luminosas e edificantes, percorrendo volume todo?

b) Mas, si é certo, e si podemos afirmar com ufania, que ao maior número dos papas a expressão "Santíssimo Padre" não se aplica só à dignidade, mas tambem à sua pessoa, a verdade obriga-nos, todavia, a reconhecer com pesar que, assim como entre os doze apóstolos houve um Judas, assim tambem, entre os 262 papas houve alguns — *que não foram dignos do cargo.*

Por mais penosa que seja esta verificação, não pode entretanto abalar a nossa fé. Os papas a cujos nomes se ligam tristes recordações, estiveram sobretudo em luta uns com os outros, sujeitos à influência de partidos poderoso e foram levados ao sólio pontifício pela ambição da sua família ou da sua nação.

Tambem houve, então, maus papas? Infelizmente sim.

Daí resulta, por isso, que Cristo não tenha fundado o papado? De modo algum.

Cristo predisse que o inferno desencadearia todos os ataques contra a Igreja. E poderia Ele ter pensado em ataque mais perigoso do que o que atingiria a Igreja em seu chefe?

Os maus papas são, pois, tambem uma prova da origem divina da Igreja. Porquanto, *si a religião católica fosse creação humana, então teria sido irremediavelmente arruinada pelos maus papas.*

B) Essa idéia abre justamente novos pontos de vista, que esclarecem ainda mais a questão. Põe em foco *o papel da divina Providência na Igreja.*

Quando Nosso Senhor Jesús-Cristo colocou a sua Igreja no mundo, muniu-a deste viático: "Eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo" (S. Mt. XXVIII, 20). E Nosso Senhor, realmente, sempre tem protegido sua Igreja e estado com ela em todas as lutas e provações que ela tem tido de sofrer até hoje.

a) *Com que solicitude a Providência tem guiado a sua Igreja.*

Primeiramente, houve três séculos de perseguições sangrentas. O seu fim era fazer amadurecer a Igreja de Cristo, visando a dominação espiritual, e demonstrar que a verdade não seria vencida por nenhum cruel terror.

Logo depois da vitória da verdade, a Igreja pôde empreender uma nova tarefa: a educação dos povos. Mas agora, ao lado do triunfo das forças da verdade, devia tomar lugar a vitória moral da conquista das nações bárbaras, por uma paciência e uma caridade sem exemplo, ou por uma severidade e uma disciplina paternais, ou mesmo pelo brilho das suas pompas exteriores.

Quantos se escandalizariam hoje da severidade e das pompas da Igreja na idade média! Entretanto, si a Igreja — no interesse da salvação da alma de seus filhos — combateu, fulminou com a excomunhão, puniu os obstinados, só pode escandalizar-se disso quem ainda não viu uma mãe que castiga, ou os olhos carregados de ameaça de um pai, quando educam filhos indisciplinados ou procuram protegê-los nos perigos. Não devemos encarar tudo isso do ponto de vista atual, mas conforme o modo de pensar daquela época.

E si os bispos na idade média galopavam em corséis fogosos e desfilavam perante seus súditos seguidos duma escolta deslumbrante, si residiam em castelos, como "príncipes da Igreja"... tudo isso, evidentemente, parece-nos atualmente inimaginavel. Mas não nos choquemos com que assim fosse outrora. Com efeito, não teria sido possivel, com monjes andando de pés descalços, conquistar ao Cristo um povo habituado ao esplendor, às pompas exteriores e ao fausto; faziam-se mister príncipes da Igreja cavalgando corséis espumantes, revestidos de ouro e prata.

E aí está porque, na idade média, os bispos andavam a cavalo e eram tambem ricos senhores... Sómente...

b) Sómente, a divina Providência bem sabe quando a Igreja precisa do poder exterior para realizar sua finalidade, e tambem quando *não precisa.* E quando não precisa, e quando é melhor que seja privada disso para a direção das almas, então Deus tem o cuidado de tirar isso das mãos da Igreja e de substituí-lo por outra coisa.

Para domar os povos bárbaros da idade média, a Igreja precisava tambem da força exterior, temporal. Mas hoje, parece que a divina Providência quer aproximar a Igreja das almas sem o poder político, sem os bens terrenos, fora da influência do Estado, unicamente pela força do amor e da caridade. Seja como for, tudo sucede como a Providência o quer. Mas é certo que, sejam quais fo-

rem as mudanças que o futuro reserve, a humanidade, nas suas instituições políticas e sociais, nunca poderá prescindir do amor dos representantes de Cristo, nem da força que prega a fidelidade ao dever e a pureza dos costumes.

Enquanto os filhos ainda estão em tenra idade, precisam frequentemente das advertências dos pais, e merecem até às vezes sérias punições. E' por isso que, nos séculos remotos, saiam frequentemente dos lábios da Igreja palavras de censura, e, si isso não bastava, a excomunhão fulminava governantes e povos.

Hoje, os povos chegaram à maioridade. A Igreja, evidentemente, não deixa de persistir mãe deles, mas dirige-se a eles, como os pais falam a filhos já grandes; — ainda hoje ela lhes faz censuras, quando preciso, não com o tom severo de outrora, mas, com os acentos dum amor inquieto. Ainda hoje, vivem entre vós bispos e padres, mas eles não têm mais o direito de viver como senhores, por trás das janelas engradadas dos bispados; eles participam em sua alma dos sofrimentos de corpo e alma dos seus fiéis.

Mas, assim como Cristo estava com a Igreja quando era cercada desse brilho mundano, desse poder e desse esplendor, *estará tambem com a Igreja, si um dia, talvez, ela fôr despojada de todo poder e de todo brilho exterior, continuando porem a sua santa missão de pregar aos fiéis a doutrina de Cristo.*

S. Pedro, o primeiro papa, tinha um báculo pastoral de pau, Pio XII, o 262.º papa, tem um báculo de ouro e prata. De que será o do último papa? Quem poderá dizê-lo?

a) *Si Nosso Senhor Jesús-Cristo viesse atualmente ao Vaticano,* e alí recebesse as homenagens do papa descido do trono e prostrado diante dele no pó, certamente não mudaria nada ao seu poder, nem ao seu campo de ati-

vidade, como nada tambem ao seu ambiente de corte, à sua habitação, aos seus paramentos de ouro.

Com efeito, foi a divina Providência quem quis que, durante os três primeiros séculos, os papas não estivessem num trono, mas na prisão, e que, dos 32 primeiros papas, 30 morressem mártires. Foi a divina Providência quem quis que, na idade média, os papas e os bispos estivessem em tronos, cercados de esplendor e de fausto, para conduzirem o rebanho de Cristo. Mas, do mesmo modo, a divina Providência tambem poderia querer que um dia o vigário de Cristo fosse obrigado a descer de novo à nudez das catacumbas.

b) Não conhecemos o futuro. Não sabemos o que a Providência, reserva à Igreja.

Mas sabemos uma coisa. *Sabemos que a Igreja tem duas faces, humana e divina.* Sabemos que a atividade da Igreja é composta desses elementos humanos e divino, e só os que não pensam nisto, é que se escandalizam das faltas e das nódoas, que se prendem à Igreja.

Precisamente porque a Igreja é composta de homens, sempre penetrarão nela fraquezas humanas. Não nos envergonhemos de reconhecer, com o apóstolo S. Tiago, que "todos pecamos em muitas coisas" (S. Tg., III, 2). Não nos envergonhemos de reconhecer que temos nossos defeitos, e que pesam sobre nós as imperfeições de milhões e milhões de cristãos, há dezenove séculos. Mas, ao lado das pequenezas humanas, devemos tambem pensar na grandeza divina. No semblante da Igreja, não devemos ver apenas os traços humanos, mas tambem os traços divinos; de maneira que é impossivel não constatarmos nisso uma solicitude manifesta da divina Providência.

Quem olha a Igreja sem espírito preconcebido, tem que reconhecer mesmo por trás das rugas de dezenove séculos como, incessantemente, o Espírito-Santo age sobre ela, com uma força que não decresce.

Quem vê isso, ainda hoje, é obrigado a exclamar, como Jacó quando acordou do seu sonho: "Certamente o Senhor está neste lugar, e eu não sabia" (Gên., XXVIII, 16). E' obrigado a dar o testemunho que Nosso Senhor deu de Si mesmo. "Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam... Feliz aquele que não se escandalizar de mim" (S. Mt., XI, 5-6).

* * *

E agora, irmãos, respondei a esta pergunta: Podeis considerar sempre a Igreja, com o entusiasmo duma piedade filial? Ou, quando numa praia ou num ambiente viciado pela fumaça dos cigarros, caluniam a nossa santa religião, vos juntais facilmente às zombarias e julgais tão mesquinhamente quanto o remendão de Veneza?

Que fazia esse remendão? Postava-se embasbacado diante do quadro de um célebre pintor italiano, e quando lhe perguntavam si o quadro lhe agradava, êle respondia dando de hombros: "E' bonito, é bonito. Mas uma fivela do sapato de um dos personagens não foi pintada no lugar certo".

Meus irmãos, a nossa Igreja segue o caminho da Historia há dezenove séculos. Esse caminho é certamente poeirento, pedregoso, — deverei então escandalizar-me de que seus pés tambem estejam cobertos de pó? Hei de escandalizar-me de que o ideal e a realidade nem sempre se ajustem exatamente, como jamais se ajustam onde quer que intervenha mão humana?

A Igreja tem duas faces. *E amo-te, Igreja Católica, minha Mãe, apesar das rugas do teu semblante, amo-te apesar de alguns defeitos da tua vida exterior, porque amo o teu semblante interior, a tua alma, a fonte da tua vida íntima: amo a Nosso Senhor Jesús-Cristo.* Amém.

XII

A INTOLERÂNCIA DA IGREJA

A presente instrução será a sequência lógica da anterior. Para formularmos um juizo imparcial, é necessário enfrentarmos as objeções que os espíritos superficiais levantam contra a nossa Igreja; as que se referem a defeitos reais da vida da Igreja, e tambem as que se referem a defeitos aparentes, que só podem ser chamados defeitos em consequência dum juizo precipitado e parcial.

Têm havido, na História páginas realmente tristes, e têm havido tambem na vida da Igreja acontecimentos em que, infelizmente, se acusa o lado humano da Igreja, por demais. E' lastimavel e devemos trabalhar para que o elemento humano seja cada vez mais relegado para o segundo plano, na Igreja. Jamais, porém, será possível afastar totalmente esses defeitos, porque eles vão de par com o duplo semblante da Igreja, com a sua dupla natureza, divina e humana, como foi dito na instrução precedente.

Mas têm havido tambem na Igreja qualidades, têm havido na sua vida manifestações, que certas pessoas encaram como defeitos, lacunas e imperfeições, mas que não merecem essa qualificação. Ouvimos, a cada instante, alegações lançadas levianamente por pessoas frívolas ou mal intencionadas; vale, pois, a pena *examinarmos detalhadamente esses pretensos defeitos da nossa Igreja,* para

nos certificarmos si são defeitos ou, antes, virtudes, si nos devemos escandalizar deles ou, antes, reconhecer neles os sinais da verdadeira Igreja.

E para podermos examinar bem essas dificuldades, consagrar-lhes-ei não só esta instrução, mas ainda a seguinte.

I

A "INTOLERANCIA" DA NOSSA IGREJA PARA COM AS OUTRAS RELIGIÕES

Entre os "defeitos" que alguns nos exprobram tão facilmente, *a coragem e a franqueza da Igreja Católica* desempenham talvez o primeiro papel: é por isto que somos obrigados a ouvir a maioria das censuras, é por isso que dizem que a nossa Igreja é "intolerante" para com as outras religiões.

"Como pode a Igreja Católica ser tão intolerante?", ouvimos dizer a cada instante. "Ela proclama que só ela é a religião da salvação. Ora, não é indiferente a Deus o ser adorado em tal igreja ou em tal outra? As outras instituições cristãs, ao menos reconhecem a legitimidade das outras religiões; mas a Igreja Católica, não. Diz que fora dela não há salvação. Não é espantoso? Será possivel que quem não fôr católico seja condenado?"

E' assim que as pessoas se revoltam muitas vezes contra a Igreja, é assim que se indignam, que se escandalizam, mas somente porque *A*) duma parte, não refletem no que dizem, e *B*) doutra parte, não conhecem a doutrina da Igreja, ou só a conhecem pela metade.

A) A um homem razoavel, quando afirma alguma coisa, convem refletir tambem em todas as suas consequências. Pois bem! reflitamos no que resulta dessa afir-

mação de que cada qual pode adorar a Deus em qualquer religião, isto é, que *todas as religiões são igualmente boas.*

a) Si todas as religiões são igualmente boas, então não compreendemos *por que cada religião se esforça por chamar a si os homens.* De que servem então todos esses esforços para fazer conversões? Si todas as religiões são igualmente boas, então por que é que centenas de seitas, os Batistas, os Nazarenos, os Metodistas, os Adventistas, os Sabatistas, os Salutistas, etc. mostram tanta atividade em conseguir adeptos?

Pois bem! a experiência quotidiana contradiz essa afirmação de que "todas as religiões são boas".

b) *E tambem a contradiz a sã razão. Admitamos que os representantes das diversas religiões estivessem numa mesma sala, ao lado uns dos outros*: que confusão haveria! Brama, Maomé, Marte, Júpiter, Lutero, Calvino, os idolos, Buda, os deuses do Olimpo — são todos igualmente dignos do nosso culto? Um ensina uma coisa totalmente oposta à doutrina do outro. Um adora o que outro rejeita.

"Todas as religiões são boas" — esta máxima já penetrou no povo, mas acaso tem tornado os homens mais religiosos? Absolutamente não. Tem-nos tornado irreligiosos. E' á consequência lógica. Si todas as religiões são boas, então cada uma em particular não é boa. "Todas as religiões são boas" — afirmam aqueles que não têm religião.

c) *Essa afirmação tambem é contrária à moral.* A religião penetra profundamente a vida do homem. E' ela que cria a civilização e a cultura moral. Si o fundamento religioso é falso, falsa é tambem a formação do povo. Os deuses do Olimpo são imorais: os povos grego e romano são sem moralidade. As estátuas de Buda são inertes: os seus servidores são inertes, sem energia. Sim,

tal religião, tal povo. A natureza da religião não é, pois, indiferente.

No Hindostão, as pessoas se atiravam sob as rodas dos carros dos deuses. Em Cartago, matavam-se crianças. Na Meca, faziam-se hecatombes humanas — e tudo isso é indiferente a Deus? Tudo isso é igualmente agradavel a Deus? A vida de um S. Luiz de Gonzaga teria o mesmo valor para Deus que a de um sultão turco com o seu harem de cento e cincoenta mulheres? A caridade heróica dum S. Vicente de Paulo seria equivalente ao enternecimento sentimental com que se contentam certas religiões?

O pagão idólatra reza deste modo: "Touro, tu é que és deus; cegonha, ibis, gato, tu é que és deus, adoro-te". E Deus que dirá disso? Aprova, acha isso bem, já que "todas as religiões são boas".

Os antigos Romanos oravam também: "Venus, és uma deusa, a deusa da impureza, eu também serei impuro. Mercúrio, és um espertalhão, sê-lo-ei também. Mas o católico faz esta oração: "Senhor, sois a pureza, ajudai-me a ser puro. Senhor, sois a justiça, ajudai-me a ser justo. Senhor, sois a mansidão, ajudai-me a ser manso". Acaso é isso indiferente a Deus? Mas, si "todas as religiões são boas", então isso deve ser-lhe indiferente. Como estais vendo, irmãos, basta refletirmos nas consequências dessa afirmação feita levianamente, de que "pouco importa a igreja em que adoramos a Deus", para lhe vermos os absurdos; facilmente se escandalizam, pois, os que não refletem no que dizem.

B) Escandalizam-se ainda os que não conhecem exatamente, ou só conhecem pela metade, a doutrina da Igreja. A nossa Igreja sustenta realmente que só ela é a verdadeira Igreja de Cristo; portanto, *a Igreja Católica é a única Igreja que nos pode salvar, e fora dela não há salvação.* Quantas dificuldades, quantas objeções somos obrigados a ouvir dos que não compreendem bem esse

dogma de fé! "Como se pode ser tão intolerante, tão arrogante?", dizem eles.

Ora, bastaria compreender bem esse dogma, para que todos os malentendidos desaparecessem.

a) Quando a nossa religião proclama que é a única Igreja que pode proporcionar a salvação — pois é o que ela proclama realmente — diz com isso que *é a unica que está na posse dos poderes dados por Cristo à sua Igreja, e que só ela conserva a totalidade da revelação e a plenitude dos instrumentos de graça.*

Sim, é o que ela ensina.

E isso que quer dizer?

Que Cristo deu uma unica embarcação na qual podemos atravessar a vida de modo a alcançarmos as margens da eternidade bem-aventurada. Que Cristo fundou uma única Igreja e essa é a Igreja Católica. Que só esta conserva a doutrina que Cristo pregou, os poderes que deu, os instrumentos de graça que instituíu para fortificar e guiar as almas.

Mas como ousa a Igreja afirmar isso? Não haverá orgulho em afirmar que fora da Igreja não há salvação?

Não somos nós porém, que o afirmamos, foi Nosso Senhor Jesús-Cristo que assim decidiu. Deus é o soberano Senhor das suas criaturas. Tem o direito de lhes prescrever o caminho a seguir. "Ninguem, si não renascer da água e do Espírito, pode entrar no reino de Deus" (S. Jo., III, 5). "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (S. Jo., XIV, 16), quem não seguir esse caminho perecerá. "Quem crer e for batizado será salvo: quem não crer será condenado" (S. Mc., XVI, 16).

Essas palavras são decisivas, é impossível sofismar, e dar-lhes outro sentido.

b) Censuram à nossa Igreja o ser "intolerante" porque não reconhece as outras igrejas como verdadeiras religiões de Cristo. Mas *não é a Igreja que é intolerante,*

é a própria verdade. A verdade é intolerante, porque não suporta a seu lado o êrro. O raio de sol é intolerante, porque não suporta a seu lado o gelo. As matemáticas são intolerantes, porque não suportam que 2 × 2 sejam 5.

Enfim, a Igreja Católica é intolerante porque Cristo só fundou uma única Igreja, uma única religião. Si ela acredita ser a verdadeira Igreja de Cristo, desde esse instante é obrigada a afirmar que as outras religiões não estão de posse de toda a doutrina de Cristo, isto é, que quem não é membro da Igreja Católica não pode ser salvo.

c) *"Ah! Ai está justamente o orgulho!* — exclamam. *Como se pode dizer semelhante coisa? que o protestante, o judeu, o mussulmano, o pagão estão todos condenados?"*

Mas quem diz isso? — perguntarei aos que assim se indignam.

Fostes vós que acabastes de dizê-lo!

Quem não é membro da Igreja Católica será condenado.

Sim, sim!... mas vamos devagar. E' verdade que quem não pertence à Igreja Católica será condenado. Mas *pode-se pertencer à Igreja Católica de dois modos.* Pertence-se-lhe quando se foi batizado catolicamente e, desse modo, admitido entre os membros da Igreja: há no mundo cerca de 360 milhões de católicos desse genero. Mas contamos tambem entre os católicos essa multidão de homens de boa vontade, de qualquer religião em que tenham nascido, os quais, sem que haja nisso culpa de sua parte, não conhecem a Igreja Católica, estão persuadidos da verdade da sua religião e lhe observam os preceitos. Êsses são membros da Igreja *em alma e em desejo*; em consequência, participam também da verdade e das graças de Cristo.

Há, portanto, no mundo cerca de 360 milhões de católicos — nos registros de batismo da terra; mas no re-

gistro de batismo do céu — quer dizer, perante Deus, que de tudo sabe — êles são em muito maior número. Efetivamente, a Igreja Católica considera como seus filhos — que sublime doutrina! — todos aqueles, mesmo de outra religião, que, como o filho pródigo, se acham a caminho da casa de seu Pai, mas por causa do nevoeiro e das trevas, ainda não a puderam achar. A nossa Igreja não pode esquecer estas palavras do Salvador: "Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil" (S. Jo., X, 16); e, assim como não ensinamos que todos os católicos serão salvos, tambem não ensinamos que todos os membros das outras religiões serão condenados. De fato, *o pagão de boa fé, ou o transviado de boa fé pertence à Igreja, em alma e em desejo.*

C) Creio — meus irmãos — que podemos agora responder a esta pergunta: *A nossa religião é verdadeiramente intolerante?*

A resposta é simples e clara: Certamente, nos nossos dogmas, somos intolerantes; mas não o somos na vida cívica e social.

a) *Somos intolerantes nas questões dogmáticas.* Só há uma religião que possa ser a verdadeira: é o catolicismo. Disto estamos convencidos. Uma religião que não ousa afirmar isso de si mesma, comete um suicídio. Mas a nossa Igreja ousa afirmá-lo. E ousa tambem tirar daí as últimas consequências. Por isto, não pode permitir que participemos do culto de outra religião, pois seria apostasia. Por isso, ainda, não pode permitir que os filhos dum casamento mixto sejam de outra religião, pois seria uma apostasia. E' severo esse dogma? E'. Mas, si a Igreja cedesse, poderíamos dizer: a propria Igreja não acredita na sua verdade.

E' intolerante a Igreja Católica? Sim, mas Nosso Senhor Jesús-Cristo tambem o foi, quando disse daquele

que não escuta a Igreja "seja ele para ti como um pagão e um publicano" (S. Mt., XVIII, 17).

Tambem o foram os apóstolos, quando excomungavam os hereges: "Quando nós mesmos, ou um anjo do céu vos anunciasse outro Evangelho que não este que haveis recebido, seja anátema" (Gálatas, I, 8).

Nas questões dogmáticas somos, pois, realmente intolerantes, tal como são intolerantes não somente as verdades de fé, mas tambem todas as demais verdades. 2×2 não "toleram" outro resultado sinão 4. O jardineiro não "tolera" a erva daninha num canteiro de flores. O mestre não "tolera" uma resposta falsa, o médico não "tolera" a doença, nem o juiz, o crime. Desde que eu esteja convencido de que uma coisa é verdadeira, sou intolerante para com quem se oponha à minha convicção.

E é justo. Apenas, não devo exigir que os de opinião contraria sejam obrigados a curvar a cabeça.

b) E' por isto que, si proclamamos a intolerância nas questões dogmáticas, *não a proclamamos igualmente na vida cívica.* Sem dúvida, estamos em guerra com o erro, mas queremos estar em paz com os hereges.

Desprezamos então as outras religiões? Oh! não. Conquanto lastimemos que os seus adeptos não estejam entre nós, e embora rezemos ardentemente para que se realize o ardente desejo do coração de Nosso Senhor, de que haja um só rebanho e um só pastor, sabemos respeitar as convicções dos outros. Mas nada podemos ceder dos princípios da nossa fé, e não podemos dizer que "todas as religiões são boas", pois isso equivaleria a dizer que "todas as religiões nada valem".

Penso, meus irmãos, que, depois destas explicações, nada mais tenho a dizer sobre as objeções que nos dirigem constantemente.

"Quem não for membro da Igreja não será salvo". É à primeira vista, frase realmente severa. Mas quando

se sabe que a Igreja Católica coloca entre seus membros todo homem de boa vontade, que acredita inabalavelmente que a sua religião é a bôa, e que utiliza todos os meios dessa religião para servir a Deus, então realmente não há nada de "terrível" nesse dogma. Pode a Igreja ser mais liberal — e assim, não "intolerante", mas, pelo contrário, "indulgente" — do que quando proclama que aquele que exteriormente está bem longe da verdadeira religião de Cristo, e mesmo talvez nunca tenha ouvido falar de Cristo, tambem pode pertencer à Igreja Católica? Assim compreendemos que a Igreja reconheça ainda, como seus filhos, os homens que, tendo vivido antes de Cristo, amaram e serviram a Deus sinceramente, e ensine que tambem eles seriam salvos pelos merecimentos do futuro Redentor.

II

A INTOLERANCIA DA NOSSA IGREJA PARA COM SEUS PRÓPRIOS FIÉIS

Mas a Igreja Católica ainda é obrigada a ouvir críticas de outro gênero. Alguns lhe exprobram o ser intolerante para com as outras religiões. Outros, porém, a acusam de outro extremo: de ser *intolerante para com seus próprios fiéis.*

A) Há pessoas que não podem suportar o princípio de autoridade, a submissão, a *obediência que não tolera o oportunismo,* exigida pela Igreja, dos seus próprios fiéis. "E' demais — dizem eles. Sejam quais forem as prescrições da Igreja, por mais profundamente que penetrem na vida privada e familiar, cumpre obedecer-lhes como à própria palavra de Deus".

a) E é a verdade: *Assim como a Igreja obedece a Deus, tambem reclama a obediência de seus fiéis para con-*

sigo mesma. Por isto, a obediência é a virtude característica do católico, e é isso que S. Paulo mais faz salientar na vida de Cristo: "Humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz" (Filipenses, II, 8).

A Igreja pede-nos uma obediência sem condições, porque Cristo lhe confiou, com o cuidado da salvação das nossas almas, uma grande responsabilidade. E' da Igreja que dependem a extensão do verdadeiro culto de Deus, e a extensão dos efeitos da redenção. E' a ela que se dirige em primeiro lugar o aviso de S. Paulo: "Prega a palavra, insiste a tempo e a contratempo, repreende, ameaça, exorta, com inteira paciência e sempre instruindo" (IIª Tim. IV, 2).

b) Si considerarmos estas coisas, *compreenderemos melhor a psicologia da Igreja.* Compreenderemos porque é que ela é tão susceptivel nas questões de respeito da autoridade: ela representa entre nós a autoridade divina. Si alguem a ataca, não é a si mesma que ela sente atacar, são os direitos de Deus. E' esse sentimento de responsabilidade que devemos descobrir na atitude da Igreja, quando exige uma obediência inflexível, sem compromissos.

Será exagerada essa convicção que a Igreja alimenta, de que por trás de todas as suas prescrições se acha a autoridade de Deus? Mas o Filho de Deus pronunciou estas palavras extremamente significativas: "Quem vos escuta, a mim escuta, e quem vos despreza, a mim despreza; ora, quem me despreza, despreza Aquele que me enviou" (S. Lc., X, 16)? E, noutra circunstância: "Em verdade vos digo, tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu (S. Mt., XVIII, 18).

B) A luz dessas idéias, podemos ainda responder a outra objeção. "Do mesmo modo que a Igreja é intolerante para com os membros das outras religiões, assim tambem *é às vezes demasiado severa para seus próprios*

fiéis, e parece bem dura nos seus mandamentos. Há homens que ela excomunga. A uns, não permite confessar-se nem comungar. Outros quereriam casar-se, e a Igreja Católica não os casa. E' um exagero.

Mas basta examinar um pouco mais a fundo essas alegações, e compreende-se o quanto é bem fundada a atitude da Igreja.

a) Primeiramente, *a Igreja não "amaldiçoa" ninguem.* A Igreja de Cristo tem o hábito de abençoar, nunca amaldiçoar. Nas agremiações, não se "amaldiçoam" os membros indignos, "excluem"-se. A Igreja tambem só faz isso: excluí-los. E si qualquer insignificante associação duma aldeia tem o direito de excluir aqueles de seus membros que não obedecem aos seus estatutos, pode-se recusar esse direito à maior associação do mundo, à Igreja Católica?

Primeiro, faz-se mister, porem, que alguem tenha transgredido gravemente uma ordem da Igreja, para que a Igreja lhe declare: Desde que não observaste minhas regras fundamentais e me volveste as costas, não me resta mais outra coisa sinão tirar daí as consequências: exclúo-te da lista dos meus membros, e, naturalmente, tambem do gozo dos seus direitos. Eis aí essa "excomunhão" tão frequentemente comentada.

b) Mas acreditai bem que *a nossa Igreja não se decide a essa penalidade dolorosa* sinão em último extremo. Tomemos um caso, como exemplo: prepara-se um casamento mixto, mas a parte não-católica não quer firmar o compromisso de fazer educar catolicamente os filhos. A Igreja Católica não pode admitir que siquer um só dos filhos de seus membros seja educado noutra religião, e é por isto que, si o compromisso não for firmado, ela não procede ao casamento. As pessoas vão então casar-se na igreja de outra religião. Mas, desde esse instante, a parte católica afrontou a Igreja e se excluiu dela. Alguns anos

depois, a sua conciência já não lhe deixa repouso, ela quereria confessar-se, mas não pode receber a absolvição, porque vive num matrimônio que não é válido para a Igreja, e não quer mudar de situação.

Sobrevem então a recriminação habitual: "A Igreja é cruel, sem coração, não deixa siquer a gente se confessar...".

Entretanto, meus irmãos, dizei-me: quem foi que enveredou, num gesto de desafio, pelo caminho donde não pode volver? A Igreja sofre quando é obrigada a punir severamente certos filhos seus; mas não pode fazer de outro modo sem se tornar infiel ao mandato de Cristo.

* * *

Meus irmãos, sem Cristo não há salvação. Mas sem a Igreja tambem não há, pois a Igreja é Cristo vivo no meio de nós. "Não pode ter a Deus por Pai quem não tem a Igreja por Mãe" (S. Cipriano). Foi o que sempre afirmou o cristianismo; e ter-se-ia agora o direito de negá-lo? A religião de Cristo é a religião católica — e não cedemos nada desta crença. Mas, si afirmamos que a nossa religião é a verdadeira, não fazemos injúria a nenhuma outra; sabemos que a outra está no erro, e no entanto respeitamos as suas convicções religiosas. Mas nunca cessamos de rezar para que chegue o dia em que se realize o maior anseio de Nosso Senhor: que haja um só rebanho e um só pastor.

Cada vez que criticarem levianamente diante de nós a Santa Igreja, lembremo-nos destas palavras de Santo Agostinho (Enarratio in psalm., LXXXVIII): "Amemos o Senhor, Nosso Deus; amemos tambem a sua Igreja. Deus, como nosso Pai, a Igreja como nossa Mãe... De que serve confessardes o Senhor, venerar e glorificar a Deus, confessar tambem seu Filho e reconhecerdes que

Êle está sentado à direita de Deus, si ao mesmo tempo desprezais a sua Igreja?... Por isto, irmãos, mantende-vos todos unânime e corajosamente junto de Deus, nosso Pai, e da Igreja, nossa Mãe". E cada vez que, numa sociedade leviana, ofenderem a nossa santa religião lembrai-vos do aviso de S. Paulo: "Exorto-vos, irmãos, a tomardes cuidado com esses que causam as desuniões e os escândalos, afastando-se do ensinamento que haveis recebido; afastai-vos dêles. Porque tais homens não servem a Cristo Senhor Nosso... O Deus de paz esmagará em breve Satanaz debaixo de vossos pés. A graça de Nosso Senhor Jesús-Cristo seja convosco!" (Rom., XVI, 17-20). Amém.

XIII

O "MUNDANISMO" DA IGREJA

A santa Igreja de Christo nada precisa dissimular. A sua história dezenove vezes centenária é uma sequência tão ininterrupta de atividade grandiosa e abençoada, que é tranquilamente, sem espanto, que vemos na sua fisionomia algumas rugas acidentais, e lemos, sem decepção, nos grossos e magníficos volumes da sua história as poucas paginas deploráveis em que o elemento humano sobressai dolorosamente, na sua existencia ao passo que se obscurecem os traços divinos.

O grandes pensador húngaro Joseph Eötvös tem razão em escrever: "Numa história de perto de dois mil anos, achamos sem dúvida muita coisa que parece vil. Os séculos, como as águas, não depositam na sua passagem os seus elementos mais puros; e, si consideramos o longo passado da civilização cristã, realmente não devemos nos admirar de nenhuma dessas excrescências, mas julgar a árvore, não apenas pelo seu tronco fendilhado, — que traz cicatrizes centenárias — mas tambem pela sua abundante folhagem, pelas suas flores e frutos. E quem pode considerar assim o cristianismo sem reconhecer a sua grandiosa beneficência?"

Na instrução anterior considerámos algumas das críticas que espíritos superficiais dirigem gratuitamente à

Igreja, e vimos que os fatos assim censurados não constituem defeitos, mas, pelo contrário, virtudes. Desejaria que não ficasse n'alma dos meus caros leitores, nem a menor sombra de dúvida. Por isto, na presente instrução continuarei a responder a outras objeções.

Falámos, anteriormente, da pretensa "intolerância" da Igreja; agora falaremos do pretenso "mundanismo" da Igreja. Quisera ocupar-me aquí da censura que certas pessoas fazem levianamente, sob o nome de *secularização da Igreja*. Quem é que não tem ouvido frases deste gênero: A Igreja Católica está hoje bem afastada do cristianismo antigo, não é mais a velha Igreja de Cristo. Cristo disse: "O meu reino não é deste mundo" (S. Jo., XVIII, 36), mas a Igreja Católica, com a riqueza dos seus papas e dos seus padres, com o seu luxo, com o seu poder exterior, com a tiara de ouro, com os seus paramentos preciosos, é, certamente, bem deste mundo. Para quê esse poderoso palácio do Vaticano, aqueles grandes aposentos, aqueles tesouros, quando Cristo e seus apóstolos não tinham onde repousar e cabeça? Para que essa multidão de empregados, para quê o óbolo de S. Pedro, quando Cristo era pobre e andava descalço? Para quê essas numerosas cerimônias, esses paramentos sagrados, de ouro e prata, essas pedrarias e as riquezas artísticas das igrejas, quando se poderia tambem adorar a Deus no silêncio de um simples quarto? Eis aí em que larga medida a Igreja Católica se mundanizou.

Meus irmãos, quem não tem ouvido críticas, censuras, objeções desse gênero ou análogas? Que havemos de fazer? Assustam-nos?

Absolutamente não.

Encaremo-las corajosamente. Estudemos tranquilamente essas afirmações.

I

O BRILHO EXTERIOR E A RIQUEZA DA IGREJA

Em primeiro lugar censuram-nos *o brilho exterior do papado e a riqueza material da Igreja*, como provas do "mundanismo" da Igreja.

A) Censuram ao papa o magnífico palácio do Vaticano, os seus grandes aposentos, os seus funcionários, os seus secretários, todo aquele imenso aparelho administrativo com o qual ele dirige os negócios da Igreja universal. *"Para quê todo esse imenso organismo de direção?* perguntam em tom de indignação. *Não havia nada disso na época de Cristo".*

a) E' bem verdade: na época de Cristo não havia nada disso. *Porque absolutamente não era necessário.*

Mas devemos reconhecer que, si Nosso Senhor Jesús-Cristo quis realmente estender a sua Igreja pelo mundo inteiro, precisava para isso duma grande organização. À medida que a Igreja crescia, foi-se tornando necessário que crescesse tambem essa organização. Na época de Cristo havia 12 apóstolos e 72 discípulos, mas atualmente os 12 apóstolos são cerca de 1.500 bispos, e os 72 discípulos cerca de 300.000 sacerdotes.

Quando Cristo atingiu a idade de trinta anos, já não usava as vestes que tinha aos três anos; assim tambem, o governo duma Igreja de 360 milhões de membros exige essa multidão de paróquias e de dioceses e as congregações romanas, isto é, esses ministérios variados que, na verdade, não existiam outrora, porque seriam supérfluos na Igreja primitiva, que contava apenas algumas centenas ou milhares de membros. Mas, por causa disso, não se tem o direito de dizer que a Igreja Católica se mundanizou.

b) Além disso, si Cristo realmente quis *estender a sua religião pelo mundo inteiro*, certamente ninguem se escandalizará de que, entre os povos ocidentais, os fiéis e os sacerdotes usem trajes diferentes dos dos orientais, vivam noutros alojamentos, noutras formas sociais, se alimentem diferentemente e segundo as evoluções do tempo e os progressos das épocas, não andem descalços, não se vistam de burel, não comam gafanhotos nem mel silvestre... Por causa disso, não se tem o direito de acusá-los de se haverem mundanizado e de se terem afastado de Cristo.

Sem dúvida, Cristo disse a seus apóstolos: "Seguí-me"; mas não disse: "Copiai-me". Sim, copiemos-lhe a alma, o espírito, mas não o aspecto exterior.

Nosso Senhor, provavelmente, andava de sándálias ou talvez descalço; mas em parte alguma lemos que Ele tenha dito: "Aprendei a andar descalço, a meu exemplo"; Ele disse: "Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração" (S. Mt., XI, 29).

Nosso Senhor alimentava-se de pão, peixe, tâmaras, mel, e andava a pé, mas nunca disse: "Si não andardes a pé como eu, e si não comerdes como eu, não podeis ser meus discípulos".

Nosso Senhor, provavelmente, tinha cabelos compridos e usava barba, mas os padres atuais não estão distanciados de Cristo, porque cortam o cabelo e a barba.

Nosso Senhor navegava em canoa de remos, o missionário atual viaja em transatlântico; Cristo entrou em Jerusalém numa mula, o sucessor atual dos apóstolos circula em automovel por entre os fiéis, — e no entanto não se afasta de Cristo. Na verdade, Cristo viajou, vestiu-se, comeu e falou, como os homens da sua época; e

não se pode censurar à sua Igreja e aos seus sacerdotes o seguirem exteriormente os usos dos diferentes povos e épocas em que vivem. Na China, os missionários usam rabicho, e vi pessoalmente um bispo católico indio, trazendo na cabeça o magnífico enfeite de penas da sua tribu, mas não ousaria afirmar, por isso, que eles se afastam de Cristo.

B) "Mas — replicam — por favor, não se trata só de semelhantes coisas. Digam-nos, então, *por que é que a Igreja precisa de bens terrenos,* e por que é que o papa precisa de tanto dinheiro, que lhe é enviado, do mundo inteiro, sob o nome de óbolo de S. Pedro? Quando a Santa Sé faz uma nomeação ou confere uma distinção, quando dá uma dispensa, por exemplo por ocasião dum casamento mixto, há uma taxa, a pagar, uma compensação. Atualmente cunham-se mesmo moedas do papa. Não é um sinal de secularização?" — perguntam certas pessoas.

E para mostrar que nada temos a ocultar relativamente à nossa Igreja, não me quero esquivar a essas perguntas.

a) A Igreja de Cristo, sem dúvida, não é *deste mundo*, mas exerce a sua ação *no mundo.* Não pode, pois libertar-se dessa lei geral, que a obriga a utilizar, para a sua obra, meios materiais. Com efeito, ela tambem tem de pagar seus empregados; não lhe dão de graça o papel, os carimbos, a tinta e a luz; tão pouco pode ela, sem dinheiro, construir igrejas, socorrer os pobres, auxiliar os missionários. O próprio Nosso Senhor tinha uma caixa comum com seus apóstolos, a qual era guardada pelo desgraçado Judas (S. Jo., XUU, 6); Cristo não se escandaliza, pois, certamente, si sua Igreja possue tambem uma caixa.

b) O governo da Igreja universal exige dinheiro, muito dinheiro, e *os católicos do mundo inteiro fornecem-*

no sob o nome de óbolo de S. Pedro. O óbolo de S. Pedro é a contribuição feita à Igreja com fins eclesiásticos. Mas é uma contribuição voluntária — jamais alguem vem cobrá-la. E' o único imposto no mundo, que cada qual paga com alegria, e de todo coração. Mesmo porque, quem não o desse com alegria, não o pagaria.

Mas — deixai-me falar-vos francamente — o papa não gasta esse dinheiro com a sua cozinha. Não sei si existe uma família da classe média, cuja mesa não seja muito superior à mesa do papa! Já falei disto numa das últimas instruções, mas sou forçado a repisá-lo, porque sempre há pessoas que imaginam que o papa, quando se senta para almoçar, senta-se diante de um banquete.

Para onde vai então o óbolo de S. Pedro? Vai para as obras de caridade do papa, vai para as obras de beneficência que socorrem os fiéis feridos pela sorte, em todas as partes do mundo, vai para as obras missionárias.

A basílica de S. Pedro, de mármore cintilante, não existe para o papa, mas para toda a Igreja Católica. Nos magníficos aposentos do Vaticano não vive um particular riquíssimo — como um grande banqueiro — mas o chefe de 360 milhões de católicos. E si um pequeno reino de 4 ou 5 milhões de habitantes faz questão que o chefe do Estado viva suntuosamente num palácio grandioso, quem poderia acusar a Igreja de 360 milhões de católicos, porque lhe apraz ver seu chefe nas esplêndidas salas do Vaticano?

Repito, porém, com insistência, que tudo isso não é coisa essencial para a Igreja. E si um dia um terrivel terremoto sacudisse o solo de Roma, si todas as paredes da basílica de S. Pedro ruissem, si o fogo consumisse todos os museus, as obras de arte e os aposentos luxuosos do Vaticano, a Igreja não perderia nenhum dos seus valores

vivos. Basta-lhe que subsista o túmulo de S. Pedro, o túmulo desse Pedro que é o predecessor de todos os papas, e a pedra de base da Igreja eterna.

Aí está de que é que nos devemos lembrar, quando espíritos superficiais censuram à Igreja o se haver afastado da sua antiga simplicidade, e sustentam que o luxo e o poder mundanizaram o papado. Recordemos o grande elogio que *Schiller* fez aos papas, quando escreveu, de maneira própria para impor silêncio aos que ignoram a História: "Tem-se visto imperadores e reis, homens de Estado esclarecidos e guerreiros indomáveis, sob o impulso das circunstâncias, sacrificarem direitos, tornaremse infiéis aos seus princípios e cederem à necessidade; só raramente, ou mesmo nunca, se tem encontrado semelhante coisa no papa. Mesmo quando ele vagueava na penúria, quando não tinha mais uma polegada de território na Itália, e vivia da caridade dos estrangeiros, sempre sustentou firmemente os privilégios da Santa Sé e da Igreja... Por mais diferentes que os papas possam ter sido no temperamento, no modo de pensar e na capacidade, a sua política tem sido igualmente firme, igualmente idêntica, igualmente imutável. As suas capacidades, o seu temperamento, o seu modo de pensar parecem não terem tido nenhuma influência nas suas funções; a "personalidade, poder-se-ia dizer, desaparecia-lhes sob a dignidade, e as paixões se extinguem sob a tríplice coroa. Si bem que, a cada papa que morre, a cadeia de sucessão se quebre e se renove com cada novo papa; si bem que no mundo nenhum trono tenha mudado tanto de senhor, tenha sido ocupado e deixado às vezes tão repentinamente, ele tem sido sempre o único trono do mundo, que parece nunca ter mudado de possuidor, pois os papas morrem, mas o espírito que os anima é imortal" (Schiller, Universalhistoriche Übersicht der merkwürdigsten Staatsbegebenheiten zur Zeit Friedrichs I).

II

O BRILHO DAS NOSSAS CERIMONIAS

Não se pode, pois, censurar à nossa Igreja o se haver mundanizado porque, para sua imensa atividade, precisa de uma vasta hierarquia e de numerosos empregados. São tambem fracas as objeções que querem *acusar-nos de mundanismo por causa dos esplendores da nossa liturgia e da riqueza das vestes e objetos litúrgicos.*

"Para que essa multidão de cerimonias que têm lugar, por exemplo, numa missa pontifical? As pessoas levantam-se, sentam-se, vão p'ra aquí, vão p'ra acolá, incensam, tocam campainha, cantam... E aqueles ricos paramentos de veludo ou de seda, aqueles cálices de ouro..."

Como vedes, irmãos, não nos esquivamos a responder a essas censuras.

A) Primeiramente, não nos esqueçamos de que, por trás da liturgia atual e das vestes litúrgicas, há longos séculos, há *o legado precioso* das velhas gerações cristãs, *dos nossos antepassados cristãos.*

a) Eu mesmo estou persuadido de que, *si a Igreja regulasse na época de hoje as suas vestes e cerimônias litúrgicas, fá-lo-ia de modo diverso e sob forma muito mais simples.*

Mas essas vestes e essas cerimônias, esses ritos e esses gestos foram introduzidos, há muitos séculos, numa época em que os próprios indivíduos viviam com esse cerimonial e, nos dias de festa, se revestiam de hábitos suntuosos e cobertos de pedrarias.

b) Mas então, por que não os simplificar segundo as idéias atuais? — poderia alguem perguntar.

Não faz muito tempo, circulava através da humanidade, obcecada pelos progressos técnicos, esta palavra de ordem: Desvencilhemo-nos do passado! Esqueçamos o passado! Só o progresso, o progresso!

Mas naturalmente começamos a abrir os olhos. Começamos a descobrir que, assim como o futuro fórma-se do presente, assim tambem o presente só pode construir-se sobre o passado. *Por toda parte começa-se a apreciar o passado, e sob todos os seus aspectos.* A familia estima os seus antepassados e prega com ufania o seus retratos nas paredes do lar. A nação estima a sua História e ensina-a com orgulho à nova geração. No povo, estimam-se os antigos costumes e as antigas cerimônias; isso é tudo recolhido no "folk-lore" e preservado do desaparecimento. Mas então, pode alguem razoavelmente indignar-se si a nossa Igreja Católica se ufana do seu passado dezenove vezes centenário, e si a sua piedade respeitadora do passado o afasta da simplificação, mesmo hoje em dia, e conserva suas antigas e pitorescas cerimônias?

Nossos avós vestiam-se de maneira diferente da nossa. E' entretanto para admirar que, por ocasião de uma festa nacional, os costumes antigos sejam relembrados? Compreende-se, pois, muito bem que, nos maiores acontecimentos da vida religiosa e nos ritos mais solenes, na santa missa e nas demais cerimônias eclesiásticas, essa tradição seja respeitada no culto do passado.

Os soldados tambem usam uniforme, e, nas circunstâncias mais solenes, uniforme de gala, mais fino, mais enfeitado. E por que usam eles uniforme, quando podiam fazer igualmente bem o seu serviço com roupas comuns de trabalho? E' para que todo mundo perceba que eles não são simples particulares, mas servidores do país. Ninguem censura aos soldados o seu uniforme. Mas então por que não se estende a mesma compreensão aos sacerdotes que celebram a santa missa? Por que se há de

criticar a Igreja porque os reveste dum uniforme de cerimônia quando eles se encaminham para o altar, pois que ela indica, por essas vestes, que eles não estão alí como individuos particulares, mas como servos de Deus?

B) E eis-nos chegados à segunda parte da resposta.

Os que se escandalizam dos nossos ricos paramentos, dos cálices de ouro, das igrejas ornamentadas; esquecem-se de que todo esse luxo não visa aqueles que o ostentam, mas a Deus, *cujo culto reclama, com direito, as coisas mais belas e mais preciosas...*

a) Quem não acreditasse que todo esse brilho e todas essas pompas litúrgicas não se dirigem ao homem, teria apenas que *assistir à coroação de um novo papa;* notaria que, quando o papa entra na basilica de S. Pedro, no meio das mais grandiosas solenidades, queimam diante dele um punhado de estopa e dizem-lhe ao ouvido: "Beatíssime Pater, sic transit glória mundi", "Santíssimo Padre, assim se esvai a glória do mundo".

O esplendor e a pompa das nossas cerimônias não existem, pois, para o sacerdote ou para o bispo que celebra a missa, mas unicamente para Deus. E, certamente, poder-se-ia considerar muito mais como mundanismo si, em vez da alva branca e dos paramentos de seda, impostos por um hábito milenário, eles se encaminhassem para o altar, para celebrarem o santo sacrifício, vestidos como os outros mortais, com as vestes usadas no mundo.

Dai vós mesmo a resposta: a Igreja serviria melhor a causa de Deus, facilitaria o culto divino, si vendesse aos negociantes de antiguidades os paramentos recamados de ouro, herdados dos nossos piedosos antepassados, para servirem de estofo aos canapés de ricos salões? Faria ela bem com isso? E si tirassem das igrejas toda ornamentação, toda imagem santa e toda estátua, de maneira

que elas fossem como celeiros caiados, seria com isso favorecido o culto divino?

Mas si alguem disser — como se costuma dizer — "Cristo era pobre, vivia com simplicidade, e o luxo e o esplendor eram-lhe coisas estranhas", lembre-se de que nas nossas cerimônias nós não honramos somente a Cristo vivendo numa pobreza voluntária na terra, mas tambem a *Cristo-Rei que, por seus sofrimentos voluntários mereceu os esplendores do céu;* lembre-se de que, quando Judas murmurou, por causa do perfume precioso derramado nos pés do Salvador, o próprio Nosso Senhor tomou a defesa do amor generoso de Madalena.

b) E', portanto, verdade que as nossas cerimônias são ricas e faustosas. E' verdade tambem que, no tempo de S. Pedro, não havia nem Vaticano de paredes de mármore, nem sala de audiências atapetada de Gobelins. Mas, *si S. Pedro ressuscitasse um dia,* e saisse do túmulo com a auréola da glória eterna, si penetrasse sob as abóbadas da basílica de S. Pedro, si entrasse no Vaticano e no gabinete de trabalho de Pio XII... é certo que não consideraria Pio XII sem o compreender, que não ficaria espantado, mas, antes, se exprimiria assim:

"Irmão, saúdo-te, a ti que és a pedra fundamental que eu fui outrora. Há mil e novecentos anos! Certamente há muito tempo — para nós, para homens. Mas, diante de Deus, "mil anos são como o dia de ontem que não existe mais" (Salmo LXXXIX,4).

"Certamente, a vida terrestre mudou. Minhas vestes eram diferentes das tuas. Meu alojamento era diferente do teu. Minha língua era diferente da tua... Muita coisa é hoje inteiramente diversa da do meu tempo. Numa só coisa não há entre nós diferença alguma: na nossa fé. O que tu ensinas sobre Nosso Senhor Jesús-Cristo, eu tambem o ensinei. O que tu pregas sobre a redenção nas

tuas pastorais apostólicas, eu o preguei também. Os sacramentos que conferes, eu tambem os conferí.

"Temos uma mesma fé. Temos um mesmo amor. Eu comparecí perante Nero por causa de Cristo, e tu tambem te ergues contra os Neros do México, da Rússia, da Espanha... O que eu vejo hoje na Igreja atólica, as cerimônias, os belos paramentos, as festas, as peregrinações, si não as conhecí, tudo isso é um desenvolvimento natural da semente que Nosso Senhor Jesús-Cristo semeou".

Eis aí, pouco mais ou menos, como S. Pedro falaria ao papa atual, e em seguida voltaria ao seu túmulo. E' certo que não iria repousar nem em Wittemberg, nem em Genebra, nem em Oxford, nem em Petrogrado, nem em Constantinopla, mas certamente, escolheria ainda a Roma católica para seu túmulo.

* * *

Meus irmãos, uns censuram à Igreja o haver-se mundanizado; outros, em compensação, atacam-na porque ela se afastou do mundo, porque não progride suficientemente com seu século, porque não compreende a linguagem dos tempos novos. A Igreja, realmente, não se mundanizou; o fato de sempre haver o mundo perseguido e odiado a Igreja Católica prova-o melhor do que qualquer argumento. Porventura Nosso Senhor não predisse aos seus discípulos: "Si fosseis do mundo, o mundo amaria o que lhe pertenceria como seu; mas, por isso que não sois do mundo... o mundo vos odeia" (S. Jo., XV, 19)? O ódio incessante com que o "mundo" persegue ainda hoje a Igreja de Cristo é a prova mais evidente de que a Igreja realmente não se "mundanizou".

Infelizmente, tambem há tristes páginas na história da Igreja — como o vimos na instrução precedente; hou-

ve-as porque Nosso Senhor pôs o destino terrestre da Igreja divina nas mãos de homens frágeis e inclinados ao pecado. Mas quem lê sem opinião preconcebida a história da Igreja, é obrigado a fazer esta afirmação:

O corpo da Igreja é da terra, sua alma é do céu, mas eu quero ser da Igreja Católica toda.

Quero ser agora fiel à minha Igreja na terra, para poder ser, um dia, ditoso filho de Deus no céu. Amém.

XIV

OS MÉRITOS DA IGREJA (I)

Os Atos dos Apóstolos resumiram com concisão inegualavel a atividade terrestre de Nosso Senhor Jesús-Cristo, dizendo dele: "Ia de lugar em lugar, fazendo o bem" (At., X, 38). Toda a sua vida terrestre foi benção e benefício.

A Igreja Católica é o corpo místico de Cristo, é Cristo continuando a viver entre nós. E', pois, muito natural, que possamos aplicar à sua atividade as mesmas palavras da Sagrada Escritura: "Passou fazendo o bem".

Ouvimos tantas vezes falar de "cultura cristã" e de "civilização cristã", que agora, — em conexão com estas instruções sobre a Igreja, — eu desejaria examinar mais a fundo as bençãos, os benefícios e os méritos da Igreja relativamente à civilização. O papa *Leão XIII*, na sua encíclica *"Inescrutabili"*, chamou a Igreja Católica "mãe da civilização". Não será um entusiasmo excessivo? não será um exagero sem fundamento? Será realmente verdade que não haja uma só instituição no mundo que tenha feito, mesmo aproximadamente, tanto bem à humanidade, no terreno da verdadeira civilização, quanto a Igreja Católica? Acaso não exagerou o escritor que formulou esta asserção: "Examine-se a questão como se quiser, persiste sempre a verdade: que a Europa ociden-

tal é essencialmente creação da Igreja latina, da Santa Sé, do papado romano" (Jakob Philipp Fallmerayer: Gesammelte Schriften II, 202).

Si, na presente instrução, e na seguinte, examinamos de perto os méritos da Igreja, fazemo-lo para intensificar mais ainda a flama do nosso amor para com a nossa santa Igreja Católica.

Quais são, pois, os méritos da Igreja que obrigam toda a humanidade a lhe votar gratidão eterna?

I

A IGREJA É A GUARDIA DO ENSINAMENTO DE CRISTO

O primeiro mérito da Igreja Católica — e que relega para a sombra qualquer outro mérito — é que *ela guarda na sua pureza integral o ensinamento de Cristo.*

A) Ninguem pode negar à Igreja Católica o grande mérito de *haver conservado integralmente, e na sua pureza absoluta, em meio às tempestades dos séculos passados, a preciosa herança de Cristo.*

a) Sem Cristo não há cristianismo. Observemos à volta de nós, no mundo inteiro: *onde achamos o semblante de Cristo sem deformação? unicamente na Igreja Católica.* Para onde quer que volvamos os olhares, a imagem de Nosso Senhor Jesús Cristo está defeituosa: ou lhe tiraram alguma coisa, ou lhe deformaram os traços. Ario nega a divindade de Cristo, Nestório nega a unidade da sua pessoa, Eutíquio nega a coexistência duma natureza divina com uma natureza humana. Sérgio nega que Cristo tenha uma vontade livre, Apolinário nega que ele tenha uma alma humana, Basilido nega a realidade do

corpo humano de Cristo. Que lutas encarniçadas travou a Igreja para defender a pessoa de Cristo contra os antigos hereges.

Depois vieram novos adversários, mais perigosos ainda que os antigos. Um proclamou que Cristo nunca existiu que isso não passava duma lenda. Outro, que Cristo era um habil hipnotizador. Um terceiro, que Ele era um sonhador, um ideólogo. Um quarto, que Ele foi o primeiro socialista... É espantoso imaginar o que teria ficado de Cristo si, no meio das ondas espumantes do ódio e da maldade, a Igreja Católica não tivesse conservado bem alta, para defendê-la, a imagem bendita de Cristo.

b) Foi nos nossos dias que sobreveiu o adversário mais perigoso, cem vezes mais perigoso que todos os precedentes: *a incredulidade, o ateísmo organizado.*

Quem ainda não ouviu falar dos assaltos dos ateísmo organizado? Quando dois bons Cristãos se encontram, saudam-se reciprocamente dizendo: "Louvado seja Deus!" e o outro responde: "Para sempre seja louvado". Mas hoje em dia, nos Soviets, quando um Russo encontra outro, deve dizer-lhe: "Não há Deus". E o outro responde: "Não houve nem haverá".

Folheemos as revistas desses Sem-Deus: a quem atacam elas com o ódio mais implacavel? O papa de Roma. Basta deitar um olhar nos livros de leitura das escolas primarias russas: sobre quem lançam eles, mais lama mais calúnias? Sobre a Igreja Católica Romana. E por que? Porque sentem que ela é o único obstáculo sério à propagação do comunismo. Sentem que Cristo — que eles querem extirpar da alma humana — vive e age na Igreja Católica, que é nela que se pode achar Cristo todo, sem falsificação, o Cristo que foi predito pelos profetas, o Cristo de que falam os evangelhos, o Cristo inteiro, com

a sua divindade e a sua humanidade, com os seus mandamentos e sacramentos, com suas mãos que abençôam, e o seu coração misericordioso, o Cristo que, no dia da sua ascensão. disse à sua Igreja: "Ide, ensinai todas as nações, batizai-as em nome do Padre e do Filho e do Espírito-Santo, ensinando-as a guardar tudo o que eu vos mandei" (S. Mt., XXVIII, 19-20).

B) E é precisamente nisso que consistem o mais alto benefício e o maior mérito da Igreja: *Ela ensina os homens a observarem os mandamentos de Cristo, santífica-os e leva-os à vida eterna.*

a) A Igreja continua a redenção, ela *é Cristo sempre vivo entre nós.* Ora, a encarnação de Cristo tinha por fim elevar os homens até Deus, e santificá-los. Eis aí por que a Igreja reza, eis aí por que prega a palavra de Deus, eis aí por que oferece o santo sacrifício da missa, eis aí por que administra os sacramentos. E' que Cristo veiu para que os homens "tenham a vida e a tenham em abundância" (S. Jo., X, 10).

b) Si quisermos descrever com mais precisão os méritos da Igreja, basta representar-nos o que seria *o mundo* sem a Igreja, *o que seria dêle si a Igreja desaparecesse.*

É espantoso pensar nisso... Que seria da humanidade si a fé desaparecesse das almas? A fé num Deus que criou e conserva o mundo. A fé na divina Providência. A fé na justiça e na misericórdia de Deus. A fé na bondade e no amor divino.

Que sucederia si Nosso Senhor Jesús-Cristo desaparecesse do meio de nós? Si não houvesse mais Igreja que pregasse constantemente a Cristo, a imagem de Cristo seria coberta pela poeira dos séculos, tal como a história cobre com sua poeira tantos dos seus personagens.

E que aconteceria si estancassem as fontes dos 7 sacramentos que nos trazem, pela Igreja, a graça da redenção?

Que aridez, que abismo terrível, que vácuo espiritual em torno de nós! O maior mérito da Igreja é pois haver-nos conservado tudo isso. E é por essa razão que ela merece, em primeiro lugar, estas palavras da Sagrada Escritura: "Passou fazendo o bem".

II

OS MÉRITOS DA IGREJA NA DEFESA DA ORDEM MORAL

Mas, si realmente o primeiro fim e o mais alto mérito da Igreja residem no fato de haver ela guardado sem alteração a doutrina de Cristo, e velado pela educação espiritual dos filhos de Cristo, ela tambem tem distribuido outros beneficios que não assinalámos em primeiro lugar, mas sobre os quais seria injusto silenciar.

Antes de tudo, penso na *defesa inabalavel da ordem moral.*

A) Toda a existência da Igreja Católica, toda a história dos seus dezenove séculos garantem que, si a base da ordem moral pode ter vacilado em toda parte, no mundo, si os filósofos, os chefes de guerra, os grandes políticos, os homens de dinheiro podem ter traido a honestidade e a moralidade, *há no mundo um rochedo que se ergue inabalavel acima das ondas espumantes e mutáveis: o rochedo da Igreja.*

a) A Igreja não tem por missão meter-se na política dos Estados; mas a sua santa vocação e o seu dever são de assegurar os *fundamentos morais* sem os quais não

há vida social hunmanamente organizada. Todo o mundo pode ter vacilado, todo o mundo pode ter caido na desordem, todo o mundo pode ter tido instantes de fraqueza, nos quais foi infiel à moral; só a Igreja Católica jamais renegou a moral de Cristo, jamais transigiu com ela, mas tem encarado as faltas dos tiranos e dos revolucionários, dos Neros e dos Césares, dos Napoleões, dos Henriques e dos Filipes, com a mesma ousadia de João Batista lançando à face do poderoso Herodes: "Non licet tibi", "Não te é licito" (S. Mc. VI, 18), fazeres isto ou aquilo.

Si uma falsa filosofia quer embalar o mundo nas suas errôneas idéias, si propaga perigosas doutrinas morais, a Igreja eleva logo a voz. Infelizmente, nem sempre a escutam, mas, pelo menos, não se pode dizer que ela não advertiu do perigo.

b) E com isso a Igreja se tornou o primeiro fator da civilização. Não é facil dar uma definição exata e precisa desse termo civilização; mas toda gente está de acordo em reconhecer que a civilização significa o aperfeiçoamento, a elevação, o enobrecimneto da natureza humana, a expansão dos valores que estão em germe dentro de nós.

E si isso é verdade, então o catolicismo é o mais alto, o mais forte, o mais precioso fator de civilização, pois seu fundador, o Filho de Deus, fez nascer em nós o desejo das alturas espirituais. Cristo veiu para que os homens "tenham a vida e a tenham em abundância" (S. Jo., X, 10).. Ele não se limitou a dar aos homens este mandamento: "Sede perfeitos, como vosso Pai do céu é perfeito" (S. Mt., V, 48), — mas deu-lhes tambem o poder de "se tornarem filhos de Deus" (S. Jo. I, 12).

Foi nesse terreno magnífico que cresceram os santos; os santos que, graças à força divina que emana dos sacramentos da Igreja, elevaram, até às alturas vertiginosas da

união com Deus, a natureza humana tão fraca e tão propensa ao pecado. Poderíamos consagrar uma instrução especial para expor os méritos da Igreja dando santos à humanidade, e tirando-os das planícies da vida terrena para elevá-los aos altos píncaros, afim de que esse exemplo nos anime e nos fortifique, quando a amargura e um abatimento desesperado se apoderam de nós, ante as profundezas insondáveis da maldade humana.

B) *Compreendamos, assim, a severidade moral, sem* compromisso, da Igreja. Tem havido quem, por causa disso, lhe censure o ser inimigo da civilização e da vida terrena. Mas, hoje em dia, os historiadores não-católicos descobrem, cada vez mais, que os mandamentos da Igreja favorecem a verdadeira civilização, esses mandamentos que aparentemente se opõem ao gozo da civilização terrena e dos seus bens.

a) Houve época em que, por exemplo, censuravam à Igreja o limitar, pela *obrigação do repouso dominical,* o desenvolvimento da atividade humana. Mas hoje, não há ninguem que não reconheça que o homem não é uma máquina que pode trabalhar sem parar, mas um sêr vivo que tem uma alma, e que essa alma precisa do fortificante religioso do domingo, ao mesmo tempo que esse repouso físico torna mais suportavel e mais interessante o trabalho da semana.

Bem longe de nós, bem longe do cristianismo, o condenar essa solicitude sem exemplo com que o homem atual trabalha para o progresso da civilização. Mas o cristianismo eleva o seu protesto contra esse exclusivismo exagerado que, na atividade exterior continua, esquece o Eu intimo, como si o homem existisse para a civilização, e não a civilização para o homem. Hoje já vemos que a Igreja tem muita razão em prescrever o repouso dominical; porque, si não impregnarmos de cristianismo a civi-

lização, ela se transformará em maldição, que, sob o verniz exterior, oculta uma miséria tremenda.

b) Outros consideram como uma severidade exagerada *a afirmação sem transigencias do VI.º mandamento,* porque com isso a Igreja priva o homem do gozo, da sensualidade. Mas a multidão de misérias físicas e morais, de doenças, de hospícios de alienados e de hospitais bem mostra o que seria da humanidade si não fossem as obrigações do VI.º mandamento.

c) Outros, ainda, não compreendem *a lei do jejum.* P'ra que serve? perguntam eles com indignação. Por que é que a Igreja não permite aproveitarmo-nos dos prazeres inocentes da terra?

Não preciso dizer-vos que, nos nossos dias, o jejum é tão facil que não impede mais ninguem de cumprir as suas obrigações profissionais. Mas devo insistir sobre a vantagem que o mandamento do jejum traz para chegarmos ao domínio dos valores espirituais. De fato, o homem apega-se de tal modo à terra, geme tanto sob a tirania dos sentidos, que, realmente, seria o caso de rejubilarmo-nos, quando chega a sexta-feira, ou outro dia de abstinência, e temos então de recusar aos sentidos tal ou tal coisa que nos apraz tanto, no momento e assim podemos assegurar o domínio da alma sobre a matéria.

Como vedes, irmãos, a Igreja não quer destruir, mas construir; e mesmo onde em aparência ela constrange, refreia ou reprime, na realidade favorece os mais nobres ideais da humanidade. E é nisso que consiste o seu grande valor cultural. Porquanto "ignoramos si o automovel e o avião assinalam um progresso; mas é certo que a libertação do pecado e das paixões é um progresso real" (Foerster).

III

OS MÉRITOS DA IGREJA NO MUNDO SOCIAL

E chegamos agora a um novo grupo de méritos da Igreja, à sua atividade no terreno social.

A) Entre outros méritos, cumpre-nos citar em primeiro lugar *o princípio de autoridade.*

a) *Sem o respeito da autoridade, não há vida social possível;* e a Igreja Católica sempre defendeu e garantiu o princípio da autoridade, conforme estas palavras de S. Paulo: "Seja cada um submisso às autoridades superiores. Porque não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram por Ele instituídas" (Rom., XIII, 1).

E podemos acreditar em *Goethe,* quando escreve: "Quando Paulo diz: Obedecei aos vossos superiores, porque Deus o ordenou — proclama com isso tamanha cultura que ninguem poderia atingí-la sinão seguindo a estrada do cristianismo" (*Goethe, Gespräche mit Reimer,* Nov. 1806). A Igreja Católica é proverbialmente a primeira guardiã do respeito da autoridade, mas de um respeito que nos eleva espiritualmente e torna nossa alma maior, quando nos submetemos à autoridade, e nos inclinamos diante dela.

b) *Não há religião em que os fiéis cerquem os seus sacerdotes, os seus bispos e o papa de respeito tão profundo quanto a nossa,* pois os fiéis sabem que o poder espiritual e a dignidade de todos eles remontam aos apóstolos. Quando os fiéis respeitam os seus sacerdotes, respeitam neles os sucessores dos apóstolos de Cristo, e,

quando se ajoelham diante do papa, ajoelham-se diante do sucessor de S. Pedro.

O que significa para nós a autoridade do papa, só se compreende quando se vê o que sucedeu àqueles que afrontaram o papa e se separaram dele. "Quem come papa, morre" — consigna a filosofia da História. Uma das seitas separadas, organizou-se, e arrasta-se numa vida frouxa; as outras 300 seitas foram tragadas, e disseminadas pelo mundo, — mas quem se mantem sôbre o rochedo de Pedro, afronta os séculos

Quem estiver a par da missão divina da Igreja, achará muito natural inclinar-se ante a autoridade da Igreja. A estreiteza e os erros da razão humana só podem enchernos de modéstia, e preparar-nos para escutar tanto mais facilmente as palavras da autoridade, por trás da qual sabemos que se acha o apoio de Deus que a preserva do erro.

O acordo da autoridade com a liberdade, é para a humanidade um problema que vem constantemente à tona. Mas não o resolvemos rejeitando a primeira; destruir não seria solução. Façamos, pois, como a Igreja: ela ordena e reclama para si mesma a autoridade, mas ficamos contentes de saber que tambem ela, que manda, obedece ao mesmo tempo: está obedecendo a Deus sempre!

B) Cumpre-nos lembrar aqui outro mérito da Igreja no qual geralmente não se costuma pensar, mas que não é inferior aos precedentes: a Igreja, que de um lado é a mais forte personificação do princípio de autoridade, por outro lado é *a primeira a defender os direitos do indivíduo ante os exageros do poder do Estado.* Por isso, lutou ela contra a escravidão, por isso, proclamou a igualdade e a fraternidade entre os homens de todas as

raças. Por isso, proclama e exige a liberdade de conciência. A Igreja defende os direitos do indivíduo contra as usurpações eventuais do poder civil. Para só citarmos um dos exemplos mais recentes, quem foi que elevou a voz contra a propaganda a favor da esterilização eugênica, que é uma agressão contra os direitos do individuo? Ninguem, sinão o papa de Roma.

Ouvem-se frequentemente nos lábios dos homens que estão no poder as palavras pronunciadas pelo orgulhoso Faraó, quando Moisés, em nome do Senhor, lhe pediu a libertação dos Judeus: "Quem é o Senhor, para que eu obedeça à sua voz?" (Êxodo, V, 2). Mas a Igreja responde sempre como Cristo respondeu a Pilatos: "Vim ao mundo para dar testemunho da verdade" (S. Jo. XVIII, 37). Assim como Santo Ambrósio ousou opor-se a Teodósio, que não fazia penitência; assim como Leão I ousou afrontar Átila, assim tambem a Igreja tem defendido sempre a ordem moral, a justiça, o direito, a equidade, contra toda tirania. Quando, na nossa época, a grande indústria e as grandes empresas rebaixaram a vida de milhões de trabalhadores a um nivel deshumano, não foi o papa Leão XIII quem, na sua magnifica encíclica "Rerum novarum", elevou a voz em favor dos oprimidos? E não foi o papa Pio XI quem, na sua encíclica "Quadragesimo anno", renovou com insistência a advertência da Igreja?

C) Finalmente, lembrarei, de passagem, que, pelo dogma da comunhão dos santos — o dogma de caráter mais social da igreja — *a Igreja proclama a grandiosa fraternidade entre os homens.* Um católico ou um povo católico nunca está só, porque cada individuo é membro do corpo místico de Cristo. Quem não vê como esta doutrina abranda magnificamente os contrastes nacionais, raciais, sociais ou políticos? De fato, a história prova que, enquanto os

reinos cristãos da Europa estiveram unidos pela mesma fé e pela mesma filosofia, não se ouviu ecoar na Europa o dobre fúnebre anunciando o "Declínio do Ocidente".

Quando lemos até o fim a história da civilização européia cristã, e vemos os resultados prodigiosos que o mundo obteve da civilização ocidental, temos o direito de fazer esta pergunta: Mas então quem foi que criou toda essa civilização ocidental? A quem cabe o mérito de haver trazido as tribus bárbaras das trevas da barbária para o foco de luz do Evangelho? A quem cabe o mérito de haver feito, dos povos nômades que se trucidavam uns aos outros, nações organizadas e civilizadas? A quem cabe o mérito? Certamente não ao arianismo nem ao gnosticismo, nem tão pouco ao protestantismo, mas unicamente à Igreja Católica.

"A religião é o sal que preserva a ciência da corrupção" — afirmou o próprio Bacon. Essa afirmação refere-se não só à ciência, mas tambem às diversas atividades do espírito humano, e particularmente à religião das religiões: o catolicismo.

Esses méritos, que indiquei na segunda parte desta instrução, não são os primeiros méritos da Igreja de Cristo. O seu primeiro mérito — como o disse no início desta instrução — é pregar a religião de Cristo, preservá-la de qualquer alteração e, assim, assegurar a salvação eterna das nossas almas.

Mas não devemos ser menos gratos à nossa santa Igreja pelo fato de, ao lado do desvelo pelos interesses da nossa vida eterna, tornar mais facil, mais suportavel, mais ordenada, a vida terrena. Persiste sempre verdadeira esta asserção de *Goethe*: "Sejam quais forem os progressos da cultura intelectual, das ciências naturais e do espírito humano, nunca ultrapassarão os píncaros da

cultura moral do cristianismo, tal como ela brilha nos evangelhos" (Goethe: Gespräche mit Eeeckermann. Reclam's Ausg. III, 426).

* * *

Meus irmãos, um viajante cansado de corpo e de alma bateu uma noite à porta dum convento italiano e pediu para entrar. "Que pedes tu?" interrogou o irmão porteiro. "A paz" — respondeu o infeliz, o famoso poeta Tasso. Atualmente toda a humanidade tornou-se semelhante a Tasso, procura a paz. Onde a acharemos? Em parte alguma, a não ser na Igreja de Cristo. Pois foi a ela que o Salvador fez esta promessa: "Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz; não a dou como a dá o mundo" (S. Jo., XIV, 27).

Não poderia Deus dizer-nos o que disse ao povo eleito, pelo profeta Ageu? — Semeastes muito, e colhestes pouco; comeis, e não vois fartais; agasalhai-vos, mas não vos aqueceis; juntastes dinheiro, mas vossa bolsa estava furada (Cf. Ageu, I, 6). Não fazemos, acaso, conosco, a experiência deste trecho do livro de Jó: "Durante o dia eles encontram as trevas; em pleno meio-dia tateam como na noite" (Jo., V, 14)?

Hoje em dia, cada qual bem vê que nem as perpétuas conferências dos sábios deste mundo, nem essa onda de ordenações econômicas e políticas, são capazes de assegurar um futuro melhor. É junto à Igreja Católica que nos cumpre aprender a justiça e o amor, o direito e a paz. Junto à Igreja, a que já se aplicam há dezenove séculos estas palavras da Sagrada Escritura: "Passou — como Cristo passou pela terra — fazendo o bem".

Nã tenhamos ilusões: esta terra nunca mais será um paraiso: haverá sempre lutas, privações, guerras e sofri-

mentos; só se encontrará paz eterna no reino eterno de Deus. *Mas, para podermos suportar essas lutas; para não cairmos no caminho; para que o egoísmo, o ódio, a cupidez, a sede do poder e a sede dos gozos não inundem a terra; para que as raças e os povos possam trabalhar em comum, como irmãos; para fazermos progredir a civilização da humanidade*: para alcançarmos tudo isso *devemos ser filhos mais dóceis, mais obedientes e mais fiéis da nossa santa e bendita Igreja Católica.* Amém.

XV

OS MÉRITOS DA IGREJA (II)

O divino Fundador da nossa religião deu um dia a seus discípulos este mandamento eternamente memoravel: "Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça" (S. Mt., VI, 33), e o resto vos será dado de acréscimo. A Igreja Católica sempre guardou esta regra de conduta: O Senhor me enviou para salvar as *almas*. Portanto, não para desenvolver a civilização? Não. Nem para trazer a felicidade à terra? Tambem não. *Fundar o reino de Deus nas almas — eis a primeira e a mais alta tarefa da Igreja Católica.*

Mas, si a Igreja sempre tem procurado *unicamente* cumprir essa tarefa, conforme à promessa do seu divino Fundador, as outras coisas lhe têm sido dadas por acréscimo. Si, pelo seu ensino, pela sua legislação, pelos seus mandamentos, pelo seu culto divino, ela realmente tem visado salvar *as almas* para a vida do outro mundo, tem entretanto comunicado ao mesmo tempo, um surto sem exemplo à felicidade terrestre da humanidade, e tornou-se a fonte de toda a civilização européia, que com razão chamamos de "civilização cristã".

Nesta instrução, quero completar o que disse precedentemente, dos méritos da Igreja. Na instrução an-

terior falei dos méritos religiosos e morais da nossa Igreja; hoje vou falar dos seus méritos em relação à civilização. Do ponto de vista religioso, o mérito da Igreja reside no fato de nos haver ela conservado sem alteração a doutrina de Nosso Senhor Jesús-Cristo; do ponto de vista moral, pela defesa do respeito da autoridade, da justiça e dos direitos dos indivíduos, ela tornou possivel a vida social do homem. Eis o que demonstrei na instrução passada.

Desejaria, agora, mostrar em largos traços, *os méritos da Igreja em relação à civilização,* narrando como a Igreja não só tornou possivel uma vida social ordenada, mas ainda tornou mais bela, mais facil, mais agradavel a vida humana, pelo *desenvolvimento em larga escala*: *I. da civilização, II. das ciências, III. das artes.*

I

A IGREJA E A CIVILIZAÇÃO

Antes de tudo, vamos fazer esta pergunta: *Que é que a civilização deve ao cristianismo?*

Há dezenove séculos soou aos ouvidos da infeliz humanidade um som desconhecido: a voz do cristianismo; e essa voz começou a traçar, no centro da sociedade pagã corrompida e ameaçando ruina, externa e internamente, o esboço de um mundo novo nas almas.

a) No tempo do paganismo, a compaixão e a piedade eram encaradas como uma vergonha, e o amor do próximo era desconhecido, não se conheciam nem orfanatos nem hospitais nem asilos de velhos, — foi só depois do cristianismo, foi só depois da doutrina de Cristo, que

estender a um infeliz um simples copo dágua foi considerado como uma obra meritória.

b) O paganismo não considerava a mulher como igual em direitos ao homem, pois o homem expulsava a mulher quando queria.

Escutai o que os escritores clássicos pensavam das mulheres. *Hesíodo* escreve: "As mulheres são uma raça maldita, o mais pesado flagelo dos mortais" (Teogonía, v. 584, 589, 601). *Ésquilo* diz das mulheres: "Sois, na cidade e em casa, os piores flagelos" (Sete contra Tebas, v. 165, 169, 172). *Catão* inflamava-se contra elas: "Quereis porventura tirar os grilhões a esses animais indomáveis e entregar-vos à esperança de que eles domarão os seus próprios rebentos?" (Tito Lívio, Hist. XXXIV, 2). Os Romanos, ao lado da "majestade dos homens" ("majestas virorum"), falavam do sexo feminino como do sexo "fraco" (sexus imbecilis), leve (levis), incapapaz de trabalhar (impar laboribus).

Mas veio o cristianismo e tirou a mulher dessa situação humilhada, quando proclamou que o matrimônio é um sacramento que nunca pode ser rompido, e quando colocou nos altares a Virgem Maria, e desde então, nos homens, nunca se extinguiu para com a mulher um respeito tal, que, ao cabo de dezenove séculos, só a frivolidade da época moderna tem podido prejudicá-lo. A família é a base da sociedade humana; ora, a consolidação da vida familiar é o imenso mérito do cristianismo.

c) No tempo do paganismo, o destino do filho era deploravel. Dependia do pai, que fosse conservado em vida ou fosse precipitado da rocha tarpéia. Na "Lei das Doze Tábuas", por exemplo, é dito: "Afogar-se-ão os filhos débeis e disformes" (Liberos, si debiles monstrosique sunt, mergimus). "A criança ainda não é um ser humano" (Infans homo nondum est), — tal era o axio-

ma da jurisprudência romana. Cristo, ao contrário, abraçava as crianças e ensinava que, mesmo na criança mais abandonada, vive uma alma imortal. Do mesmo modo que o culto da Virgem Maria foi a primeira lei de proteção à mulher, assim tambem Cristo promulgou a primeira lei de proteção à infância quando disse: "Aquele que escandalizar um desses pequenos que creem em mim, melhor fora para ele que lhe amarrassem ao pescoço uma mó de moinho e o precipitassem no fundo do mar" (S. Mt., XVIII, 6).

d) Mencionarei ainda os longos séculos de lutas que o cristianismo sustentou *pela supressão da escravidão,* essa vergonha da humanidade.

Hoje em dia custa-nos crer que, durante séculos, homens foram vendidos nos mercados, como animais. Examiavam-lhes os dentes, arregaçavam-se-lhes os lábios, tateavam-se-lhes os músculos, depois fazia-se o preço e levavam-n'os para casa como animais. "O proprietário açoitava-os com chicote e, si lhe aprazia, lançava-os no viveiro, e alimentava seus peixes com o corpo dos escravos" (òmnia in servum licent), — si um nobre carater tal como Sêneca pode dizer semelhante coisa (De clementia, I, 18), podemos imaginar qual seria a sorte desses infelizes. Si o dono da casa era assassinado, todos os escravos da casa eram mortos (Tácito: Anais, XIV, 42). E, enquanto a nobre Romana se enfeitava ou conversava com as amigas, divertia-se em picar com uma agulha a escrava que a servia (Ovídio: Arte de amar, III, 239).

Mas veio o cristianismo, e proclamou que, perante Deus, não há diferença entre o homem livre e o escravo, pois todo aquele que tem um semblante de homem possue uma alma à imagem de Deus; foi o cristianismo que fundou ordens religiosas para o resgate dos escravos, ordens,

cujos membros deviam pôr tudo em obra para libertá-los, a ponto de, si não pudessem conseguí-lo de outro modo, se entregarem a si mesmos em troca.

e) A Europa, na idade média, foi invadida pelos povos bárbaros, e foi o cristianismo quem os converteu. Os monjes missionários foram a toda parte para lhes levar a luz do Evangelho; e, ao mesmo tempo que lhes pregavam Cristo, ensinaram a esses povos, que viviam numa cegueira de corpo e de alma, a agricultura, a arquitetura, o cultivo do solo, a indústria e a vida pacífica, numa palavra, a civilização. Em Pannonhalma ergue-se ainda hoje o claustro donde saíu toda a civilização húngara, e, do mesmo modo que em Santo Adalberto, em S. Geraldo, e nas ordens religiosas veneramos não somente os mensageiros da fé, mas tambem os fundadores da cultura húngara, assim tambem cada povo europeu moderno venera, em tal ou tal sacerdote de alma heróica, em tal ou tal santo, em tal ou tal martir da Igreja Católica, o criador da sua própria civilização: para os Franceses é S. Remígio, para os Irlandeses é S. Patrício, para os Escosseses é S. Colombano, para os Alemães é S. Bonifácio, para os Slavos é S. Cirilo e é S. Metódio, etc.

Só pode apreciar convenientemente a incomensuravel obra civilizadora da Igreja Católica, quem conheec a natureza selvagem e indômita desses povos que foi preciso domar. Assim, o que os monjes realizaram desbravando florestas virgens, ensinando a agricultura, transformando em povos sedentários aqueles povos nômades, e fundando escolas, foi realmente um trabalho sobrehumano.

Que teria sido do mundo sem o incansavel trabalho cultural dos monjes da idade média? A conversão dos povos foi, em toda parte, seguida pela civilização material. Nos paises devastados pelos Tártaros e pelos Turcos, a custo, aquí ou acolá, subsistem alguma lembrança, alguma

ruina ou alguma denominação que recordam a obra dos antigos monjes. Mas na Áustria, na Alemanha, na Suiça, na França, na Holanda... a cada passo, ainda hoje, ou existem, ou sobrevivem, nos apelativos de cidades ou aldeias, milhares de abadias, de colegios, de igrejas, de claustros, centros da civilização da sua época. A maioria das antigas cidades do estrangeiro tiveram por núcleo um claustro, em torno ao qual se edificaram as casas da cidade.

E o cristianismo não só criou essa civilização, mas teve tambem de *salvaguardá-la*. Primeiramente, os Vândalos, os Godos, os Hunos, os Lombardes, os Avaros, os Magiares; depois os Árabes, os Tártaros, os Turcos ameaçaram a civilização cristã. E quem a defendeu? Sempre a Igreja. A começar por S. Leão Magno, que afrontou Átila, até Inocêncio XI, que conseguiu expulsar os Turcos da Hungria. No campo de batalha de Mohacs, há quatrocentos anos, bispos e arcebispos acharam a morte, e quando os Turcos instauraram a sua tirania na Hungria e o povo húngaro foi oprimido, quais foram, por assim dizer, os únicos arrimos do povo? Os religiosos franciscanos, que circulavam disfarçados pelo pais. Eles foram os únicos amigos desse povo martir; depois, foi-lhes dado o nome de "amigos".

II

A IGREJA E A CIÊNCIA

Ao lado do desenvolvimento da civilização material, o cristianismo tem ainda outro mérito: *o desenvolvimento da cultura intelectual.*

A) Antes de tudo, cumprir-me-ia falar, num capitulo especial, do *papel do catolicismo a respeito do ensino.* Mas é fato sobejamente conhecido, para que me seja pre-

ciso falar dele longamente. É fato notório que o que nos resta das obras-primas clássicas do paganismo, devemo-lo ao labor dos monjes da idade média, que passavam as noites a copiá-las. "Si a nação inglesa excede qualquer outro povo da Europa pela abundância dos seus anais e das suas reminiscências históricas, deve-o exclusivamente ao sacerdócio católico, que nos conservou esses tesouros" (David Hume, Richard III, cap. 23).

A Igreja, desde o século II, fundara escolas florescentes em Alexandria, Edessa, Antioquia, Nisiba. Em seguida, foram criadas, aos milhares, as escolas claustrais e paroquiais. E finalmente as universidades. É fato bem conhecido que a idéia de universidade é em si mesma uma idéia puramente eclesiástica, e as mais célebres e mais antigas universidades desenvolveram-se com o apoio da Igreja. Antes do século XV, já se conheciam cincoenta e duas universidades. Vinte e nove foram fundadas pelos papas, dez outras conjuntamente pelos papas e pelos soberanos. Que alegria deve encher a alma do homem moderno, tão ufano da ciência, ao pensar que outrora, há séculos, quando as pessoas mais distintas se preocupavam mais com a espada do que com a ciência, e era corrente ver até mesmo reis não saberem nem ler nem escrever, a Igreja já fundava universidades!

Hoje em dia ainda, há em muitos lugares tantas escolas religiosas quantas escolas oficiais, e é notório que, si alguem deseja dar uma boa educação à sua filha, coloca-a no Sacré-Coeur, no Sion, nas Angélicas, etc. É notório que, hoje em dia ainda, os primeiros colégios estão nas mãos dos Beneditinos, dos Jesuitas, dos Premonstratenses, dos Salesianos, etc.

b) Mas talvez não se conheça tanto, e por isto cumpre que eu o saliente especialmente, o trabalho imenso

realizado pela Igreja *não somente em prol da divulgação, mas tambem em prol do adiantamento da ciência.*

A fé e a ciência, a vida religiosa e um saber muito extenso, são considerados por certas pessoas como incompatíveis. Ai! a nossa mocidade atual, que tem sede de ciência, coloca-se frequentemente diante deste dilema: "Ou ficar sendo um bom católico, ou fazer-se um sábio". Digamos francamente que essa oposição é sem fundamento. Podemos mostrar sábios eminentes que foram, ao mesmo tempo, filhos fiéis da nossa religião.

Si há entre vós um filósofo, perguntar-lhe-ei si ele pode conceber a filosofia sem Santo Agostinho, Pedro Lombardo, Santo Alberto Magno, Santo Tomaz de Aquino, S. Boaventura e Duns Scott? Pois bem! esses não eram apenas grandes filósofos, mas ao mesmo tempo católicos, que viviam segundo a sua fé.

Si há entre vós um físico, perguntar-lhe-ei si ele pode conceber a física sem Galvani, Volta, Ampère, Fraunhofer, Fizeau, Foucault, Siemens, Hertz, Ruhmkorff, Röntgen, Marconi. Não? Então não esqueçais que esses todos eram católicos sinceros.

E si há entre vós um matemático, perguntar-lhe-ei si pode conceber as matemáticas sem Cauchy, Descartes, Pascal, Leibnitz, Euler e Gauss. E a astronomia sem Copérnico, Kepler, Newton, Herschel, Leverrier. E a química sem Liebig, Pasteur, Dalton, Bequerel. Não? Pois bem! todos esses foram não sómente sábios ilustres, mas tambem filhos fiéis da nossa Igreja.

III

A IGREJA E AS ARTES

A) Não posso, porém, continuar ainda esta enumeração, pois um outro terreno quasi incomensuravel, aguar-

da-me: *a influência do cristianismo nas artes.* Confesso que não é possivel enfrentarmos esta questão no quadro duma simples instrução. Ser-me-ia preciso apresentar toda a história da arte, si eu quisesse mostrar a influência fecunda que o cristianismo tem exercido em todos os ramos da arte. Com efeito, quando o catolicismo apresenta ante as almas, as belezas infinitas da outra vida, faz nascer ao mesmo tempo na alma do artista a mais bela inspiração creadora. Não é de admirar que a Igreja Católica, que sempre considerou unicamente o mais belo como digno do louvor divino, se tenha tornado a protetora incomparavel das artes, na terra.

a) Que deve a arquitetura à Igreja Católica? Basta interrogar qualquer historiador da arte si os estilos romano, gótico, renascença e baroco são outra coisa sinão a representação dos esforços da Igreja Católica para glorificar a Deus, pela pedra. Si não houvesse Igreja Católica, então não haveria Santa Sofia em Constantinopla, não haveria em Worms, em Mogúncia, Bamberg, Spira e Pisa as catedrais romanas. Si não houvesse Igreja Católica, não veríamos alçando-se para o céu as catedrais de Ruão e de Reims, nem Notre-Dame de París, nem o "duomo" de Milão, nem as catedrais de Sevilha e Toledo, nem o zimbório de Colônia, nem a igreja de Santo Estevão de Viena, nem Santa Isabel de Kassai, nem São Matias de Budapest. Si não houvesse Igreja Católica, então tambem não haveria Donatello e Cellini, nem Bernino e Maderno, nem a basílica de S. Pedro, de Miguel Ângelo, nem mil outros tesouros de arquitetura.

b) E, depois da arquitetura, deveremos dizer tambem uma palavra da pintura Si, viajando pelo estrangeiro, visitamos as primeiras galerias de quadros do mundo: as galerias de Munich e de Dresde, do Louvre em París, o museu do Estado em Amsterdam, a galeria dos Ofícios

em Florença, as coleções do Vaticano... podemos perguntar-nos que restaria delas, si se tirassem os quadros religiosos? Dos primeiros museus de pintura do mundo só restariam paredes vazias. Sim: procure-se imaginar a pintura sem Guido Reni, Giotto, fra Angélico, Ghirlandaio, Filippo Lippi, Botticelli, fra Bartolomeo, Ticiano, Leonardo da Vinci, Miguel-Ângelo e Rafael, sem van Eyck, Memling, Rubens, van Dyck, Murillo! Ora, todos esses artistas hauriram a sua inspiração no catolicismo, e acharam no catolicismo um generoso Mecenas.

c) *Deverei falar tambem da música?* Deverei dizer que a música, e a música de igreja, longo tempo foram idênticas? Direi que a notação musical foi inventada pelos monjes? Que o prefacio que a Igreja canta em toda missa é composto apenas sobre quatro notas, e que, não obstante, *Mozart* "se prontificava a sacrificar por ele todas as suas composições"? Falerei de Palestrina, da Ave-Maria de Gounod, das missas de Haendel, de Haydn e de Liszt, do Requiem de Mozart?

Em verdade, mesmo aqueles que não querem saber de Deus e da religião, e para os quais não tem valor a atividade religiosa da Igreja Católica, mesmo esses são forçados a reconhecer que, há dezenove séculos, o catolicismo é a fonte inesgotavel da mais viva criação artística, e que a Igreja, em todos os ramos da arte, adquiriu um mérito imperecivel, pela sua proteção inegualavel à arquitetura, à pintura, à escultura, à música e à poesia.

B) Mas vale ainda a pena investigar qual pode ser a causa disso. *Qual pode ser a explicação da grande influência da Igreja sobre a civilização?*

a) Uma dessas causas — mas não a primeira — foi o generoso auxílio material concedido pelos papas e bispos, que foram verdadeiros *Mecenas*.

b) Ao lado dessa causa externa, há uma causa interna mais importante: *o otimismo que banha todo o catolicismo*, essa serenidade e essa alegria interiores que constituem a atmosfera vivificante de todas as artes. A vida, certamente, é penosa e austera, e a tarefa mais nobre consiste em dourar, em embelezar, em aureolar de luz essa vida austera e mesmo às vezes bem triste. E só o sol do Evangelho é capaz disso.

c) *A arte precisa de ideal e de assuntos.* Onde, porém, poderia ela achar ideal mais elevado e assuntos mais possantes do que no catolicismo? Assim, não foi, por acaso, que do ideal sublime do culto de Maria saíram, aos milhares, imagens mais belas umas que as outras, e que ele forneceu, às dezenas de milhares, assuntos à música e à poesia? Não houve, nem haverá jamais, tema mais sublime, mais comovente e mais capaz de estimular a alma dos maiores artistas do que o Menino-Deus nos braços da Santíssima Vírgem. Ora, esse é um simples episódio da vida da Bem-aventurada Vírgem. Acrescentemos toda essa multidão de assuntos que sua vida põe à disposição da arte — desde a Mãe que se alegra junto ao presépio de Belem até à N. Senhora das Dores ao pé da cruz — e achamos uma fonte, por assim dizer, inesgotavel de inspirações artísticas.

Lembrarei ainda quantos temas oferecem às artes, os santos, que são as obras-primas vivas, do Espírito-Santo, e cuja vida reflete a fonte última de toda beleza, Nosso Senhor Jesús-Cristo. Tantos temas e assuntos novos há para as artes, quantos santos na Igreja.

d) Mas, si o catolicismo se tornou a estufa das mais altas criações artísticas, fora das causas enumeradas até aqui, a razão disso está tambem na *profundeza da vida da Igreja.* As grandes idéias não nascem no barulho da rua;

as concepções artísticas reclamam recolhimento, silêncio e paz da alma. Ora, o catolicismo dá-nos essas disposições e essa paz da alma. Pelos sacramentos ele comunica a graça de Deus, para que possamos dizer com S. Paulo: "Já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim" (Gálatas, II, 20). E' o próprio Deus que vive na alma desse "homem novo", e quem, com alma meditativa, desce às profundezas misteriosas dessa sublime realidade, percebe que, quanto mais os olhos do corpo se fecham para o mundo, tanto mais claramente o seu gênio começa a ver belezas sobrenaturais desconhecidas. As obras-primas, de graça e fineza inegualáveis, dos artistas religiosos da idade média, são a prova dessa dependência entre a arte e a mística.

A história da arte mostra que a arte dum povo é sempre o reflexo da sua religiosidade. Só assim, pois, se pode compreender que deve ser a mais bela a arte em que se reflete a única religião verdadeira, a religião de Cristo. A beleza alimenta-se da verdade, e é por isto que a religião que prega a verdade perfeita, se tornou a fonte da mais perfeita beleza.

Eis-nos agora na última razão que tem feito do catolicismo a fonte mais rica das artes. Essa causa é que *a propria Igreja é Cristo continuando a viver entre nós,* é que ela é a fonte última, eterna e única de toda beleza. A Igreja tornou-se a mãe das artes, porque todo o seu ser é banhado na beleza do seu divino Fundador.

* * *

Meus irmãos, a Igreja Católica ensinou aos Europeus esse trabalho ardente, donde saíu toda a nossa civilização, e é por isso que não posso compreender como um Europeu possa tornar-se budista, si bem que alguns, após a Grande Guerra, tenham tentado levar-nos para o bu-

dismo. Há almas preguiçosas que "flirtam" com os nevoeiros do Nirvana; há almas seduzidas por uma moda insensata que, em vez do crucifixo, em vez da cruz de Cristo a padecer e morrer por nós, colocam na escrivaninha a estatua de Buda obeso, refestelado preguiçosamente, extinguindo em si todo sentimento... Mas ainda que ninguem mais contradissesse essa aberração de espírito, a alma imaginativa e perpetuamente inquieta do trabalhador europeu a isso se oporia. Onde está o Europeu que faria seu, o dogma budista da covardia e do frio da morte? "E' melhor estar em pé do que andar; é melhor estar sentado que em pé; é melhor estar deitado que sentado; é melhor dormir do que estar acordado, e é melhor morrer do que viver..."

Que túmulo! Que letargia!

Em compensação, a História dezenove vezes centenária fala em favor da nossa Igreja. Em seu favor fala o fato de viver ela ainda, após inúmeras investidas do inimigo. Em seu favor, fala o fato de milhões e milhões de mártires terem dado sua vida por ela. Falam ainda em seu favor a sua unidade, a sua santidade, a sua apostolicidade e a sua civilização. Finalmente, falam em seu favor essas inumeráveis bençãos que ela tem derramado sobre o indivíduo e sobre a familia, sobre a vida privada e sobre a vida social, sobre os povos e sobre os países, sobre as ciências e as artes, sendo com justiça que o papa Leão XIII denominou a Igreja "a Mãe da civilização".

Creio, pois, nessa Igreja. Sem dúvida, é só a Cristo que busco, mas peço à Igreja que me conduza a Ele por caminho seguro. Quero observar os mandamentos de Cristo mas pergunto à Igreja o que é um pecado e o que não o é. Creio na minha Igreja, e sigo-a, para poder viver na luz, na força, no progresso e na tranquilidade da alma.

Eis aí minha santa Igreja Católica, "que é a Igreja do Deus vivo, a coluna e a base da verdade" (I Tim.,

III, 15). "Não me envergonho dela, pois sei em quem pus a minha confiança". (II Tim., I, 12).

Essa fé dá-me a calma na agitação da vida.

Dá-me a luz nas trevas da vida.

Dá-me a força nos combates da vida.

E — creio-o — dar-me-á um dia a coroa eterna, depois de haver sustentado vitoriosamente as lutas deste mundo. Amém.

XVI

OS SACERDOTES DA IGREJA (I)

A 15 de março de 1934, não há muitos anos portanto, os trezentos mil sacerdotes católicos do mundo celebraram uma festa, talvez sem exemplo na História.

Como talvez ainda estejais lembrados, chegava-se naquela ocasião à última semana do "ano santo" promulgado pelo papa Pio XI em razão do décimo nono centenário da Redenção. Naquele ano santo, agradecíamos a Nosso Senhor Jesús-Cristo, com coração verdadeiramente reconhecido, todos os seus dons: o seu amor, os seus sofrimentos, a sua morte na cruz, o santo sacrifício da missa... Porque havia então dezenove séculos, que havíamos recebido tudo isso.

E havia tambem dezenove séculos, que fora instituido o sacerdócio cristão. Não vos admireis, pois, si, entre os fiéis que celebraram a Redenção, o sacerdócio esteve especialmente em festa, e si, naquela quinta-feira, 15 de março de 1934, todos os sacerdotes católicos do mundo, à mesma hora, expuseram o Santíssimo Sacramento, para agradecer a instituição do sacerdócio ao divino Coração, que arde incessantemente de amor por nós.

Muito natural é que eu vos fale agora do sacerdócio. Na série de instruções consagradas à Igreja, devo falar dos sacerdotes da Igreja, pois não podemos conceber a Igreja sem os seus sacerdotes.

Na Igreja, há fieis e há chefes: os sacerdotes, os bispos e o papa. Há um sacerdócio que prega a palavra de Deus, oferece o sacrifício de Cristo, cujas orações servem de ligação entre Deus e os fiéis, e que, pelos sacramentos, comunica aos fiéis a graça de Cristo.

O sacerdócio católico! Alvo de quantos escárneos e calúnias da parte dos espíritos frívolos! Motivo de quantas idéias e juizos errôneos, da parte de pessoas de boa vontade! Mas tambem objeto de que caloroso e piedoso respeito da parte do povo cristão crente!

O sacerdócio, católico! Precisamos realmente dele? Cristo quis verdadeiramente que na sua Igreja houvesse uma classe especial, uma classe de homens escolhidos, separados do povo, usando um traje especial? Organizou Cristo o sacerdócio? Não terão razão os que dizem que são "crentes", "cristãos", ou mesmo "bons católicos", mas que "não precisam nem de igrejas, nem de missa, nem de confissão, nem, mormente, de padres? Porque se intrometem eles entre Deus e o homem? Rogo a Deus que me perdoe meus pecados e me dê a graça — mas não pode ele dar-me tudo isso sem os padres?..."

Aí estão idéias que surgem constantemente na sociedade, ora aqui, ora acolá, e convem, pois, que tiremos tambem a limpo essa questão. *Terá Nosso Senhor instituido realmente o sacerdócio?* — Vamos procurar responder a esta pergunta na presente instrução. *E que pensa a Igreja dos seus sacerdotes?* — será o assunto da instrução seguinte.

I

O CULTO DO SACERDÓCIO

Para resolver a questão que acabamos de propor, quiséramos, à guisa de introdução, lembrar alguns fatos

da História da civilização. Quiséramos mostrar rapidamente o fato interessante de *em todos os povos encontrarmos o respeito do sacerdócio,* de, entre pagãos como entre cristãos, ter sido sempre esse respeito o indício do nivel da moralidade de um povo.

A) Lembrarei apenas brevemente alguns exemplos do mundo *grego* e *romano*.

Desde a primeira página da Ilíada de Homero, o sacerdote aparece como uma potência moral dominando qualquer outra coisa. Nos teatros, em Atenas, os sacerdotes tinham os primeiros lugares; eram sacerdotes que guardavam o santuário dos mistérios de Eleusis; sem os sacerdotes não se realizava ato algum oficial: nem tratado de paz, nem reconciliação dos partidos políticos. Pode-se realmente dizer que o Estado grego antigo era fundamentalmente "clerical".

O mesmo sucedia entre os Romanos. Toda atividade política ou pública estava sob a influência dos sacerdotes. Trouxeram da Grécia os oráculos sibilinos e fundaram um colégio especial de sacerdotes para interpretá-los. Nem mesmo o onipotente Augusto ousava depor o sumo sacerdote, o "Pontifex Maximus".

B) Essa concepção do sacerdócio naturalmente intensificou-se em medida notavel *na doutrina cristã.* Nos países cristãos, os sacerdotes são objeto de grande respeito, por causa dos seus merecimentos morais e culturais sem exemplo. Foi o sacerdócio que propagou a civilização entre os povos convertidos, e, si não fosse a sua obra, toda a Europa teria sido submergida pelas ondas da barbaria. Si não fosse a sua ação conservadora, talvez só restasse mera lembrança da civilização antiga. Foi o trabalho paciente dos monjes copistas que nos conservou a base dos nossos conhecimentos clássicos atuais: os antigos manus-

critos gregos e romanos. Arquitetura, música, pintura, escolas, universidades, devemos tudo isso ao sacerdócio. E toda a ordem pública, o respeito da moral o triunfo do direito e da justiça! Nada pois, de admirar que honrem o sacerdócio os Estados que beneficiaram dele.

Sem dúvida, bem sei que o que disse até aquí é, antes, destinado a confirmar as provas que exporei a seguir, mas não constitue a resposta à questão levantada. Si os povos em toda parte têm honrado os seus sacerdotes, é, quando muito, um fato histórico, mas não uma resposta às grandes questões: Precisa tambem o cristianismo dum sacerdócio? Cristo realmente fundou o sacerdócio? E por que o fundou?

Eis aí as importantes questões que aguardam agora resposta.

II

CRISTO FUNDOU O SACERDÓCIO

Afirmamos que *Nosso Senhor Jesús-Cristo instituiu um sacerdócio especial,* e o encarregou de comunicar aos homens os benefícios da Redenção. Cristo não quis — como alguns o afirmam por erro — que as almas se comuniquem com Deus sem intermediário, que estejam ligadas "em linha direta" com Deus. Mas quis criar, no sacerdócio, uma grande central telefônica à disposição dos homens, para que os homens, graças a ela, sejam postos em comunicação com a linha do céu.

Como sabemos disto?

A) Pelo ensinamento claríssimo dos Evangelhos. Lemos neles estas belas palavras que o Salvador dirigiu aos que Ele especialmente escolhera: "Não vos chamo ser-

vos, porque o servo não sabe o que faz seu amo; mas chamo amigos, porque tudo o que ouví de meu Pai, vo-lo fiz conhecer. Não fostes vós que me escolhestes; mas fui eu que vos escolhí e vos estabelecí para que vades e deis fruto, e vosso fruto permaneça" (S. Jo., XV, 15-16).

Nosso Senhor Jesús-Cristo tambem ordenou que todo aquele que quiser entrar no seu reino seja batizado, para renascer de novo. Mas foi aos apóstolos e aos seus sucessores que Ele confiou o encargo de administrar o batismo (S. Mt., XXVIII, 19).

A quem, depois do batismo, comete o pecado, Ele dá a absolvição, mas esse poder foi ainda nas mãos dos apóstolos que Ele o estabeleceu (S. Jo., XX, 22).

Remiu-nos por sua morte. Mas a renovação da sua morte redentora confiou-a Ele ainda aos seus apóstolos. O penhor da vida eterna é a recepção do corpo e do sangue de Cristo; mas esse poder Ele tambem só o deu aos sacerdotes (S. Lc., XXII, 19).

Assim tambem, impôs-lhes o dever de pregarem a doutrina cristã: "Ide, ensinai todos os povos, batizando-os em nome do Padre e do Filho e do Espírito-Santo" (S. Mt., XXVIII, 19).

Em verdade, quem leu os Evangelhos não pode deixar de fazer esta verificação: para assegurar a extensão do reino de Deus na terra, Cristo escolheu alguns *homens* em particular, e revestiu-os do seu poder, para que o representassem.

Aqueles que Ele enviou têm a santa obrigação de trabalhar pelo reino de Deus; e aqueles a quem Ele os enviou têm a santa obrigação de escutá-los. Pois Ele lhes disse igualmente: "Quem vos escuta, a mim escuta" (S. Lc., X, 16). O próprio Cristo organizou o grupo dos

"enviados", colocando-lhes à testa, como seu representante visível, um chefe monárquico.

Sim, o sacerdócio católico representa o pensamento de Cristo.

B) Mas, meus irmãos, quando refletimos na tarefa imensa que Nosso Senhor Jesús-Cristo deu aos seus sacerdotes, somos quasi obrigados a dizer que Nosso Senhor — humanamente falando, — *iniciou uma empresa terrivel,* quando realizou esta coisa espantosa:

a) Confiar às mãos dos homens as forças, os merecimentos, a sorte da Redenção! Nas mãos de homens que, mesmo depois de receberem essa missão, permanecem sempre homens, com uma natureza humana inclinada ao pecado e com o fardo das fraquezas humanas! Depois, obrigar as outras criaturas a volver-se, quanto à vida de suas almas, para esse pequeno grupo de eleitos, mesmo quando esses membros não fossem santos ou gênios, mesmo quando a sua alma estivesse talvez num penoso afastamento de Cristo.

O sacerdócio tem duas faces: vive na terra, mas não tem o direito de ser da terra. O sacerdote é nosso compatriota, figura entre os nossos conhecidos, é filho de tal ou tal família, — e no entanto, depois da ordenação, é mais do que isso, muito mais. Cumpre que o seu amor se estenda a toda a humanidade. Ele deve ir sem hesitação aonde quer que Deus o chame: a uma aldeiazinha, a uma grande cidade, junto às crianças numa escola, aos doentes num hospital, aos pobres num hospício, junto aos estrangeiros, entre os pagãos.

Em parte alguma tem ele o direito de parar definitivamente, de se ligar definitivamente com alguem; deve ser um viajante perpétuo na terra, e dirigir-se imediatamente e com solicitude para onde quer que Deus o chame. Cumpre que viva no mundo para poder salvá-lo, e todavia fora do mundo, para não perecer com ele.

b) *Tarefa de dar vertigem.* Com efeito, mesmo si cada sacerdote fosse um santo e um gênio, mesmo então não se compreenderia a misteriosa decisão de Cristo, que ligou a distribuição das suas graças a intermediários humanos. Pelo fato de haver Ele deixado nos seus sacerdotes a fraqueza humana, é certo que a nossa fé é frequentemente posta a pesadíssima prova. Seria mais facil afastar da nossa fé qualquer outro obstáculo do que curar essa chaga dolorosa que nos infligem as faltas humanas dos sacerdotes, eleitos e delegados por Cristo. E' tão terrivel essa provocação da nossa fé, que muitos não a podem suportar.

Sabeis em que é que penso neste momento? Na maior dor de Nosso Senhor Jesús-Cristo. Mas uma dor que o Salvador, por assim dizer, previu — e não obstante a qual, não renunciou a fundar o sacerdócio.

Por toda parte onde há homens, a fraqueza humana aí tambem se encontra. E' verdade: devemos trabalhar com todas as nossas forças para que os traços humanos desapareçam cada vez mais do sacerdócio da Igreja. Mas, si isso não é alcançado completamente, si aquí e acolá se apresentam deploráveis defeitos, fraquezas e até pecados, não temos o direito de vacilar na nossa fé, quando sabemos que S. Pedro, no dia da primeira comunhão e no dia da ordenação, negou seu Mestre, e quando sabemos que os apóstolos, covardemente, abandonaram o Salvador no próprio dia em que foram eleitos.

Nosso Senhor previu tudo isso. E, não obstante, instituiu o sacerdócio e certamente o fez por graves razões. Esforcemo-nos por investigar com humildade essas razões: Por que foi que Nosso Senhor estabeleceu esse intermediário, esse traço de união entre Deus e os homens? Por que foi que instituiu o sacerdocio?

III

POR QUE INSTITUIU CRISTO O SACERDÓCIO?

Teoricamente, poder-nos-íamos representar a redenção de tal maneira, que participássemos da suas graças sem intermediário de espécie alguma. Si Deus quisesse, bastaria dizermos "Creio em Vós, Seenhor", e nos tornaríamos cristão sem recepção exterior do batismo. Deus podia fazer que, ajoelhando-nos, batendo no peito e dizendo: "Senhor, tende compaixão de mim, pobre pecador", imediatamente fôssemos perdoados dos nossos pecados, sem confissão nem absolvição do sacerdote.

Mas, na realidade, Deus não o quis. Cristo ordenou que, para a transmissão das suas graças, teríamos de recorrer a sinais exteriores visíveis, e a gestos determinados; ora, não é qualquer um que pode executar esses gestos, mas só aqueles que Ele incumbiu disso. Noutros termos, Cristo estabeleceu *intermediários* para a graça — e esses intermediários são os sacerdotes.

Mas surge em nós esta pergunta: *Por que são precisos intermediários? Por que Deus não concede diretamente suas graças?*

Basta refletir um pouco para achar a resposta.

A) Consideremos, primeiramente, que *o homem não é só espírito, mas tambem matéria.*

a) E' inteiramente conforme à nossa natureza material que Deus, para nos dar sua graça invisivel, *se sirva de sinais e de gestos* exteriores visíveis. E' para isso que se faz mister o sacerdócio, um sacerdócio escolhido no mundo, mas vivendo unicamente para o serviço de Deus. Efetivamente, a santidade de Deus é hoje a mesma que

na época de Moisés. E si Moisés ficou profundamente conturbado ouvindo as palavras que vinham da sarça ardente: "Tira as sandálias dos pés, pois o lugar em que estás é uma terra santa" (Êxodo, III, 5), — ainda hoje esse lugar é santo: nenhum homem pode aproximar-se das fontes da graça divina, sinão aquele que Deus escolheu para delas haurir, e dar de beber ao seu povo. E assim compreendemos exatamente a essência do sacerdócio católico, a sua essência íntima e a sua razão de ser. Para que serve o sacerdote? Para servir a Deus. Para conduzir as almas a Deus. Para ser o intermediário entre Deus e o homem.

b) E cumpre que o sacerdote saiba muito bem que *essa dignidade e essa santa função comportam uma grande responsabilidade.* Ele não tem o direito de ser apenas um farol que aponta a outrem o caminho do porto, enquanto ele mesmo não segue o bom caminho. Ele não tem o direito de pregar teoricamente Cristo e andar ele próprio, praticamente, por outro caminho. Não tem o direito de atrair sobre si as palavras pronunciadas por Nosso Senhor a propósito dos Fariseus: "Fazei e observai tudo o que eles vos dizem, mas não imiteis as suas obras" (S. Mt., XXIII, 3).

Os sacerdotes não existem, pois, para dominar os fiéis? De modo algum. De fato, eles leem inúmeras vezes estas palavras de Cristo: "O maior entre vós sera vosso servo" (S. Mt., XXIII, 11). E estas palavras de S. Paulo: "Não pretendemos dominar sobre a vossa fé, mas contribuir para a vossa alegria" (II Coríntios, I, 23). E este aviso de S. Pedro: "Apascentai o rebanho de Deus que vos é confiado, velando por ele, não por força, mas de bom grado, não num interesse sórdido, mas por dedicação; não como dominador das igrejas, mas fazendo-vos os modelos do rebanho" (I S. Pedro, V, 2-3).

B) Isto torna-se ainda mais claro, quando pensamos que *Deus ligou a nossa redenção à pessoa de Nosso Senhor Jesús-Cristo,* e que somos remidos, na medida em que conseguimos tornar-nos membros do corpo místico de Cristo.

a) *Tornar-se membro do corpo de Cristo!* — eis a essência do cristianismo: o resto, a liturgia, os mandamentos, as festas, as formas de devoção, tudo isso não é o essencial. Sem dúvida, não podemos, sem os sacramentos da Igreja, tornar-nos membros de Cristo, e, para administrar os sacramentos, é preciso o sacerdócio. E' pois pela atividade sacramental do sacerdócio, que nos tornamos membros do corpo de Cristo.

B) *"Então não poderei por mim mesmo participar dos merecimentos de Cristo?* Por uma comunicação direta entre minha alma e Cristo? O Deus eterno e minha alma não bastam? Para que então o sacerdócio?"

E' o próprio Cristo quem dá a resposta. Com que clareza ele deu esta ordem aos apóstolos: "Ide, ensinai todos os povos, batizai-os" (S. Mt., XXVIII, 19); logo sois *vós* que dais o batismo. "Quem crer e for batizado será salvo" (S. Mç., XVI, 16); logo "for batizado", e não "batizar-se a si mesmo". Nicodemos conversa uma noite toda com Cristo sobre a justificação. E Cristo não lhe diz que "basta Deus eterno e tua alma", mas fala-lhe da sua morte na cruz e diz-lhe: "Si alguem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (S. Jo., III, 5).

Há, em seguida, a sagrada Eucaristia. Sem ela, pode a vida divina existir em nós? Não. Conheceis as palavras do Salvador: "Si não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós" (S. Jo., VI, 54). Como, porém, nos haveríamos

de aproximar hoje em dia do corpo de Cristo, si não houvesse sacerdotes que, na missa, o façam descer do céu para o tabernaculo? Ora, não podemos crer que Cristo tenha dado a todos os homens o poder de consagrar.

E a penitência! Que sacramento indispensavel para os homens fracos! Porventura Cristo disse: "Arrependei-vos dos vossos pecados, e então o Pai vo-los perdoará por causa dos meus merecimentos?" Não. Mas disse aos apóstolos: "Os pecados serão perdoados a quem os perdoardes" (S. Jo., XX, 23). Logo, sois *vós* que os perdoareis.

E' absolutamente certo que Cristo só aos apóstolos e aos seus sucessores confiou a administração dos sacramentos, e não a todos os seus fiéis e discípulos. Com efeito, disse-lhes: "Assim como meu Pai me enviou, eu tambem vos envio" (S. Jo., XX, 21). E só os apóstolos puderam dizer àqueles que eles próprios escolheram: "Assim como Cristo nos enviou, nós tambem vos enviamos".

E é assim que o poder de administrar os sacramentos, dado por Cristo aos apóstolos, continua nos sucessores dos apóstolos; é assim que ele continua na Igreja, há dezenove séculos, para fazer dos homens, que aspiram à salvação eterna, os membros do corpo místico de Cristo.

* * *

Meus irmãos, a Igreja tem vivido, no decurso desses dezenove séculos, momentos terríveis, mas nunca lhe faltaram sacerdotes. Cristo os tem chamado à obra, tanto, quantos se fazem necessários. Cristo sabe que a Igreja precisa de sacerdotes, que são necessários operários para a messe, e deposita sempre na fronte de novos jovens o ósculo invisivel que os chama ao trabalho.

Não é possível dizer em que é que consiste esse chamado de Cristo, como é que, das profundezas da alma dum jovem, surge o desejo misterioso de dar a vida inteira a Cristo, de maneira que não haja mais um só instante, uma só pulsação do coração, um só projeto, um só desejo, um só pensamento, um só minuto que não seja para Cristo, e para as almas imortais.

E, si bem que, segundo os cálculos terrenos, pareça uma empresa absurda confiar, a frágeis ombros humanos, os valores eternos, vemos, entretanto, que a experiência tem mostrado que não há razão para qualquer receio.

Vemos que, mau grado as fraquezas humanas que existem infelizmente, o sacerdócio tornou-se o robusto sustentáculo da Igreja. Não há nada comparavel ao amor piedoso que os fiéis manifestam para com os seus pastores, porquanto, acima de todas as fraquezas humanas, eles vêem sobre os sacerdotes a auréola da ordenação, e baixam humildemente a fronte ante a bênção das mãos que dão a absolvição, ou elevam o Santíssimo Sacramento.

Meus irmãos, quando na tarde de quinta-feira, 15 de Março de 1934, os sacerdotes do mundo inteiro se ajoelharam diante do Sagrado Coração de Jesús e lhe agradeceram a dignidade sobrehumana a que Ele os chamou, sem que eles a houvessem merecido, vós tambem, nós todos, fizemos subir a Deus uma prece fervorosa por esses sacerdotes.

Foi uma tarde magnífica. . . Trezentos mil padres católicos ajoelharam-se diante do Sagrado Coração e fizeram ouvir esta prece: "Senhor Jesús, humildemente Vos agradecemos nos haverdes chamado a esta dignidade sobrehumana. Só uma coisa Vos pedimos: podermos ser sacerdotes segundo o vosso Sagrado Coração.

Sermos archotes que ardem por Vós.

Sermos um facho que ilumina somente por Vós.

Sermos um caminho que conduz somente a Vós.

Sermos um braço robusto que se eleva para Vós.

Sermos uma coluna que não vacila, um carvalho ao qual se apoiam as almas.

Sermos sacerdotes que não tenham uma só palpitação, um só olhar, uma só pulsação — que não seja para Vós e para as almas imortais.

Sermos sacerdotes que nada esperam na terra pelo seu trabalho — nem conforto, nem prazer, nem bem estar, nem riqueza, nem distinções, nem honras — absolutamente nada, porque temos muito mais que isso, pois temos a promessa de S. Pedro: "Quando o Príncipe dos pastores aparecer, recebereis a coroa de glória que não fenece" (I S. Pedro, V, 4).

Senhor, dai-nos sacerdotes com esse ideal, que façam a alegria do Vosso Sacratíssimo Coração e a salvação do rebanho que lhes é confiado. Amém.

XVII

OS SACERDOTES DA IGREJA (II)

Tratámos dos sacerdotes da Igreja na instrução anterior: foi dito que Nosso Senhor Jesús-Cristo instituiu verdadeiramente o sacerdócio cristão. Indiquei então que consagraria ainda outra instrução ao sacerdócio, para mostrar como a Igreja considera os seus padres, e o que deles espera. E isso talvez nunca o possamos sentir mais profundamente do que nas sublimes cerimônias da ordenação.

Vestidos da alva branca, os futuros sacerdotes são estendidos como mortos no chão, enquanto o bispo recita sobre eles as ladainhas dos santos. "Kyrie eleison! Christe eleison! Kyrie eleison!" Terminam as ladaínhas.

Em seguida o bispo estende ambas as mãos sobre a cabeça dos ordinandos, e deixa-os estendidos um instante sem dizer palavra, em silêncio completo. Ao mesmo tempo tambem, silenciosamente, os sacerdotes que assistem o bispo conservam as mãos estendidas. Em verdade, só esse silêncio comovente que acompanha a cerimônia, só esse grande silêncio pode exprimir dignamente o que se passa então: *uma fraca criatura torna-se nesse instante uma reprodução viva de Nosso Senhor Jesús-Cristo.*

Efetivamente, o sacerdote é aos olhos da Igreja um "alter Christus", "outro Cristo". Há dezenove séculos

o sacerdote católico vive na terra, e nela viverá enquanto viver a Igreja, enquanto houver homens na terra. As nações vão e vêm, mas os servos de Cristo renovam-se entre elas. Os sacerdotes tambem morrem, mas o sacerdócio não morre, — é eterno.

Dois traços característicos aparecem especialmente na imagem desse sacerdócio eterno. Ambos são particularidades, sem as quais não pode existir o sacerdote ideal, e que fazem nascer o respeito fervoroso e exemplar dos fiéis católicos para com os seus sacerdotes: *I*, o primeiro é: *o amor das almas*. *II*. O segundo é: ***a responsabilidade perante o Pastor supremo das almas.*** Eis aí os dois traços mais característicos no semblante do sacerdócio eterno. Esforçar-me-ei na presente instrução por descrever sob esses dois aspectos o sacerdócio católico. Somente, ninguem diga no fim: "Ah! Como a realidade fica distante desse ideal!" Ai! fica longe, é verdade; tal como o ideal e a realidade estão longe um do outro onde quer que intervem mão humana. Cumpre-nos, porém, saber como a Igreja de Cristo encara os seus sacerdotes: e nós, sacerdotes, devemos saber como devemos ser; cumpre, finalmente, que nós e os fiéis saibamos todos, que devemos rezar pelos sacerdotes.

I

O AMOR DAS ALMAS

A primeira característica duma alma sacerdotal deve ser esta: um amor sem limite às almas.

A) E' coisa bem conhecida, que *o sacerdócio se apresenta perante nós numa hierarquia grandiosamente organizada.*

a) Os sacerdotes não obtêm de si próprios os seus poderes, mas são enviados pelos bispos, os bispos pelo papa, e os papas por Cristo. Pode-se dizer, para empregar uma expressão vulgar, que os sacerdotes da Igreja não trabalham "por conta própria", sob sua própria responsabilidade, mas como investidos *da mais alta missão.*

Sentimos tambem a força que nos dá a nossa união com o chefe da Igreja, o papa. "Vou pescar" (S. Jo., XXI, 3), diz um dia Simão Pedro, o primeiro papa, junto do lago de Genesaré. E os apóstolos que estavam com ele disseram unanimemente: "Iremos contigo" (S. Jo, XXI, 3). E tomaram parte, juntos, no duro trabalho da noite, na sua rica pesca da madrugada, e viram, juntos, o Senhor. "Vou pescar" — têm dito depois 262 papas, e centenas de milhares de sacerdotes têm respondido: "Iremos convosco". Bem sabemos que só pode ser sacerdote, aquele que o Senhor escolheu, chamou e enviou.

b) Mas sabemos tambem outra coisa. Sabemos que o Salvador, quando escolheu o primeiro papa, S. Pedro, e lhe deu o poder supremo, não lhe disse naquele dia memoravel: Pedro, estudaste muito? Pedro, és sábio? Pedro, és bom organizador? És grande jurista? Não. Nada lhe perguntou de tudo isso. Mas disse-lhe: *Simão, filho de João, amas-me mais que estes?* (S. Jo., XXI, 15). E Pedro recebeu os poderes de pastor supremo, depois de afirmar por tres vezes o seu amor. Depois, devemos tambem saber que o ósculo de Cristo que consagra sacerdote o aspirante ao sacerdócio, obriga o sacerdote a amar a Cristo e ao seu corpo místico, os fiéis da Igreja.

c) Na sua ordenação recebe ele de Cristo essa missão, essa dignidade sacramental e o poder que lhe é anexo — eis a marca mais importante do sacerdote da Igreja. *Essa missão sublime, esses poderes sacerdotais são independentes das capacidades individuais.* E' isso que torna

tão digno de respeito, perante os fiéis, o mais simples padre, porque por trás dessa forma humana defeituosa, fragil, mesquinha, brilha a grandeza de Cristo. Que o padre que celebra a missa seja um grande sábio ou um homem vulgar, que o confessor seja um velho diretor cheio de experiencia ou um padre ordenado há poucos dias, um moço de 22 anos, pouco importa: é Cristo o principal, é Cristo que voga, é a Cristo que buscamos, foi Cristo que os enviou, foi Cristo que lhes deu seus poderes.

B) E agora o sacerdote católico já começa a assumir perante nós uma forma concreta: *Que ente maravilhoso o sacerdote católico!*

a) *E' um homem que não tem familia e que tem, no entanto, as centenas e os milhares de familias da paróquia.* Um homem para quem os outros homens se volvem nos dias mais alegres e nos dias mais tristes da vida. Um homem a quem desconhecidos chamam "meu padre", meu pai. Um homem a quem contamos com confiança os segredos mais penosos e ansiosamente ocultos, que jamais diríamos a quem quer que fosse: nem aos nossos melhores amigos, nem ao esposo ou à esposa, nem aos parentes. Um homem para quem — em busca de um alívio na angústia física e moral — cada um se volve com confiança, pois sabe que ser padre é ser dispensador do amor divino, é repetir a toda alma exausta, doente, sofredora e combatente, as palavras eternamente memoráveis do Sumo Sacerdote: "Vinde a mim vós todos que estais fatigados e oprimidos, e eu vos aliviarei" (S. Mt., XI, 28).

b) *O sacerdócio é para nós como as montanhas cobertas de neve*: por qualquer lado que as olhemos, cada vez que avançamos um passo, experimentamos incessantemente novas impressões, que se sucedem constantemente. Aqui, é um cimo que surge diante de nós, acolá é um córrego,

lá em baixo, é um rebanho a pastar, alhures uma cabanazinha, um cabrito montês a pular ou uma cascata rápida — mas o cume mais alto parece ignorar tudo isso: ergue-se para o céu puro, na sua alvura eterna.

Na alma do sacerdote, tambem cumpre que haja uma elevação, um cimo branco como a neve, onde o tumulto da vida não tem o direito de penetrar, mesmo si a vida formigante segue o seu curso, nas encostas da montanha.

Mas, certamente, cumpre que seu coração pulse duma grande vida. A vida atual chama a miudo pastor dalmas para fora do púlpito, para fora da igreja, para a escola, para as obras, para a sociedade. Deve tambem conhecer as questões econômicas, a política, — mas deve estar em contacto com tudo isso de maneira que a isso não se apegue, e que o barulho da vida não penetre no silêncio dos cimos brancos de neve.

c) E, justamente porque os sacerdotes da Igreja devem responder a tanta coisa, *cumpre que sejam celibatários.* Só assim é que eles podem realizar estas palavras de S. Paulo: "Aquele que não é casado cuida das coisas do Senhor, procura agradar ao Senhor" (I Coríntios, VII, 32).

Aí está por que os padres não se casam.

Ou, antes, casam-se num sentido especial: no momento sublime da ordenação, quando irrevogavelmente o padre se une a Cristo. O rito da consagração episcopal mostra-o claramente, quando — exatamente como no matrimonio — o novo bispo recebe o anel bento com estas palavras: Tomai este anel, sinal de fidelidade; pois devereis guardar intacta, com fidelidade inviolavel, a esposa de Deus, a Igreja. "Sim, a Igreja e seus membros, são a família do padre, seus filhos e sua esposa. E o padre deve trabalhar pela Igreja, à custa de todos os sacrifícios, como a mãe para sua família. E a alegria do padre é a vida

da Igreja, como o homem casado se alegra com a felicidade de sua família. Alegra-se, quando sua igreja está repleta; alegra-se, quando mal pode atender às numerosas confissões; alegra-se, quando à mesa da comunhão a multidão acorre solícita para Nosso Senhor.

C) Esse amor das almas é um elemento essencial, indispensavel, da alma sacerdotal: *fazer irradiar o amor eterno de Deus* — eis o escopo duma alma de padre.

a) *"Deus não pode estar em toda parte, e foi por isto que Ele criou a mãe de familia"*, dizem os Árabes. Dever-se-ia dizer mais exatamente: não se pode ver a Deus em toda parte, mas, para fazer sentir em toda parte o seu amor, criou Ele o coração materno.

Foi por isso tambem que Ele criou o coração do sacerdote. Para que ele seja, por amor sobrenatural das almas, a prova do amor de Deus. "Reliquit nos tanquam vicarios sui amoris" — escreve *Santo Ambrósio* com uma concisão clássica; "deixou-nos como os representantes do seu amor". O coração do pai, o coração da mãe, o coração do sacerdote são as três fontes de onde jorra a água vivificante da existencia, a força misteriosa da vida: o amor de Deus.

E assim compreendo agora que um tal coração deve permanecer livre: para poder amar todos os fiéis. Compreendo que ninguem deva atar essas mãos. Sim, o sacerdote contrai uma união, uma santa união, mas com o amor eterno de Deus.

b) Compreendemos tambem agora *esse respeito caloroso e filial que os fiéis manifestam para com os seus sacerdotes.* Compreendemos que ainda hoje, numa época de fria objetividade, os fiéis celebrem com entusiasmo incrivel a entrada do papa em S. Pedro. E basta, mesmo, que um legado do papa apareça em algum lugar, por exem-

plo num congresso eucarístico internacional para que a alegria e o triunfo o acolham e acompanhem por toda parte!

c) Sem dúvida, *há tambem homens que não são a favor dos sacerdotes,* que pensam deles todo o mal possível. E' verdade: segundo o evangelista S. Mateus, já os havia naquele tempo e diziam de Nosso Senhor Jesús-Cristo: "E' um homem que gosta do bom passadío e do vinho, um amigo dos publicanos e dos pecadores" (S. Mt., XI, 19). Há senhores bem vestidos e senhoras distintas, que — quando encontram um padre na rua — assustam-se e balbuciam com lábios trêmulos: "Ah! vai me acontecer alguma coisa!"

Não vos surpreendais com o que vos vou dizer: Nós outros, padres, nos orgulhamos de que o mundo caído no pecado, se inquiete e se perturbe à vista do padre. Sim, é *tambem* um dos deveres do padre inquietar o homem que vive tranquilamente nos seus pecados. Quando no caos dos reclamos elétricos flamejantes, no tumulto das ruas animadas, passa ao lado de vós um padre, com sua comprida batina preta, involuntariamente, sem o quererdes, pensais na outra vida, na única vida verdadeira, na vida eterna, que a gente esquece tão facilmente, na luta pelo pão quotidiano.

A missão do padre é análoga à do sol, no firmamento· deve espalhar os sèus raios com o mesmo calor sobre bons e maus. E esse sol deve luzir com serenidade, mesmo quando sabe que o espaço gelado e tenebroso lhe absorve todo o calor, que suas intenções as mais santas só encontram frequentemente insensibilidade, incompreensão, calúnia.

Com efeito, quem não ama as almas, os cordeiros de Cristo, não pode ser digno sacerdote de Cristo.

II

RESPONSABILIDADE PERANTE O PASTOR SUPREMO DAS ALMAS

Do amor generoso das almas imortais, decorre um segundo traço bem visivel da alma do sacerdote: *a emocionante convicção da sua responsabilidade para com o Pastor supremo das almas.*

A) Todo homem deve ter o sentimento da sua responsabilidade, mas ninguem o tem mais fortemente que o sacerdote. *B*) Todo homem deve fazer o seu exame de conciência, mas ninguem deve fazê-lo mais severamente que o sacerdote.

A) Os sacerdotes de Cristo sabem *que imensa responsabilidade vai de par com os seus poderes.* Sabem que um mau padre pode acumular mais ruinas do que as podem reparar dez anjos.

a) Que sacerdote não tremeria à lembrança da sua responsabilidade, pelo fato de *lhe estar nas mãos a sorte da Igreja?* O reino de Deus só pode dilatar-se entre os homens, si o semblante de Nosso Senhor Jesús-Cristo irradiar brilhante, da alma dos próprios sacerdotes; si o seu gênero de vida der testemunho em favor de Cristo; si eles mostrarem, na sua vida, o que pregam nos seus discursos.

Sentimos que devemos ser portadores de luz, nas noites procelosas, e que devemos elevar os nossos fachos acesos com a flama do céu acima dos caminhos terrenos, envoltos nas trevas.

Sentimos, que precisamos de mãos robustas, e braços túmidos da força divina, para estendê-los a todos os que caíram.

Sentimos que devemos ter um coração ardente, um coração inflamado junto ao divino Coração de Jesús, um coração que, com amor compassivo, trabalhe por libertar todas as ovelhas que se debatem no meio dos espinhos.

Eis aí o que sente a alma sacerdotal. Sente-o, — e freme com isso.

b) Sim, sentimos bem que o sacerdócio é a mais sublime vocação que possa caber ao homem na terra, mas *ao mesmo tempo a mais difícil.* Só lhe pode pertencer quem sabe libertar-se de tudo quanto significa dinheiro, carreira, bem estar e vida de família. Só lhe pode pertencer, aquele, que vive de uma flama inextinguível, com todos os seus pensamentos, todos os seus intentos e ambições, todo o seu ardor, tudo concentrado na realização da obra de Cristo, na salvação das almas, na dilatação do reino de Deus.

Só pode fazer-se sacerdote quem sabe, quem compreende que não há no mundo alegria mais santa, mais elevada, mais fecunda do que ser, para seus irmãos que procuram o caminho nas trevas, um facho aceso no coração de Cristo, ser o pastor que reconduz a Cristo as ovelhas perdidas nos espinhos.

Só pode fazer-se sacerdote quem pode dizer como o santo Cura d'Ars: "Si eu já estivesse com um pé no paraiso e ainda pudesse salvar um só pecador na terra, não hesitaria um só instante em voltar à terra".

Só pode fazer-se sacerdote quem pode dizer de si mesmo estas palavras do Salvador: "Vim trazer fogo à terra, e que desejo, sinão que ele arda?" (Lc., XII. 49).

Só pode ser sacerdote quem não é como o fio elétrico, que traz aos homens a corrente vivificadora, mas conserva-se ele próprio, gélido; mas sim aquele que pode dizer aos fiéis estas palavras de S. Paulo: "Sede meus imitadores, como eu sou imitador de Cristo" (I Cor., IV, 16).

Só pode sê-lo, aquele a quem se aplicam estas palavras de S. Paulo: "Fiz-me todo de todos, afim de salvá-los todos" (I Cor., IX, 22); ou ainda quem pode dizer estas palavras do apóstolo, cheias dum amor entusiasta do próximo: "Desejaria ser eu próprio anátema longe de Cristo, por meus irmãos" (Rom., IX, 3).

B) E já que o sacerdote sente essa imensa responsabilidade, necessita dum *exame de conciência continuo e rigoroso.*

a) Si é verdade que as palavras têm um sentido em si mesmas, então a nossa palavra "sacerdos" quer dizer *um santo presente de Deus.*

Os homens nos chamam "meu padre", meu pai. É o título mais nobre que possa receber um sacerdote. Mas ao mesmo tempo é tambem um grande aviso para nós: somos realmente assim, sempre e em todas as nossas ações? Sem dúvida, esse título acompanha a função, e não a pessoa. Mas não temos o direito de enganar-nos a nós mesmos: si todo cristão deve ser "alter Christus", quanto mais o sacerdote! Nós que devemos mostrar tudo o que de Cristo é visivel na terra.

b) Mas, si quisermos ser tais como nos chamam, cumpre que pouco a pouco cheguemos a fazer com que *Cristo apareça em lugar do nosso eu,* que nossos desejos, nossos projetos, nossas ambições deem lugar aos desejos, aos projetos, às ambições de Cristo. Devemos dizer o que S. João Batista disse do Salvador: "Cumpre que ele cresça e que eu diminúa" (S. Jo., III, 30). Devemos chegar a tal ponto, que se aplique a nós esta frase de S. Paulo: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gálatas, II, 20). Devemo-nos tornar como as santas espécies no Santíssimo Sacramento: tudo o que há em mim é mera aparência exterior, um accessório, mas o

essencial em mim é Cristo. Esse despojamento da alma sacerdotal, essa "exinanitio", é um exemplo dessa morte mística, que em verdade é o mais belo incremento de vida.

E todo sacerdote deve sentir que a sua santa vocação lhe impõe essa obrigação.

Nos tempos que correm, os homens têm apenas pequenos receptores para perceber as idéias eternas. Nós sacerdotes, temos que vir em seu auxílio, aumentando cada vez mais fortemente, em nós mesmos, as energias da estação emissora. Faz-se mister, hoje em dia, que façamos irradiar as belezas da vida cristã com tal superioridade, que elas encontrem eco, mesmo nas almas possuidoras do mais fraco aparelho receptor.

É esse sentimento profundo da sua responsabilidade que aparece, como segundo traço característico, na fisionomia dos sacerdotes da Igreja.

É o eterno aviso que estas palavras do Pastor nos lembram. "Vós sois o sal da terra. Si o sal ficar insosso, com que se há de salgar? Então ele não presta mais, sinão para ser posto fora e calcado aos pés, pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Uma cidade situada sobre uma montanha não pode estar escondida. . . Brilhe assim a vossa luz diante dos homens; afim de que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem o vosso Pai que está nos céus" (S. Mt., V, 13-16).

* * *

Meus irmãos, ninguem pode predizer quantos dias ainda deve durar o reino de Deus... Mas é certo que enquanto houver um sacerdote que, toda manhã, antes de começar o seu trabalho, contemple durante a meditação Nosso Senhor Jesús-Cristo e Lhe pergunte: Senhor, como poderei hoje cumprir a Vossa santa vontade? —

o reino de Deus, apesar de todos os ataques e perseguições, continuará a viver e a prosperar.

A Igreja de Cristo continuará a fazer conquistas e a estender-se, enquanto houver sacerdotes que todo dia façam a si mesmos esta pergunta do apóstolo: "Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação ou a angústia? A perseguição, a fome, a nudez, o perigo ou a espada? (Rom., VIII, 35). Êles se propõem essa pergunta e lhe respondem imediatamente com S. Paulo: "Tenho a certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas presentes, nem as coisas futuras, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem criatura outra alguma, poderá separar-nos do amor de Deus em Jesús-Cristo Nosso Senhor" (Rom., VIII, 38-39).

Não é verdade que hoje em dia a humanidade não precise mais de padres. Ao contrario, precisa, — mas somente de padres santos. Não precisa de padres de alma gélida, não precisa de padres de carater fraco, não precisa de padres funcionários. Mas, hoje em dia ainda, as almas que aspiram à luz eterna afluem para os padres, cuja alma arde do amor de Cristo, para os padres, cujo coração bate uníssono com o coração de Cristo, como por uma calma noite de verão as mariposas que buscam a luz, voam para a branda claridade da lâmpada, nas nossas mesas de trabalho.

Ah! irmãos, rezai por padres dessa elevação! Porque nós tambem rezamos desse modo, por nós mesmos: "Senhor, fazei que eu seja um padre assim.

Que seja o sal que preserva da corrupção.

Que seja a luz do mundo que mostra o caminho que conduz a Vós.

Que seja a cidade colocada sobre a montanha, cujos exemplos se avistam de longe.

Que seja um cirio que Vos alumie.

Que seja um facho ardente que segurais na Vossa mão.

Que seja um sacerdote, segundo o vosso Sagrado Coração, do qual vossos fiéis e vossos cordeiros possam dizer: Ele é verdadeiramente a luz que nos guia para Deus." Amém.

XVIII

A IGREJA PERSEGUIDA

Costumamos chamar a Igreja de Cristo, a Igreja Católica, segundo a expressão de S. Paulo, "o corpo místico de Cristo", de Cristo que continua a viver, de maneira misteriosa, entre nós. Mas, si assim é, então não nos podemos admirar de que a história da Igreja seja a repetição, a edição aumentada da história da vida terrena de Cristo, e de que a Igreja seja obrigada a suportar todos os sofrimentos que foram o destino de Cristo.

No curso dos séculos. só mudaram os nomes, os lugares e as datas, mas o fundo dos acontecimentos é o mesmo, Cristo foi perseguido por Herodes e Judas, Caifaz e Pilatos, pelos Fariseus e Escribas; a Igreja foi perseguida pelos imperadores romanos, pelos déspotas bisantinos, pelos príncipes grandes e pequenos; tem sido perseguida pelos maçons e pelos bolchevistas, — mas a perseguição é essencialmente a mesma, é sempre o mesmo grito: "Não queremos que Ele reine sobre nós" (S. Lc., XIX, 14), "crucificai-o" (S. Mc., XV, 13).

A digna esposa de Cristo perseguido, verdadeiramente, só podia ser a Igreja perseguida.

A Igreja perseguida! Que dolorosas recordações, mas, ao mesmo tempo, que consoladores pensamentos despertam em nós, estas simples palavras: *a Igreja perse-*

guida! Apenas Nosso Senhor deixara a terra, rebentava em Jerusalém a primeira perseguição contra os cristãos, e essa chama devastadora não devia mais extinguir-se, mas, ora aquí, ora alí, no mundo, continuará a erguer-se, enquanto a Igreja Católica subsistir na terra, enquanto houver um homem no mundo.

Será uma meditação sem dúvida bem dolorosa, mas tambem assaz instrutiva, confortadora e própria para fortalecer a nossa fé, si *I.* na primeira parte da nossa presente instrução passarmos rapidamente em revista as *perseguições cruentas* que a Igreja tem sofrido há dezenove séculos; e, em seguida, si *II. nos esforçarmos por enxergar o fim* que a divina Providência quer atingir por essa provação. Nesta instrução vou falar da "Igreja perseguida"; na instrução seguinte tratarei da "Igreja invencivel", que é a grande lição proclamada pela Igreja com força indestrutivel.

I

AS PERSEGUIÇÕES CONTRA A IGREJA

A) Os primeiros perseguidores da Igreja foram os Judeus.

Os apóstolos pregavam que Cristo era o Messias prometido; não um libertador político, como o esperavam os Judeus, mas o salvador das almas. Isso não agradava aos Judeus, e por isto eles convocaram os apóstolos perante o Sinédrio para forçá-los ao silêncio. Mas o doutor da lei, Gamaliel, dirigiu então aos membros do Sinédrio estas palavras memoráveis: "Não vos ocupeis com essa gente, e deixai-a ir. Si essa idéia ou essa obra vem dos homens, cairá por si mesma; mas, si vem de Deus, não podereis destruí-la" (At., V, 38-39).

Palavras magníficas; mas os Judeus não as escutaram, e a primeira perseguição continuou. O diácono Santo Estevão foi a primeira vitima: em seguida S. Pedro foi lançado à prisão. Consoante Justino, os Judeus haviam encarregado emissários de seguirem passo a passo os apóstolos, e de procurarem enfraquecer a força da sua pregação, acusando-os de impiedade e de ateísmo. Mas tudo isso não pôde prejudicar a Igreja: a semente lançada pelos apóstolos cresceu a olhos vistos, e tornou-se mais forte de dia para dia.

B) A perseguição judáica foi seguida duma perseguição muito mais perigosa: *a intervenção do poder romano contra o cristianismo.*

a) A perseguição romana contra os cristãos foi duma crueldade sem exemplo e particularmente sangrenta. E' um enigma, humanamente inexplicavel, na História do mundo, que o cristianismo tenha podido fazer frente às violências do poder romano, à defesa desesperada da gigantesca civilização pagã, às calúnias, às injúrias, aos sarcasmo e à luta aberta.

Que calúnias inauditas foram lançadas contra os cristãos! O culto espiritual de um Deus espiritual foi tratado de ateismo; o banquete eucarístico foi tratado de banquete de Tieste; as reuniões dos cristãos nas catacumbas foram tratadas de conspirações; o amor do próximo foi considerado depravação... e tudo isso não pôde aniquilar o cristianismo. Centenas de milhares de pessoas deram a vida pela fé cristã.

E de que meios inauditos lançaram mão contra eles! O imperador Adriano mandou elevar uma estátua de Venus no Calvário e uma de Júpiter no túmulo do Redentor, — mas em vão. Severo proibiu que alguem se fizesse cristão ("Judæos fieri vetuit, idem etiam de christianis sanxit") — mas em vão. Diocleciano, após

cruel perseguição, fez elevar um monumento comemorativo com esta orgulhosa inscrição: "Nomine christianorum deleto", "Em lembrança da destruição do nome cristão", — mas debalde.

b) A perseguição a mais cruenta foi inutil: a jovem esposa de Cristo, a Igreja, enxugou o rosto banhado em sangue, e retomou sua marcha, mais forte do que antes. Certamente Maximiliano jamais teria pensado que, no lugar onde se elevara o seu palácio e onde fora preparada a mais sangrenta perseguição, se ergueria um dia a Basílica de Latrão com esta inscrição: "Mãe e senhora de todas as igrejas", e que no local onde se achava seu trono se elevaria o trono duma dinastia imorredoura: o trono do papa.

Certamente Inês, a jovem martir de 14 anos, quando a arrastaram violentamente para o antro do vício, não teria pensado no que viria a ser um dia aquele lugar de pecado. Efetivamente, é alí que se ergue agora a Igreja de Santa Inês, uma das mais belas igrejas de Roma, na Piazza Navona.

Falar-vos-ei do jovem martir S. Pancrácio? Sua mãe, Lucina, reza por ele com angústia: será seu filho um confessor da fé tão intrépido, quanto o foi seu esposo, que deu a vida por Cristo? O filho — de alma ardente — está sentado nos joelhos da mãe. Em que pensa ele? Não na magnífica basílica que, mil e seiscentos anos mais tarde, a multidão dos peregrinos virá visitar em Roma, e que terá o seu nome. Não vê o relicário de prata no qual o papa Honório I depositará os seus restos mortais. Não pensa em que milhões de pessoas lerão um dia seu nome no martirológio, e em que, num altar, sua imagem, aureolada de glória, brilhará como a do menino-martir do cristianismo primitivo. Ignora tudo isso esse menino. Só o previu Cristo, o seu Redentor, que deu

a vida por ele, e por Quem ele tambem dará a sua jovem existencia.

c) *O poder romano não pôde triunfar desse espírito.* Quando Diocleciano desceu do seu trono de púrpura e terminou seus dias como velho rabujento; quando Galério morreu devorado pelos vermes, e reconheceu a injustiça do seu edito de perseguição; quando Maximiliano Hércules se suicidou; quando Maxêncio se afogou no Tibre; quando Maximino expirou em sofrimentos tão atrozes quanto os que preparara aos cristãos; quando Licínio sucumbiu sob a espada de Constantino, — a esposa de Cristo lá se mantinha sempre: coberta de sangue, mas cheia de força e de ardor no combate.

No fim desses trezentos anos de perseguições, a jovem Igreja enxugou o semblante ensanguentado, e, mais bela e mais jovem, continuou sua obra: as portas do inferno tinham-lhe oferecido lutas crueis, mas as portas do inferno não tinham podido prevalecer contra ela.

C) Depois das perseguições abertas, dos Romanos, um assalto mais perigoso foi lançado contra a Igreja: *os ataques espirituais.* Lucifer mudava de tática. Já não ataca abertamente, mas age como um adversário fraquíssimo: envenena as fontes do inimigo.

a) Os cismas surgem dentro da Igreja, e o perigo das invasões bárbaras fora da Igreja. A cada século, os hereges atacam a Igreja por todos os lados. Às vezes, em consequência, quebra-se apenas um pequeno ramo, outras vezes é um grosso galho, e houve mesmo um tempo em que, por assim dizer, "o mundo inteiro" se achou na heresia. E, no entanto, a Igreja chorou, sem dúvida, seus filhos separados, os frutos corrompidos, caídos dos seus ramos, mas em seguida, com força nova, prosseguiu sem desfalecimento seu caminho no campo da história.

Vêm as invasões bárbaras. Forças brutais assaltam a Europa. E, no centro desse grande movimento, mantem-se de pé o rochedo contra o qual as portas do inferno não prevalecem. Vejamos o que resultou daí. Que foi que aconteceu? A Igreja não aceitou o espírito selvagem, mas foram os povos bárbaros que se submeteram ao jugo suave de Cristo.

b) O assalto veiu de outro lado: *o ideal do mundo pagão voltou à tona com a Renascença.* A Renascença contamina a vida e os costumes cristãos até nos seus chefes, até nas mais altas autoridades. Nessa época, fontes de perdição insinuaram-se na vida da Igreja. Em verdade ela deveria então ter perecido, si fosse obra humana.

E qual foi o resultado? O poder de vida da Igreja lançou para longe dela a infecção e triunfou dos assaltos desesperados do ideal pagão.

Depois vieram os aráutos do "filosofismo", depois, a revolução francesa. "Estou cansado de ouvir dizer — declarava Voltaire — que bastaram doze homens para fundar o cristianismo. Apraz-me demonstrar-vos de que bastará um só, para destruí-lo". E lançou esta ordem: "Esmagai a infame". Mas a Igreja Católica aí está, sempre.

c) *Depois de tudo isso vieram as perseguições atuais.* O ateismo declarado dos Soviets russos, que querem pelo terror, pelo sangue, pelo fogo, pelo ferro, pela zombaria, pela dinamite, pelo exílio, arrancar da alma humana a fé em Deus. Depois sobreveiu outro assalto não menos perigoso, que não combate contra Deus abertamente como os Soviets, mas quer criar, com as lendas fantásticas das religiões pagãs primitivas, uma nova religião, e assim conduzir o homem à irreligião total.

Essas lutas ainda duram, a perseguição não cessa, mas quem será vencedor? Deus ou o ateismo? Jesús-

Cristo ou Satanaz? O testemunho da História, até aquí, não permite duvidar um só instante do resultado.

Com efeito, não há um só terreno da civilização humana ao qual não se tenha até aquí ido buscar argumentos contra a Igreja — e nenhum deu resultado. Ora é a astronomia que se opõe aos dogmas, ora é a biologia. Ora parte-se em guerra contra ela em nome da geologia, ora em nome da filosofia. Recorre-se às inscrições dos tempos prehistóricos, aos costumes dos povos primitivos... E, ao cabo de todos esses esforços, verifica-se que não há uma só verdade científica certa, que esteja em contradição com os nossos dogmas; e após perseguições sem trégua, a Igreja Católica nunca teve tantos fiéis como atualmente, nunca teve tantas igrejas como hoje. Quando começam a perseguí-la num país, ela desabrocha, mais viva, noutra parte do mundo, e vemos realizar-se de maneira tangivel e visivel as palavras que o Salvador dirigiu a S. Pedro, quando a fundou: "As portas do inferno não prevalecerão contra ela".

II

A DIVINA PROVIDÊNCIA E AS PERSEGUIÇÕES

Mas, irmãos, não nos contentamos em consignar simplesmente os fatos. Cremos que nem um só dos nossos cabelos cai, sem que o saiba nosso Pai do céu. Deus tem, portanto, grandes desígnios quando permite que sua Igreja seja perseguida.

Quando o fogo do sofrimento queimava os fiéis de Cristo, eles certamente não sabiam o que queria com isso a Providência. Os que viviam na tempestade das perseguições não percebiam quais eram os desígnios de Deus.

Mas, hoje, vemos tudo sob outra claridade. Tudo corresponde a um plano Divino, seja o que for que aconteça a uma nação, ou à sua própria Igreja.

Hoje, já vemos claramente que a perseguição realizou um duplo fim nas mãos da Providência.

A) As perseguições contribuem para o revigoramento e para a dilatação da Igreja. Assim como um vento sacode em todos os sentidos os galhos da árvore e, despegando os frutos, leva a longa distância a semente de novas árvores, assim tambem as perseguições têm propagado a Igreja de Cristo.

Apenas Nosso Senhor deixara a terra, estalava em Jerusalem a primeira perseguição, e os apóstolos eram obrigados a abandonar a capital judaica. E' certo que isso lhes foi penoso e que eles sofreram com isso. Mas vemos agora o quanto isso serviu aos desígnios da divina Providência. De fato, essa perseguição contribuiu para o cumprimento do mandamento divino: "Sereis minhas testemunhas... até os confins da terra" (At., I, 8).

O cristianismo toma pé em Roma. Acendem-se alí a perseguição de Nero e em seguida as perseguições mais sangrentas, durante três séculos; — quanto mais sangue cristão corre, porém, tanto mais vitoriosamente se ergue a cruz de Cristo. "Sanguis martyrum semen christianorum", do sangue dos mártires nasce uma nova vida cristã, como após uma chuva de maio principia a nascer a messe, e, como do grão de areia que tortura a concha, nasce a pérola preciosa.

O caminho da Igreja de Cristo tem sido, ao longo de toda a História, uma via-sacra contínua. E, coisa notavel, as páginas mais esplendentes da sua história não foram escritas nas épocas em que a humanidade se inclinava ante a grandeza da Igreja, mas sim, quando a Igreja mais sofreu, — pois o sinal mais caro à Igreja é a cruz.

Ninguem apreende tão profundamente o sentido e a utilidade do sofrimento, quanto a Igreja de Cristo, que sabe que sob as marteladas do sofrimento se abrem na alma humana profundezas insuspeitas, e que nossos olhos enxergam então melhor a verdadeira significação das coisas. Os tempos de perseguições sempre foram as épocas mais gloriosas da Igreja, pois quem avança no caminho da cruz deve inevitavelmente encontrar-se com Cristo, que carrega sua cruz.

"Tirai as perseguições, e as pérolas da Igreja desaparecerão" — dizia *Santo Ambrósio,* designando o martírio sob o nome de pérola. "Si não tivesse havido hereges, diz *S. Tomaz,* a ciência dos santos não teria florescido". Assim, as heresias e as perseguições, as forças exteriores e as resistências intelectuais prepararam o triunfo da Igreja. São bem verdadeiras estas palavras de *Santo Hilário*: "A Igreja floresce quando é perseguida; triunfa quando é oprimida; progride quando é desprezada; fica de pé quando parece vencida". "Ecclesia, dum persecutionem patitur, floret; dum opprimitur, vincit; dum contemnitur, proficit; stat, cum superari videtur".

B) Mas a divina Providência tem ainda outro intuito quando permite as perseguições da sua Igreja. Não somente quer fortificá-la no meio das tempestades e perseguições, mas quer tambem consolá-la e animá-la. O fato de, incessantemente, na luta, a Igreja haver sempre triunfado, é para nós *um grande consolo e um conforto,* ao mesmo tempo que uma certeza da verdade da promessa de Cristo, segundo a qual as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja.

a) O capítulo XIV do evangelho de S. Mateus mostra-nos *Nosso Senhor andando sobre as águas.* Eram três horas da madrugada. A barca dos apóstolos era jogada de um lado e doutro pelas vagas... de repente o Salvador aparece andando sobre as águas e chamando a

Si Pedro. Quando Pedro, de alma ardente, se ouve chamar pelo divino Mestre, não tem um instante de hesitação: salta nágua e adianta-se para Nosso Senhor.

Mas a água estava agitada. As vagas erguiam-se bem alto, e Pedro teve medo. E, à medida que sua fé e sua confiança diminuiam, ele começou a afundar-se nas ondas. "Senhor, salvai-me", exclamou ele com desespero. E logo Jesús, estendendo a mão, segurou-o e lhe disse: "Homem de pouca fé, por que duvidaste? E quando subiram à barca, o vento aplacou-se" (S. Mt., XIV, 31-32).

Imagem frisante da Igreja de Cristo! O Senhor não lhe poupou no passado, e não lhe poupará no futuro as tormentas da perseguição, mas não temos o direito de faltar à fé nem de desesperar, porque o Senhor não deixará sossobrar a barca de Pedro.

b) Quantas vezes, tempestades irresistíveis, em aparência, têm se erguido em torno da barca da Igreja, nas lutas interiores que esta tem tido que sustentar no momento das heresias: arianismo, nestorianismo, monofisismo, pelagianismo... Que perigo significou para a Igreja o bisantinismo, que procurava reduzí-la à escravidão. Depois, o cisma da Igreja do Oriente! Depois, qual novo espectro devastador, o maometismo lança-se sobre a Europa. Depois vem o doloroso cisma do Ocidente... E hoje? Um perigo mais terrivel do que todas as heresias e todos os cismas: o ateismo organizado, científico, munido de meios poderosos... E, mau grado tantas perseguições cruentas, como que *por milagre perpétuo, a Igreja Católica persiste de pé, com uma força que não fraqueja, há dezenove séculos.* "As portas do inferno não prevalecerão contra ela".

Ela tem visto ligarem-se contra ela os indivíduos, as instituições, os soberanos, as correntes de idéias, a ciência, a filosofia, as forças dos Estados... Há séculos, dema-

gogos e revolucionários gritam constantemente: "Abaixo a Igreja!" E nada têm conseguido. Acaso uma catedral milenária sofre, quando um garoto mal educado lhe esgravata as paredes com uma faca? Porventura a Igreja Católica, de dezenove séculos de idade, sofre quando uns revoltados batem, raivosos, a cabeça contra o rochedo da sua base?

Em cada meio-século, surge aqui ou acolá, na terra, um personagem em moda, que pronuncia a oração fúnebre da Igreja, — e entretanto é a Igreja que tem enterrado todos aqueles que a tratavam com tanta superioridade.

Quantas acusações se têm levantado contra ela em nome da filosofia moderna e da ciência, que dizem incompatíveis com os dogmas da Igreja! E a Igreja nunca teve medo das zombarias, nem nunca retirou coisa alguma dos seus ensinamentos, pois tinha tempo de esperar que os resultados certos dos investigadores sérios, desmentissem as acusações frívolas dos incrédulos.

A Igreja está de pé. Ao lado dela ruiram imensos impérios que dispunham de poderosos meios para sua defesa. E a Igreja está de pé sem canhões, sem baionetas, sem fortalezas, sem aviões, sem "tanks", apoiando-se simplesmente em duas frases, duas pequenas frases, mas que são mais fortes do que todos os exércitos, do que a maçonaria e as ligas dos "sem-Deus", porque foi o Filho de Deus quem as pronunciou: "As portas do inferno não prevalecerão contra ela" (S. Mt., XVI, 18); e: "Eis que estou convosco até o fim do mundo" (S. Mt., XXVIII, 20).

* * *

Meus irmãos, a Igreja é Cristo que continúa a viver entre nós; na sua história renova-se, pois, a história terrena de Nosso Senhor Jesús-Cristo: seus padecimentos — mas tambem seu triunfo.

Desde que a Igreja existe, está incessantemente em luta; mas o testemunho de dezenove séculos clama a todos os ouvidos: assim como Cristo só em aparência foi vencido por seus inimigos, assim como a sexta-feira da Paixão cede o lugar à glória do dia de Páscoa, assim tambem os ferimentos infligidos à Igreja por seus inimigos têm-se tornado as marcas do seu triunfo. Cada derrota que ela tem sofrido tem-se-lhe tornado fonte de novo incremento, e no seu estandarte vitorioso brilha continuamente a realização da promessa de Cristo: "Eu vivo e vós vivereis" (S. Jo., XIV, 19). E' a única barca da qual temos o direito de dizer: "Fluctuat nec mergitur", "flutua e não afunda"; é um rochedo contra o qual investem os assaltos das vagas, mas ele próprio não vacila.

Creio na Igreja Católica! Era o grito de fé dos primeiros cristãos há dezenove séculos, e será a crença dos homens remidos, enquanto viver um homem na terra, até que Cristo volte para julgar os vivos e os mortos.

E ficarei, com todo o meu amor, até o derradeiro suspiro, ao lado da Igreja cristã perseguida. E si, entre nós, homens de inteligência duvidosa se apresentassem para querer fazer propaganda em favor de alguma religião pagã — como si o nosso povo não tivesse outra preocupação —, si tais ataques insensatos se lançassem contra a velha fé cristã, então eu me conservaria com amor ainda mais forte, ao lado da minha santa religião católica.

Oh! sim, arde tambem em mim a flama do patriotismo — mas, sei que ela não pode substituir o fogo sagrado dos nossos altares.

Sei que não trabalho só para a salvação de minha alma, mas que sirvo tambem do melhor modo os interesses de minha pátria, quando me esforço para ser um filho obediente, dedicado e fiel da Igreja Católica, incessantemente perseguida, mas incessantemente vitoriosa. Amém.

XIX

A IGREJA INVENCIVEL

Quando, no século passado, campeava na Alemanha a perseguição deflagrada por Bismarck contra a Igreja Católica, a chamada "Kulturkampf", via-se na frente de certas lojas, um curioso cartaz destinado a consolar os católicos.

Êsse cartaz representava um grande rochedo à beira-mar, em torno ao qual vagas furiosas espumavam, enquanto um grupo de homens, em manga de camisa, se esforçava por precipitá-lo nas ondas... em segundo plano via-se o diabo que dizia zombeteiramente: "Já lá vão dois mil anos que eu trabalho em vão, com todo o poder do inferno, para derrubar esse rochedo. Por isto, é que me rio do vosso trabalho".

Em verdade, meus irmãos, quem conhece as perseguições que a Igreja de Cristo tem tido de suportar há dezenove séculos, como recordei na instrução anterior, dará razão a essa curiosa imagem.

Quantas vezes os inimigos da Igreja clamaram que amanhã ela não existiria mais, e eis que ela aí está sempre.

Amanhã, estará acabada a Igreja — dizia Diocleciano, que fazia derramar a-flux o sangue cristão. E Diocleciano morreu, despojado da púrpura e da coroa, mas a Igreja, com o triunfo de Constantino, ascendeu ao trono imperial: não morreu.

Amanhã, estará acabada a Igreja — dizia Juliano o Apóstata. E Juliano morreu com uma última blasfêmia nos lábios, e quantos outros após ele, todos esses apóstatas orgulhosos e blasfemadores: mas a Igreja não morreu.

Amanhã estará acabada a Igreja — dizia Robespierre, o chefe da revolução francesa, que mandou para a guilhotina centenas de servidores da Igreja; e em breve ele próprio teve de subir à guilhotina, e a sua cabeça caíu no cesto: mas a Igreja não morreu.

Amanhã, estará acabada a Igreja — dizia Garibaldi, o conquistador de Roma; e a Igreja não acabou; vive e está em pleno vigor.

Amanhã, estará acabada a Igreja — exclamam atualmente os bolchevistas, os socialistas e os maçons. E a Igreja, como antes, não perecerá, mas fará novas conquistas, e essa árvore copada, que se estende sobre o universo, continuará a crescer.

Tudo isso é um fato histórico de que tratámos na nossa última instrução; — agora, eu desejaria resolver esse problema singular e tirar as consequências que dele decorrem. *I. Por que é que a Igreja é invencível? II. Que consequências podemos tirar disso?* Certamente, vale a pena consagrarmos esta instrução à solução dessas duas questões.

I

POR QUE É QUE A IGREJA É INVENCIVEL?

É naturalíssimo que a maravilhosa força vital da Igreja, que tem triunfado de todas as perseguições, reclame uma explicação.

A) Antes de tudo, cumpre notar bem que seria *uma explicação absolutamente frívola o procurarmos a solução desse mistério nos meios exteriores, nas riquezas ou na complacência demonstrada em questões de princípios.* Tem havido quem procurasse nessa trilha a explicação, mas aí nunca ela pôde ser achada.

a) Uma instituição terrena não pode evidentemente atingir a sua finalidade, sem meios terrenos: *fez-se, pois, mister que a Igreja se servisse da riqueza como dum meio terreno.*

Os bens terrestres não são somente meios que facilitam um fim, mas tambem um perigo. Para os particulares, e tambem para a Igreja. Si a Igreja dispôs de grandes bens no passado, isso não favoreceu apenas a sua tarefa, mas talvez tenha sido tambem o maior perigo com que ela teve de lutar. A riqueza terrestre é um terreno mui propício ao desenvolvimento dos sentimentos rasteiros e mesquinhos e quem conhece a história da Igreja considera, com o coração cheio de amargura, os ferimentos que a Igreja recebeu, muitíssimas vezes, por causa das suas riquezas terrestres.

O certo é, pois, dizer que a Igreja subsiste, não por causa das suas riquezas mas — apesar das suas riquezas.

b) Cumpre então buscar noutra parte a razão da força da Igreja. Talvez *no fato de afagar a natureza humana corrompida, de ser complacente e indulgente para com esta?*

Não sei quem ousaria sustentar semelhante asserção! Realmente, quem é que não conhece as renúncias rigorosas, a severidade moral incompativel com qualquer conchavo, os numerosos sacrifícios, a retidão de conciência, que a religião católica sempre exigiu e exige ainda hoje

dos seus membros, atitude que legitima essa reputação de que a religião católica é a religião "mais severa", "mais dificil"? Assim é, realmente. Não há religião que ouse intervir tanto nos negocios mais íntimos dos homens, nos seus planos, projetos, vida doméstica, pensamentos, alimento, distrações... Si a religião católica tem sustentado vitoriosamente uma luta de dezenove séculos, certamente não é por ter uma natureza propensa às concessões. Devemos, pois, repetir que a Igreja subsiste, não por causa da sua indulgência, mas — ao contrário — porque nunca adotou atitude de covardia.

B) Mas onde está então a fonte em que a Igreja haure a sua força? Debalde temos procurado a explicação nas causas exteriores; só nos resta uma causa interna: *a Igreja é o corpo místico de Cristo; ora, Cristo não pode mais morrer.*

a) *A invencibilidade da Igreja é a consequência da sua constituição íntima.* A Igreja é Cristo que continua a viver entre nós; ora, "sabemos que Cristo ressuscitado dos mortos não morre mais; a morte já não tem império sobre êle" (Rom., VI, 9).

A invencibilidade da Igreja resulta do fato de guardar ela os tesouros da redenção, e comunicá-los de geração em geração, à humanidade; ela deverá, pois, subsistir enquanto houver um homem na terra.

Resulta tambem das palavras de Nosso Senhor Jesús-Cristo a S. Pedro: que" as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (S. Mt. XVI, 18); ora, cumpre que as palavras do Salvador se realizem, pois Êle próprio disse: "O céu e a terra passarão, porém minhas palavras não passarão" (S. Mt. XXIV, 35).

b) Depois disso, não nos podemos admirar do que nos ensina a história: Cristo e a Igreja sofrem juntos,

mas *os perseguidores da Igreja tambem acabam como acabaram os inimigos de Cristo.* Assim como Judas acabou na ponta duma corda; assim como Herodes, o matador das crianças de Belem, foi devorado pelos vermes; assim como Pilatos morreu no exílio; assim como Jerusalem foi destruida; assim tambem aquele que dilacera com dentes ferozes a Igreja de Cristo, ou seu chefe, irá à ruína, e não a Igreja.

Eis aí o verdadeiro segredo da invencibilidade da Igreja. Eis aí, a base da força inabalavel da Igreja. Mas é ao mesmo tempo a fonte das lições, e conclusões, que devemos tirar da invencibilidade da Igreja.

II

QUAIS SÃO AS LIÇÕES DA INVENCIBILIDADE DA IGREJA?

A invencibilidade da Igreja é para nós *uma grande e segura prova, da qual resulta a tranquilidade inabalavel da conciência católica.*

A) A invencibilidade da Igreja que a tem feito vencer constantes perseguições é, antes de tudo, para nós, *uma grande prova.*

a) A prova de que a Igreja Católica é realmente a verdadeira Igreja de Cristo.

Um protestante solicitava um dia sua admissão na Igreja Católica. O vigário perguntou-lhe que é que o encaminhava para o catolicismo. Êsse homem respondeu: "Há anos que venho lendo atentamente a Bíblia, e impressionou-me ver Cristo predizer aos seus discípulos muitos sofrimentos e perseguições. Mas, quando olho para o mundo, não vejo outra religião perseguida sinão o

catolicismo. Quando os jornais publicam alguma difamação sobre os sacerdotes e as religiosas, trata-se sempre dum sacerdote ou duma religiosa católica. Ataca-se ora o papa, ora os bispos. Ora se zomba das cerimônias católicas, ora expulsam-se dum país os religiosos. Quando refletí tranquilamente nisso, fui obrigado a concluir que a verdadeira religião de Cristo se achava no catolicismo, pois êste sofre a perseguição que Cristo predisse a seus discípulos."

Que interessante conclusão! Não é assim mesmo, na realidade? Não se realizam na nossa Igreja as palavras tão claras de Nosso Senhor: "Si o mundo vos odeia, sabei que me odiou em primeiro. Si fosseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas, porque não sois do mundo e eu vos escolhi do meio do mundo, por isso o mundo vos odeia" (S. Jo., XV, 18-19).

b) Assim, posso responder à pergunta que certamente surge no pensamento desse ou daquele cristão: "Si a Igreja Católica é realmente a verdadeira Igreja de Cristo, *por que então Deus tolera, por que permite que ela seja continuamente perseguida?* Não poderia Ele impedir isso?"

Sem dúvida. Apenas, não o quer.

Quando S. Pedro, no horto das Oliveiras, cortou a orelha a um dos soldados, Nosso Senhor lhe disse: "Pensais que eu não posso rogar a meu Pai, que me daria mais de doze legiões de anjos? Como então se cumpririam as Escrituras, que atestam que assim deve ser?" (S. Mt., XXVI, 53-54). Do mesmo modo age ele para com sua Igreja: não afasta dela as provações, afim de que a sua origem divina se firme tanto mais claramente perante nós, quanto, de século em século, verificamos que as coisas deviam realizar-se como Nosso Senhor o disse-

ra, isto é, que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela.

Dizem que há pérolas que é preciso mergulhar de vez em quando no fundo do mar, para que elas recuperem o antigo brilho. Assim tambem, é preciso que a Igreja de vez em quando seja mergulhada num oceano de sofrimentos, para que em seguida o seu semblante irradie, mais pura, a beleza divina.

B) Da invencibilidade da Igreja nasce tambem a *verdadeira conciência católica.*

a) *Por que é que aprendemos na escola a história da nossa pátria?* Para aprendermos a amar nossa pátria com generosa ufania, por causa dos seus feitos heróicos, das guerras que sustentou, do sangue que verteu.

O mesmo sucede em relação à nossa santa Igreja. Nossa pátria tem varios séculos de existência, a nossa Igreja Católica tem dois mil anos. Amo minha pátria, estou pronto a sacrificar-me por ela, e reconheço com orgulho que a ela pertenço. Mas amo tambem a minha Igreja Católica, e reconheço com ufania que sou católico. Reconheço com *Santo Agostinho*: "O Espírito-Santo vive em vós na medida em que amais a Igreja", "Quantum quisque amat ecclesiam Dei, tantum habet Spiritum Sanctum" (In Jo. XXXII, 8). Reconheço com *S. Cipriano*: "Não pode ter a Deus por Pai, quem não tem a Igreja por mãe" (De unit. Eccl., VI).

b) *Vive acaso em nós essa corajosa e firme conciência católica?*

Conta-se uma história interessante da princesa russa Rostopchine, que nascera na religião grega cismática, mas, quando conheceu a verdade católica, se fez católica, e praticou corajosamente a sua fé. Todos os domingos, seu carro parava diante da Igreja de S. Fran-

cisco em Moscou, e todos sabiam que a princesa estava na missa. As autoridades ortodoxas não viam isso com bons olhos, e o governador fez-lhe saber que era obrigado a levar o fato ao conhecimento do tsar. Mas a princesa dirigiu-se por carta ao tsar, antes do governador. Dizia nela: "Majestade, o governador de Moscou ameaça-me de escrever à mais alta autoridade, denunciando-lhe que sou católica a pratico minha religião. E o que tenho feito até aquí, continuarei a fazê-lo. Si quiser, pode V. Majestade mandar-me prender como uma criminosa, confiscar toda a minha fortuna, desterrar-me para a Sibéria. Só uma coisa Vossa Majestade não pode: é acorrentar-me a conciência e impedir-me de servir a Deus".

Não sentís, irmãos, como essa carta nos comunica o sopro vivificador da fé intrépida, e da calma inabalavel dos primeiros cristãos?

C) *E essa santa tranquilidade d'alma* é outra consequência da invencibilidade da Igreja. A esperança que nada teme, e que não duvida do destino da Igreja, sejam quais forem as privações e as perseguições que lhe reserve o futuro. Sejam quais forem as perseguições que aguardem a nossa Igreja, podemos dizer tranquilamente: "Alios jam vidi ventos", já vi bem maiores perigos.

a) Os inimigos da Igreja não dormem nos nossos dias, e quando pensamos nos seus esforços criminosos contra o futuro da Igreja, em muitas almas pode surgir a angustiosa pergunta: *A Igreja ainda tem uma missão a cumprir? Não devemos receiar que ela pereça?* Mas vigoram tambem para o futuro as palavras de Cristo: "Não temais, pequeno rebanho, pois aprouve a vosso Pai dar-vos o reino" (S. Lc., XII, 32).

A Igreja sempre perseguida, e sempre invencivel, dá-nos a resposta, uma resposta tranquilizadora e segura.

Em Roma acham-se, bem ao lado um do outro, dois poderosos monumentos: o Coliseu e o arco de triunfo de Constantino. O Coliseu, por assim dizer o túmulo do imenso poderio dos imperadores, está em ruinas; o arco de triunfo de Constantino, simbolo da liberdade dada ao cristianismo, ainda está de pé.

Que era então outrora esse Coliseu de gigantescas proporções? Era a personificação do poder e do espirito de Roma. Oitenta e sete mil homens, do imperador ao último escravo, assentavam-se-lhe nas arquibancadas, quando os cristãos condenados à morte — homens, mulheres, crianças — entravam na arena cantando hinos, para serem dilacerados por feras esfaimadas, dando testemunho a Cristo, o Filho de Deus crucificado.

Mas, ao cabo de três séculos de perseguições cruentas, o senado e o povo romano elevaram, ao lado do Coliseu, o arco de triunfo de Constantino, e esse memorial da liberdade da Igreja ainda está de pé, após dezesseis séculos, ao passo que o Coliseu tombou em ruinas.

"Há muito — diz Heine — que cessei de combater a Igreja Católica. Conheço a medida das minhas forças intelectuais, e sei que jamais os assaltos mais furiosos poderão abrir brecha nesse possante colosso que é a Igreja de S. Pedro. *Mais de uma cabeça oca ainda se quebrará contra essa rocha*".

É dessa força invencivel que nasce a nossa tranquila confiança. De fato, si o caminho da Igreja passa sempre por perto do Gólgota, haverá sempre sacerdotes que dirão com S. Paulo: "O Espírito-Santo me assegura que, de cidade em cidade, grilhões e perseguições me aguardam. Mas não faço caso disso, e por mim mesmo não dou valor algum à vida, contanto que consuma minha carreira, e cumpra o ministério que recebi do Senhor Jesús" (At. XX, 23-24). E haverá sempre fiéis que, com fé e

paciência, e, si preciso, derramando seu sangue, repetirão do mesmo modo estas palavras de S. Paulo: "Quem nos separará do amor de Cristo?... Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas presentes, nem as coisas futuras, nem as potestades, nem a altura, nem a profundeza, nem criatura alguma, poderá separar-nos do amor de Deus em Jesús-Cristo Nosso Senhor" (Rom. VIII, 35-39).

b) Os que já tomaram parte numa audiência pontifical em Roma terão verificado com admiração *a doce serenidade e a paz que irradiam do semblante do papa.* Olhai qualquer retrato do papa, e a mesma tranquilidade nele se reflete. Não nos admiramos do semblante tranquilo de Cristo; ora, o semblante, cheio de serenidade, do papa é o reflexo da serenidade de Cristo. Admiramos especialmente a calma do semblante do Salvador quando, no dia da Ascensão, ele, de pé na montanha, fala ao círculo da Igreja principiante, e, ante seus olhos que tudo vêem, passam as tempestades dos séculos vindouros, — é *essa* paz que admiramos. Após contemplar essa série de tempestades, dá Ele, com uma calma divina, esta última ordem: "Ide, ensinai todas as nações" (S. Mt. XXVIII, 19).

Ide! — diz Nosso Senhor.

Senhor, aonde havemos de ir?

A toda parte. De cidade em cidade, de país em país, de continente em continente. Não haverá nem morte, nem fim, nem parada, nem obstáculo. Ide! As perseguições sangrentas dos imperadores romanos não podem ser obstáculo. Estou convosco. Acima do poder mussulmano, acima dos cismas, acima das violências abertas, acima das surdas maquinações dos maçons, em meio às atrocidades dos sem-Deus, *Eu* estou convosco. Ide, batizai, confessai,

dizei missa, pregai, consolai, levantai para o céu as cabeças fatigadas, e aconteça o que acontecer, não temais, pois "o céu e a terra passarão, porém minhas palavras não passarão" (S. Mt., XXIV. 35).

E essa segurança, essa santa tranquilidade d'alma são os mais belos efeitos da invencibilidade da Igreja.

* * *

Meus irmãos, na sala do Vaticano onde os papas assinavam os atos de importância capital para a sorte da humanidade, — "Stanza delle segnature", — o papa Júlio II mandou pintar, por Rafael, quatro quadros famosos. Representam eles a teologia, a filosofia, a poesia e o direito, isto é, a verdade enquanto revelação, enquanto trabalho da razão, enquanto beleza e enquanto ordem cristã. Essas quatro pinturas são um magnifico símbolo; exprimem que a humanidade só achará a felicidade, a satisfação, a ordem e a civilização, si as diversas formas da única Verdade trabalharem em harmonia, auxiliando-se mutuamente.

É assim que age e trabalha a Igreja de Cristo já há dezenove séculos.

E eis aí, porque me ufano dessa Igreja.

Mas de que me serviria ufanar-me dela, si não me esforçasse, dia a dia, para me tornar melhor, como seu filho?

Que é preciso para ser um bom filho da Igreja? São precisas quatro coisas: a fé — a fidelidade — a obediência — a graça.

A fé. Cristo impôs à sua Igreja o dever de ensinar todas as nações; mas então me impôs, a mim, a obrigação de escutar a Igreja: aceito, pois, e creio, zelosamente, o que ela me ensina.

A fidelidade. Estou a seu lado com um amor filial: quem a ofende, a mim ofende tambem.

A obediência. Peça ela o que pedir, prescreva o que prescrever, não a critico, não a censuro, sei que ela quer o meu bem: faço o que ela pede.

Mas, para ter em mim a fé, a fidelidade e a obediência, é-me necessária a graça, são-me precisos, em abundância, os meios de graça que a minha Igreja oferece a mancheias.

Contemplo com amor a Igreja, porque a sua invencibilidade me ensina a ter uma fé inabalavel no seu futuro.

Creio que o rochedo em que ela está construida não vacilará.

Creio que a barca em que navega não irá ao fundo.

Creio que o pescador de vestes brancas que está sentado ao leme não pode enganar-se.

Creio que, embora não se apartando uma letra do ensinamento de Cristo, ela triunfará gloriosamente, subsistirá, e guiará os homens até o último dia, em que cessará... quando a vida cessará na terra... *e todos os que tiverem tido plena confiança na Igreja de Cristo na terra, entrarão como vencedores na Igreja eterna de Deus.* Amém.

XX

SOU CATÓLICO

Na segunda metade do século passado, vivia um Inglês cultíssimo, o marquês de Ripon, que era grão-mestre da maçonaria inglesa e inimigo encarniçado da Igreja Católica. Havia, já então, na Inglaterra, um forte movimento de conversões, que tem durado até os nossos dias e que, de ano em ano, tem reconduzido ao seio do catolicismo uma multidão de anglicanos. Para paralisarem esse movimento de conversões, os maçons quiseram publicar uma obra importante e decisiva contra o catolicismo.

A redação da obra foi confiada ao grão-mestre, que aceitou essa tarefa com muito gosto.

"Mas, si tenho de escrever contra o catolicismo, devo primeiro conhecê-lo" — pensou ele consigo mesmo; e pôs-se a ler obras que tratavam da fé católica.

Leu-as durante dez meses.

Mas, após esses dez meses, apresentou-se em casa dos Oratorianos de Londres, e pediu para ser recebido na Igreja Católica.

Foi uma imensa surpresa.

"Como? — perguntaram-lhe. — V. Excelência, membro da nobreza anglicana, grão-mestre da maçonaria, quer fazer-se católico? Que foi que lhe aconteceu?"

O marquês respondeu: "Achei na Igreja Católica três coisas que obrigam todo homem sem opinião preconcebida a reconhecer que essa Igreja — e só ela — é a Igreja de Jesús-Cristo. Na Igreja Católica há um rochedo, um confissionário e um tabernáculo".

E o marquês fez-se realmente católico, e viveu o resto da vida como membro fervoroso da nossa Igreja.

Quando lemos semelhantes casos, e quando vemos como homens sérios e refletidos, que não nasceram no catolicismo, chegaram enfim, ao cabo de longas dúvidas e inquietações, ao porto da nossa madre Igreja, então fazemo-nos estas perguntas: Será que nós, que nascemos por graça especial de Deus, na verdadeira religião, nos sentimos felizes e ufanos disso? Será que temos conciência de ser membros dessa Igreja? Será que sentimos essa honra, mas ao mesmo tempo tambem a nossa responsabilidade, quando pronunciamos estas palavras: "Sou católico"?

Quando iniciei este curso de instruções sobre a Igreja de Cristo, indiquei que as faria em número de vinte. Esta é a vigésima. Termino, pois, neste momento a série que consagrei à explicação do artigo do Símbolo dos Apóstolos que diz: "Creio na Igreja Católica". E não poderiamos terminá-la mais utilmente, não poderíamos resumir com mais proveito a matéria já tratada, do que mostrando a tríplice idéia que encerra em si esta frase cheia de ufania e de gratidão: "Agradeço-vos, Senhor, por ser católico".

Quais são essas três idéias? *I.* Sou católico, logo *tenho uma conciência católica*; *II.* Sou católico, logo *obedeço à minha Igreja*; *III.* Sou católico, logo *amo a minha Igreja*.

I

TENHO UMA CONCIÊNCIA CATÓLICA

Sou católico, logo deve viver em mim a conciência católica. Que significa isso? De que elementos se compõe a verdadeira conciência católica?

A) O primeiro elemento é, antes de tudo, *uma santa e humilde ufania que tem conciência de si mesma.*

a) Uma humilde ufania, pois não é a ufania que se ostenta. Cumpre-nos reconhecer a elevação do ideal que nos apresenta o catolicismo, e tambem — ai! — quanto estamos longe dele! Lutamos por esse ideal, procuramos atingí-lo, porém quanto mais caminhamos para ele, tanto mais longe de nós ele persiste: — é isto que desperta em nós a humildade.

b) Mas, ao lado dessa humildade, vive tambem em nós *uma santa ufania*: a de mergulharmos nossas raizes num solo de tradições dezenove vezes centenárias. Onde haverá no mundo um tronco nobre de mil e novecentos anos? A árvore genealógica dos católicos tem essa idade. Assim compreendemos a frase que um dia *Montalembert* dirigiu aos católicos franceses: "Meus irmãos, não vos orgulhais bastante, não amais suficientemente a velha nobreza do nosso catolicismo".

B) Outro caracteristico da conciência católica é *a alegria transbordante* que, por assim dizer, expande-se exteriormente e procura mostrar ao mundo inteiro a ventura que há em ser católico.

a) *Ah! si todos soubéssemos o que significa sermos católicos*, como o nosso coração pulsaria, como nossos olhos brilhariam de alegria! Como andaríamos de cabeça erguida em meio às lutas, como nos manteríamos com firmeza e segurança na tempestade!

Cada vez que recitamos no Símbolo: "Creio na santa Igreja Católica", uma corrente elétrica deveria passar-nos nas veias e fazer-nos levantar a cabeça: "Agradeço-vos, Senhor, por ser católico".

Sabeis que festa celebramos no dia em que esta instrução é feita? A festa de S. Pedro de Verona (29 de abril). Quando ele era aluno primário, seu tio perguntou-lhe o que era que aprendera na escola. "Aprendí o Símbolo dos Apóstolos" — respondeu ufanamente o menino. Esse menino cresceu e fez-se padre, e quando foi varado de punhaladas por causa da sua fé, exclamou: "Credo", "Creio". E quando chegou aos últimos momentos, e não teve mais força para falar, molhou um dedo em seu sangue e escreveu na terra esta única palavra: "Credo". S. Pedro de Verona é para nós todos um exemplo imortal da maneira como devemos amar a nossa fé, e confessá-la com alegria e orgulho.

b) *Mas por que me alegrar e sentir-me feliz?*

Devo alegrar-me e sentir-me feliz porque minha mãe é rica, porque minha mãe é bela, porque minha mãe é amorosa: e essa mãe é a Igreja.

Minha mãe, a Igreja, é rica. Quantos tesouros ela possue! Ouro? diamantes? Oh! não. Mas o sangue de Cristo na santa missa. O corpo de Cristo na hóstia branca. A palavra de Cristo no Evangelho. A graça de Cristo nos sacramentos.

O cardial Newman, antes da sua conversão, era pastor da igreja anglicana. O seu rendimento anual elevava-se a quatro mil libras esterlinas. Ele estudou longo tempo a religião católica. Finalmente não pôde mais resistir à atração da Sagrada Eucaristia.

Alguns dias antes da sua conversão, um amigo procurava desviá-lo desse passo:

"Pense no que vai fazer. Si você se fizer católico, perde um rendimento de quatro mil libras".

Newman deu esta resposta:

"E que são quatro mil libras em comparação de uma só comunhão?"

Oh! sim, é rica a minha Igreja!

Como é bela minha mãe a Igreja! Com que entusiasmo S. Paulo escreveu: "Cristo amou a Igreja e entregou-se a si mesmo por ela, afim de santificá-la, depois de purificá-la na água batismal com a palavra de vida, para fazê-la comparecer diante dele, gloriosa, sem mácula, sem ruga nem nada de semelhante, mas santa e imaculada" (Efésios, V, 25-27). Como não haveria de ser bela essa Igreja, que é o corpo mistico de Cristo? Como não haveria de ser bela essa Igreja, que é o templo do Espírito-Santo, "a Igreja do Deus vivo, a coluna e a base da verdade" (I.º Tim., III, 15)? E seus filhos tambem são belos, tambem são sem mancha? Ah! não, infelizmente. Podem cometer faltas — mas sua Mãe é isenta de toda mácula.

E como é amorosa minha mãe a Igreja! É amorosa porque é o próprio amor. Ela reflete incessantemente o amor divino. Com esse amor generoso, tem conquistado os povos para o jugo suave de Cristo; com esse amor cheio de solicitude, vigia cada um dos nossos passos. Haverá mãe que mais se entristeça com os passos falsos de seus filhos, do que a Igreja, que chora por aqueles que um desvio de conduta ou de crença separou dela?

Quando reflito em tudo isso, é impossivel que minha conciência católica não se afirme, e que, do fundo de minh'alma, não brote este grito de alegria: "Agradeço-vos, Senhor, por ser católico".

II

OBEDEÇO A MINHA IGREJA

Mas, como o lembrei, ser católico não é uma fonte só de alegria, mas tambem de santos deveres. Si sou católico, obedeço à minha Igreja. Obedeço-lhe: *A) confessando-lhe a doutrina,* e *B) observando-lhe os mandamentos.*

A) Sou católico: logo, ponho o catolicismo na base de minha vida.

a) Sou católico: logo, creio no valor do sobrenatural Reconheço sinceramente que esta vida terrena não pode levar à felicidade, sinão pelos meios sobrenaturais: pela oração e pelos sacramentos.

Sou um homem moderno, portanto aprecio tambem o gênio, a energia e o trabalho humano. Sou um homem moderno, portanto estimo a máquina, a técnica, a indústria e o comércio. Sou um homem moderno, portanto prego a ciência, as artes, a atividade social. Mas não sou bastante cego, para considerar tudo isso como um valor essencial, bastando por si mesmo, e para não adorar e rogar, acima e além de tudo isso, Aquele que disse de Si: "Sem mim, nada podeis fazer" (S. Jo., XV, 5), e cujas palavras conservam toda a sua verdade, mesmo na época das conquistas científicas: as ruinas espirituais do nosso tempo aí estão, para prová-lo tristemente.

b) Sou católico. Então, já não sou homem? Sim, sou um homem composto de corpo e alma, e *sou ainda mais!*

Ao nascer, eu era *só* um homem: o homem natural. Mas, após o meu nascimento, nascí segunda vez, como Cristo o ordenou, nasci de novo "da água e do Espírito"

(S. Jo., III, 5), fui batizado; e desde então sou um *católico*.

É algo mais do que o homem natural? O homem natural é aquele cujo corpo encerra uma alma; o católico é aquele cuja alma é a habitação de Deus. Si a alma deixar meu corpo, já não serei um homem, mas um cadaver que se vai para o pó; assim tambem, si Deus deixar minha alma, essa alma não tem mais vida.

Então, "Sou católico" quer dizer: Sou um homem benfazejo, homem bom? Quer dizer muito mais.

"Sou católico" quer dizer "Vou à missa, jejuo e rezo"? Muito mais.

Que significa então?

Significa a centelha de vida sobrenatural e divina, que em mim se torna uma chama. "A todos os que o receberam, deu-lhes Ele o poder de se fazerem filhos de Deus, aos que creem em seu nome" (S. Jo., I, 2).

Essa vida divina implantada no homem, essa "participação da natureza divina" (II S. Pedro, I, 4), S. Pedro nos diz que é a essência do cristianismo. O que o cristianismo tem dado à ciência, à economia política, às artes e à civilização é um mérito de segunda ordem, ao lado do fato de haver dado Deus à alma.

c) *Qual é então o verdadeiro católico?* É o homem a quem se aplica a inscrição profundamente significativa do portal da igreja de S. Tiago, de Aix-la-Chapelle: "A Deo — per Deum — ad Deum": venho de Deus, e, com a graça de Deus, vou para Deus.

Que é o verdadeiro católico? E' o homem em quem Deus vive. O homem que vive de Deus, e para Deus. O homem cuja alma toda é cheia da vida sobrenatural.

Talvez digais suspirando: "Mas então são os santos?"

E eu vos respondo: Sim, são os santos. E todo verdadeiro católico é ao mesmo tempo um santo. Por isto

a Sagrada Escritura chama aos primeiros cristãos simplesmente "santos".

"Ah! como estou longe disso!" — dizeis com espanto. Entretanto, não tendes o direito de ter medo. Si estais ainda longe do ideal, estais contudo na melhor escola. Que é a Igreja Católica? A escola da santidade. Nessa escola, tudo, tudo só serve para fazer santos e alunos de santos.

B) E como nos tornaremos santos? — perguntais talvez. Como? Obedecendo à Igreja, não manquejando da direita para a esquerda, mas *observando os mandamentos da nossa Igreja.*

a) *"Não manquejar".* Sabeis o que significa esta palavra da Sagrada Escritura?

No capítulo XVIII do I.º Livro dos Reis, leem-se tristes coisas sobre a corrupção moral e religiosa do povo judeu, naquela época. A casa real mostrava o exemplo nessa depravação. A idolatria era elevada à categoria de religião oficial, os falsos profetas eram recebidos à mesa real, ao passo que o culto do verdadeiro Deus era cada vez mais relegado ao segundo plano. Havia ainda Israelitas e fiéis, mas conservavam-se afastados, receiosos e desalentados.

E eis que nesse mundo degenerado e desanimado, nesse mundo sem carater e sem moral, no meio daquela gente à procura das lisonjas e das vantagens materiais, ecoou de repente uma voz tonitroante. A voz possante do profeta Elias: "Até quando manquejareis para ambos os lados? Si o Senhor é Deus, segui-O" (I.ª Reis, XVIII, 21).

Pois bem! cada mandamento e cada prescrição moral da Igreja pedem que não vacilemos.

O verdadeiro católico não manqueja.

E' um fato curioso que as pessoas se apiadem facilmente do manquejar físico, e no entanto, considerem o manquejar moral, quasi como uma vantagem. Aquele que não coxeia moralmente, que é fiel aos seus princípios e os segue, que não pratica a duplicidade, que não gira como ventoinha a todos os ventos, que confessa altivamente a sua fé e vive sem transigencia, numa palavra, aquele que é verdadeiro católico, é hoje em dia, facilmente chamado de intolerante, criatura à parte, cabeçudo, carola, espírito estreito, atrasado.

Quando alguem quer avançar rapidamente numa estrada, certamente não deve coxear. Mas, quem quer avançar rapidamente na estrada do êxito, do sucesso, avança mais coxeando, fazendo curvas para um lado e para outro, do que seguindo o caminho reto.

As vantagens materiais que traz essa claudicação moral são tão evidentes, que para uma certa corrente de opinião, considera-se que, atualmente, um católico sério, íntegro, que ignora todo compromisso e não sabe fechar os olhos oportunamente, não pode dirigir um comércio ou uma indústria, nem ser bem sucedido em política ou em literatura.

Vemos então que necessidade urgente há de católicos sérios, que andem direito, para a frente, retos, quando, aos poucos, cada qual se põe a vacilar, e começa mesmo a causar estranha admiração a perfeita e segura retidão.

b) Hoje em dia vai-se tornando moda velar pela pureza da raça. "Não misturemos sangue estrangeiro na raça." Muito bem. Mas finquemos igualmente, na fronteira das nossas convicções religiosas, e da nossa vida moral, um poste com esta proibição: *Permanecei católicos sem mistura, e não deixeis a vossa convicção católica diluir-se e contaminar-se pelas máximas em moda.* Não sejais católicos pela metade, como aquele chefe bárbaro que exteriormente se prostrava diante de Cristo, mas ofe-

recia tambem sacrifícios aos seus deuses pagãos. Ah! quantos homens a quem chamamos católicos servem, ainda hoje, por sua vida frívola, aos ídolos do paganismo?

c) Arquimedes dizia: "Dai-me um ponto de apoio, e levantarei o mundo". Pois bem! há um dogma que levanta o mundo, e é este: *Cristo é Deus.* Com efeito, si eu creio isto, desde esse instante apego-me a tudo quanto Ele ensinou ou prescreveu.

Sou católico, portanto não escolho entre os artigos de fé e as leis morais, pois não posso escolher. Si sou um católico conciente, então orgulho-me de todas as manifestações de minha Igreja. Orgulho-me dos seus dogmas e confesso-os. Orgulho-me das suas cerimônias e participo delas. Orgulho-me da sua hierarquia e respeito-a.

Ou a minha Igreja é infalivel, ou não vale nada. Mas, si é infalivel, então tenho confiança nela. E obedeço a todas as suas palavras, e não a critico. "Sou católico", isto é, tenho uma conciência católica e obedeço à minha Igreja.

III

AMO A MINHA IGREJA

Mas isso ainda quer dizer outra coisa. Não somente obedeço à minha Igreja, mas amo-a.

Como mostrar o meu amor? *A*) *fazendo-me apóstolo; B*) *si preciso, fazendo-me seu defensor.*

A) Aquele que se rejubila de poder ser membro da verdadeira Igreja de Cristo, não se contenta com possuir ele próprio essa verdade, mas *esforça-se por fazer os outros participarem dessa ventura.* Quem possue a luz, esforça-se por iluminar tambem os outros; quem possue o calor, esforça-se por aquecer tambem os outros.

Atualmente, o trabalho do sacerdote já não basta à propagação da verdade cristã. A vida atual é tão complicada, que a palavra do sacerdote não chega mais a muitos lugares. Que magnífico campo de ação se oferece aí ao apostolado dos leigos!

b) Mas não nos esqueçamos de que o melhor apostolado é *o exemplo da nossa própria vida.* "Noblesse oblige". Perguntavam um dia a um colegialzinho: "Que faz teu pai?" "E' marceneiro, mas não trabalha" — foi a resposta. Isso ainda passa. Mas quando se pergunta qual a religião de alguem, como é dolorosa esta resposta: "Ele é católico, mas não pratica..." Si sou católico, devo sentir a *responsabilidade* que se liga a esse nome.

Estejamos bem persuadidos disso: si bem que a verdade do catolicismo seja mais clara que a luz do dia, ainda mesmo quando os argumentos pelos quais provamos a origem divina da nossa fé fossem ainda mais poderosos que os de hoje, a força de recrutamento do catolicismo não poderá desenvolver-se si, ao lado das provas teóricas, não se apresentar, como argumento eficaz, *a vida irrepreensivel, digna de respeito e admiração dos fiéis.*

Muitos não desconfiam da força persuasiva que sobre os de fora, sobre os não-católicos, exercem as observações que eles colhem, constantemente, entre nós. Aquela mulher perdeu o marido, e no entanto com que força de alma suporta o golpe da sorte, quando se levanta depois de rezar diante da imagem de Nossa Senhora das Dores; aquele homem é tão alegre em sociedade, mas durante a missa, que recolhimento! é como si esquecesse o mundo inteiro; estoutro luta com falta de recursos, e todavia faz muita caridade; como os olhos dessoutro brilham quando ele sai do confissionário e, com a alma purificada, principia com disposição uma vida nova! Ah! sim, meus irmãos, eis aí o sentimento católico da responsabilidade,

magnífico instrumento de apostolado; e é minha santa convicção que a conversão do mundo estaria mais próxima, si a vida de todos os católicos fosse uma viva afirmação da verdade da doutrina de Cristo.

B) Mas, si sou católico, e si amo minha Igreja, *serei tambem seu defensor* e não escutarei covardemente, com indiferença, quando a atacam e a insultam. Haverá um homem que, calado, possa ouvir, insultar sua mãe? E no entanto há quem suporte que se injurie nossa Mãe a Igreja.

Quantos ataques cada dia! Nos jornais, nas reuniões, nos cafés, em sociedade. Há pessoas, que não param, quando se trata de criticar a Igreja. Temos nós a coragem de defender a nossa Igreja? Nessas circunstâncias, pensamos acaso nas palavras de Cristo: "Aquele que corar de mim e das minhas palavras, no meio desta geração pecadora, o Filho do homem tambem corará dele, quando vier na glória de seu Pai" (S. Mc., VIII, 38). Saibamos então exclamar corajosamente com S. Paulo: "Não me envergonho do Evangelho, é uma força divina para a salvação de todo homem que crê" (Rom., I, 16).

E creio. "Credo in unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam". *"Creio em minha mãe a Igreja, una, santa, católica e apostólica"*.

* * *

E agora, despeçamo-nos desse artigo de fé, que meditámos nestas vinte instruções, mas não nos despeçamos da nossa Igreja, que pela leitura destes capítulos aprendemos a amar cada vez mais. Realmente, é só agora que posso agradecer a Deus, com pleno conhecimento de causa, a graça que Ele me fez de ser católico.

Sou católico, portanto sou membro dessa Igreja, a quem Cristo confiou a pregação da sua doutrina.

Sou católico, portanto sou membro dessa Igreja que difundiu pelo mundo a fé cristã.

Sou católico, portanto sou membro dessa Igreja que guarda intacta a herança de Cristo, e que ainda hoje envia missionários entusiastas aos povos mais longínquos, da mesma maneira como prega a Cristo com amor infatigavel, em meio ao ruido e às trepidações da nossa civilização industrial, e no meio das nossas grandes cidades modernas.

Ufano-me de vós, minha Mãe, santa Igreja Católica. E aplico-vos estas palavras dos salmos: "Si eu te esquecer, Jerusalem, fique seco o meu braço. Pregue-se-me a língua ao céu da boca, si eu não me lembrar de ti" (S., CXXXVI, 5-6).

Sei que o mundo pecador a ninguém odeia tanto, quanto a vós. *Mas o mundo tambem sabe que, quanto mais ele vos odeia, tanto mais eu vos amo, e tanto mais triunfalmente se me escapa dos lábios este grito de fé: Sou católico. Agradeço-vos Senhor, por ser católico.* Amém.

ÍNDICE

★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Livraria José Olympio Editora, Rio, em abril de 1942.*

IV — *O transformismo aos olhos da ciência e da fé* — Presunções em favor da tese transformista — Fatores do transformismo — Transmissão hereditária das modificações adquiridas — Caracteres adquiridos preconcepcionais, concepcionais e post-concepcionais — Origem do homem — Homem de Heidelberg — Mandíbula de Ehringsdorf — Homem de Piltdown — Homem de Neanderthal — Homem de Chou-Kou-Tien.

V — *Existe alma?* — Importantes noções obtidas pela etnologia moderna — Aristóteles — Concepção moderna da ciência da alma — Princípios anatômicos e fisiológicos que agem sobre a vida da alma unida ao corpo — Que é a inteligência?

VI — *A origem da religião* — Raça e cultura dos pigmeus — A tese marxista sobre o advento do monoteismo — A religião está a serviço da opressão?

VII — *O problema de Cristo.*

VIII — *O cristianismo* — História política do povo judeu — História religiosa e cultural — As condições econômicas e sociais do estabelecimento do cristianismo. — *O cristianismo primitivo e seu quadro histórico* — O pretenso comunismo evangélico — Cristianismo e religiões orientais — *A Igreja Cristã* — Que é a Igreja Católica — E' ela de instituição divina? — O "Escândalo" da Igreja — A Igreja, a miséria moral e a miséria material — *As origens do cristianismo na Igreja* — *As origens da reforma protestante* — A Alemanha no fim do século XV — A revolução religiosa — Lutero — A revolução social.

IX — *A religião e o progresso político e social* — A religião será inimiga do progresso? — A religião e o dinheiro — A religião em face do socialismo e do capitalismo.

X — *A religião e a crise atual do capitalismo* — As acusações de Marx e dos comunistas contra o cristianismo.

XI — *O materialismo dialético (a filosofia proletária)* — O marxismo leninista — O commismo utópico e científico — O idealismo bolchevista — O comunismo, salvação da humanidade.

XII — *O movimento dos sem-Deus e a sua ação no mundo* — Comunismo e religião — A escola atéia — A fome, meio de propaganda.

VOLUME DE 525 PÁGS., DA

COLEÇÃO PENSAMENTO CRISTÃO

LIVRARIA *JOSÉ OLYMPIO* EDITORA